**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

CARLOS FERNANDO DE QUADROS

Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970)

São Paulo
2015

CARLOS FERNANDO DE QUADROS

**Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e
intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho

São Paulo
2015

Nome: Carlos Fernando de Quadros

Título: Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Momento de dificuldade tão grande quanto o fechamento da Dissertação em seu conteúdo propriamente dito é a hora dos agradecimentos. Encontrar as palavras corretas, (tentar) evitar as prováveis omissões, fazer justiça às tantas pessoas que tiveram a sua importância em minha trajetória, especialmente no momento do Mestrado, é muito mais difícil do que a tentativa de encadear corretamente a narrativa e a explicação das fontes, bibliografia e hipóteses mobilizadas nos anos de envolvimento com este projeto. Uma hora, porém, é necessário encarar esta empreitada.

Antes de tudo e de todas e todos, evidentemente devo agradecer aos meus pais. Só eles sabem as dificuldades que tiveram para me garantir acesso à educação desde a tenra idade e principalmente o esforço para que eu pudesse cursar minha pós-graduação em outra cidade, especialmente nos tempos em que tivemos de segurar esta barra sem acesso à bolsa de estudos. O seu apoio, em todos os sentidos, é único, incomparável, ao qual jamais saberei retribuir de forma justa!

À minha companheira Grazielle Corso, a quem nunca sei como agradecer corretamente pelo convívio, carinho e amor. Na falta de palavras que expressem com exatidão os meus sentimentos, fica a lembrança de seu incentivo constante em variados momentos da consecução deste estudo, com menção especial aos momentos em que passamos tardes cansativas e, não cabe mentir aqui, um tanto enfadonhas, tirando fotos de velhos jornais em arquivos que tanto me animaram, ou mesmo reclamando em conjunto dos textos que cada um devia concluir, emburrados em seus computadores.

Agradeço à Universidade de São Paulo, especialmente ao Departamento de História e o Programa de Pós-Graduação em História Social da sua Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pela qualidade de ensino. Merecem especial menção os funcionários da referida Pós-Graduação, esforçados em garantir que um confuso aluno como eu não fosse vítima das armadilhas burocráticas existentes. No âmbito institucional, também é necessário mencionar a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a CAPES, da qual fui bolsista desde 2014.

Agradeço ao orientador deste estudo, o Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho, por ter gentilmente acolhido o meu projeto de pesquisa e se empenhado por garantir a execução correta do mesmo, demonstrando interesse no desenvolvimento de minha vida acadêmica. Aos Profs. Drs. Miguel Palmeira e Edilene Toledo, que

participaram de minha qualificação, contribuindo com a sua avaliação para o andamento de meu trabalho e tomam parte na banca de avaliação final desta Dissertação certamente com riquíssimas críticas e sugestões. Merecem a minha gratidão também os Profs. Drs. Marcos Silva e Wilson do Nascimento Barbosa, os quais demonstraram interesse em meu texto e discutiram comigo em diferentes oportunidades, ocasião de enorme aprendizado.

Não há palavras com que posso agradecer ao Prof. Dr. Lincoln Secco, de seu animado interesse em meu tema de estudo, me emprestando fontes valiosas, às suas inteligentíssimas aulas em um curso que acompanhei como ouvinte e que muito contribuiu para a Dissertação que agora é entregue. Mais importante, porém, foi o seu convite para integrar o Grupo de Estudos sobre Marx (GMarx), espaço que se revelou essencial para mim nestes dois últimos anos, onde tive um enorme ganho intelectual e político. Conheci colegas marcados pelo convívio fraterno por quem nutro uma grande admiração. O aprendizado com o Grupo é constante, seja nas salas da Maria Antônia, seja em pizzarias ou em mesas de bar. O agradecimento é geral, mas, correndo o risco de omissões, merecem menção nominal Fernando Sarti Ferreira, Rosa Rosa Gomes, Jullyana de Souza, Ciro Yoshiyasse, Fernando Camargo, Felipe Castilho de Lacerda, Vivian Ayres, André Amano, Fernando Frias e Vinícius Juberte. O colega Alessandro Moura, com quem tive ainda pouco contato, demonstrou grande gentileza ao me permitir acesso a um trecho de sua tese de doutorado ainda inédita. A ele também agradeço.

De Porto Alegre tive dois amigos que também moraram em São Paulo e tornaram muito mais agradável o convívio em uma cidade por vezes tão difícil. Refiro-me aos colegas Eduardo Holderle Peruzzo e Marcelo Kochenborger Scarparo. A acolhida deles tornou tudo muito melhor, especialmente as tantas vezes por semana que nos reuníamos para umas cervejas e umas cachaças. Eduardo ainda vive na capital paulista e é todo ouvidos às inquietações e dificuldades com que me deparei nestes anos de estudo, um interlocutor grandioso desde os tempos no Sul. Scarparo, que agora leciona em Porto Alegre, ainda que o encontre em frequência muito menor, constitui um grande parceiro de diálogos os mais variados, de quem guardo especial lembrança dos tempos em que fomos colegas no Sudeste. Pude conhecer bons amigos em São Paulo através destes meus contatos gaúchos.

O Grupo de Estudos Historiográfico Ibero-Americanos (GEHIA) constituiu um espaço que congregou boa parcela dos novos amigos que conheci em São Paulo. Alberto Schneider é um exemplo. Sujeito interessado no livre debate, parceiro sempre de boas

conversas, ele e sua companheira Márcia Juliana me ajudaram imensamente com uma oportunidade empregatícia em um momento de necessidade. Ali travei contato com colegas importantes, como Renato Martins, Leandro Villarino, Lidiane Rodrigues. Nada foi mais rico, porém, do que discutir textos de alta densidade teórico-metodológica com historiadores de referência como os Profs. Drs. José Jobson de Andrade Arruda, Laura de Mello e Souza e Iris Kantor.

Da Cátedra Jaime Cortesão tenho gratidão com os amigos Luiz Otávio Pagano Tasso, Leonardo Rolim, Fernando Ribeiro, Natalia Tamonne, Thiago Dias, Fabrício Mendes Dias, Felipe “Bahia”, Leonardo Saad e Bruno Vilagra, pessoas que me acompanharam nas mais variadas situações, do “bandejão” à mesa de bar, ou mesmo à (saborosa) lasanha feita por Natalia. Na “Toca do Caxingui”, república em que residi durante o segundo semestre de 2013, conheci amigos que levarei pelo resto da vida. Se de início a minha timidez passava uma impressão de figura “antissocial”, foi necessário uma queda de luz e uma pessoa esquecer a chave de seu quarto para bebermos umas cervejas na cozinha e iniciarmos uma divertida amizade que perdura, de festas uspianas a reuniões periódicas nos espaços em que nos dispersamos. Meus agradecimentos pela atenção, interesse e conversas sempre divertidas, aos amigos Victor Ciosaki, Maria Cely, Evandro Almeida, Jonas Maceno e Lucas Abud Bellini. Não posso me esquecer do Marcus Amorim, senhorio da república, sempre prestativo para me alocar em suas casas quando visito São Paulo para minhas reuniões de estudo, visitas a arquivo etc.

No Sul há uma infinidade de gente a agradecer que escapar à injustiça da omissão é praticamente impossível. Não posso, nos agradecimentos de uma etapa de minha Pós-Graduação, omitir as professoras e os professores do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde pude desfrutar de uma formação de grande qualidade. Algumas pessoas deste corpo docente precisam ser identificadas: a Prof^a. Dr^a. Sílvia Regina Ferraz Petersen, uma professora no sentido mais belo do termo, docente sem igual, responsável pela plena formação de inúmeras historiadoras e historiadores gaúchos, com uma dedicação rigorosa ao ensino e aos seus alunos, tudo isto aliado a uma riqueza teórico-metodológica que brinda àquelas e àqueles que têm a oportunidade de aprender com ela. Tive a honra de ser seu orientando durante a iniciação científica e o Trabalho de Conclusão de Curso e tenho-a como um de meus modelos de prática historiadora. O Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt, também um orientando de Sílvia Petersen, também merece menção por suas ótimas aulas, textos muito bem

escritos e inteligência frutífera. Duas vezes pude ser seu aluno, em ambas tive lições e questionamentos que me acompanharão em toda minha trajetória como historiador. O Prof. Dr. Enrique Padrós também deve ser lembrado, um docente dedicado ao ensino de História e de enorme ética em sua profissão, cujo interesse em meu estudo quando cursei uma disciplina eletiva sua na graduação muito me animou, espaço em que pude discutir com colegas dedicados, sendo até mesmo um importante livro emprestado a mim por causa deste convívio pela colega Joselma Silveira, a quem agradeço a gentileza. Os Profs. Drs. Fábio Kühn e Luiz Dario Teixeira Ribeiro também merecem ser mencionados, dado que, de diferentes formas, ambos me contemplaram com ótimas disciplinas em meus tempos de graduação.

Os amigos e colegas Guilherme Machado Nunes e Frederico Duarte Bartz tornaram-se meus interlocutores mais próximos, nos mais variados assuntos. Há muito que agradecê-los, estando muitas de nossas experiências comuns presentes de maneiras diversas no texto que aqui entrego. Gustavo Rolim, Mateus Meireles e Gustavo Malossi, neste último ano, também vêm sendo importantes amigos e parceiros de fraterno diálogo em Porto Alegre, com quem muito venho aprendendo. Pedro von Mengden Meirelles, colega da graduação e amigo desde então, sempre demonstrou companheirismo e interesse em meu estudo, ajudando muitas vezes com a procura de materiais na internet. Agradeço-o por esta ajuda, mas especialmente pela importantíssima amizade. Os colegas e amigos Rivadávia Padilha, Leonardo Waisman e Henrique Bordini, em diferentes medidas, ainda que distantes geograficamente em muitos momentos, também merecem agradecimentos pela sua parceria. As tantas oportunidades de dividir algumas bebidas, refeições e, em alguns casos, quilômetros de viagem em quatro rodas, com Samuel Pereira Marcolin, Mathias Scherer, Marcos Machry, Aluísio Lessa, Gustavo Leal, Nathália Cadore e Gabriel Torelly Fraga, sempre foram tão ricas quanto os assuntos, músicas e risadas que pudemos dividir. Também merecem figurar neste rol Marina Gris, Linaia de Vargas Palacio, Laura Spritzer Galli, Robinson Rogério e Jonas Fensterseifer, colegas que muito companheirismo demonstraram em diferentes momentos. De Cachoeirinha, guardo boas lembranças do constante interesse de meus amigos no andamento de meus estudos, com quem sempre encontrei boa recepção em churrascos e cervejas. Destaco especialmente Teylor Samuel e Kel Almeida, Leonardo Saldanha, Gregory Miola e Leonardo Silveira. Mauro Messina merece agradecimento duplo, seja pelo convívio fraterno, provocador e despojado, seja como o livreiro que muita bibliografia indicou, muitas hipóteses e informações ajudou a

formular, bem como congregou e congrega grande parte da esquerda porto alegreense na Ladeira Livros, uma instituição de formação que se faz presente nesta Dissertação e em minha trajetória como um todo. O Prof. Dr. Wladimir Ungaretti, militante de longa trajetória em Porto Alegre, colaborou com as suas indicações memorialísticas, ainda que “não se sentisse confortável em virar fonte”. Agradeço a sua gentileza, assim como a do Prof. Dr. Mário Maestri, com quem também me correspon-di, que se interessou pelo meu estudo e é um grande conhecedor da vida e obra de Jacob Gorender.

Esta Dissertação, como é usual ocorrer em estudos de História, foi construída em boa medida pelo trabalho de arquivo. E aqui devo agradecer a muitas instituições, em diferentes regiões do Brasil.

Não serão suficientemente justas as minhas palavras para o Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM/UNESP). Quando isto recém era um projeto, o amigo Frederico Bartz, também um devedor desta instituição, lá fotografou uma das primeiras fontes que deram sustentação à minha pesquisa. Ao morar em São Paulo pude, em meio às obras porque passava o seu prédio, ter acesso garantido generosamente ao riquíssimo acervo digitalizado de periódicos e panfletos operários sem os quais nem este nem muitos estudos foram possíveis. Como um pesquisador da história da esquerda brasileira, meu muito obrigado por este trabalho imprescindível. Quando em São Paulo me tornei apenas um visitante regular, pude visitar o arquivo depois de sua reforma, quando me foi franqueado o acesso ao Fundo Jacob Gorender, com seus tantos recortes de revistas e jornais, bem como os seus alfarrábios. Não há preço maior que segurar na mão esta documentação que “humaniza”, ainda mais, o biografado com quem por anos o historiador convive (ainda que apenas mentalmente). Todos os funcionários de lá com quem travei contato, em diferentes momentos, eram pessoas da mais absoluta generosidade e interesse na garantia de um bom trabalho para o pesquisador que ao CEDEM recorressem. Agradeço novamente!

Também em São Paulo tive acesso a uma importante documentação no Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB). Tive conhecimento de sua existência através do historiador Roney Cytrynowicz, pesquisador reconhecido e diretor da instituição. Eu, ainda um completo ignorante na trajetória dos imigrantes judeus na Bahia, pedi a sua indicação de textos e instituições onde pudesse me informar deste importante aspecto da trajetória de Gorender. O seu interesse pelo tema, indicações precisas, bem como o entusiasmo com a minha pesquisa, sempre mostrando disposição para o diálogo, provas de sua gentileza

ímpar, muito me animaram e ainda animam. No arquivo tive a orientação da historiadora Lúcia Chermont, a quem agradeço pelas indicações e atenção. O Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) também guarda importantes fontes no que se refere às atividades da repressão que se abateu com os comunistas, onde pude travar contato com uma documentação única sobre Jacob Gorender graças ao trabalho das funcionárias e funcionários do Arquivo, a quem agradeço em absoluto, ainda que minha desatenção me tenha feito esquecer de anotar os seus nomes.

Em Salvador tive a recepção do historiador Aldrin Castellucci, professor na Universidade Estadual da Bahia, que me auxiliou na localização dos mais importantes arquivos locais bem como indicou estudos preciosos na contextualização da história da classe trabalhadora baiana (cedendo-me, inclusive, uma cópia digital de seu livro sobre o assunto, importante obra que comparece neste estudo) e, especialmente, dos comunistas desta localidade. O também historiador Eurelino Coelho Neto, professor na Universidade Estadual de Feira de Santana, me cedeu a versão digitalizada da Revista Seiva, importante e rara fonte para a história da esquerda e dos comunistas na Bahia, em um encontro nacional da comunidade historiadora, evento que provou os seus propósitos de pôr em diálogo investigadores e investigadoras de distintas regiões do país. Dos arquivos baianos merecem ser mencionados a Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB) e os arquivos da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Agradeço especialmente ao pessoal desta última instituição, que localizou uma documentação fundamental para mim, a qual se encontrava fora de catálogo, permitindo que no meu último dia de visita a Salvador eu pudesse me apropriar de um material essencial.

Enfim, o meu muito obrigado a todas e todos que, de algum modo, estiveram junto e foram importantes nestes últimos anos!

Quem tem consciência para ter coragem

Quem tem a força de saber que existe

E no centro da própria engrenagem

Inventa contra a mola que resiste

Quem não vacila mesmo derrotado

Quem já perdido nunca desespera

E envolto em tempestade decepado

Entre os dentes segura a primavera

Secos e Molhados – Primavera nos Dentes

(Composição de João Ricardo e João Apolinário)

RESUMO

Esta dissertação analisa a trajetória política e intelectual do marxista brasileiro Jacob Gorender (1923-2013). O recorte temporal adotado detém-se no ano de sua prisão, em 1970, por motivo de suas atividades políticas, não obstante Gorender tenha uma rica militância e, especialmente, uma produção teórica muito vasta nos anos posteriores à sua experiência prisional. Esta escolha analítica decorre do fato deste período permitir acompanhar o seu itinerário militante em duas organizações políticas, o Partido Comunista do Brasil, renomeado em 1961 Partido Comunista Brasileiro (PCB), e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Por meio deste procedimento o objetivo foi compreender o processo de desenvolvimento do marxismo no Brasil, com as continuidades e rupturas que o caracterizaram, entre as décadas de 1940 e 1970, a partir de uma abordagem biográfica.

Palavras-chave: Jacob Gorender; Marxismo; Militância; Partido Comunista; Biografia.

ABSTRACT

This thesis is on the political and intellectual trajectory of the Brazilian Marxist Jacob Gorender (1923-2013). The adopted time frame is held until his prison, in 1970, due to his political activities, regardless Gorender had a rich militancy and, specially, theoretical production in the years after his prison experience. This analytical choice results that this period allows to follow his militant itinerary in two political organizations, Communist Party of Brazil, renamed in 1961 Brazilian Communist Party (PCB), and Brazilian Revolutionary Communist Party (PCBR). Through this procedure the goal was to understand the development process of Marxism in Brazil, with the continuities and raptures that characterized it, between the 1940s and the 1970s, from a biographical approach.

Keywords: Jacob Gorender; Marxism; Militancy; Communist Party; Biography.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Cap. I – Salvador, a “capital soviética” do Brasil: tempo e espaço de formação política e intelectual de um jovem comunista.....	28
1.1 Da Ucrânia à Bahia de Todos os Santos: um judeu revolucionário em busca de estabilidade.....	28
1.2 Trabalho, religião e ensino: uma família trabalhadora em formação.....	36
1.3 “Vestindo calças compridas”: Faculdade de Direito, movimento estudantil e o PCB.....	51
1.4 Entre a crítica das armas e as armas da crítica: soldado voluntário e jornalista militante.....	64
Cap. II – Revolucionário profissional: jornalista, aluno e professor no centro do Partido Comunista do Brasil.....	80
2.1 Experiências na Capital brasileira: jornalista na <i>Interpress</i>	83
2.2 Militância de base em tempos de <i>Libertação Nacional</i> : do Rio de Janeiro a São Paulo.....	100
2.3 Professor nas <i>Escolas de Partido</i> : um esforço para educar a militância comunista no Brasil.....	113
2.4 Na pátria dos trabalhadores: aluno na Escola Superior do Partido Comunista da União Soviética.....	122
Cap. III – Disputas e rupturas: um dirigente comunista em tempos de crise.....	130
3.1 O <i>Pântano</i> : reorganização e reorientação do Partido Comunista do Brasil.....	131
3.2 Uma organização em disputa: Jacob Gorender, polemista às vésperas do V Congresso.....	151
3.3 Um dirigente comunista em trânsito: deveres e itinerário militante.....	164
3.4 Retorno à clandestinidade: da <i>Corrente Revolucionária</i> ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário.....	173

Considerações Finais.....	198
Fontes.....	205
Referências Bibliográficas.....	213

INTRODUÇÃO

São muitos os adjetivos que acompanham Jacob Gorender (1923-2013), cada qual carregando os seus significados particulares e específicos, dando conta de alguma dimensão de sua identidade: baiano, brasileiro, latino-americano, judeu, marxista, militante comunista, preso político, jornalista, historiador, intelectual. Tomar estes termos e categorias em separado, de forma estanque, pouco pode esclarecer, cabendo sim, para o efetivo conhecimento de sua trajetória, e do sentido que a mesma assume nos quadros em que se insere, compreendê-los em sua articulação em um todo, visto em processo, neste caso, o movimento de uma vida. Este homem viveu a maior parte do século XX, a chamada *Era dos Extremos*, na já clássica expressão cunhada por Eric Hobsbawm¹, sendo participante ativo deste período histórico, da luta contra o fascismo à intervenção em periódicos acadêmicos em seus últimos anos.

Gorender iniciou a sua ação política ao ingressar em uma célula estudantil do então Partido Comunista do Brasil (PCB), na Faculdade de Direito de Salvador. É através desta atividade que decide tomar parte como pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), lutando na Segunda Grande Guerra, onde trava contato com o Partido Comunista Italiano (PCI), experiência que logra destaque ao jovem quadro baiano.

Atuou como militante comunista engajado por largo tempo em sua vida, escrevendo e dirigindo em publicações como *A classe operária*, *Fundamentos*, *Estudos Sociais* e *Novos Rumos*, lecionando nos *Cursos Stálin* – o espaço de formação de quadros do PCB –, bem como participando de redação de um dos mais importantes documentos da história do PCB, a chamada *Declaração de Março de 1958*. Depois de expulso da citada agremiação, no contexto posterior a 1964, por sua posição crítica ao alegado “pacifismo” da mesma, tornou-se um dos dirigentes no Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), no auge da repressão ditatorial e da luta armada contra esta. Preso por ter seu nome presente nas “cadernetas de Prestes”, foi então que “*reinventou-se como intelectual*”, nas palavras do historiador Lincoln Secco².

Professor dos colegas de cárcere nas noites de segunda-feira, Jacob Gorender ministrou um curso que compreendia a história da formação social brasileira, do descobrimento aos dias de então. Quando livre, um ano após a prisão, pôde dedicar-se à

¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

² SECCO, Lincoln. *Jacob Gorender*. Acesso em: <http://blogdaboitempo.com.br/2011/10/21/jacob-gorender/>, às 19:04 de 24/12/2013.

investigação aprofundada de tal problema, trazendo a lume em 1978 o seu primeiro livro: *O escravismo colonial*³. Um “clássico de nascença”? Talvez. O que é possível afirmar positivamente é que esta sua obra reverberou nos estudos sobre a escravidão brasileira, revisitando a produção anterior e sendo presente na literatura posterior – mesmo que sob o signo da discordância. A presença de Gorender, antes perceptível quase que exclusivamente entre os comunistas, torna-se constante entre a intelectualidade nacional, marcadamente a acadêmica. Para a editora Abril Cultural, por exemplo, já quando preso, utilizando assinatura outra que não a sua, torna-se consultor e tradutor de obras integradas nas coleções *Os pensadores* e *Os economistas*, escrevendo um importante texto de apresentação para *O Capital*, de Karl Marx⁴.

Em *Combate nas trevas*⁵, Gorender talvez tenha granjeado resultados analíticos, se não de maior fôlego, ainda mais relevantes que em *O escravismo colonial*. Os propósitos orientadores, o objeto analisado e o estilo de exposição utilizado são bastante diversos, sendo este livro dedicado a fornecer um panorama da esquerda brasileira posterior à década de 1950, articulados entre a memória de participante ativo do processo estudado e o rigor científico do historiador, afirmado e reafirmado em suas próprias letras nesta obra. *A escravidão reabilitada*⁶ é outro livro seu que suscitou reações na intelectualidade brasileira, dado o que muitos chamam de ser o seu “estilo polêmico”. O autor fez ferozes críticas aos estudos sobre a escravidão brasileira, remontando a Gilberto Freyre, mas com atenção na nova produção historiográfica gestada a partir do final dos anos 1970. Localiza seus referenciais no “irracionalismo” advindo de Londres e Paris, produção teórica que redundaria em pesquisas e resultados reacionários, os quais *reabilitariam* a escravidão.

Já ao final da década de 1980, com uma imagem em vias de “consolidação” enquanto um intelectual, Jacob Gorender transita entre dois espaços: o partidário e o acadêmico. Não é possível reduzir este momento de sua vida nem a uma nem a outra instituição. Não assume mais o comportamento de um “revolucionário profissional”, apenas contribuindo em momentos e publicações pontuais com o Partido dos Trabalhadores (PT), agremiação nascente do chamado “novo sindicalismo”. A academia não foi o seu *locus*, tampouco. É reconhecido neste espaço, porém, recebendo títulos de doutor *honoris causa* concedidos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e

³ GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

⁴ GORENDER, Jacob. Apresentação. IN: MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

⁵ GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Editora Ática, 1987.

⁶ GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

Universidade de São Paulo (USP), contribuindo com publicações e eventos de variadas universidades, sendo objeto de entrevistas atentas à sua trajetória de já reconhecida relevância ou aos seus posicionamentos enquanto historiador.

Com o novo milênio diminui a sua participação na cena pública, mas não é esquecido. Testemunha de um século, Jacob Gorender segue como referência, mais retirado, contudo, o que não impede de ser um dos entrevistados do programa *Roda Viva*, em 2006⁷. Um de seus últimos registros públicos é em depoimento ao jornal *Estadão*, como parte de um especial referente ao aniversário de setenta anos do ingresso brasileiro na Segunda Guerra Mundial⁸. Faleceu em junho de 2013, na cidade de São Paulo, sua residência já há longo tempo, aos 90 anos, momento em que este autor desenvolvia o seu projeto de pesquisa que originou a presente dissertação e os ventos de mobilização política anunciavam um possível retorno às ruas brasileiras.

O breve arrolado cronológico da vida de Jacob Gorender apresentado acima se tornou possível a partir de uma série de tantos outros semelhantes já existentes, a maioria destes sendo criada quando de sua morte, enquanto homenagens póstumas. Não cabe citá-las, não neste espaço e momento, ao menos. Em muitos destes textos é ressaltada a sua marcada e importante presença na agitação política comunista e teorização marxista. Este indivíduo teve centralidade nos rumos seguidos pelo marxismo nas tantas formas com que este foi desenvolvido no Brasil. A despeito disto, Gorender jamais foi objeto de um estudo biográfico de fôlego, ao contrário de outros militantes e teóricos semelhantes a si, como Astrojildo Pereira, Carlos Marighella, Caio Prado Jr, Nelson Werneck Sodré, Luiz Carlos Prestes, ou até mesmo seu mais próximo e duradouro companheiro de ação, o também baiano Mário Alves.

Apenas o historiador Mário Maestri dedicou a sua atenção a uma síntese da vida e obra de Jacob Gorender. Em “*O escravismo colonial: A revolução copernicana de Jacob*

⁷ Assim como boa parte das outras entrevistas realizadas no referido programa televisivo, a transcrição do áudio da edição em que Jacob Gorender foi o participante principal encontra-se disponível no sítio virtual da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Acesso em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/526/entrevistados/jacob_gorender_2006.htm, às 02:29 de 29/10/2014.

⁸ ‘Um companheiro me disse: ‘Não vou morrer mais’. Tínhamos sobrevivido’. Acesso em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,um-companheiro-me-disse-nao-vou-morrer-mais-tinhamos-sobrevivido,921958>, às 20:59 de 24/07/2014.

Gorender”, texto fruto de entrevistas e uma ampla gama de leituras, Maestri empreende uma contextualização da trajetória de Gorender, detendo-se especialmente em sua obra magna, *O escravismo colonial*, produzindo uma apresentação das principais problemáticas presentes na elaboração da mesma, bem como os debates que esta suscita. O referido artigo poderia ser, talvez, citado como um exercício de história da historiografia, dada sua atenção maior a aspectos específicos da obra historiográfica de Gorender, sendo reproduzido em um razoável número de periódicos acadêmicos e retomado, como capítulo independente, em dois livros recentes: a 5ª edição, datada de 2011, de *O escravismo colonial*, e *Intérpretes dos Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*⁹, obra de referência lançada em 2014.

Dentre a relevante produção biográfica sobre o marxismo no Brasil, Marighella constitui um caso emblemático, sendo objeto de livros e documentários. Jorge Nóvoa e Cristiane Nova, já em 1999, compilaram uma reunião de escritos sobre o revolucionário baiano, a qual compreendia artigos acadêmicos, memórias de companheiros, bem como uma seleta de textos do próprio punho de Marighella¹⁰. Em 2012 sua trajetória recebe nova visibilidade com a publicação de “*Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*”¹¹. Seu autor, Mário Magalhães, é jornalista de formação, e dedicou nove anos a tal pesquisa. Vale-se de ampla documentação primária e vasta bibliografia de apoio, construindo uma narrativa atenta às particularidades conjunturais de cada momento da trajetória de Marighella sem ignorar a articulação destas com os desenvolvimentos do movimento comunista internacional e seus desdobramentos locais no Brasil. Para além disso, a obra constituiu uma influência nesta dissertação ao retratar o cotidiano do revolucionário baiano, as possibilidades e limitações de suas escolhas e ações, esforço de pesquisa e exposição que é objetivo reproduzir com relação à trajetória de Jacob Gorender, à medida que as fontes e bibliografia pertinente permitam.

Caio Prado Júnior é um exemplo de importante marxista brasileiro que, dada a sua profícua produção intelectual, muito já foi discutido pelos interessados no tema. No que diz respeito à sua trajetória individual, apenas nesta última década dois estudos já merecem

⁹ PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln. (orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

¹⁰ NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

¹¹ MAGALHÃES, Mário. *Marighella. O guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

menção. Paulo Iumatti, autor de “*Caio Prado Jr. Uma trajetória intelectual*”¹² é atento à importância intelectual que o autor assumiu no pensamento social brasileiro, especialmente na historiografia, utilizando uma exposição não linear para tanto. Lincoln Secco, em “*Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*”¹³, preocupa-se com a conflituosa relação estabelecida entre este sujeito com o Partido Comunista durante toda a sua vida. A dimensão política de sua existência, portanto, é o foco nesta obra. Ser político e ser intelectual não constituem categorias estanques e separadas, o que constitui o estudo de Secco uma referência na pesquisa apresentada aqui.

Caio Prado é iluminado por ambos os autores, de diferentes formas, enquanto um indivíduo que articulou militância política e sólida produção intelectual. A sua atuação enquanto marxista diferiu, no geral, sensivelmente da de Gorender. O paulistano, a despeito de filiado ao PCB, muito pouco atuou nas instâncias partidárias (destaca-se, porém, o cargo que assumiu de deputado na Assembleia Constituinte paulista de 1947), preferindo agir através de iniciativas editoriais. Historiador desde muito jovem, Caio Prado preocupou-se sempre com o problema definidor de sua geração, qual seja, a realidade brasileira e suas mazelas enquanto um todo. Algumas comparações com Gorender são possíveis, ainda assim, se não nas particularidades do objeto, na forma com que aquela trajetória foi abordada tendo em vista um contexto em que um dado sujeito histórico se inseria.

Gustavo Falcón é autor de “*Do reformismo à luta armada: a trajetória política de Mário Alves 1923-1970*”¹⁴, um estudo que se aproxima dos objetivos propostos nesta dissertação de metrado. Originalmente desenvolvido como uma tese de doutorado em História pela UFBA, o texto lança luz sob Mário Alves e sua militância no PCB e PCBR. Remonta a algumas particularidades da política coronelista do sertão baiano, espaço em que Alves nasceu, descendente direto de uma oligarquia local. O procedimento adotado pelo autor de contextualizar as determinações atuantes sobre seu objeto é de auxílio, dado Mário Alves e Jacob Gorender terem sido camaradas por décadas. Um foi o responsável pelo recrutamento do outro para a militância comunista. Ler a biografia de Alves, portanto, auxilia a acompanhar diversos momentos da atuação de Gorender, com especial atenção nas suas pertenças partidárias, que são as mesmas até o assassinato de Mário Alves, em

¹² IUMATTI, Paulo. *Caio Prado Jr. Uma trajetória intelectual*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

¹³ SECCO, Lincoln. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

¹⁴ FALCÓN, Gustavo. *Do reformismo à luta armada. A trajetória política de Mário Alves 1923-1970*. Salvador: EDUFBA; Versal Editores, 2008.

janeiro de 1970, o mesmo mês em que o biografado nesta Dissertação foi preso. Diferenças entre Gorender e Alves também se encontram, em especial com relação à origem deste, mais abastada que a de Gorender. Isto implica em diferentes fontes no que tange a infância de cada um, favorecendo o estudo de Alves. Sobre as fontes referentes a Jacob Gorender, escassas ou não, e as estratégias na aproximação com estas, depois será tratado.

Outros militantes engajados no marxismo também já foram objetos de estudos biográficos, cabendo citar o caso de Luiz Carlos Prestes, por longo tempo secretário-geral do PCB, objeto de dois estudos publicados em menos de um ano. Daniel Aarão Reis publicou, ao final de 2014, o livro “*Luís Carlos Prestes. Um revolucionário entre dois mundos*”¹⁵, enquanto Anita Prestes, historiadora do comunismo brasileiro e filha do dirigente, trouxe a lume “*Luiz Carlos Prestes. Um comunista brasileiro*”¹⁶ no mês de outubro de 2015.

Comparecerão neste trabalho, assim como as outras obras citadas, em momentos oportunos, ou seja, quando elucidarem dados aspectos da militância e pensamento marxista ou iluminarem momentos em que Jacob Gorender se fez presente e que não são suficientemente esclarecidos com outras fontes.

A biografia que é apresentada nesta dissertação de mestrado se beneficia das pesquisas citadas. À medida que os sujeitos estudados por outros autores tiveram posições sociais e políticas próximas às de Jacob Gorender, quando não conviveram diretamente com este, suas trajetórias servem enquanto inspiração na reconstrução do cotidiano da militância, das possibilidades e limites presentes na ação e reflexão daqueles envolvidos no movimento comunista. Em suma, estes trabalhos auxiliam na formulação de hipóteses que orientam a pesquisa de uma trajetória possível no marxismo brasileiro.

Para além das biografias de destacados marxistas, muitos militantes esforçaram-se por contar a sua própria história através de variados escritos memorialísticos. João Falcão é um exemplo. Militante do Partido Comunista desde o ano de 1938, Falcão escreve as suas memórias ao final dos anos 80, baseando-se, também, em publicações partidárias de época que conseguiu reunir, bem como nos relatos de outros antigos camaradas de ideologia e em textos informativos. A partir de então, já em idade avançada, passa a publicar uma série de estudos escritos em uma “zona cinzenta” entre a memória vivida do participante e a história reconstruída pelo pesquisador, na qual ambos os elementos encontram-se presentes

¹⁵ AARÃO REIS, Daniel. *Luis Carlos Prestes. Um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

¹⁶ PRESTES, Anita. *Luiz Carlos Prestes. Um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

em sua exposição. As obras de João Falcão adquirem especial interesse em nossa pesquisa dado o seu foco detido na Bahia, terra natal do autor. Seus textos ajudam a esclarecer questões como o funcionamento local do PCB, a dinâmica de suas publicações (*Seiva, O momento*)¹⁷ e a participação local no contexto de envolvimento brasileiro na Segunda Grande Guerra¹⁸.

Leôncio Basbaum talvez seja o autor mais conhecido dentre os “memorialistas” do movimento comunista nacional, sendo o seu livro, “*Uma vida em seis tempos: (memórias)*”¹⁹, uma referência para os estudiosos da temática. Possuem uma pequena diferença etária (Basbaum nasceu em 1907), a qual é pouca quando confrontada com a grande semelhança em muitos pontos de suas trajetórias.

A leitura do texto de Leôncio Basbaum chama a atenção já em suas primeiras páginas, momento em que é verificada uma proximidade geográfica e étnica deste com Gorender bastante considerável. A origem mesma de seus pais já o atesta – ambos migraram das dificuldades vivenciadas pelos judeus no Império Russo. Não é o caso, claro, de se iludir com estas semelhanças e “trilhar” caminhos para Gorender espelhados em Basbaum e exóticos às evidências. As diferenças verificadas nas duas trajetórias também merecem destaque. É conhecido de seus leitores que Basbaum, nas suas memórias, não esconde o seu ressentimento com o sectarismo assumido em dadas conjunturas pelo movimento comunista (especificamente o período do “obreirismo”), nem a sua especial mágoa guardada com relação aos membros baianos do Partido.

O livro *Perdidos e achados*, de Boris Tabacof²⁰, é outra importante referência de memória militante no auxílio da reconstrução história aqui empreendida. Seu autor possui proximidades com Gorender ainda mais significativas. Este filho de imigrantes do Império Russo nasceu poucos anos depois em Salvador, em uma comunidade judaica que não se furta a relatar na sua autobiografia. Este relato de um jovem judeu que ingressa no PCB na voga do prestígio adquirido pelos comunistas com a vitória dos aliados se reveste de importância para a reconstituição da infância e adolescência de Gorender, processadas entre um pertencimento étnico e de classe, momento este em que outras fontes e

¹⁷ FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

¹⁸ FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora UNB, 1999.

¹⁹ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: (memórias)*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1976.

²⁰ TABACOF, Boris. *Perdidos e achados*. São Paulo: Hucitec, 2005.

bibliografia silenciam. A obra *O retrato*²¹, de Osvaldo Peralva, também é referência para o estudo do Partido Comunista. Seu autor é um crítico da chamada “cultura de aparelho” vivenciada na organização, cujo relato minucioso das disputas internas e cotidiano dos dirigentes e membros da imprensa partidária ilumina alguns importantes momentos da trajetória partidária de Jacob Gorender.

Estes são apenas alguns dos militantes que comparecem nesta dissertação. Inúmeros outros, por variadas razões, deixaram registradas as suas memórias e impressões de sua vivência no campo do marxismo, nas variadas formas organizativas que este assumiu no território brasileiro.

Emília Viotti da Costa, atenta à imagem construída pela historiografia do movimento operário brasileiro da Primeira República, afirma que, a partir dos anos de 1970, emerge uma nova face destes sujeitos, dotada de maior complexidade. Concorrem para tal fator não apenas uma produção acadêmica mais atenta às bases empíricas e a questionamentos inspirados por Thompson (como outros autores), mas também as publicações em tal período das memórias de militantes²². Estes escritos de memorialistas contribuem a revisar interpretações consolidadas, redimensionando-as de acordo com os questionamentos postos a tal fonte. Este estudo ultrapassa marcos temporais clássicos (como o trabalhado pela historiadora citada), e a utilização de registros autobiográficos, além de auxiliar com os campos de possibilidades construídos para as hipóteses a orientá-lo, pode contribuir para novas problematizações referentes à história do marxismo no Brasil e de sua militância.

É a partir tanto da citada lacuna quanto do interesse suscitado pelo objeto que se formulou o problema a ser respondido nesta dissertação: como se gestaram as principais modificações ocorridas no pensamento e prática marxistas no Brasil em sua relação com as mudanças políticas e sociais neste mesmo espaço, durante a longa vida de Jacob Gorender?

O marco cronológico mais adequado à pesquisa proposta, em uma primeira aproximação, poderia se restringir à atuação pública de Gorender. Este era o projeto

²¹ PERALVA, Osvaldo. *O retrato*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

²² COSTA, Emília Viotti. A nova face do movimento operário na Primeira República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: 2 (4). pp. 217-232, setembro de 1982.

original proposto. O processo de análise das fontes, leitura da bibliografia pertinente e escrita das sistematizações autorais, como usual, ampliam os horizontes investigativos.

Se Jacob Gorender desde jovem lega pistas ao historiador atento à sua trajetória – ingressa no Partido Comunista aos 19 anos, já escreve na grande imprensa local pouco antes disso –, perde-se muito caso a atenção não se volte à questão: por qual motivo este descendente de judeus russos nasceu no Brasil, e não no Leste? Pensar este problema implica recuar a análise algumas décadas antes de 1923, travar contato com outros textos. Os ganhos analíticos o justificam. Um breve, porém importante, aspecto da história pessoal de seus pais é apresentado às leitoras e leitores, e a carga política que estes sujeitos carregam, a qual pode ter influência considerável na formação de Jacob Gorender. Voltar a atenção não só à infância pobre de Gorender em Salvador, mas mesmo às agruras sofridas pelos trabalhadores russos no alvorecer do século XX enriquecem esta dissertação, pois, além de tornar sua biografia mais completa, dá luz ao processo histórico em que sujeitos históricos, organizados ou não, experimentam condições as mais variadas e procuram dar respostas, também múltiplas, a estas. Está entre os deveres do historiador apreender o sentido disto. Entre os textos que orientam esta decisão, o objetivo de Eric Hobsbawm com relação à leitura de sua autobiografia é esclarecedor: “[...] *uma introdução ao século mais extraordinário da história do mundo através do itinerário de um ser humano cuja vida não poderia ter ocorrido em qualquer outro século*”²³.

O que seria um estudo restrito à produção intelectual de um indivíduo marxista é ampliado, novos problemas são postos ao investigador. É questionado também como a sua existência social ajuda a traçar um quadro possível da militância marxista brasileira em uma dada porção de décadas.

Responder a estes questionamentos implicou em reconstituir a sua trajetória, acompanhá-lo em situações vividas também em sua vida privada, à medida que isto foi possível. A memória do biografado é um dos caminhos para este procedimento. Entrevistado variadas vezes depois de famoso, enquanto um historiador marxista e velho militante, Gorender muito relatou sobre a juventude, momento em que outras fontes e bibliografia são mais escassas. Trabalhar com a memória, como qualquer outro material histórico, implica a atenção teórico-metodológica do investigador, neste caso a atenção com a possível construção de uma (auto) imagem e elaborações de memória sobre si.

²³ HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: Uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 12.

Mesmo aqueles que falaram de Gorender, também, por vezes inconscientemente, formularam uma imagem deste, por vezes imediatamente após a sua morte.

Os “vestígios” que Jacob Gorender deixou em vida constituem-se, majoritariamente por textos publicados em variados suportes: artigos de intervenção na imprensa partidária, traduções, livros, artigos acadêmicos, alfarrábios e rascunhos. Até mesmo conferências em vídeo formam parte do legado material da presença de Gorender. Documentação “oficial” também se faz presente em uma reconstituição biográfica: de registros escolares a interrogatórios e formulários oriundos da Polícia Política.

Através deste amplo leque de materiais torna-se possível a reconstrução histórica de uma existência que permite uma compreensão das possibilidades de ser marxista no Brasil durante o século XX, iluminando os desenvolvimentos de tal corrente política e ideológica em tal tempo e espaço. Optou-se, levando em conta os limites de uma Dissertação de Mestrado, por um recorte temporal que não abarcasse toda a vida de Jacob Gorender, mas com atenção em sua trajetória de militante envolvido em organizações políticas, no caso o PCB e o PCBR. O período de sua militância, entre as décadas de 1940 e 1970, permite acompanhar um rico momento no desenvolvimento do marxismo no Brasil, conjunturas de crises, redefinições ideológicas e organizativas, enfrentamentos sociais. Um importante processo da história brasileira que é abordado através da vida de um sujeito.

É correto e fortuito, portanto, perceber Jacob Gorender enquanto um “caso emblemático” do amplo fenômeno do marxismo no Brasil. É a principal hipótese a ser comprovada com esta dissertação. Mas ele foi mais. O indivíduo, em sua singularidade, já há algum tempo está entre os interesses da historiografia. Um indivíduo com tal vivência, por sua vez, demanda atenção ainda maior do biógrafo, cuidadoso com a sua representatividade e os significados que esta expressa, bem como consciente da multiplicidade de experiências que o biografado conheceu, as quais, muitas vezes, podem ultrapassar os limites do recorte adotado.

Hobsbawm é um autor que ajuda a pensar este problema apontado, o qual se relaciona com a já conhecida e permanente tensão entre o particular e o universal no conhecimento:

não [apresenta] a história do mundo ilustrada pelas experiências de um indivíduo, mas a história do mundo dando forma a essa experiência, ou melhor, oferecendo uma gama de escolhas cambiantes, mas sempre limitadas, com as quais, adaptando a frase de Karl Marx, “os homens fazem [suas vidas], mas não [as] fazem como desejam, não [as] fazem nas circunstâncias escolhidas por eles, e

sim nas circunstâncias diretamente encontradas, proporcionadas e transmitidas pelo passado”; poder-se-ia acrescentar: e pelo mundo à volta delas.²⁴

A frase de Marx que o historiador britânico cita encontra-se no âmago de importantes discussões da comunidade historiadora nas últimas décadas. Como já escrito, é o problema da relação entre singular e geral, expresso na dicotomia sujeito e estrutura. O estudo biográfico é uma interessante forma de trabalhá-la. Neste caso, é proposto que Jacob Gorender seja objeto de estudo tanto enquanto “ilustração da história do mundo” como “experiência formada pela história do mundo”, para novamente fazer menção à reflexão de Hobsbawm. O que significa aqui este jogo de palavras? Tal enfoque permite a pesquisa das tensões (entre mudanças e permanências) ocorridas na tradição marxista brasileira, iluminadas a partir de um importante sujeito no desenvolvimento destas, bem como a atenção em aspectos singulares, experiências, limites e possibilidades que se apresentaram a Gorender em sua vivência prática enquanto um militante marxista, os quais também possuem relevância enquanto caminhos possíveis nas vivências de tantos e tantas que se engajaram no mesmo projeto coletivo. A exposição de sua trajetória possuirá um caráter muito mais próximo de sua completude (esta, inatingível) com a investigação atenta a ambas estas dimensões (indissociáveis, cabe mesmo arriscar) de sua existência.

Aqui é proposta uma “*biografia contextual*”, de acordo com a tipologia formulada pelo historiador Giovanni Levi, atenta às especificidades individuais, mas valorizando “*a época, o meio e a ambiência*” como explicações possíveis das singularidades do sujeito no seio de dada coletividade, bem como, valendo-se do contexto “*para preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado*”²⁵. Singular e particular, em sua permanente tensão, se encontram na abordagem aqui adotada, esclarecendo o desenvolvimento do marxismo no Brasil, entre permanências e rupturas, através de uma trajetória individual, a qual possui significação para iluminar um contexto geral bem como é esclarecida por este e estudada também em suas singularidades, afinal, estas também possuem significação histórica.

²⁴ HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., 2002. pp. 11-12.

²⁵ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 175-176.

Exposta a abordagem, cabe discutir também os materiais interrogados nesta pesquisa.

Da infância à juventude de Jacob Gorender a possibilidade de reconstrução histórica foi pautada através das muitas entrevistas que ele concedeu em sua maturidade. A bibliografia pertinente a tal contexto histórico permitiu articular os pontos em que suas memórias estavam lacunares ou simplesmente silenciavam. Foi a partir de um campo de possibilidades e da formulação de hipóteses baseadas em registros históricos que seus primeiros anos foram narrados. Seus registros escolares, do Ginásio da Bahia à Faculdade de Salvador, bem como a sua produção na imprensa local ligada aos comunistas, permitiram atentar tanto à sua formação intelectual quanto ao seu envolvimento com política, eixos privilegiados nesta dissertação.

Os seus escritos partidários já fora de Salvador, quando inserido em espaços centrais do Partido Comunista e para além deste – as publicações em periódicos do PCB, bem como a documentação oficial do PCBR –, das décadas de 1940, 1950 e 1960, se encontram reunidos no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), localizado na Universidade de Campinas (UNICAMP), e no Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP, localizado em São Paulo. As cópias digitais destes veículos partidários em que Jacob Gorender atuou, cedidas pelo pessoal técnico do CEDEM, constam também, para consulta, no Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa (CEMAP), o qual é constituído por variadas coleções e fundos, cabendo fazer menção à Coleção Jacob Gorender. São textos de intervenção inseridos nas iniciativas de agitação e propaganda propagada pelo PCB em consonância aos rumos tomados pelo movimento comunista internacional. Através destes que a presença de Gorender nas formulações e embates – internos e externos – a marcarem o Partido Comunista é revelada, permitindo dimensionar a representatividade deste sujeito bem como conhecer melhor os desenvolvimentos do marxismo no Brasil através de uma observação diferente das anteriormente utilizadas.

Os anos de intensa militância de Jacob Gorender também são reconstituídos, para além da memória e intervenção escrita, através do noticiário na grande imprensa que faça referência a ele e pela documentação policial, atenta à sua atuação política.

A proposta aqui não é a de uma história das ideias, mas antes uma interpretação histórica materialista atenta às condições de produção das ideias, ou seja, focada nos sujeitos que produzem as mesmas (os intelectuais), e seus condicionamentos característicos. Para estudar a “infraestrutura da superestrutura” do marxismo brasileiro o caminho tomado foi o da pesquisa minuciosa da trajetória política e intelectual de Jacob Gorender.

Como Jean-François Sirinelli observa, estudar os intelectuais não implica em tomá-los atomizados, mas antes em perceber as suas dinâmicas de sociabilidade e a sua inserção geracional²⁶. Gorender foi presença marcada em momentos decisivos do processo histórico de construção e desenvolvimento de um pensamento e prática marxistas no Brasil, interagiu, em aliança ou franca oposição, com outros sujeitos de representatividade tão relevante quanto a sua, participou de organizações destacadas. A partir de sua trajetória há uma via de entendimento de como um grupo social buscou produzir espiritualmente a sua legitimidade. Sem linearidade determinista, mas antes com a devida atenção nas limitações e possibilidades socialmente construídas e dadas à atuação do grupo social em tela, e neste caso, Jacob Gorender.

Jacob Gorender e os outros sujeitos e organizações com quem trava relações e diálogos são aqui reconhecidos enquanto agentes políticos de inserção social, em outras palavras, com possibilidades condicionadas de atuação histórica. Dentre as suas formas de ação a organização militante e o estudo e discussão da realidade, tendo em vista a sua transformação, assumem importância vital, bem como permitindo ao historiador a reconstrução desta realidade, dadas as fontes legadas. Portanto, para tomar estes sujeitos históricos enquanto objetos de estudo que guardam relações, o conceito de geração se provou operacional. Em variados momentos da trajetória de Gorender são percebidos uma série de problemas que são comuns a ele e seus pares (devido tanto à sociedade e tempo que comungam, bem como seus espaços de sociabilidade), uma regularidade que é evidenciada quando são estudados os diálogos travados entre si e as vivências que partilham e que ajudam a iluminar a sua atuação enquanto um marxista o tanto quanto a sua ação pessoal contribui para uma melhor compreensão das possibilidades postas aos marxistas brasileiros.

Michael Löwy, em uma investigação acerca da trajetória intelectual de György Lukács, especialmente ao seu processo de adesão a um pensamento e uma coletividade de

²⁶ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. IN: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. pp. 254-255.

intelectuais revolucionários, é um autor que, a partir da sociologia contribui nos pressupostos que orientam este estudo:

Este trabalho evidentemente não é mais que uma contribuição extremamente parcial e limitada para uma futura sociologia marxista da *intelligentsia* revolucionária, que está todavia por desenvolver-se. Seu objeto é compreender a evolução política de Lukács até o ano de 1929, no marco de um estudo sobre a *intelligentsia* radical da Alemanha e Hungria, nos princípios do século, brindando uma atenção especial aos grupos nos quais Lukács participou diretamente: o Círculo Max Weber de Heidelberg, o “Círculo do Domingo” de Budapeste etc. Se trata de alcançar dois objetivos de uma vez: analisar as ideias políticas daquele a quem muitos consideram o maior filósofo marxista do século XX e, por outro lado, apreender através de sua evolução ideológica um *caso exemplar* para a compreensão sociológica do problema dos intelectuais revolucionários.²⁷

A proposta de Löwy é interessante na medida em que permite dar conta de certas particularidades que um intelectual revolucionário possui com relação a outros homens de ideias. A atenção deste pensador com as mediações políticas presentes na evolução histórica do posicionamento de Lukács, autor a quem se dedicou, inspira na pesquisa acerca do desenvolvimento da articulação vivida por Gorender entre as suas experiências concretas e a construção permanente de sua visão de mundo. O caráter engajado jamais deve ser esquecido quando se está atento ao que Gorender vive, pensa e escreve. Seu tratamento histórico demanda a atenção com o fato que ele não é um intelectual estabelecido que resolve assumir uma postura política e militar a partir desta, mas antes é um militante que se constrói enquanto intelectual em sua ação revolucionária. Uma totalidade (enquanto articulação) em constante desenvolvimento consoante ao seu vivido.

O eixo articulador deste estudo é o da trajetória política e intelectual de Jacob Gorender. Não caberia, concretamente, falar em “dimensões” política e intelectual de sua vida, aliás. Sempre andaram juntas, indissociáveis, se confundindo. O trabalho é norteado em torno da possibilidade de acompanhar Gorender para melhor conhecer os desenvolvimentos (jamais lineares, sempre tensionados) do marxismo no Brasil. Esta visão de mundo foi uma constante em sua vida, desde quando adotada. Militante presente em momentos centrais no *fazer-se* prático marxista, Jacob Gorender permite, através dos

²⁷ LÖWY, Michael. *Para uma sociologia de los intelectuales revolucionarios* (la evolución política de Lukács 1909-1929). Cidade do México: Siglo XXI Editores, 1978. p. 12. (Tradução minha).

registros que legou em vida, acompanhar uma visão desta totalidade em constante processo que foi a prática e o pensamento marxista no Brasil. A forma cronológica de exposição é apresentada agora.

No primeiro capítulo, trata-se de discutir a formação política e intelectual de Jacob Gorender. Com atenção nos condicionamentos e influências possíveis em tal processo, e a devida recorrência nas fontes consultadas, a análise recuou até a militância de seu pai, na Ucrânia em tempos revolucionários. Constantemente apontado nas entrevistas de Gorender como uma figura importante no seu processo de consciência e politização, Nathan Gorender ajuda a compreender as circunstâncias iniciais com que seu filho se depara. Identidade étnica e de classe são explicadas quando inseridas no amplo processo da migração judaica oriunda do Leste nos primeiros anos do século XX. É nas possibilidades abertas na cidade de Salvador que Jacob Gorender é acompanhado: jovem leitor, estudante, trabalhador e militante. A atenção é dedicada à radicalização política dos anos 1930 e 1940 e na correspondência entre esta conjuntura e a prática dos jovens comunistas baianos.

No segundo capítulo é abordado o momento em que Gorender, já transferido para o Rio de Janeiro, onde integra a redação de *Classe Operária*, órgão central do PCB, passando a travar contato com o seu Comitê Central. É neste momento em que passa a ter contato com uma série de publicações comunistas, intervindo no processo de agitação e propaganda, bem como intervindo nas Escolas de Partido, bem como passando uma breve temporada de estudos na União Soviética.

O terceiro e último capítulo é o espaço em que é discutida uma nova conjuntura partidária, na qual Gorender tem papel fundamental: o período reformista aberto pela *Declaração de março de 1958*. Gorender foi um dos artífices da viragem sofrida pelo Partido. Sua vida privada sofre mudanças: passa a ser um pai de família, ainda que na clandestinidade. Em tal período, enorme crise se abate sobre a esquerda brasileira, após a falência da tentativa de aliança nacional, expressa no golpe de abril de 1964. O PCB, em crise, acaba por fragmentar-se em variadas organizações, sendo Gorender e outros importantes militantes fundadores do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Este processo é exposto, com atenção na relação entre o PCBR e outras organizações revolucionárias e as muitas e diferentes formas, táticas, composições assumidas na conjuntura.

Capítulo I – Salvador, a “capital soviética” do Brasil: tempo e espaço de formação política e intelectual de um jovem comunista

A primeira metade dos novecentos – especialmente os seus anos iniciais – constituiu um período de conturbações sociais. A revolução se apresentava como um horizonte social e projeto político possível a variados sujeitos e às suas formas organizativas coletivas. Esta afirmação é referente tanto ao nível global quanto nacional.

Entre as tantas parcelas da humanidade envolvidas em tal conjuntura de possibilidade de mudanças estruturais, talvez o grupo étnico judeu tenha sido um dos maiores afetados. Atores e “vítimas” do processo, os mesmos sofreram de deportações e deslocamentos (individuais e massivos) a iniciativas de extinção total. Se as origens da perseguição antissemita podem ser remontadas à longuíssima duração, o que há em tal contexto é algo de novo. As contradições do capitalismo em fase imperialista podem constituir o mais importante fator concorrendo no ocorrido.

Diante de tais considerações que este capítulo tem início. O objetivo é acompanhar o processo de formação política e intelectual de Jacob Gorender. Para tanto, o texto tem início com o processo revolucionário russo, no qual Nathan Gorender, seu pai, teve envolvimento. Vítima de perseguição por causa de sua origem, este homem era um socialista. Não só as experiências de exploração e luta presentes no pensamento político paterno podem ter exercido uma influência considerável sob o filho, como as lutas de esquerda (em âmbito geral) travadas em tal tempo e espaço certamente assumiram centralidade nas definições do que viria a ser o marxismo brasileiro em constituição, objeto de atenção nesta dissertação. Do Leste ao Oeste, tem tratamento aqui o amadurecimento das mobilizações dos trabalhadores baianos e as condições para a atuação política de jovens comunistas em tal localidade, bem como a comunidade judia soteropolitana, observados através dos limites e possibilidades presentes na formação política e intelectual de Jacob Gorender.

1.1 Da Ucrânia à Bahia de Todos os Santos: um judeu revolucionário em busca de estabilidade

O século XIX foi marcado por “ventos revolucionários” - no bojo das chamadas *revoluções burguesas*, uma série de processos políticos pautados pela perspectiva de

transformações estruturais veio à tona em tal centúria, em variados lugares do globo. Se a chamada “primavera dos povos”, em 1848, foi uma importante marca nas sublevações dos trabalhadores nos marcos da Europa Ocidental, ao final deste longo século os envolvidos nesta conjuntura de mudanças sofrem uma sensível modificação, com as contradições sociais e suas expressões políticas ocorrendo em outros espaços, notadamente as periferias do sistema capitalista, tais como Império Otomano, Rússia, China e México²⁸.

O caso das convulsões revolucionárias ocorridas no Império Russo é o que mais interessa neste estudo, por razões que, espera-se, fiquem explícitas no decorrer da narrativa. A mais evidente, é lícito pensar, é a do impacto que a Revolução de Outubro exercera sobre os órgãos políticos que se reivindicam tanto socialistas quanto anarquistas em âmbito planetário²⁹. De acordo com importantes atores da época, como Vladimir Lênin e Leon Trotsky, para tal ocorrido foi necessário antes um “ensaio geral”, a Revolução de 1905, categorização que não deixava de atender, para além da necessária “análise concreta da situação concreta”, a uma leitura teleológica dos autores revolucionários oriunda da experiência vitoriosa em 1917³⁰.

²⁸ O historiador Eric Hobsbawm apresenta um quadro de contraponto político-social nos diferentes espaços globais no último quartel do século XIX. De acordo com o autor, se nos países de capitalismo desenvolvido a marca era a da prosperidade e expansão (a *belle époque*), já nas periferias sistêmicas, o período era de conflitos contínuos, em que as revoluções se apresentavam como possibilidade concreta aos envolvidos. E é dentre tais formações sociais desestabilizadas que o antigo Império Russo se encontra, solapado também por suas contradições internas. Cf: HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2010. pp. 425-461.

²⁹ Era ponto comum, entre os revolucionários russos e os seus correspondentes em outros países (especialmente os europeus), que a existência do novo regime em construção dependia do triunfo da revolução em âmbito planetário, com início nos países de capitalismo desenvolvido na Europa. Tal cenário mostrava-se crível logo após a vitória de 1917. A influência dos feitos bolcheviques animava mobilizações juntamente de uma conjuntura de crise estrutural decorrente de uma guerra, sem precedentes, a terminar. Não tardaram as tentativas de sublevação em locais como a Hungria, Alemanha, Espanha e Itália. Em 1919 é formada em Moscou a Internacional Comunista (IC), organismo construído como “estado maior da revolução mundial”, coordenação dos principais grupos revolucionários contemporâneos e oposição à II Internacional, tida como falida por conta de seu posicionamento de apoio aos governos nacionais no ingresso na Grande Guerra. Na América Latina a influência da Revolução Russa também aportou, assumindo formas diferentes de acordo com as tradições particulares de cada país. Cf: BARTZ, Frederico. *O horizonte vermelho: o impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2008. pp. 33-44.

³⁰ Segundo o historiador Edward Carr, os ocorridos durante 1905 configuraram uma Revolução de “caráter misto”, pois esta se constituiu de três tendências revoltosas (liberais e constitucionalistas burgueses; trabalhadores industriais; camponeses) que em momento algum se combinaram, resultando em sufocamento dos revolucionários, ainda que algumas concessões constitucionais tenham sido conquistadas. Cf: CARR, Edward. *A Revolução Russa de Lenin a Stalin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 12.

Esta análise inicia, porém, antes mesmo de 1905, na conjuntura da década de 1890, momento em que as lutas dos operários judeus russos se cristalizam através de órgão representativo novo, a União dos Operários Judeus da Lituânia, Polônia e Rússia (Bund).

De acordo com Arlene Clemesha, este partido judeu foi a primeira expressão organizada do grande movimento socialdemocrata russo. O Bund constituiu, até o ano de 1905:

o único partido operário judeu e a maior organização operária da Rússia: ao mesmo tempo centralizada e treinada nos métodos da clandestinidade, contrabando e publicação de materiais (brochuras, jornais, panfletos, além de traduções russas ou iídiche de escritos socialistas e marxistas da Europa Ocidental).³¹

Fundada em 1897, na periferia de Vilna, capital da Lituânia, esta agremiação emerge do quadro geral de exploração dos trabalhadores russos no processo de industrialização ocorrido ao largo do século XIX. Esta nova situação histórica, de amplos efeitos na formação social russa, expressou-se no seio da comunidade judaica através da crescente diferenciação entre artesãos e aprendizes. Estes “[...] *constituíam o próprio meio de onde brotava o operariado judeu*”, os quais, através de suas formas organizativas específicas, de dentro de sua tradição cultural avançaram com sua consciência operária em formação às organizações sindicais³².

Do longo processo de desagregação do comércio e artesanato judeus, os quais resultaram nas contradições acima mencionadas, converge uma movimentação de trabalhadores atuantes – nas regiões da “zona de residência”, território de população majoritariamente judia, irrompem crescentes greves a partir de 1870 – com a formação de núcleo de jovens intelectuais interessados em agitação revolucionária. A atuação dos diferentes atores envolvidos na mobilização judaica se dividia entre as greves e os métodos clandestinos de luta (em plena relação com os populistas, então em voga). O marco deste amadurecimento político é atribuído em tal espaço à greve dos trabalhadores judeus efetuada nas fábricas de Bialostock, em 1887.

De organizações marcadas principalmente pela tradição judaica o movimento operário judeu, a partir do final dos anos 1880, dirige-se à construção de sindicatos clandestinos. Com a recuperação econômica da década de 1890, seguem com a difusão do

³¹ CLEMESHA, Arlene. *Marxismo e judaísmo: história de uma relação difícil*. São Paulo: Boitempo Editorial; Xamã Editora, 1998. p. 131.

³² Idem, p. 103.

ideário socialista, mas também dedicam-se à organização prática dos explorados em sua vida cotidiana. Arlene Clemesha localiza esta “*guinada histórica*” do movimento operário judeu em 1893, ponto de cristalização do crescimento capitalista na “zona de residência”³³.

Alguns dilemas se punham a esta categoria em movimento, especialmente sobre a necessidade ou não de se integrarem à classe operária em geral ou se, por serem judeus, guardam especificidades que não encontrariam solução pela emancipação de classe – este problema se expressava nas disputas sobre qual língua deveria figurar nos escritos dos revolucionários: ídiche ou russo. Para além das disputas internas, havia o consenso quanto a avaliação de que a situação dos trabalhadores judeus na Rússia era de precariedade ainda mais acentuada que a dos de etnias diferentes. Se metade da população judia mundial encontrava-se então na Rússia, não constituíam maioria em qualquer parte do Império e não detinham território próprio. Seus direitos cívicos eram deveras limitados:

Na Rússia, em particular, o judeu tinha um status de um “cidadão de segunda ou terceira categoria”. Não se lhe permiti fixar-se na Rússia senão dentro dos chamados distritos judaicos; não podia possuir terras e se lhe proibiam certas ocupações. A sua situação era pouca coisa melhor que a dos servos da Rússia e da Polônia. Os servos pelo menos, não estavam sujeitos a perseguições, explosões de anti-semitismo e massacres por atacado, espontâneos e frequentemente encorajados pelas autoridades.³⁴

O Bund teve importância organizativa enorme para esta população judaica explorada no Império Russo. Se a sua predominância inicial incidiu especialmente na região do Báltico, não esteve ausente de outros espaços do Império: “*O modelo de Vilna se alastrava a todos os centros urbanos da “zona de residência”, possuidores ou não de uma tradição própria na militância operária: Bialostock, Minsk, Homel, Vitebsk, Grodno, Konvo, Odessa, Varsóvia...*”³⁵. Na Ucrânia houve incidência de antissemitismo, configurando uma situação em que os judeus lutavam por seu reconhecimento étnico – eram excluídos da nacionalidade russa e se sentiam enquanto uma nação específica - e pelo fim de sua opressão objetiva. Para resolver estas contradições, o seu *problema judeu*, o Bund assumiu forma socialista. A resposta nacionalista foi encarnada pelo Partido *Poalé*

³³ Idem, pp. 114-115.

³⁴ DEUTSCHER, Isaac. *O judeu não-judeu e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 60.

³⁵ Clemesha faz alusão ao caráter vanguardista que Vilna, no noroeste russo, possuía frente os judeus locais. Era uma preeminência intelectual anterior à fase de propaganda socialista, aliás, a qual permaneceu mesmo na fase das organizações laicas de artesão e operários, aqui em tela. Cf: CLEMESHA, Arlene. Op. Cit., pp. 118-123.

Sion, que preconizava a existência de um estado judeu independente., mas esta aspiração só toma a forma a partir de 1906. Entre revolucionários que negavam a sua condição étnica em nome do internacionalismo e os judeus nacionalistas, o Bund:

prega a união dos trabalhadores judeus ao conjunto da classe operária russa, para realizarem uma campanha pela Assembleia Constituinte. Ele se integra às lutas políticas inerentes ao novo regime, dando prioridade a reivindicar, para a comunidade judaica na Rússia, *autonomia cultural*, só viável com a instauração de um regime democrático. [...] o Bund organiza um Congresso Nacional Judaico, numa tentativa de unificar forças. As decisões não obrigam a ninguém da classe trabalhadora judaica, assinala o Bund; a decisão final cabe à Constituinte. Ucrânios, letões, estonianos, tártaros, *uzbeks*, enfim, inúmeros povos que faziam parte do Império Russo definem suas reivindicações de autodeterminação nacional.³⁶

Resultado do amadurecimento organizativo do operariado judeu, o Bund atuou em um contexto de enorme mobilização social. Como já mencionado, as suas ideias tiveram circularidade considerável em espaços de grande população judaica. Odessa, na Ucrânia, era uma dessas localidades. Cabe indagar acerca dos espaços propícios ao sucesso da propaganda ideológica de esquerda. A boêmia, por exemplo, pode ter constituído um terreno fértil para a difusão do pensamento e ação revolucionários. Nathan Gorender, um ucraniano judeu, “[...] *passou sua juventude em Odessa. Era dono de um pequeno comércio de bebidas e tinha ligações com grupos revolucionários*”³⁷. Este era um dos muitos apoiadores a lutar ao lado dos revolucionários nos conturbados acontecimentos de 1905 – apresentado pelo seu filho, através de memórias, como “um homem de esquerda”, não se sabe com certeza quando sua visão política se formou, se pregressa aos ocorridos na cidade portuária ou justamente nos processos com que trava contato ali.

Tampouco há conhecimento documental se Nathan Gorender integrou as fileiras do Bund, mas é possível supor que sim, dadas a grande penetração que esta organização possuía entre o proletariado de tal origem étnica e a combatividade que Nathan assume em sua terra natal. Era morador de Odessa e “*estava no cais do porto quando ali ancorou o Encouraçado Potemkin*”, embarcação famosa pela sublevação de seus marinheiros contra as aviltantes condições a que eram submetidos por seus superiores na hierarquia militar. Ele pegou em armas na necessidade de fazer frente à voga reacionária que se seguiu aos

³⁶ TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Editora UNESP, 2007. pp. 124-125.

³⁷ GORENDER, Jacob. Memórias da FEB – Entrevista realizada por Gisela Lichand. *Shalom Documento* – Suplemento Especial da Revista Shalom, n°. 299. s/d. p. 101.

feitos revolucionários, a qual incidiu de forma antissemita³⁸. Eram os *pogroms*, os quais vitimaram entre “[...] *três mil e quinhentos a quatro mil judeus militantes operários e [teriam] deixado mais de dez mil feridos e mutilados, em mais de 100 cidades*”³⁹.

Os *pogroms* são definidos da seguinte forma por Clemesha:

assaltos populares aos bairros judeus, geralmente efetuados por bandos enfurecidos armados com pedras, paus e instrumentos de toda espécie, que destruíam as lojas, tavernas, e residências, roubando e matando os judeus, num ato de “vingança” contra aqueles que, por serem em grande medida comerciantes e usurários (a legislação à qual nos referimos restringia, entre outras coisas, as atividades dos judeus, de modo que o comércio e a usura eram praticamente uma “imposição” secular, e não uma “habilidade nata”, como costuma-se crer) acreditavam ser os responsáveis pela sua miséria.⁴⁰

A historiadora reforça, ainda, que estes não constituíam novidade no Império Russo, porém se intensificaram com o acirrar dos enfrentamentos de classe na última década do século XIX, adquirindo “tamanho e frequência inéditos”. Entre seus organizadores e atores encontravam-se setores policiais e militares, bem como civis sob o bando dos Cem Negros (apoiado pelo czar).

Os judeus russos encontravam-se, portanto, sob uma condição de dupla opressão: entre a perseguição e o massacre por “assaltos populares” (assistidos pelo Estado) e a situação de trabalhadores semi-artesanais, excluídos do processo de proletarização geral experimentado com o avanço capitalista na Rússia. Quais poderiam ser as perspectivas para eles?

Era quase unânime, entre os judeus da Europa oriental, a sensação de que apenas com a derrubada do czar, pela revolução, diminuiria a discriminação e a opressão a que estavam sujeitos; e os judeus desempenharam um papel muito importante no movimento revolucionário.⁴¹

Eric Hobsbawm, refletindo sobre como ocorre a formação de revolucionários, ajuda a entender alguns fatores que podem ter concorrido na radicalização russa, em geral, e no engajamento dos operários judeus em tal processo, dentre os quais Nathan Gorender possivelmente estava integrado. Cita-se:

³⁸ GORENDER, Jacob. Entrevista realizada por Alípio Freire e Paulo de Tarso Venceslau. *Teoria e Debate*, n. 11, agosto de 1990. p. 21.

³⁹ ALMEIDA, Ivan. O Soviete de 1905. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. IX, ano 6, n° 1, p. 145, abril de 2012.

⁴⁰ CLEMESHA, op. cit., p. 130.

⁴¹ DEUTSCHER, Isaac. Op. Cit., p. 64.

O comprometimento com a revolução depende, portanto, de uma mistura de motivações: os desejos de uma melhora na vida cotidiana, atrás dos quais, esperando para emergir, está o sonho de uma vida realmente boa; a sensação de que todas as portas estão se fechando a nós, mas, ao mesmo tempo, a sensação de que é possível arromba-las; o sentimento de *urgência*, sem o qual os apelos à paciência e a prática reformista não perdem sua força.⁴²

O historiador britânico segue a discorrer sobre a problemática, atento à variedade de situações históricas que possivelmente resultariam de tais condições. Os exemplos que utiliza são significativos para este estudo: grupos particulares no seio de uma sociedade (negros norte-americanos) e sociedades em crise geral (Rússia czarista). A formação de um agrupamento revolucionário específico de judeus no Império Russo fica melhor esclarecida com esta discussão. É possível supor que Nathan Gorender combinava, em seu pensamento político, a consciência da opressão secular que aqueles de sua etnia experimentavam (potencializada nas últimas décadas) com a deterioração geral da vida cotidiana nacional e desorientação dos grupos sociais, resultando em um quadro de perspectivas de futuro nulas que não a “[...] *necessidade de alguma mudança fundamental*”⁴³.

As aspirações revolucionárias de 1905 não foram vitoriosas, a despeito de alguns significativos avanços. Para os judeus as perspectivas em tal ano foram negativas, levando em conta serem vítimas preferenciais da reação que se seguiu. Tal razão orienta a migração de Nathan Gorender.

Ele chega à América já em 1905, passando meia década na Argentina, um dos destinos mais comuns entre os judeus envolvidos na onda migratória inaugurada a partir de 1880. Jacob, o filho mais velho de Nathan, cujas memórias constituem a principal guia desta reconstituição, não deixou qualquer pista acerca das razões específicas, para a vivência e saída de seu pai do país platino. Com relação à chegada, este era um espaço bastante visado, como já exposto. Os números, entre 1895 e 1914, dão conta de cem mil pessoas integrando a comunidade judia local, universo composto em sua maioria pelos *asquenazitas*, judeus oriundos da Europa Oriental. Muitos dos que vieram a ter em solo platino foram conduzidos pela Jewish Colonization Association (JCA), empresa colonizadora responsável pelo transporte de largo contingente humano oriundo dos domínios do *czar*, a qual chegou a fundar em torno de 500 agências no Leste⁴⁴. Caso não

⁴² HOBBSBAWM, Eric. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 248.

⁴³ Idem, p. 249.

⁴⁴ KLICH, Ignacio; TOLCACHIER, Fabiana. Panorama da imigração judia para a Argentina. IN: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000. pp. 153-176.

tenha se valido dos esforços da JCA, Nathan Gorender possivelmente navegou utilizando método semelhante.

Anna, a quem conheceu em Salvador, era oriunda da Bessarábia, e chegou depois de Nathan Gorender em terras brasileiras. Pouquíssimas informações o filho Jacob legou em suas memórias sobre a existência da mãe. É na Bahia que constituem família. A acolhida destes imigrantes entre a comunidade judaica de Salvador pareceu transcorrer sem maiores problemas. O pai da família lá se enraizou através do comércio – Nathan, já quinquagenário, não se dedicava nem às atividades da indústria baiana incipiente e nem mesmo a carregar utensílios pela periferia para venda, ocupação comum entre os seus patrícios contemporâneos. Pôde, porém, entregar pães em sua vizinhança pela manhã⁴⁵.

A família Basbaum passou por experiências semelhantes às dos Gorender, de acordo com o texto autobiográfico de Leôncio Basbaum. Seus pais eram emigrados da Bessarábia, terra natal de Anna Gorender. Atribui que estes “cortaram as relações com os parentes” não voluntariamente, mas na voga de uma série de determinações objetivas como a guerra e a revolução, e estavam certos que “não mais os veriam”. O comércio praticado em terras tropicais por Nathan Gorender encontra correspondência com o pai de Leôncio Basbaum, homem dedicado a comerciar antes da migração e que, já em Recife, dedicou-se à loja e oficina de ourives⁴⁶.

As duas famílias brevemente comparadas eram de *asquenazitas*. Se trouxeram ou encontraram alguma tradição revolucionária que se relacionasse com a sua particularidade cultural em solo nordestino é uma questão de resposta provavelmente negativa. Boris Tabacof menciona, muito rapidamente, a existência de um pequeno núcleo de militantes do Bund entre os intelectuais da comunidade judaica baiana – não há relatos ou evidências, porém que sugiram a possibilidade Nathan ter integrado esta organização em terra brasileira⁴⁷.

O que certamente estes migrantes encontraram foi um país marcado por mudanças em variados âmbitos, mas também de permanência de velhas contradições, atualizadas sob a nova forma política republicana. É neste complexo espaço que os Gorender desembarcaram separados e juntos passaram a constituir família, nova condição que será abordada no próximo subcapítulo.

⁴⁵ GORENDER, Jacob. Entrevista realizada por Marcelo Ridenti e Rodrigo Nobile. *Margem Esquerda*, n. 9, junho de 2007. p. 14.

⁴⁶ BASBAUM, Leôncio. Op. Cit., pp. 21-23.

⁴⁷ TABACOF, Boris. Op. Cit., p. 39.

1.2 Trabalho, religião e ensino: uma família trabalhadora em formação

A conjuntura de mobilizações da classe trabalhadora teve caráter acentuado no Brasil, como o fez no resto do planeta, ao final da década de 1910. Eram tempos de guerra, protagonizada pelas principais potências europeias e envolvendo povos de todos os cantos do globo. Junto a tal processo, revolução na Rússia e insurreições em variadas localidades europeias. O horizonte de mudanças estruturais profundas era uma possibilidade bastante crível aos atores sociais de então.

Na Bahia não podia ser diferente, mas a situação adquiriu os seus contornos locais. Se 1917 é o *ano vermelho*, tanto na longínqua Rússia quanto em algumas grandes cidades brasileiras, marcadas pela mobilização de trabalhadores anarquistas e socialistas, é apenas em 1919 que Salvador conhecerá a sua greve geral, entre os dias 02 e 12 de junho. Foi um período de dois anos que constituiu uma conjuntura de agitações operárias⁴⁸.

A classe operária baiana ensaiava mais um passo em sua formação enquanto ser social de atuação política. Possuía um caráter quase “embrionário” se comparada ao quadro de outras unidades da federação, os trabalhadores urbanos ainda eram pequena minoria se comparados aos empregados em atividades agrícolas, mas a sua presença não era nada ignorável. José Raimundo Fontes enumera as organizações de trabalhadores soteropolitanas, pregressas aos grevistas de 1919 e imediatamente posteriores:

[...] a dimensão sociopolítica decorrente da presença da classe operária no interior da estrutura soteropolitana é fato que pode ser observado desde os fins do século XIX. Ao longo desse período, os trabalhadores baianos foram se afirmando enquanto agentes sociais com interesses específicos, desenvolvendo ações reivindicatórias em torno de questões materiais e salariais; estruturando associações e organismos beneficentes, culturais e sindicais diversos; elaborando e recepcionando discursos de caráter político-ideológico e participando de agremiações e do processo político-eleitoral. Episódios e experiências como a do Partido Operário (1890), da Federação Socialista Baiana (1903), da Greve Geral (1919), do Partido Socialista e da Federação dos Trabalhadores Baianos (1920-1921), a difusão do ideário anarquista (1920-1921), entre outros, amalgamaram a memória coletiva do proletariado regional, não silenciando batalhas e combates passados.⁴⁹

Já corria mais de uma década do momento em que Nathan e Anna Gorender, por caminhos distintos, abandonaram sua terra natal. Estavam às vésperas de completar dez

⁴⁸ CASTELLUCCI, Aldrin. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise (1914-1921)*. Salvador: FIEB, 2004.

⁴⁹ FONTES, José Raimundo. Marighella e o movimento operário baiano no período da “redemocratização” (1945-1947). IN: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. pp. 292-293.

anos de residência em Salvador, local em que iniciam a criação de sua nascente família. Os Gorender constituíam uma família pobre, sofriam de agruras que acometiam os subalternos. Nathan era mais um trabalhador urbano em um estado fundamentalmente agrário, integra o coletivo de pessoas que, se não constituem a maioria do setor produtivo local, já iniciam a experimentar a condição de ser uma classe social específica no modo de produção corrente. Cabe lembrar as clássicas definições conceituais do historiador britânico Edward Thompson. Interessado no fenômeno da formação da classe operária inglesa, este autor lançou mão de importantes definições referentes ao fenômeno histórico das classes sociais. Em suas palavras:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais.⁵⁰

Esta condição, a de uma classe social formada no processo de experiências em comum, compreendeu variadas formas de assalariamento em Salvador, sendo a de maior relevância política então a dos trabalhadores fabris, especialmente os têxteis e fumageiros. Se em 1919 adquirem grande atenção com a sua greve geral (inserida, cabe lembrar, em um contexto nacional de mobilizações operárias), este incipiente proletariado tem tradições reivindicatórias que remontam ao século XIX e não se encerram no alvorecer dos anos 1920.

Esta mobilização operária, que não foi exclusividade baiana, mas antes parte de um processo nacional, conhece um ponto de cristalização em março de 1922, quando nove delegados, representando 73 militantes, oriundos de variadas localidades nacionais reúnem-se em Niterói para um congresso objetivando a “[...] *fundação de um Partido Comunista, de acordo com as 21 condições fixadas pela III Internacional para reconhecimento dos partidos comunistas como sua seção nacional*”⁵¹. É iniciado o Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista (SBIC), reconhecido a partir de

⁵⁰ THOMPSON, Edward. *A formação da classe operária inglesa*. Volume 1: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 10.

⁵¹ RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. IN: FAUSTO, Bóris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*: Tomo III, Vol. 10, *O Brasil Republicano*. São Paulo: Difel, 1981. p. 363.

então por seus militantes por nomeações indistintas, popularizado como o Partido Comunista do Brasil (PCB)⁵².

O marxismo-leninismo então em construção era a variante em voga do pensamento oriundo de Karl Marx e Friedrich Engels, em correspondência com o contexto da expansão do imperialismo e da revolução mundial. Foi a partir daí que as ideias e a prática marxista aportaram de fato no Brasil, iluminadas pela influência da Revolução de Outubro e difundidas pelo Partido Comunista, parte integrante do legado daquela. Nota-se que o caminho é diverso do percorrido pela maioria dos países, tanto da Europa Ocidental quanto os vizinhos latino-americanos, que experimentaram, antes de 1917, um período de predominância de organizações socialdemocratas ou socialistas, unidas sob o signo da II Internacional⁵³.

É na década de 1920, na égide deste marxismo inspirado pela Internacional Comunista, que surge a primeira tentativa de interpretação marxista da realidade brasileira⁵⁴. Sob o pseudônimo de Fritz Mayer, Octávio Brandão (outrora militante anarcossindicalista, optou pelo comunismo, como muitos de sua geração, sob o efeito da Revolução de Outubro), publica “*Agrarismo e industrialismo no Brasil: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*”. O estudo é preparado desde 1924, quando do segundo levante tenentista, mas só veio a lume em 1926, com a indicação de um falso local de edição, Buenos Aires, pois o autor já está atento aos perigos da repressão. É pioneiro ao discutir a articulação entre a dominação imperialista no Brasil e a presença do problema do “agrarismo”, expresso na aliança entre “*oligarquia agrária entrelaçada com a oligarquia financeira*”. Tal tese adquire grande relevância

⁵² COSENZA, Apoena. *Um partido, duas táticas: uma história organizativa e política do Partido Comunista Brasileiro (PCB), de 1922 a 1935*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) São Paulo: USP. 2013, p. 7.

⁵³ A respeito das diferenças existentes entre os desenvolvimentos do marxismo e os partidos e organizações que se reivindicavam parte deste no Brasil e seus vizinhos, bem como ao contexto em que o marxismo, de fato, “aporta sistematicamente” em terras brasileiras, cabe destacar o texto *Origens intelectuais do marxismo no Brasil (1830-1919)*, de Lincoln Secco, no qual o autor está atento às particulares condições objetivas atuantes na difusão das ideias de Marx neste país. Cf: SECCO, Lincoln. *Origens intelectuais do marxismo no Brasil (1830-1919)*. IN: *Mouro*, Revista Marxista – Núcleo de Estudos d’O Capital. Ano 4, nº. 6, pp. 9-24, janeiro de 2012.

⁵⁴ Cabe destacar que quadro semelhante também era encontrado em outros locais da América Latina durante a década de 1920. Tentativas de interpretação nacional e práticas políticas iluminadas pelo marxismo tiveram um momento de “ebulição” durante tal período. O exemplo mais conhecido é o do peruano Juan Carlos Mariátegui, atento às particularidades de sua realidade nacional, mas sem esquecer da inserção desta em uma estratégia socialista internacional. Cf: RICUPERO, Bernardo. Existe um pensamento marxista latino-americano? IN: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo. *América Latina: história, idéias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998. pp. 55-76; LÖWY, Michael. Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. IN: _____. (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. pp. 9-64.

dentre as formulações e projetos políticos do PCB, ensejando uma aliança entre a classe operária e a pequena-burguesia democrática⁵⁵.

É neste tempo, em que era criado um importante órgão partidário representativo deste período de agrura social e mobilização política, que Nathan e Anna concebem o seu filho, Jacob Gorender. O seu primeiro rebento nasceu em 20 de janeiro de 1923, na cidade de Salvador, sendo registrado pelo seu pai no Distrito da Sé⁵⁶. Muito provavelmente moravam nos entornos do centro da capital baiana, local em que se processava um esforço de modernização urbano, empreendido pelo governo de J.J. Seabra. De acordo com um levantamento realizado por Déborah Kelman Lima, este espaço correspondia a uma região de setores médios da população soteropolitana. A autora chama a atenção, porém, ao caráter artificial e redutor que os dados de zoneamento podem assumir, dado a existência também de bolsões de pobreza em zonas de maior poder aquisitivo.

O menino Jacob nasce em um cenário no qual os imigrantes judeus, novos na Bahia, “*tratavam de se aclimatar o mais depressa possível*”⁵⁷. Esta iniciativa de “assimilação” aos costumes locais passa pela tradução de palavras e nomes próprios mais apropriados ao comum ofício de “venda a prestação”, ofício mais comum praticado pelos judeus, o qual guardava relação com algumas atividades econômicas que exerciam alhures. Moravam, via de regra, em bairros de classe média ou em casas mais simples, de condições mais precárias. Os Gorender eram residentes do segundo tipo de moradia:

Os cinco filhos e meus pais pertenciam àquela categoria dos judeus sem dinheiro, descritos num romance de Michael Gold, célebre nos anos 30. Morávamos em cortiços e, às vezes, tínhamos dificuldades sérias até para atender necessidades elementares, como alimentação e roupa. Isso marcou minha mentalidade em formação. Mas não só isso: meu pai era um homem de esquerda, anti-sionista – como, aliás, a maioria dos judeus daquela época – e me falava do movimento revolucionário russo. Fizera apenas o curso primário, mas lia avidamente. Exerceu forte influência nas minhas inclinações.⁵⁸

Boris Tabacof relatou que sua família residia na Rua da Misericórdia, em proximidade à Praça da Sé. Era uma região central, congregava o centro de poder local, próximo ao elevador Lacerda, ligação moderna entre a cidade baixa e a cidade alta. Dado que Nathan e Anna Gorender registraram o seu filho no Distrito da Sé, é correto supor que residiam em sua proximidade, ou seja, neste núcleo central. Possivelmente próximos dos

⁵⁵ QUARTIM DE MORAES, João. *Octávio Brandão*. IN: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014. pp. 13-25.

⁵⁶ REGISTRO CIVIL DO DISTRITO DA SÉ. Certidão de Nascimento de Jacob Gorender. Bahia: 21/01/1923. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

⁵⁷ TABACOF, Boris. *Perdidos e achados*. Op. Cit., p. 21.

⁵⁸ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1990. p. 21.

Tabacof, talvez constituindo mesmo uma vizinhança judia. Outra possibilidade era de que morassem não muito longe do Pelourinho, lugar de população miserável, cuja descrição feita por Boris Tabacof se aproxima com o relato de Gorender há pouco citado:

No entorno desse núcleo central espalhavam-se ruas, becos e praças como o Pelourinho, calçadas com pedras redondas, cabeça-de-negro, cujas casas havia muito tempo tinham sido abandonadas pelos nobres e os ricos, cedendo lugar a uma população miserável, em grande parte de descendentes de escravos, que então haviam sido libertados há apenas algumas décadas. Habitavam casarões semi-arruinados, transformados em casas de cômodos, úmidas e quentes, paredes cobertas de manchas de musgo verde, plantinhas e samambaias nascendo nas frestas e rachaduras das fachadas arruinadas.⁵⁹

Em tais entornos que os judeus possivelmente costumavam se concentrar, na região do Campo da Pólvora, seio da formação do *ishuv* – o bairro de Nazaré. Possível bairro judeu que reunia os *clienteltchik* e *pekl*, vendedores ambulantes que proviam os centros de mercadorias, os quais estão na base do florescimento de uma vida judaica na Cidade da Bahia. Nathan e Anna Gorender, e provavelmente seus filhos, certamente se relacionaram com o caldo cultural que ali germinava.

Poucos meses depois do nascimento de Jacob Gorender é fundada a Sociedade Beneficente Israelita da Bahia (SBIB). Vinha a atender uma demanda tradicional dos judeus de Salvador, população esta que crescia nas primeiras décadas do século XX. Crescia, mas ainda era uma comunidade de números mais modestos se comparada à maioria da sociedade soteropolitana. Na percepção do próprio Gorender, eram cerca de mil os judeus residindo na Bahia⁶⁰. Tabacof, por sua vez, escreveu de forma mais detalhada em suas memórias sobre tal coletividade:

A pequena comunidade judaica vivia quase isolada, com poucos contatos com a vida social e política da cidade. Seguiam a tradição da velha Europa e criaram instituições comunitárias próprias: escola, sinagoga, clube social, associação de jovens, tudo no prédio da Rua Santa Clara, em frente ao importante Convento das Clarissas, tradicional comunidade religiosa das mulheres ricas de Salvador. Havia ainda o cemitério israelita localizado ao lado do cemitério católico da Quinta dos Lázaros.⁶¹

No Art. 2 da SBIB, por exemplo, dos “*principaes interesses da Sociedade*”, estão previstas a fundação de uma sinagoga, uma biblioteca, e, no parágrafo terceiro: “*Fundar e*

⁵⁹ TABACOF, Boris. Op. cit., p. 31.

⁶⁰ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 14.

⁶¹ TABACOF, Boris. Op. cit., p. 22.

manter uma escola judaica, a fim de ministrar aos filhos dos associados, uma educação judaica além da educação geral que os mesmos adquirirem nas escolas brasileiras.”⁶²

A escola que pretendiam construir não tarda a surgir, sendo fundada em 1924 a Escola Israelita Brasileira Jacob Dinenzon. Por longo tempo foi o único estabelecimento de ensino judaico da Bahia, ministrando o iídiche até, ao menos, a década de 1940. Também frequentava o seu currículo, além das disciplinas regulares, os cursos de hebraico, história e literatura judaica até o 5º ano primário⁶³.

A escola atendia a um objetivo duplo, em que se buscava tanto preservar as tradições judaicas quanto preparar os jovens membros da comunidade às competências necessárias para a prosperidade no local em que se inseriam. Dentre estas competências, uma destacada é a admissão no Ginásio da Bahia⁶⁴.

As poucas memórias de Gorender como criança na Jacob Dinenzon restringem-se ao ensino das disciplinas específicas de sua cultura. É possível que estes conteúdos tenham assumido uma função importante em sua formação, especialmente se for assumida também a hipótese de que alguma educação, referente à cultura judaica, tenha recebido no interior de seu lar. Os escritos de Tabacof referentes à vida familiar de seus semelhantes é, novamente, inspirador para a proposta desenvolvida neste subcapítulo. Cita-se:

Em casa, era outro mundo. Enorme coesão familiar, que se amalgamava com a vida comunitária. A maioria tinha padrão modesto. Concentrava-se no essencial. O principal, obviamente, além de ganhar a vida, era a educação e a cultura de tradição europeia. Eu nunca tive uma bicicleta mas meu pai comprou o *Tesouro da Juventude*, coleção cara, considerada a melhor para a formação dos jovens. No velho mundo não havia judeus analfabetos, por mais destituídos que fossem. Era pelo menos necessário aprender a ler as rezas e os livros sagrados. Os rabinos recomendavam que eles só vivessem em lugares que pelo menos tivessem uma sinagoga, um médico e uma escola.⁶⁵

Se o autor atenta à pouca observância das práticas religiosas já desde antes da imigração, também faz essa ressalva recém citada que auxilia neste estudo. De acordo com entrevistas já mencionadas de Gorender, o seu pai era leitor ávido, ainda que tivesse uma formação escolar interrompida, e isto o teria influenciado. Não teria também Nathan Gorender comprado, com o pouco dinheiro que conseguia, alguma coleção de livros ou enciclopédias para auxiliar na formação de seus filhos? Não teria mesmo trazido consigo, quando de sua vinda à América, algum escrito de sua terra natal? Quem sabe algum texto

⁶² “A pedidos – Estatutos da Sociedade Beneficente da Bahia”. IN: *Diário Oficial*, terça-feira, 23 de agosto de 1923. AHJB, Seção Bahia.

⁶³ Relatório das atividades da Sociedade Israelita da Bahia (Julho 1969 – Março 1970). AHJB, Seção Bahia.

⁶⁴ TABACOF, Boris. Op. cit., p. 24

⁶⁵ Idem, p. 22.

religioso ou, até mesmo, algum panfleto das organizações políticas do Leste? A atenção com a cultura e a religião, de acordo com a documentação, memórias e bibliografia consultadas, constituiu-se em uma recorrência considerável entre a comunidade judaica. As cinco crianças da família Gorender possivelmente tiveram esta formação intelectual, desde cedo, sólida, seja em sua escola, seja pela educação em casa, pois tiveram a oportunidade de ingressar no concorrido Ginásio da Bahia.

Primeira escola secundária surgida no Brasil, o Ginásio da Bahia possuía destaque no ensino público baiano na primeira metade do século XX, abrigando em seus bancos alunos de variadas origens sociais, admitindo os mesmos através de exame classificatório. Baianos ilustres frequentaram a instituição, e, no que tange aos comunistas, os exemplos de Carlos Marighella e Mário Alves são emblemáticos, mas não únicos. O primeiro, filho de um dono de mecânica, imigrante e trabalhador manual. Alves, por sua vez, tinha raízes em tradicional família do interior⁶⁶. Jacob Gorender também foi um dos que estudou neste importante estabelecimento. Estava em consecução o objetivo, desenvolvido pela comunidade judaica na Escola Jacob Dinenzon, de encaminhar as suas crianças em bom posto local de ensino.

A predominância social no Ginásio da Bahia, de acordo com os depoimentos de ex-alunos recolhidos por Deborah Kelman Lima, era das “*camadas médias da população de Salvador*”. A taxa de matrícula para frequentar a instituição de ensino não era cara, já que os cinco irmãos da família Gorender estudavam pagando os seus custos. Jacob, o filho mais velho, para auxiliar nos vencimentos de sua casa, aos 11 anos já trabalhava dando aulas particulares.

A partir de 1936, quando Jacob Gorender tinha 13 anos e já integrava o corpo discente do Ginásio da Bahia, era facultado aos alunos o Programa de Curso Complementar, regulamentado pelo decreto n. 9833. Três novos cursos eram então abertos aos educandos: a) Jurídico; b) Engenharia; c) Médico. As opções se alinhavam com as principais carreiras superiores seguidas pelos jovens melhor aquinhoados. Gorender, que futuramente estudará na Faculdade de Direito de Salvador, cursou as disciplinas do Curso Complementar, concluindo o “Pré-Jurídico” em 1940. Seguem os conteúdos integrantes deste curso:

⁶⁶ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit.

Quadro 1: Carga horária do Curso Jurídico do Ginásio da Bahia (1936)

Primeira série	Segunda série
Latim (6 horas)	Latim (6 horas)
Literatura (6 horas)	Literatura (4 horas)
História da Civilização (4 horas)	Geografia (3 horas)
Noções de Economia e Estatística (4 horas)	Higiene (3 horas)
Biologia Geral (3 horas)	Sociologia (4 horas)
Psicologia e Lógica (4 horas)	Historia da Filosofia (4 horas)

Fonte: Quadro reproduzido de: LIMA, Déborah Kelman. “*O Banquete Espiritual da Instrução*”: O Ginásio da Bahia, Salvador: 1895-1942. Dissertação (Mestrado em História) Salvador: UFBA, 2003. p. 52.

Só foram encontrados os resultados médios que Gorender alcançou em seu último ano de Jurídico. Suas melhores notas então foram em Literatura (86), Sociologia (81) e Geografia (79). A sua nota de conjunto foi de número 79⁶⁷. Algumas informações sobre as aulas de Literatura ali ministradas são conhecidas através de seu Programa de Ensino. Provavelmente a segunda disciplina em importância (apenas Latim possuía mais horas semanais de estudo), era composta por um robusto programa, o qual compreendia do estudo de gêneros e estilos literários aos cânones da literatura ocidental e oriental contemporâneas. Filósofos, ensaístas, críticos e historiadores estavam presentes nestas eruditas aulas⁶⁸. Certas fronteiras disciplinares ainda não eram bem delineadas. A partir destas informações cabe seguir a suposição de Kelman Lima acerca do perfil de aluno que se almejava: o “intelectual universal”. Apoiada em ideias de Michel Foucault, escreve:

A educação dos discípulos do GB, destarte, advinha do paradigma, que elegeu o homem culto como signatário da resolução dos problemas da sociedade. Neste diapasão o educandário objetivava formar alunos aplicados e oradores eruditos, através de uma concepção ligada ao sujeito universal, identificado como masculino e branco. Tal herança acadêmica pode ser associada à própria gênese da universidade brasileira, que por sua vez, bebeu em fontes bastante distintas: o centralismo francês e o liberalismo alemão.⁶⁹

⁶⁷ MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE. Certificado de conclusão do Curso Complementar – 2º ano pré-jurídico, Jacob Gorender. Ginásio da Bahia. 1940. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

⁶⁸ Programa de Literatura do Curso Jurídico do Ginásio da Bahia – 1936 apud LIMA, Déborah Kelman. Op. Cit., pp. 159-163.

⁶⁹ LIMA, Déborah Kelman. Op. Cit., p. 52.

Para além do projeto educativo objetivado no Ginásio da Bahia, cabe citar as percepções de Jacob Gorender, décadas depois, do que era ser aluno desta instituição: “*Ser aluno do Ginásio era motivo de status. O GB gozava de prestígio intelectual. Era considerado o primeiro, em termos de corpo docente, em qualidade, em função dos concursos que lá se realizavam. O GB tinha um curso superior aos colégios dos Maristas e Antonio Vieira.*”⁷⁰. Gorender situava-se na classe popular soteropolitana, porém pôde obter acesso a um ensino tido como “de elite”, pois aparelhado com professores de destaque e reconhecido pelo exame de admissão exigente – um indício deste é o dado que, em 1940, apenas 39,6% dos candidatos foram aprovados. Na mesma entrevista, o ex-aluno afirmou que guarda boas recordações do Ginásio da Bahia, pois: “*Apesar da pedagogia antiquada, muita gente ganhou ali, bases para vir a ser profissional de categoria.*”⁷¹

Ainda que tenha frequentado uma instituição de ensino reconhecida, ou até mesmo pelo contraste social com alguns de seus colegas de classe, Jacob Gorender, já quase um septuagenário, atribuirá a sua “predisposição” às ideias de Marx e à prática política resultante destas a um “sentimento anticapitalista” seu, juvenil, decorrente de sua situação de pobreza desde a infância. As dificuldades vividas em seu lar são ressaltadas em diversos momentos em que dispõe a falar de si. Nas suas palavras: “*A minha família era paupérrima, por diversas circunstâncias. Cheguei a passar fome, tive alimentação deficiente, que influenciou minha saúde, pois fiquei enfraquecido.*”⁷²

Se aceita a afirmação (um tanto determinista) do próprio Gorender de que era “*predisposto ao marxismo*” pela sua pobreza, cabe ressaltar que antes de Marx, contudo, teve contato com outro grande nome de ciências europeu, o qual também já despontava em círculos intelectuais deste país sedento por sua modernização: Charles Darwin. Contato inicial que foi indireto, através de um seguidor e popularizador de seu pensamento, o alemão Ernst Haeckel.

O nome de Haeckel também comparece nas memórias da adolescência de Leôncio Basbaum: “[...] *foi também nessa pequena mas escolhida biblioteca que comecei a ler a obra dos materialistas alemães, principalmente Haeckel e a dirigir o meu espírito curioso para a ciência e a filosofia, principalmente o materialismo*”⁷³. O militante pernambucano relata, no mesmo texto, ter encontrado a obra do autor na biblioteca de seu irmão mais

⁷⁰ GORENDER, Jacob apud LIMA, Déborah Kelmán. Op. Cit., p. 105.

⁷¹ Idem, p. 123.

⁷² GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 14.

⁷³ BASBAUM, Leôncio. Op. Cit., p. 24.

velho, José, espaço este em que se formava enquanto leitor, conhecendo literatura brasileira, portuguesa e francesa. É também na coleção de José Basbaum, agora no que tange as revistas então em circulação, que Leôncio fica sabendo do:

[...] monstro russo chamado Bolchevismo, que matava e comia suas vítimas, e os que sobravam, morriam de fome. Nos desenhos que ilustravam os textos, o Bolchevismo era representado por uma espécie de vampiro cabeludo, com um punhal na boca, um revólver numa das mãos e na outra, quando não segurava uma criança pelo pescoço, era uma bomba.⁷⁴

Um segundo momento das memórias de Leôncio Basbaum também pode ser ilustrativo para a trajetória de Jacob Gorender. O futuro autor de “*História Sincera da República*”, dezesseis anos mais velho que Gorender, residia em Salvador como gerente da rede de lojas de seu irmão enquanto Jacob ainda era um adolescente. Provavelmente, a despeito da diferença de idade, guardavam alguma afinidade de gostos e interesses quanto a leitura, afinal, ambos lembraram de Haeckel entre os autores materialistas com que primeiro travaram contato, em momentos distintos. O testemunho de Basbaum com relação às suas procuras científicas nas livrarias da capital baiana, portanto, pode contribuir ainda mais aos propósitos deste estudo, revelando possibilidades e limitações na difusão de escritos com que Gorender pode ter se deparado:

[...] na Bahia não era fácil encontrar obras de Marx e Engels e dos marxistas clássicos, nem mesmo de Lenine. Aqui ou ali se encontrava algum em francês, ou em língua espanhola edições argentinas de **Claridad**, uma editora de esquerda, de tendência trotskista. Mas era do que eu me alimentava. E, além disso, tudo o que encontrava sobre a História da Filosofia, sobre ciência, principalmente Física e Biologia.⁷⁵

É através da compra de livros nos sebos da Praça da Sé que Gorender alega ter travado contato com as citadas ideias materialistas. Com doze anos, leu Haeckel, o qual lhe “transformou”. Já com quatorze anos, melhor informado, aderiu de vez ao darwinismo e enfim travou contato direto com “*A origem das espécies*”. Esta pode ser considerada a sua iniciação em tal corrente filosófica, bem como um marco de contradição com a religião de sua família, momento em que abandona a prática religiosa⁷⁶. Tabacof apresenta lembranças de uma comunidade judia gradualmente menos rigorosa com relação às suas tradições,

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem, p. 161. Grifo no original.

⁷⁶ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1990. p. 21.; GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 14.

algo semelhante aos relatos de Gorender em que tal questão emerge, em que este só menciona frequentar a sinagoga e comemorar as festas judaicas⁷⁷.

Não há informações, também, acerca de possíveis influências de uma “imaginação judaica” a povoar os pensamentos do jovem Gorender, como o relatado pela escritora Tamara Deutscher com referência ao seu esposo, o historiador polonês Isaac Deutscher⁷⁸. Gorender, porém, afirmou em uma entrevista que “[...] *o fato de ser judeu exerce uma influência sobre meu modo de ver as coisas e a cultura*”⁷⁹. Em que a sua pertença étnica, e tudo que isso possivelmente implica, pode ter influenciado sua visão de mundo? Cabe retomar o já citado exemplo de Isaac Deutscher. Em um texto com o título, sugestivo para os propósitos desta discussão, “Quem é judeu?”, o autor se vale, dentre outros sujeitos e coletividades, de sua própria vivência e ideias para pensar o problema da identidade judaica no mundo pós-holocausto. Descarta, como definidores identitários, o nacionalismo, a raça e a religião. O que faz, então, de Deutscher um judeu?

Sou judeu, entretanto, pela força de minha incondicional solidariedade aos perseguidos e exterminados. Sou judeu porque sinto a tragédia judaica como a minha própria tragédia; porque sinto o pulsar da história judaica; porque daria tudo que pudesse para assegurar aos judeus auto-respeito e segurança reais e não fictícios.⁸⁰

Ainda que exista algo de idealista na resposta de Deutscher é possível apreender determinações objetivas em alguns dos elementos que este autor cita. Escrever sobre o tema pouquíssimo tempo depois do término da Segunda Guerra, com nítidas lembranças de *pogroms* em sua infância, certamente o influenciou a perceber a sua “incondicional solidariedade”. A memória e a experiência – um enraizamento de caráter mais temporal do que espacial – cumprem um papel essencial nesta definição de identidade⁸¹. Não seria Jacob Gorender também um judeu – no sentido de alguém que “vê as coisas e a cultura” de modo influenciado por esta identidade – por causa da sua memória familiar das condições de dupla opressão que sofreram? Estas memórias (combinadas às experiências de

⁷⁷ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007, p. 14.

⁷⁸ DEUTSCHER, Tamara. Introdução – A educação de uma criança judia. IN: DEUTSCHER, Isaac. Op. Cit., pp. 7-26.

⁷⁹ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007, p. 14.

⁸⁰ DEUTSCHER, Isaac. Op Cit., p. 49.

⁸¹ Boris Tabacof, por exemplo, ao escrever sobre os imigrantes judeus na Bahia lembra que os caminhos que os integrantes desta comunidade seguiram “[...] *recuam para um passado muito distante, e mesmo os que não conheciam essa história milenar de maneira mais clara tinham a consciência de pertencer a uma corrente ininterrupta que valia a pena preservar.*” Cf: TABACOF, Boris. *Perdidos e achados*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 26.

exploração econômica aqui no Brasil) no seu lar, bem como as notícias do antissemitismo na Europa, não podem ter orientado a sua visão de mundo em construção?

As condições materiais pobres da família Gorender, a criação na comunidade judaica soteropolitana e as reflexões materialistas animadas por Darwin (lido, primeiramente, através de Haeckel), que levaram Jacob a tornar-se um ateu (ainda que inserido na identidade étnica judia)⁸², constituíram “um caminho” possível para ele ao marxismo, o qual não foi, de modo algum, linear.

As ideias de autores do pensamento científico do século XIX (dentre estes, Ernst Haeckel), de acordo com Cláudio Batalha, passaram por um processo de apropriação eclética na tradição socialista brasileira, o qual integrava o pensamento e propostas de Marx com a de outros pensadores temporalmente próximos a si:

[...] apesar das constantes referências a Marx – a quem é atribuída a paternidade do socialismo científico – tanto na produção escrita como nas comemorações rituais do movimento socialista brasileiro, o conhecimento do socialismo chega quase sempre por intermédio de autores mais acessíveis e através de textos de vulgarização. Boa parte desses autores difundiam uma visão do marxismo que resultava de uma leitura positivista e/ou cientificista de Marx. Em outras palavras, Marx se insere na “ideologia socialista eclética” que domina o movimento no Brasil, como também ocorrerá na Europa, ecletismo capaz de integrá-lo aos mais variados pensadores, como Ferdinand Lassalle, Benoît Malon, Charles Darwin, Herbert Spencer, Ernst Haeckel, Max Nordau, Auguste Comte.⁸³

A tendência por uma leitura eclética de Marx possuiu alguma continuidade na militância do início do século XX, “afinidade eletiva”⁸⁴ entre o cientificismo e um nascente marxismo que pode ter ocorrido também nas primeiras aproximações que Jacob Gorender trava com os escritos propriamente marxistas.

⁸² GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 14.

⁸³ BATALHA, Cláudio. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. IN: MORAES, João Quartim (org.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 2: Os influxos teóricos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp. 11-12.

⁸⁴ Cabe aqui mencionar, de forma bastante breve, ao conceito de afinidade eletiva, termo de longa trajetória científica e ressignificado por Michael Löwy, autor atento às relações que fenômenos aparentemente díspares podem travar entre si historicamente: “*Designamos por “afinidade eletiva” um tipo muito peculiar de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais, não redutível à determinação causal direta ou à “influência” no sentido tradicional. Trata-se, a partir de uma certa analogia estrutural, de um movimento de convergência, de atração recíproca, de confluência ativa, de combinação capaz de chegar até a fusão. Em nossa opinião, seria interessante tentar fundar o estatuto metodológico desse conceito, como instrumento de pesquisa interdisciplinar que permite enriquecer, nuanciar e tornar mais dinâmica a análise das relações entre fenômenos econômicos, políticos, religiosos e culturais.*” Cf: LÖWY, Michael. *Redenção e utopia*. O judaísmo libertário na Europa Central (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 13.

Estas leituras de Gorender foram praticadas em sua adolescência. Ou seja, era um rapaz que travou contato com textos, nas suas palavras, “*materialistas e evolucionistas*”, em um contexto de grande conturbação. Eram meados dos anos 1930, década marcada pela escalada do fascismo na Europa e as possibilidades de modernização, com variadas formas possíveis, no Brasil. Foram, em suma, tempos de agressiva disputa, a qual se expressou nas diferentes organizações a disputarem a hegemonia deste espaço. Cabe retornar brevemente a atenção ao jovem Partido Comunista do Brasil

Tornado ilegal não muito tempo depois de sua fundação, o PCB, guiado pela já citada tese da necessidade de uma revolução que rompesse as amarras das oligarquias agrárias e do imperialismo, preconizou a formação de uma aliança das massas trabalhadoras, do campo e da cidade, através do Bloco Operário Camponês (BOC), o qual participou do quadro eleitoral de 1929. Poucos anos depois, na voga dos militares mobilizados na década anterior, mas contrários aos rumos do governo inaugurado em Outubro de 1930, e de uma nova conjuntura política, formou-se a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Este movimento é percebido pelos pesquisadores como marca de uma transição programática para os comunistas brasileiros. O caráter quase que exclusivamente proletário do Partido sofre sensível modificação quando uma série de militares ingressou em suas fileiras.

A condensação das mudanças ocorridas na ação comunista, especialmente expressas na formação da ANL, se deu em novembro de 1935, com um levante comunista ocorrido em Natal, Recife e Rio de Janeiro. A deflagração se deu no âmbito dos quartéis, a partir da iniciativa dos militares que aderiram à ideia da Revolução nacional-popular. A Internacional Comunista tinha interesses no sucesso desta tentativa revolucionária, mobilizando agentes para a sua consecução. Foi a última iniciativa insurrecional “*putschista*” da parte do movimento comunista internacional, o qual, por causa das amplas mudanças conjunturais de tal período, empreendeu mudança tática em direção às chamadas Frentes Únicas, contra o fascismo, então em ascensão⁸⁵. Derrotado o movimento, não tardou a reação do governo instituído.

Sendo o principal alvo da repressão que se seguiu aos ocorridos de 1935, o PCB, já liderado por Prestes, foi bastante abatido. O núcleo dirigente sediado no Rio de Janeiro sofreu particularmente tal processo. Em outras regiões do país, porém, as prisões não

⁸⁵ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia*. Os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil. 1936-1948. São Paulo: Annablume, 2009. pp. 83-94.

foram tão acentuadas, devido a uma série de fatores. O Nordeste tornou-se, então, “rota de fuga” escolhida pela nova direção nacional – Lauro Reginaldo da Rocha, o “Bangu”, era o novo secretário-geral. Carlos Zacarias Sena Júnior escreveu sobre tal processo:

[...] em fins de abril de 1936, o que havia sobrado do *Bureau* Político (BP) do Partido Comunista do Brasil, basicamente o seu Secretariado Nacional (SN), formado por Lauro Reginaldo da Rocha, Honório de Freitas Guimarães e Eduardo Ribeiro Xavier (“Abóbora”), decidiu pela transferência do organismo para a cidade do Recife. Chegando em junho daquele ano à capital pernambucana, SN iniciou um trabalho junto aos Comitês Regionais (CRs) que haviam caído, o que terminou com a reconstrução dos CRs de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, de Alagoas e da Bahia, além do restabelecimento de ligações com os CRs do Ceará e da Paraíba.⁸⁶

O ano de 1936, para os comunistas brasileiros, foi marcado pelo “signo da derrota” e pela reorientação de seu órgão representativo. A turbulência estava longe do fim. Não puderam fixar-se por muito tempo em Recife. Se ali foram ter em junho de 1936, dois meses depois precisaram debandar para Salvador. A capital baiana foi o espaço onde a inflexão tática do PCB tomou corpo, com o documento “*A marcha da revolução nacional libertadora e suas forças motrizes*”⁸⁷. Os comunistas procuravam aproximar-se com setores da oposição a Getúlio Vargas e construir uma “frente única, democrática e popular”. Combinavam-se, então, o balanço político dos dirigentes, frente os malfadados efeitos do levante de 1935, com as orientações oriundas do VII Congresso da Internacional Comunista, no qual há uma transição tática dos órgãos revolucionários em direção à “frente popular”.

A reorientação assumida pelos comunistas brasileiros assumiu enorme importância em sua ação prática, mas, para os interesses deste estudo, cabe também questionar acerca do espaço onde decisões e linhas programáticas de tamanho alcance eram formuladas. Por quais razões Salvador foi escolhida para abrigar o órgão dirigente do Partido Comunista do Brasil? É corrente na bibliografia ressaltar os efeitos pífios de 1935 em tal solo, dada a fraqueza do PCB ali, pois possuía pouquíssima militância. Dois importantes comunistas relataram sobre a situação local do Partido. Primeiro cabe dar atenção às palavras de Diógenes de Arruda Câmara:

⁸⁶ Ibidem. p. 35.

⁸⁷ Com este texto, de acordo com Sena Júnior: “a direção comunista alterava substancialmente sua forma de ver o processo da revolução no Brasil, a partir da consideração do que seriam seus próprios erros e da compreensão de que teria havido uma importante alteração conjuntural ainda sob o governo Vargas, o que proporcionaria as condições para uma modificação na linha até então praticada.” Cf: Ibidem., pp. 41-42.

O Partido se organizou um pouco depois da sua fundação. Assim por 24, 25. Mas sempre foi muito fraco. Apesar de ser um Partido que tinha muitos operários, o Partido que organizou o movimento sindical na Bahia, muitos deles (sindicalistas) foram anarquistas ou anarco-sindicalistas. Mas o Partido era bastante fraco. Existiam também os estudantes, os intelectuais – mas muito fraco. Tanto que na Bahia quase não teve movimento. Houve um grande movimento por ocasião da Aliança Nacional Libertadora, em 1935. Mas não houve luta armada. No movimento da Aliança Nacional Libertadora, cujo presidente chamava-se Edgard Matta, houve grandes comícios, grandes manifestações.⁸⁸

Emerge uma imagem contraditória do depoimento de Arruda Câmara, de um Partido que organizou setores, mas ainda assim era fraco, não movimentou-se na hora da insurreição. Leônicio Basbaum, que encontrava-se então em Salvador e era sondado para um retorno ao Partido, testemunhou que a “reorganização” do PCB seria muito mais um esforço de “organização”, pois este não possuiria bases fortes em tal região⁸⁹. Se até então o Partido Comunista na Bahia era fraco, a partir do momento em que Salvador tornou-se o novo centro decisório nacional, o órgão cresceu fortemente, especialmente o Comitê Regional, o qual contou com jovens estudantes e representativos trabalhadores locais além dos já destacados membros que para lá rumaram em fuga dos arbítrios policiais.

Era um espaço de maior liberdade para os comunistas, afinal, além de sua então inexpressividade ali, também pelo próprio fato do destaque que os integralistas baianos possuíam, a repressão lhes foi menos pesada. Os comunistas, tendo a Bahia como seu novo centro político, dão novos passos organizativos não só tendo em vista uma vindoura rearticulação nacional, mas também revitalizando a sua atuação naquele estado. O movimento estudantil era um dos seus caminhos.

Edgard Carone escreveu sobre este processo em que, já na década de 1940, ganham destaque alguns agrupamentos comunistas regionais, especialmente o baiano, atuante no cenário que aqui é objeto de atenção:

Entre 1941 e 1943 acabam de definir-se as diversas posições comunistas diante do conflito europeu e frente ao governo ditatorial de Getúlio Vargas. As divergências ocorrem em núcleos partidários isolados e não são confrontadas internamente, no seio do Partido Comunista do Brasil, pois este praticamente se desagregou após a prisão dos membros do Comitê Regional de São Paulo, em maio de 1939, e do Comitê Central, em abril de 1940. Sem possuir um órgão centralizador, sem poder funcionar de maneira unificada como rezava seus estatutos, o partido realmente encontra-se desarticulado, formado por núcleos esparsos, espalhados pela Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, e até no exílio, a maioria deles sem manter comunicação entre si, muitos praticamente

⁸⁸ CÂMARA, Diógenes de Arruda apud SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Op. cit., p. 50.

⁸⁹ BASBAUM, Leônicio. Op. cit., p. 165.

desconhecendo a existência uns dos outros e as suas respectivas posições: é que a ditadura do Estado Novo não só prendera boa parte dos seus militantes, mas também infiltrara policiais no próprio movimento, fato que levava os ativistas a temerem contatos que pudessem pôr em perigo os seus quadros.⁹⁰

Esta conjuntura agitada reverbera em Salvador. João Falcão, militante comunista desde o ano de 1938, fornece testemunho sobre o período:

Quase todas essas organizações tinham suas sedes nas imediações da Praça da Sé, em casarões velhos e mal iluminados, dando às suas reuniões, à noite, um ar de mistério e conspiração, pelo menos para mim. Depois passei a ir ao Bahia-Bar, também na Sé, frequentado por jornalistas, estudantes, políticos e literatos, em geral antifascistas e esquerdistas, como Walter da Silveira, Emanuel Assemany, Reginaldo Guimarães, Edson Carneiro, Aydano do Couto Ferraz, Clóvis Amorim, Alves Ribeiro, Dias da Costa, João Cordeiro, Luiz de Pinho Pedreira, Fernando Jatobá, Armênio Guedes, Arruda Câmara e outros.⁹¹

Chama a atenção no relato os nomes de alguns militantes que, anos depois, assumirão importantes posições no partido, como Armênio Guedes e Diógenes Arruda Câmara. Guedes era estudante de Direito; Diógenes Arruda era pernambucano, trabalhava para o Ministério do Trabalho e cursava Agronomia em Salvador. Ambos envolvidos na constituição de células estudantis do Partido Comunista entre os discentes locais. Arruda Câmara, que à época já tinha destaque nas articulações regionais, foi visado pela repressão e preso tanto em 1937 (com o golpe do Estado Novo), quanto em 1940, momento em que os comunistas baianos possuem enorme visibilidade, tanto pela militância quanto pela polícia⁹².

Ainda que o PCB florescesse (ou, melhor expresso, sobrevivesse) mais na Bahia do que em outros territórios nacionais, não foi sem dificuldades que os comunistas tiveram que atuar ali. No próximo tópico a atenção é nas possibilidades de atuação política do partido na Faculdade de Direito de Salvador e na formação dos estudantes comunistas locais.

1.3 “Vestindo calças compridas”: Faculdade de Direito, movimento estudantil e o PCB

O ensino superior brasileiro de então, para os pouquíssimos jovens que podiam acessá-lo, se resumia quase que apenas a cursos como Medicina, Engenharia e Direito. Foi pela última carreira que Jacob Gorender optou, ingressando na Faculdade de Direito de

⁹⁰ CARONE, Edgard. Introdução. IN: _____. *O PCB*. Vol. II. (1943-1964). São Paulo: Difel, 1982. p. 1.

⁹¹ FALCÃO, João. Op. Cit., 1988. p. 28.

⁹² SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Op. cit., pp. 97-99.

Salvador no ano de 1941⁹³. Não pôde iniciar seus estudos logo após o término do Curso Complementar, pois, a despeito de suas citadas notas satisfatórias, o estudante não tinha renda para a atividade intelectual. A resolução do problema veio com um emprego nos arquivos do jornal *O Imparcial*⁹⁴, ocupação esta na qual logo fora promovido, passando a ocupar a redação do veículo, onde era encarregado de assuntos internacionais. A atividade jornalística lhe garantia um soldo suficiente para lhe possibilitar o acesso aos estudos superiores um ano depois. Em 26 de janeiro de 1942 pagou a quantia de 160\$000 de sua inscrição para o concurso de habilitação à Faculdade de Direito⁹⁵. Ali aprovado, Gorender teve contato não só com leituras e aulas, mas, principalmente, com a agitação comunista.

No mesmo ano de 1942 conhece o jovem Mário Alves, aluno do curso de Ciências Sociais e militante do Partido Comunista do Brasil. Ambos possuíam apenas 19 anos. De origem abastada, oriundo da oligarquia sertaneja, o jovem Alves iniciou sua participação no movimento comunista em 1939, ainda estudante no Ginásio da Bahia, em um contexto de enorme radicalização - enquanto o Estado Novo exercia feroz repressão, jovens e trabalhadores se mobilizavam por circunstância das agitações contra a guerra em início, via de regra marcados por posições político-ideológicas extremadas: de um lado, o integralismo brasileiro, variante nacional da extrema-direita europeia; de outro, a influência do socialismo como oposição à ordem instituída e, principalmente, à ofensiva fascista internacional⁹⁶.

Mário Alves recrutou Jacob Gorender para o PCB em circunstâncias clandestinas, como cabia a um partido ilegal e perseguido em tal conjuntura. De acordo com memórias deste, após ingressar no curso de Direito passou a atuar na União de Estudantes da Bahia (UEB), integrando a sua direção, o que chamou a atenção de Mário Alves⁹⁷. Constituíram uma célula estudantil Alves, Gorender e Ariston Andrade. Gorender ressalta que havia

⁹³ Nas entrevistas em que a sua trajetória estudantil é objeto de discussão, Jacob Gorender menciona sem vacilar a sua passagem na Faculdade de Direito de Salvador. Na sua documentação acadêmica, porém, todos os registros oficiais são registrados como da Faculdade de Direito da Bahia. Doravante neste texto, a discrepância será resolvida através da menção à Faculdade de Direito da Bahia, concernente aos documentos oficiais.

⁹⁴ *O Imparcial* era um jornal que se inseria no que é chamado de a “grande imprensa na Bahia”, ao lado de outros veículos como *Diário da Bahia*, *A Tarde* e *Diário de Notícias*. Pertenciam à elite baiana, servindo enquanto instrumento de ataque mútuo nas disputas políticas que travavam. *O Imparcial* teve papel importante no contexto de embate entre integralismo e comunismo, variando nesta dicotomia ao sabor do contexto. Cf: FERREIRA, Laís. *Integralismo na Bahia*. Gênero, Educação e Assistência Social em *O Imparcial* 1933-1937. Salvador: EDUFBA, 2009.

⁹⁵ FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA. Guia Nº. 9408. Bahia, 26 de janeiro de 1942. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

⁹⁶ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 83.

⁹⁷ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1990. p. 22.

concluído a escola tocado por “[...] *outras ideias, com um universo mais amplo*”. Ideias estas que ele relembra em relação a um período de agitação logo de seu ingresso no Partido:

Eram os anos 30, da Interventoria de Juracy Magalhães e logo depois veio o Estado Novo. 1942 foi um ano de grandes movimentos populares em Salvador. Nesse ano, nós tivemos os torpedeamentos de navios no litoral de Sergipe e da Bahia. E a massa, espontaneamente, foi às ruas. Tivemos uma semana de agitações em Salvador, de comícios incessantes, três secretários de segurança se sucederam porque não conseguiram se sustentar, e essa agitação só encerrou quando o governo Getúlio Vargas declarou estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália.⁹⁸

A conjuntura de marcada polarização política, ao que tudo indica, constituiu uma marca geracional para estes jovens comunistas. Se antes já era possível que se encontrassem apreensivos com a situação na Europa (e os rumos semelhantes deste lado do Atlântico), com a entrada da União Soviética, em junho de 1941, na guerra inter-imperialista, a visão dos comunistas acerca do conflito foi transformada. A partir de então interpretam o ocorrido bélico como “[...] *guerra de libertação nacional dos povos contra o nazi-fascismo opressor. Caberia a eles, portanto, em cada país – em guerra ou não com o Eixo -, assumir a liderança do povo para mobilizá-lo em defesa da pátria.*”⁹⁹

A Conferência do Nordeste, ocorrida em Salvador, ao final do ano de 1941, foi uma iniciativa do Comitê Regional baiano que contou com a participação de representantes de Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Cabe lembrar a situação de desmantelamento quase completo do Partido Comunista, especialmente nos núcleos centrais do país. Foi uma reunião autônoma no que diz respeito à relação entre o PCB e a Internacional. É ali que foi aprovada a tática política de União Nacional para combate ao inimigo comum – nazismo em âmbito global, o Estado Novo em solo brasileiro. Esta resolução assumiu importante papel para a jovem militância atuando em Salvador (e para os rumos de todos os que ainda restaram no Partido em nível nacional)¹⁰⁰.

Recém-inserido no órgão que se propunha liderar o povo unido contra o inimigo nacional, Jacob Gorender também deve ter encontrado algum tempo para dedicação aos estudos superiores, já orientado pelo “universo mais amplo de ideias” com que vinha tendo contato gradualmente. João Falcão, que também foi aluno na mesma Faculdade de Direito, indica o que poderia ser engajar-se no marxismo em tal espaço:

⁹⁸ GORENDER, Jacob apud FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 83.

⁹⁹ FALCÃO, João. Op. cit., 1999. p. 56.

¹⁰⁰ Idem, pp. 56-57.

Ao mesmo tempo em que ia aprendendo o saber jurídico, através do estudo e das aulas de excelentes professores, ia conhecendo o pensamento filosófico em geral e a doutrina marxista, avançada corrente de pensamento do mundo moderno, lendo os livros que me chegavam às mãos e devorando-os como um faminto.¹⁰¹

Os boletins de Jacob Gorender de 1942 e 1943, primeiro e segundo ano de Faculdade, indicam um estudante que era aprovado via de regra na média, dedicando-se mais a certas disciplinas do que outras. Segue exposição de sua matrícula e frequência nas referidas séries:

Quadro 2: Prova de Matrícula e Frequência do Primeiro Ano da Faculdade de Direito da Bahia

Cadeiras	Nº. de aulas	Faltas
Introdução à Ciência do Direito	110	6
Economia Política	66	12
Direito Romano	67	13
Teoria Geral do Estado	71	7

Fonte: FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA. Prova de Matrícula e Frequência de Jacob Gorender no Primeiro Ano da Faculdade de Direito da Bahia. Bahia: 24 de novembro de 1942. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

¹⁰¹ FALCÃO, João. Op. cit., 1988. p. 35.

Quadro 3: Prova de Matrícula e Frequência do Segundo Ano da Faculdade de Direito da Bahia

Cadeiras	Nº. de aulas	Faltas
Direito Civil	55	5
Direito Penal	58	3
Direito Constitucional	54	8
Ciência das Finanças	62	16

Fonte: FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA. Prova de Matrícula e Frequência de Jacob Gorender no Segundo Ano da Faculdade de Direito da Bahia. Bahia: 23 de novembro de 1943. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

Possivelmente o Regimento da Faculdade abria brechas ao número de faltas acentuado em certas disciplinas de carga horária menor e exigia, por outro lado, presença constante em outros cursos. O grau de exigência de cada conteúdo também pode ser uma explicação razoável para a disparidade de frequências. Chama a atenção, porém, o fato que Gorender, em seu ano de calouro, pouco faltou às aulas de “Teoria Geral do Estado” e “Introdução à Ciência do Direito”. Pelo número de horas-aula, supõe-se que esta última disciplina era tida como de maior centralidade que as outras recomendadas aos primeiranistas. “Teoria Geral do Estado”, contudo, ainda que pareça estar no mesmo nível de valorização oficial que “Economia Política” e “Direito Romano”, teve um grau de ausência bastante menor do que estas. Assumindo a probabilidade que o Regimento interno permitisse uma frequência folgada em tal curso, assim como nos de horas-aula correlatas, é possível que Gorender tivesse um interesse maior nos conteúdos ministrados nesta aula, onde pode ter-lhe sido oportunizada a leitura e discussão de importantes autores que discutiram fenômenos políticos, assunto de interesse para um aluno que então iniciava uma atuação militante na sua categoria.

Entre as suas obrigações, Jacob Gorender também se deparou com a já citada célula estudantil da qual fez parte, um organismo que era de responsabilidade direta dos envolvidos, dos locais para reuniões ao funcionamento orgânico. Espaço de articulação dos

alunos comunistas que servia para estes tocarem a atuação partidária e organizarem as suas candidaturas a cargos nas variadas entidades estudantis locais, onde faziam o chamado trabalho em frente legal, junto às massas. Já o trabalho ilegal, clandestino, este era no âmbito direto do Partido, regido sob outras hierarquias e envolvendo maiores dimensões.

A composição inicial de uma célula estudantil era a seguinte: secretário, tesoureiro e *agitprop*. Falcão narra que duas eram as recomendações dos comunistas mais experimentados: cautela com os alunos que possivelmente estivessem espionando os colegas para a Delegacia da Ordem Pública e Social, e a leitura de *Os Fundamentos do Leninismo*, de Joseph Stálin, com especial atenção no capítulo dedicado ao Partido¹⁰². Pouco mais de uma década depois, em texto jornalístico referente à morte de Stálin, momento em que o culto a este era bastante forte e presente entre os comunistas brasileiros, Jacob Gorender fez referência às leituras realizadas quando um jovem ingressando no Partido Comunista e da importância dos textos de Stálin na sua formação naquele contexto:

Sob o terror do Estado Novo, os seus livros circulavam de mãos em mãos entre os jovens que ansiavam pelo saber revolucionário, na velha Bahia de tantas saudades. O seu estudo “Sobre o materialismo dialético e histórico” me deu pela primeira vez uma concepção filosófica cortando as amarras que me prendiam as mistificações dos taumaturgos burgueses. Lendo os “Fundamentos do Leninismo” e a “História do P.C. (b) da U.R.S.S.”, aprendi, naquele longínquo ano de 1943, o que era o Partido da classe operária. Lutei desde então para fazer os seus princípios os princípios de toda minha conduta.¹⁰³

Um novo modo de vida e uma nova visão de mundo se abriam a Gorender. Não cabe, porém, entender este processo como uma completa ruptura com a trajetória dele até então. Caminhos para a possibilidade de “ser comunista” se anunciaram em momentos já acompanhados neste texto. Outros jovens que vivenciavam o conturbado contexto dos anos 1940 também podem ter recebido tal convite. Tantos devem tê-lo recusado. A sua adesão ao marxismo, portanto, não foi uma inevitabilidade histórica. O que interessa é discutir quais fatores podem ter levado Jacob Gorender a tornar-se um comunista e os significados disto para si e suas relações sociais. Jorge Ferreira, que se interrogou acerca do imaginário político dos comunistas, refletiu sobre a presença de “simbologia mítica” em tal militância. Cita-se:

¹⁰² FALCÃO, João. Op. Cit., 1988. pp. 40-42.

¹⁰³ GORENDER, Jacob. Tu nos deste a honra, a bandeira, o Partido. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

Outros militantes, no entanto, procuravam racionalizar, com maior sistematização, o envolvimento com o partido. Para Osvaldo Peralva, “numerosos e vários são os caminhos que levam ao comunismo”. Giocondo Dias, em busca de certa precisão, descreve três caminhos básicos: “chega-se ao partido pelo estômago, pela cabeça ou pelo coração.”.¹⁰⁴

O trecho que Ferreira escolheu de Giocondo Dias auxilia a pensar as influências possíveis nos caminhos trilhados por Jacob Gorender. Seguindo a analogia de Dias, os três órgãos vitais (estômago, cabeça e coração) podem ser encontrados em numerosas referências nas entrevistas de Gorender aqui já citadas. Sua infância pobre, a influência paterna, leituras materialistas, o senso de solidariedade etc. Com um pouco de liberdade poética, pode-se também argumentar que “os pés no chão” deste jovem, sua inserção em um espaço e tempo específicos, ajudam a explicá-lo.

Além de interrogar sobre as razões que levaram Jacob Gorender a aceitar o convite de Mário Alves para integrar o Partido Comunista, cabe também atentar o que era, então, ser comunista. Eric Hobsbawm, interrogando-se sobre os problemas para uma história do comunismo, legou interessantes elementos para se pensar as particularidades da militância no auge da Terceira Internacional. O autor fala em um “exército mundial da revolução”, uma consciência presente naqueles que passavam a atuar no movimento comunista internacional, de executarem uma “*única e ampla estratégia da revolução mundial*”. Todos os militantes comunistas comungavam sob o signo da Internacional. Convicção moral, de acordo com o historiador.¹⁰⁵ Em tempos de enfrentamentos bélicos e ideológicos acirrados, é razoável supor que esta consciência também era presente para Gorender e seus camaradas próximos.

Com qual movimento comunista o estudante de Direito se deparou? Já foi mencionada a nova linha tática de União Nacional, resolução do PCB criada tendo em vista os perigos da guerra no estrangeiro. Mas em âmbito local, em Salvador, qual era a estrutura partidária em que Gorender inicia um processo de inserção?

Os espaços de atuação possível para os comunistas baianos dividiam-se entre as organizações estudantis e as de trabalhadores. A presença de células comunistas, no final dos anos 30, se dava em algumas escolas, como o caso do Ginásio Carneiro Ribeiro. No ensino superior, o Centro Acadêmico e Diretório Acadêmico constituíam instituições em que a política deveria ser praticada, com atenção às particularidades destes nas ruas

¹⁰⁴ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF; Mauad, 2002. p. 61.

¹⁰⁵ HOBBSAWM, Eric. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 17.

relações com a ditadura vigente. A Associação Universitária da Bahia (AUB) era *locus* privilegiado dos estudantes comunistas, pois centralizava as demandas estudantis¹⁰⁶. Sena Júnior afirmou existirem sete células estudantis (Faculdades de Direito, Medicina, Agronomia, Engenharia, Eletromecânica, Ciências Econômicas, além dos Ginásios da Bahia e Carneiro Ribeiro) e treze células de trabalhadores (portuários, força e luz, panificadores, gráficos, sapateiros, barbeiros, ferroviários, tecelões, fumageiros, comerciários, construção civil, alfaiates etc.) em Salvador¹⁰⁷.

Estudante de Direito, repórter na imprensa local e militante do Partido Comunista, Jacob Gorender era mais um jovem que “trocava suas calças curtas pelas calças compridas”. A metáfora – utilizada pelo próprio Gorender¹⁰⁸ – referia-se ao amadurecimento, a deixar a adolescência e ingressar na fase adulta, de responsabilidades. Seguiu o caminho inverso daqueles que se inseriam no “campo intelectual baiano”. O usual era, no ingresso ao ensino superior, garantir a participação jornalística nos órgãos da grande imprensa local, posição de prestígio em sua sociedade. Espaço de formulação política, os jornais legavam visibilidade àqueles que lhes integrassem, constituindo uma possibilidade de ascensão às sociabilidades da elite¹⁰⁹. Gorender foi jornalista, antes de tudo, para garantir os meios possíveis para o socialmente restrito estudo superior em Direito. Poderia, a partir daí, ter se inserido na intelectualidade tradicional que se reproduzia nas Faculdades de Salvador e nos outros espaços frequentados por esta, mas a militância comunista foi a opção que seguiu.

É interessante seguir interrogando a razão de não só Jacob Gorender, objeto desta dissertação, mas um razoável número de outros sujeitos terem optado (com todos os conhecidos constrangimentos estruturais que atuam sobre a vida de indivíduos e coletividades) pela ação política de esquerda. Respostas verossímeis não podem deixar de considerar a articulação entre universal e particular.

Desde o final dos anos 1920 que se constituiu uma rede intelectual em torno dos cafés do centro de Salvador. Jorge Amado e Fernando Sant’Anna, então jovens comunistas, relataram, seja em sua produção literária, seja através de entrevistas, a formação de um espaço que centralizava a vida dos estudantes, então ciosos pela modernização nacional.

¹⁰⁶ FALCÃO, João. Op. cit., 1988. pp. 41-42.

¹⁰⁷ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Op. cit., pp. 98-99.

¹⁰⁸ GORENDER, Jacob apud FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 83.

¹⁰⁹ FONTES, Rafael. *A seiva de uma juventude*. Intelectualidade, juventude e militância política (Salvador, Bahia, 1932-43). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana: UFES, 2011. p. 47.

Rafael Fontes localiza que foi ali que se gestou “*uma primeira tentativa contra-hegemônica no campo intelectual baiano*”¹¹⁰. É possível que a construção de identidades nos cafés e bares do centro soteropolitano tenha persistido no início da década de 1940, onde Mário Alves, Jacob Gorender (e tantos outros de maior ou menor reconhecimento posterior do que estes), tenham reforçado seus laços políticos através da afetividade de camaradas que não apenas panfletam, mas também bebem juntos. Relatos dão conta de diversões que ocorriam no Tabaris, casa noturna onde se ouvia samba, marchinhas e, principalmente, discutia-se política – bastante frequentada pela juventude local.

Os depoimentos do comunista Fernando Sant’Anna, utilizados pelo escritor Antonio Risério para a reconstituição de sua biografia, estabelecem uma estrita separação entre a sua militância e os seus momentos lúdicos no Bahiano de Tênis e no Tabaris. Há que se levar em conta a sua memória, mas também desconfiar de quadros homogêneos. Jacob Gorender, entre outros, pode ter experiências de juventude bastante diversas com relação a Sant’Anna (a própria origem social de ambos explicaria algumas distâncias). Se as memórias de Gorender silenciam em absoluto no que se refere a qualquer vivência fora de seu engajamento político, cabe ao historiador ter em conta a possibilidade dos esquecimentos do biografado. É possível que este tenha também vivido algum momento de descontração, se não no Tabaris, em algum bar dos entornos do centro soteropolitano, espaço de moradia, estudo e militância, assim como não pode ser descartada a hipótese dos militantes, em uma conjuntura de tamanho acirramento de contradições, estivessem aferrados a um modelo de disciplina bolchevique em seu comportamento cotidiano¹¹¹.

Outra opção de reforço do político, completando a formação dada pelas leituras marxistas, era a Rádio Moscou, que possuía programa em língua portuguesa, sob a voz de Laura Brandão¹¹². A circulação intelectual pode transcender por vezes a materialidade dos papéis e cartazes, ainda que estes tenham papel garantido na propaganda comunista.

Entre as ações que Gorender passa a desempenhar enquanto um militante do Partido Comunista na juventude soteropolitana, para além de sua já citada participação nas organizações estudantis constituídas e legalizadas, destaca-se a sua atuação entre os colaboradores na *Revista Seiva*. Criada em 1938, por iniciativa do também jovem militante João Falcão, era uma publicação que:

¹¹⁰ Idem. p. 28.

¹¹¹ RISÉRIO, Antonio. *Adorável comunista*. História política, charme e confidências de Fernando Sant’Anna. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2002. pp. 59-62.

¹¹² FALCÃO, João. Op. Cit., 1988. pp. 44-45.

[...] devia expressar o pensamento do movimento democrático e antifascista na Bahia e no Brasil. Devia exercer um papel aglutinador da intelectualidade brasileira e, se possível, procurar atingir os intelectuais da América. Seria a primeira publicação antifascista de caráter nacional dirigida pelo Partido. Através dela, seria divulgada a sua linha política.¹¹³

A formação de *Seiva* se processou em uma conjuntura de valorização do papel cumprido pelo Comitê Regional baiano nos quadros do Partido Comunista. A Bahia foi, como já apresentado, um espaço fundamental no esforço de rearticulação partidária da militância perseguida pela reação anticomunista. Ali também se gestou a iniciativa de veicular ideias antifascistas, congregando intelectuais comprometidos com ideias democráticas, materializada na *Seiva*. Esta orientação política correspondia tanto às definições de tática e de estratégia vigentes então no PCB quanto aos cuidados necessários para escapar à censura do Estado Novo.

Seiva logrou sucesso: era a única publicação (secretamente) comunista de circulação ampla e livre no Brasil. Isto se devia ao seu caráter moderado, que não atacava o Catete, restringindo a sua oposição à reivindicação pela democracia. Sofreu alterações, porém, com o seu segundo ano de existência, a partir da invasão que as tropas de Hitler fizeram na Polônia. Estourava uma nova guerra, os comunistas precisavam intervir na realidade com maior afinco. Já a partir do número sete da publicação, no ano de 1940, os comunistas baianos chamavam à sua tática de União Nacional através deste formidável instrumento de difusão cultural. Ampliaram o destaque que já possuíam no seio do Partido Comunista¹¹⁴.

Sob esta conjuntura, logo do ano de seu recrutamento para o PCB, Gorender já participava desta importante publicação. O jovem estudante da Faculdade de Direito homenageava Castro Alves em tal revista. Cita-se:

Ele é um dos nossos. É um dos milhões de jovens que se levantaram e empunharam as armas para defender o legado espiritual da dignidade humana. É um dos milhões de combatentes que, no mundo inteiro, se entregam ao sacrifício pela sobrevivência de liberdades conquistadas com tanto sangue. De todos os soldados em armas contra o fascismo, é ele o mais exaltado, o mais heroico e o mais clarividente. É aquele que nos conduz aos frêmitos do perigo, aquele que nos ensina a serena permanência nos postos de combate, aquele que envia, em sons multiplicados, a nossa decidida resposta aos trânsfugas e aos falsos profetas. Ele é Castro Alves. O maior cantor do continente americano está conosco. Sentimos, em todos os setores da luta, a sua viva presença. Através de todos os

¹¹³ FALCÃO, João. Op. Cit., 1988. p. 48.

¹¹⁴ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Op. Cit., p. 82.

combates em que nos empenhamos, estamos sempre a divisar o seu vulto de gigante invicto. [...] Nesse momento decisivo da nossa história, sua presença imortal está na aclamação das ruas, no clamor das multidões, no entusiasmo dos jovens. E nesta hora de profundas transformações, Castro Alves não é um vulto do passado e sim um vanguardeiro do futuro.¹¹⁵

A contribuição mais importante deste novato à *Seiva*, porém, se deu meses depois desta apropriação antifascista da figura de Castro Alves. Data de 20 de junho de 1943 a chegada do general Manoel Rabelo em solo baiano, tendo em vista a instalação de um núcleo local da Sociedade Amigos da América, polo que agregou em variados espaços aqueles interessados no ingresso brasileiro na frente de batalha inimiga às tropas nazistas. Carlos Zacarias Sena Júnior escreveu sobre esta iniciativa, tendo por base a percepção expressa pelos comunistas em *Seiva*:

[...] foi o próprio general Manoel Rabelo que, na Capital Federal, em janeiro de 1943, fundou um dos mais importantes organismos frentistas do período da guerra, justamente no espírito da União Nacional preconizado pelo Partido Comunista. Com efeito, a Sociedade Amigos da América (SAA) se converteria na principal entidade a agregar os lutadores antifascistas brasileiros, e os comunistas apoiaram desde os primeiros instantes tal iniciativa, na medida em que teriam percebido os seus significados na luta contra o fascismo e a ala reacionária do governo, que continuava a influenciar nas ações de Vargas no esforço de guerra, entravando as medidas mais efetivas em prol das Nações Unidas. A Sociedade Amigos da América, portanto, pretendia ser uma entidade de caráter nacional, agrupando todos aqueles “homens de boa vontade”, sem exclusivismos políticos ou distinções de classe, raça, filosofia ou religião, “na causa da América, das Nações Unidas e da Humanidade, na luta contra o fascismo europeu e asiático”. A entidade, que logo alcançou imenso prestígio em diversos setores da sociedade, também foi fundada em muitas outras cidades, como São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Salvador, sendo, na compreensão dos comunistas, “uma das melhores expressões da União Nacional”.¹¹⁶

Ocasão e presença celebradas que renderam, entre tantos frutos, uma entrevista publicada no número de julho de *Seiva*. Conduzida pelo jovem repórter e secretário da revista, Jacob Gorender, logrou divulgação em importantes veículos do centro brasileiro:

Os jornais do Rio e de São Paulo publicaram com destaque os despachos das agências telegráficas, transmitidas para todo o país, assinalando os tópicos mais contundentes das declarações do destemido inimigo do ministro da Guerra, como: “Os soldados devem ser treinados para a guerra e não empregados em serviços inúteis”, “Ao Corpo Expedicionário não poderá caber o papel de ‘cavalheiros de Offenbach’”, “Hitler tira partido do temor do comunismo”, e outros nesses mesmos termos. As afirmações do general Manoel Rabelo e suas críticas alcançaram repercussão nacional. Segundo afirmava o general, os jovens

¹¹⁵ GORENDER, Jacob. Castro Alves – Guia dos combatentes da liberdade. IN: *Revista Seiva*. Ano III, n.º 14, Outubro de 1942, sessão “História, arte e literatura”. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. pp. 38-39.

¹¹⁶ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Op. Cit., p. 149.

convocados recebiam um tratamento incorreto e desrespeitoso, sendo humilhados pelos militares veteranos e profissionais. Grassavam um descontentamento e uma decepção generalizados.¹¹⁷

Primeira crítica séria à forma com que o governo varguista conduzia sua política militar a ser publicada na imprensa brasileira, a entrevista com o general Rabelo rendeu à Revista *Seiva* o seu fechamento e a prisão de diretores e redatores: “Assim é que João Falcão, Wilson Falcão e Jacob Gorender foram detidos, no dia 15 de julho, e levados para a Guarda Civil, ao mesmo tempo em que eram denunciados ao Tribunal de Segurança Nacional como subversivos”¹¹⁸. Como não cabia prender um membro do alto oficialato nacional, a culpa pela vexatória acusação caiu em cima destes jovens, acusados de publicarem uma entrevista apócrifa.

Esta foi a primeira prisão de Gorender. João Falcão, por sua vez, havia sido absolvido tinha um mês¹¹⁹. O cárcere era um risco a que os comunistas, e opositores em geral, eram constantemente submetidos. Falcão relembra de uma sensação de revolta que abateu sobre si (e provavelmente também em seus colegas de aprisionamento) por causa da nota emitida pelo Comandante da VI Região Militar, na qual os três detidos são acusados como “*ofensores da dignidade do Exército*”. Mesmo em condições adversas, não tardaram a responder a acusação:

Acontece que Jacob Gorender havia submetido ao general, antes da impressão, o texto da entrevista que foi por ele aprovado. Eu redigi, então, com a colaboração de Jacob e Wilson um pequeno mas enérgico manifesto ao povo baiano com o título “Quem ofende a dignidade do Exército”, e consegui que ele chegasse ao Comitê Regional do Partido, para mimeografá-lo e distribuí-lo clandestinamente. Em resumo, eu rebatia com veemência as acusações acima e dizia que nós, jovens antifascistas, que vínhamos há muitos anos lutando pela liberdade e independência de nossa Pátria e contra o nazi-fascismo, e estávamos aguardando a nossa hora de ir lutar nos campos da Europa ou África, éramos os verdadeiros patriotas, e que quem ofendia o Exército eram aqueles que, fazendo o jogo da quinta-coluna, retardavam o envio da Força Expedicionária Brasileira e maltratavam os nossos jovens irmãos, convocados para a guerra e não para fazer faxina nos quartéis. Esperei alguma reação a esse manifesto, mas, felizmente, nada aconteceu.¹²⁰

O ato arbitrário, porém, repercutiu largamente. Mobilizaram-se pela soltura dos jovens os envolvidos no VI Congresso Nacional de Estudantes, ocorrido no Rio de Janeiro, especialmente os delegados baianos. Estes contataram o próprio general Manoel Rabelo para a confirmação de sua entrevista. Ele assumiu responsabilidade pelos ditos e reforçou

¹¹⁷ FALCÃO, João. Op. Cit., 1999. p. 184.

¹¹⁸ Ibidem. p. 186.

¹¹⁹ FALCÃO, João. Op. Cit., 1988. p. 247.

¹²⁰ Ibidem, p. 249.

as denúncias que antes já fizera. Em audiência com o presidente Getúlio Vargas conseguiram tanto a soltura quanto a suspensão da denúncia ao Tribunal de Segurança. “No dia 25 de julho de 1943, foram postos em liberdade, ainda a tempo de comemorar com o povo baiano a deposição de Benito Mussolini, o ideólogo do fascismo e ditador da Itália.”¹²¹

A manifestação de um destacado militar foi um impeditivo aos desmandos expressos na prisão e provável processo que enfrentariam os Falcão e Gorender. Impulsionou também as mobilizações populares aglutinadas em torno da questão bélica. Os comunistas, porém, não puderam ter comemoração completa: graças ao incidente a *Revista Seiva*, que foi marcada por alvissareiro início, teve proibida a sua circulação, sendo derradeira a edição número 18, de julho de 1943.

Concomitante aos apelos em variados espaços da sociedade civil pela entrada brasileira na guerra desenvolvida na Europa havia as disputas internas do Partido Comunista do Brasil. Unido em apoio aos Aliados, encontrava-se, porém, fraturado pelos anos de repressão e principalmente pelas divergências com relação ao Estado Novo. Os comunistas baianos e cariocas, marcam posição pela União Nacional, já mencionada anteriormente, mas agora não apenas contra o inimigo do Eixo, mas também em apoio ao governo brasileiro de Vargas. Uma atuação prestigiada, pois, de acordo com Edgard Carone, o grupo carioca teria “*certas ligações com Prestes (que se encontra preso no Rio)*”¹²².

Em agosto de 1943, militantes se reúnem em lugar secreto do Vale do Paraíba para a II Conferência Nacional do PCB, também conhecida como Conferência da Mantiqueira. Ali foi ratificada a União Nacional interna e externa, a qual implicou em pioneirismo, dos comunistas, nas reivindicações de participação militar do Brasil no *front*. Consequência organizativa importante deste encontro foi a formação de um novo Comitê Central Provisório, a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP). Dentre os novos dirigentes do Partido encontram-se Diógenes Arruda e Mário Alves, o estudante que recrutou Jacob Gorender¹²³. A ação se intensificava para os comunistas, os esforços não deveriam ser medidos frente à ameaça nazifascista. Gorender mesmo já fora vítima de prisão por simplesmente se opor às forças do Estado Novo. Como atuaram perante esta encruzilhada? Os perigos da guerra são objeto do próximo subcapítulo.

¹²¹ FALCÃO, João. Op. Cit., 1999. p. 186.

¹²² CARONE, Edgard. Op. Cit., p. 3.

¹²³ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., pp. 87-89.

1.4 Entre a crítica das armas e as armas da crítica: soldado voluntário e jornalista militante

Tomar parte no conflito militar desenvolvido em solo europeu não foi uma resolução oficial do Partido Comunista do Brasil, porém alguns de seus militantes podem ter sentido algo como uma “obrigação moral” de combater as tropas nazifascistas, em especial após serem publicamente desafiados pelo general Demerval Peixoto, Comandante da 6ª Região Militar. O oficial provocou os estudantes para que participassem ativamente das batalhas em além-mar, voluntariando-se em demonstração de patriotismo, dado o papel importante que estes jovens assumiram nos grupos de pressão para o Brasil romper com a sua posição de neutralidade e ingressar na Guerra.

Os comunistas presos na Ilha Grande, por exemplo, se ofereciam para lutarem no *front*, imbuídos que estavam da linha política de União Nacional. Assim que informados acerca dos afundamentos na costa brasileira, os detidos reuniram-se em assembleia e aprovaram um telegrama endereçado ao presidente Vargas no qual escreveram:

Defesa democracia não pode ser organizada só com aparelho estatal por mais poderoso este seja. Em sua própria essência, para defender-se e subsistir, democracia necessita liberdade. Liberdade imprensa, palavra, pensamento organização nas suas múltiplas expressões populares. Momento está exigindo nosso governo que se norteie por uma coerente orientação pan-americanista defesa democracia, declaração formal guerra potência Eixo. Entretanto essa medida que contará nosso imediato apoio não será completada sem unidade nacional que urge concretizar chamando os que estão fora da pátria, mas querem defendê-la, abrindo grades prisões para que todos os que querem bater-se pela liberdade. Por tudo isto, colocando-nos disposição poder público, reivindicamos postos combate nesta guerra sobrevivência nossa pátria.¹²⁴

O estado de beligerância foi declarado um dia após a redação do telegrama, ainda que este, ao que tudo indica, não tenha exercido qualquer influência nesta decisão oficial. Antes é um indício da orientação presente entre os comunistas brasileiros naquela conjuntura, quando exigiam liberdades tendo em vista a defesa da democracia, percebendo como necessária a união com aqueles que praticamente dizimaram a sua organização e os encarceraram.

A citada provocação do general Peixoto, responsável pela abertura ao voluntariado, na Bahia, para a Força Expedicionária Brasileira (FEB), atingiu pessoalmente Jacob Gorender¹²⁵. Aos seus colegas de célula comunista, também. Gorender, Mário Alves e Ariston Andrade se apresentaram ao exército. Os três jovens foram inscritos pela célula

¹²⁴ Apud MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 134.

¹²⁵ GORENDER, Jacob. Op. Cit., p. 101.

estudantil do Partido em Salvador, a qual tomou a decisão reunida na *Sorveteria Cubana*, localizada no tradicional Pelourinho¹²⁶. As memórias de Gorender indicam que este ficou com o nome marcado pelo oficialato local, provavelmente pela entrevista que conduziu em Seiva com o general Rabelo: [...] *no momento em que me apresentei, me mandaram esperar, depois veio lá um sargento e disse: ‘Mas o que é que você tem com o general?’.* *‘Não tenho nada’, respondi. E ele comentou: ‘O general viu seu nome e ficou furioso...’*¹²⁷. A despeito da antipatia do chefe militar, o jovem comunista foi convocado para o exame médico, ao qual passou, integrando assim o contingente baiano da FEB, mais ou menos 600 homens.

O ingresso brasileiro na Guerra tem origem tanto em amplas manifestações populares quanto na pressão política norte-americana. As mobilizações antifascistas e pela entrada do Brasil no conflito militar formaram uma oportunidade nova de atuação perante as massas para o Partido Comunista. Leôncio Basbaum, militante do PCB que legou testemunho de sua trajetória, e à época já se encontrava em colaboração com a CNOP, relata sobre o “clima” de então:

Com a entrada formal do Brasil na guerra, as correntes liberais e antifascistas recobram certo fôlego e já ousavam manifestar-se. Já apareciam manifestos na rua contra a Alemanha, de apoio às Nações Unidas, e também já começava a surgir a idéia de uma participação ativa do Brasil na guerra, muito embora a pressão de certos grupos nazistas ainda enquistados dentro do governo fosse muito forte. Nesse novo clima favorável, os comunistas começavam a “sair das tocas” e a ingressar no movimento de liberalização e democratização que se processava no Rio e, por extensão em todo o País. E a ingressar no CNOP. A Liga de Defesa Nacional, organização puramente teórica (embora tivesse uma bela sede), que existia somente para comemorar datas históricas, se transformou em um ponto de irradiação, de propaganda e ação democrática, da qual participavam estudantes e operários. Em começos de 1943, já havia até mesmo passeatas na rua, com propaganda patriótica, organizada por estudantes.¹²⁸

Os jovens militantes em Salvador tomaram posição firme nas mobilizações populares posteriores ao afundamento das embarcações brasileiras em Sergipe e na Bahia pelos submarinos alemães que rondavam esta costa, momento em que os protestos pelo ingresso brasileiro no *front* agudizam-se. Francisco Ferraz apresenta o ápice da mobilização popular a partir de 15 de agosto de 1942, data do ataque perpetrado pelo submarino alemão *U-507* ao vapor *Baependi*, na costa de Sergipe, quando, de 306 pessoas a bordo, 270 foram mortas. Outros navios também foram atacados em águas brasileiras,

¹²⁶ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 138.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ BASBAUM, Leôncio. Op. Cit., p. 179.

concomitantemente a grandes manifestações, as quais resultaram, no dia 22 de agosto de 1942, na declaração de estado de beligerância contra o Eixo. Cabe destacar, porém, que as agressões alemãs não iniciaram com o caso do *Baependi*, mas, de acordo com Ferraz, datam de maio do mesmo ano, quando o *Comandante Lyra* foi atingido¹²⁹.

Jacob Gorender é um destes jovens a tomar parte nas ruas de Salvador. Afirmava que teria “feito discursos” nas manifestações, em sua condição de membro da União dos Estudantes da Bahia. Sua justificativa partia, evidentemente, do antifascismo de seu Partido. O antifascismo o influenciava não apenas através de sua leitura marxista, mas também era uma preocupação expressa em seu próprio lar. O relato é de que seus pais comentavam a situação na Europa, especialmente o que era concernente aos judeus, em iídiche. Os parentes de Anna, sua mãe, noticiavam da Bessarábia. Além das cartas de além-mar, o conflito internacional se tornava motivo de apreensão no lar baiano graças à radiodifusão:

Quando a guerra foi declarada, eu acompanhei dia a dia pelos jornais, pelo rádio. Me lembro de quando os nazistas invadiram a União Soviética, em 1941, e foi aquela arrancada, parecia que eles iriam tomar Moscou, e como aquilo causou grande apreensão... Então o que aconteceu de especial é que em 1943 finalmente o governo brasileiro decidiu organizar a Força Expedicionária.¹³⁰

A casa da família Tabacof também foi invadida pelo temor frente o conflito: “[...] *o clima dominante, especialmente para mim, era o da guerra total que envolvia o mundo com as suas chamadas*”¹³¹. Jovem judeu também com família recém-estabelecida na Bahia, Boris Tabacof relata o caráter ameaçador da presença estrangeira tão próxima, realçado pelos depoimentos de seus tios, marinheiros, e confirmado pelos casos de naufrágios no litoral próximo.

Das manifestações ao alistamento, Jacob Gorender respondeu, ao seu modo, à provocação do general Peixoto. Do quartel do bairro de São Joaquim foi transferido para São Paulo junto com os outros convocados para o “[...] *treinamento que fosse adequado à [...] incorporação ao exército americano*”. O transporte para o Sul do Brasil, em si, já configurou uma experiência dura:

¹²⁹ FERRAZ, Francisco. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. pp. 7-8.

¹³⁰ GORENDER, Jacob. Op. Cit., s/d. p. 100.

¹³¹ TABACOF, Boris. Op. cit., p. 43.

As condições eram precárias, dormíamos ao relento, fazendo do nosso capacete o travesseiro. Felizmente não choveu. Serviam carne quase crua, o que causou aos soldados grande descontentamento, e eu pensei que fosse resultar num levante. Seria um pão-de-ló para os nazistas se houvesse esse levante. Então tomei coragem, fui conversar com o capitão do navio e, com diplomacia, alertei-o quanto ao perigo. Ele tomou providências, a comida melhorou e tudo acabou bem.¹³²

A escala desta viagem foi no Rio de Janeiro, de onde rumaram para o interior de trem. Pesado, mas curto, treinamento para a incorporação ao padrão do exército americano¹³³ – durou de junho a setembro, mês de embarque, com a entrada efetiva em combate ao final de outubro. Estes jovens integraram o efetivo de 25. 334 pessoas brasileiras enviadas para guerrear, ao lado dos Aliados, na Europa. Eis a Força Expedicionária Brasileira.

É uma constante, nos relatos de sua experiência bélica, Gorender reafirmar uma diferença marcante com relação aos seus irmãos de armas: era o único voluntário com ensino superior. Esta distinção logrou para ele um espaço na Companhia de Comando do 1º Regimento, o Regimento Sampaio. Nas suas palavras:

A Companhia tinha um pelotão que trabalhava diretamente com o Estado Maior do regimento. Um pelotão de transmissões e um pelotão de reconhecimento, que lidava com carros de combate para reconhecimento do inimigo. Essa companhia exigia soldados com um nível de cultura mais elevado. O capitão perguntou se havia alguém com curso superior e eu me apresentei. A companhia ia embarcar no segundo escalão da FEB. Se não fosse isso eu talvez só seguisse no terceiro escalão. Aí então no princípio de setembro, divididos em dois navios americanos, seguimos para a Itália.¹³⁴

Para integrar o pelotão de transmissões aprendeu o código Morse. Além deste, outro código estava presente em todo o seu processo de integração ao esforço de batalha contra o Eixo: ser comunista. Como já escrito, o embate entre potências assumiu para os comunistas, especialmente com a entrada da URSS no conflito, o caráter de um conflito entre duas concepções e possibilidades de mundo. Para além da citada provocação de Peixoto, que atacava a moral, esta convicção política contribuiu no voluntariado de Gorender. Ele era um comunista na FEB, como tal deveria atuar. Quando questionado, afirma que procurou contato com outros comunistas no *front*:

Fui à redação no centro do Rio, onde conheci o Grabois e eles me deram uma senha para contatar alguns comunistas, que também embarcariam comigo. Eram

¹³² GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 16.

¹³³ Idem.

¹³⁴ GORENDER, Jacob. Op. Cit., s/d. p. 102.

quatro oficiais, entre tenentes e capitães, e alguns sargentos. Nenhum soldado, que eu e lembre, mas pode ser que me engane. Eu estabeleci contato com os oficiais. A importância do grupo era pequena, pois eram poucos, não se pode superestimar. Vou mencionar um nome, pois ele já morreu e isso não interferirá em sua carreira militar: Alberto Firmo de Almeida, do setor de transmissões, o que me possibilitou um contato frequente sem levantar suspeitas. Outro comunista que gostaria de citar é o Hilton Vasconcelos, combatente na artilharia. O encontro era difícil, pois estávamos em guerra e a frente se estendia por uns vinte quilômetros, mas, como eu trabalhava na transmissão, tinha alguma mobilidade. Ficávamos na estrada 64, sofrendo os bombardeios dos alemães que dominavam o monte Castelo. Durante o inverno, a FEB realizou três tentativas de toma-lo, que fracassaram porque nevava muito e não havia condições de progredir. Uns vinte soldados, que se aproximaram do comando alemão, morreram ali, e seus cadáveres só foram resgatados quando a neve derreteu. No total, o Brasil perdeu 484 soldados, aos quais se acrescentam cerca de três mil feridos. Alguns amigos morreram, mas nenhum de antes da guerra. Não me lembro de ter recrutado nenhum soldado para o partido.¹³⁵

Esta citação é oriunda de uma entrevista conduzida por Marcelo Ridenti e Alípio Freire, em 2007. Em outra ocasião, dezessete anos antes, entrevistado pelo mesmo Alípio Freire em companhia de Paulo de Tarso Venceslau, Gorender usou palavras mais imponentes ao fazer referência aos contatos que fez na FEB, utilizando mesmo o termo “*base comunista*” para se referir à mesma operação empreendida e ali citada. Mencionou também duas iniciativas oriundas de tal “base”: um manifesto pelo restabelecimento do regime democrático no Brasil, o qual angariou assinatura de cerca de duzentos oficiais, e a formação de uma Associação de Ex Combatentes¹³⁶.

De todo modo, para os seus companheiros da FEB em geral, escondia a sua condição de comunista. Não hesitava, porém, em fazer a defesa da União Soviética e da ideologia que a sustentava quando este assunto vinha à tona nas conversas com os soldados¹³⁷.

Com desembarque em Nápoles, acampamento em Livorno e com a histórica batalha de Monte Castelo como vivência, muitas são as experiências e fortes são os efeitos que a atuação como pracinha acarretou para Jacob Gorender. Pode ser citado o respeito com que passa a ser tratado, afinal, tornou-se comum reverenciar os heróis da democracia que arriscaram-se em além-mar pela derrota do fascismo internacional. Em termos individuais, Gorender relatou ter visto Palmiro Togliatti, histórico líder do Partido Comunista Italiano:

Isso já depois da guerra, depois que a guerra terminou. A nossa unidade da FEB... Terminou a guerra na cidade de Piacenza que fica a cinquenta quilômetros de Milão. E, ali, eu pude assistir a um pequeno discurso de Palmiro Togliatti, que já

¹³⁵ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 17.

¹³⁶ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1990. p. 24.

¹³⁷ GORENDER, Jacob. Op. Cit., s/d. p. 102.

era reconhecidamente o líder comunista da Itália. O Partido Comunista circulava abertamente, não havia mais a repressão, Mussolini já estava morto e tal. Então eu conheci, pude ver o Palmiro Togliatti, na sede do Partido Comunista de Piacenza, fazendo um pequeno discurso. Ele estava a caminho de Milão, então ele se deteve ali por um pequeno momento para dizer algumas palavras aos comunistas de Piacenza.¹³⁸

Possivelmente, neste discurso do líder do PCI, Gorender deva ter travado contato não só com as avaliações da nova realidade que se descortinava com o fim da Guerra, mas, principalmente, com as ideias de Antonio Gramsci, ou, ao menos, as versões então autorizadas destas. A imagem deste militante histórico será objeto de atenção em momento oportuno deste subcapítulo.

Se Boris Tabacof, ao relatar as notícias do início dos confrontos na Europa e dos torpedeamentos em mares nacionais, carregou a tinta nos “*anos tenebrosos*” que tudo indicava se seguiriam, escreve que, após o ingresso brasileiro em apoio aos Aliados: “*Os ventos começaram a soprar a favor da democracia. Os movimentos estudantis, que tinham sido proibidos nos anos da ditadura, começaram a se rearticular*”¹³⁹. Rearticulação de estudantes essa que surtiu efeitos também no PCB. O próprio Tabacof, simpático ao referido Partido, se organizava com outros rapazes de sua idade para discutir e publicar política e jornalismo em forma de revista – iniciativa que guarda alguma afinidade com a *Seiva*, salvas as devidas diferenças quanto às suas dimensões e sucesso editorial. De tal movimento, guarda a lembrança: “*A União Soviética surgia como salvadora da humanidade e a libertadora dos judeus. [...] O Brasil que participara diretamente da guerra, é varrido por uma onda de anseio pela democracia, que levou à anistia dos presos políticos e à legalização do Partido Comunista.*”¹⁴⁰ A perspectiva otimista também se apresentava aos já atuantes no PCB e também para Jacob Gorender, que por decisão política sua estava afastado espacialmente do Partido, mas cumprindo honrosa missão enquanto um militante.

Ainda em solo italiano teve oportunidade de veicular, de forma não explícita, algumas das ideias e posições gestadas por sua organização. É que os membros da Força Expedicionária decidiram por criar um periódico para circulação entre si durante o período que ficariam em batalha. E na primeira semana de janeiro de 1945 vinha a lume *O*

¹³⁸ Entrevista realizada no Programa Televisivo “Roda Viva” (16/01/2006). Acesso em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/526/entrevistados/jacob_gorender_2006.htm, às 02:29 de 29/10/2014.

¹³⁹ TABACOF, Boris. Op. cit., p. 45.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 46.

*Cruzeiro do Sul*¹⁴¹, publicação do Serviço Especial da FEB, impressa em Florença com tiragem de cerca de 5000 exemplares. Em seu conteúdo eram veiculadas especialmente notícias do Brasil, dos fatos políticos aos esportivos, fotos da terra natal, correspondências entre os expedicionários e os seus entes queridos e, principalmente, informações sobre os andamentos no quattros *fronts* de batalha do conflito de dimensões globais. Um indício da imagem positiva com que a União Soviética era então apreciada naquela conjuntura pode ser encontrado no segundo número do citado jornal, onde foi impresso o poema “*Espere por mim*”, de Simonov, apresentado enquanto um “*conhecido poeta soviético*”, condição esta que é difundida positivamente no texto introdutório anterior ao poema em si¹⁴².

O soldado Jacob Gorender comparece nas páginas de *O Cruzeiro do Sul* em seu sétimo número, três semanas após a sua estreia. Era autor do texto “*Defendendo uma causa justa*”, o qual foi publicado na quarta página do veículo. Em seu texto procurou defender que o povo brasileiro, apresentado como “*pacífico*” em sua essência, participava da “[...] *coalização das Nações Unidas*”, em combate contra as “*hordas hitleristas*”, pois esta era uma guerra justa “[...] *simultaneamente contra a brutal agressão do imperialismo germano fascista e de libertação nacional dos povos oprimidos.*”¹⁴³

Menos de dois meses depois, novas letras assinadas por Jacob Gorender foram impressas nas páginas de *O Cruzeiro do Sul*. Não sem antes ser saudado, nas correspondências publicadas no número 21 do referido veículo, com um “*trabalho que está bom*”, de quem se esperava que “[...] *continue a nos mandar alguma coisa.*” O soldado era autor de “*Os construtores de linhas*”, texto em que legava homenagem aos esforços dos envolvidos com as linhas de comunicação, ofício este que ele também integrava, como já mencionado. A forma empregada pelo jovem autor em sua escrita chama a atenção, pois ali assumia uma redação romanesca, onde não se furtou a empregar figuras de linguagem em sua representação das agruras e importância no que se refere àqueles homenageados por ele – as linhas são apresentadas como “*impulsos nervosos do corpo militar*”. Cita-se:

¹⁴¹ O periódico *O Cruzeiro do Sul* foi investigado através de uma edição fac-similar do mesmo, a qual foi publicada em 2011, provavelmente tendo em vista a efeméride dos setenta anos do ingresso brasileiro na II Guerra. Cf: MASCARENHAS DE MORAES, Roberto. (org.). *O Cruzeiro do Sul* (edição fac-similar). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011.

¹⁴² SIMONOV, Konstantin. *Espere por mim*. IN: MASCARENHAS DE MORAES, Roberto. (org.). *O Cruzeiro do Sul* (edição fac-similar). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011. N.2, 3ª página, 07/01/1945.

¹⁴³ GORENDER, Jacob. *Defendendo uma causa justa*. IN: MASCARENHAS DE MORAES, Roberto. (org.). *O Cruzeiro do Sul* (edição fac-similar). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011. N. 7, 4ª página, 28/01/1945.

Os construtores de linhas são irmãos leais dos fuzileiros, dos remuniadores, dos observadores avançados, de todos aqueles que, fora de sua terra, enfrentam toda a espécie de sacrifícios e põem em risco a própria vida para levar o imperialismo prussiano-fascista à derrota completa. Do sargento Louzada, incrivelmente capaz de trabalhar, ao motorista Ivan toda a secção de telefonistas, um conjunto harmônico e cheio de dinamismo construtores, de capacidade combativa. São rapazes que vieram do norte e do sul, da Baía e de Pernambuco, do Rio e do Paraná, constituindo aqui, no front italiano, um símbolo vivo de união nacional. Trouxeram os seus pensamentos, as suas convicções, e, na Europa convulsionada pela guerra, renovarão a sua experiência de cidadãos amantes da democracia. Esses hoje lutam para amanhã viverem num mundo livre da opressão fascista, num mundo em que a liberdade de pensamento não será um crime e em que o direito dos povos seja uma garantia.¹⁴⁴

Não escreveu apenas para *O Cruzeiro do Sul*, expressando o clima político esperançoso, com um horizonte de expectativas alto entre os progressistas, em “Uma nova era de paz”¹⁴⁵, artigo seu que circulou entre os colegas da FEB e foi publicado, por fim, em *O momento*, periódico baiano semanal de responsabilidade do comunista João Falcão, que também animou a iniciativa de publicação da *Revista Seiva*. O texto é datado de meados de 1945 e nele encontram-se presentes alguns importantes elementos da linha política de colaboração entre as classes progressistas proposta então pelo PCB. Possui uma tônica de oposição ao que chama de “argumentos derrotistas”, baseada no que considera “um golpe decisivo” sofrido pelo imperialismo com a derrota recente da Alemanha. Há uma garantia de paz duradoura posta nas relações internacionais a partir de então, com vistas ao desenvolvimento, de cores democráticas e progressistas, das nações latino-americanas.

Quais as conclusões políticas aventadas com o quadro que então se apresentava? As proposições de ação encontram-se sintetizadas na citação a seguir:

Todas essas conclusões não serão, todavia, completas, se à sua base não colocarmos o processo de unidade nacional das forças democráticas e progressistas, o qual, desde os primeiros momentos da guerra de libertação, vem modificando a estrutura social das nações. A coexistência pacífica dos povos, durante a próxima era de paz, terá a sua base mais importante na coexistência pacífica das classes progressistas, dentro de cada povo, condicionando a próxima fase de desenvolvimento da democracia amplamente popular. O caminho nesse sentido é somente o da unidade nacional. Através da fórmula de união nacional das forças democráticas e progressistas, poderemos compreender de que maneira se criou uma situação inteiramente nova no campo das relações de classe. [...] A base da nova era de paz, estimulada e fecundada pelo sangue dos combatentes de tantas nações, estará, por conseguinte, como sua condição fundamental e garantia

¹⁴⁴ GORENDER, Jacob. Os construtores de linhas. IN: MASCARENHAS DE MORAES, Roberto. (org.). *O Cruzeiro do Sul* (edição fac-similar). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011. N. 22, 3ª página, 18/03/1945.

¹⁴⁵ GORENDER, Jacob. Uma nova era de paz. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 09/07/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. pp. 2 e 7.

máxima, a união nacional dos povos, vanguardada pelas forças democráticas e progressistas.¹⁴⁶

Os sentimentos de oposição ao “derrotismo” e otimismo com a vitória aliada, expressos neste texto escrito por Gorender ainda sob o efeito das batalhas na Europa, também eram presentes naqueles comunistas que ficaram no Brasil. João Falcão, que relatou existir em 1945 uma ascensão do “movimento patriótico e antifascista”, atribui a este fato conjuntural a união, coesão e crescimento do Partido Comunista. O lugar de onde lembra, sabe-se, é a Bahia, estado onde o PCB praticamente se rearticulou para novamente entrar na grande cena nacional. Símbolo desta proeminência regional é a citada *Revista Seiva*. O Comitê Regional estava atento a este revés positivo e aos fatores que concorreram para tanto, e logo decidiu por investir em nova iniciativa, o jornal semanário *O Momento*¹⁴⁷.

Se os comunistas, em geral, eram tidos como figuras libertadoras no pós-guerra, também algumas glórias particulares obtiveram os indivíduos que atuaram diretamente na Segunda Guerra. Jacob Gorender relembra, em entrevista de 1990, que ele e outros soldados que retornaram ao Brasil foram saudados por ninguém menos que Luiz Carlos Prestes, o *cavaleiro da esperança*:

Quando voltei ao Rio em agosto de 45, encontrei o PC na legalidade, com sedes nos bairros e um Comitê Nacional, com placa, na Rua da Glória. Minha sensação inicial foi de deslumbramento. No Rio de Janeiro, na companhia de uma dezena de ex-combatentes, tive o primeiro contato de um homem legendário: Luís Carlos Prestes. Ele nos concedeu uma audiência. Tinha saído da cadeia há poucos meses. Mostrava as consequências físicas da longa prisão: magérrimo, tez extremamente pálida, olheiras profundas. Não manifestou interesse em saber o que tinha sido a nossa experiência. Procurou aproveitar o tempo para transmitir suas idéias a respeito dos acontecimentos no país. Naquele momento, a orientação do PC era contra as duas candidaturas à Presidência da República, tanto a de Dutra quanto a de Eduardo Gomes, consideradas gêmeas; e pela convocação de uma Assembleia Constituinte antes das eleições presidenciais. Na prática, isso confluiu com os interesses do próprio Getúlio. Já havia, então, o chamado Movimento Queremista, o famoso “Queremos Getúlio”, que iria resultar na fundação do PTB¹⁴⁸.

O encontro, recém-citado, de Prestes com os pracinhas teve grandes dimensões: “Ao lado de Heloísa, Graciliano [Ramos] acompanhou o desfile das células do PCB e dos comitês democráticos na apoteótica recepção aos pracinhas da FEB. Em carro aberto,

¹⁴⁶ Ibidem, p. 7.

¹⁴⁷ FALCÃO, João. Op. Cit., 1988. p. 266.

¹⁴⁸ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1990. pp. 24-25.

junto a dois de seus principais auxiliares – Diógenes de Arruda Câmara e Maurício Grabois -, Prestes foi ovacionado por milhares de pessoas.”¹⁴⁹

Foram alguns meses que Gorender teve de vivência no Rio de Janeiro antes de regressar a Salvador, sua terra natal. Na capital nacional teve a oportunidade de discursar para jovens estudantes, tanto sobre a sua experiência quanto sobre a conjuntura que se abria com a conclusão do conflito em que tomou parte ativa¹⁵⁰.

Algumas mudanças ele encontrou em Salvador, especialmente o Partido Comunista legalizado e atuante (um fato, ademais, que se aplicava a todo o território nacional). Um dos mais eficazes instrumentos desta organização, e que teve importância marcada para este jovem em retorno ao lar, era o jornal *O Momento*. Não constituía uma completa surpresa, pois ele já recebera exemplares do mesmo ainda na Europa, como atesta em correspondência sua com João Falcão, enviada da Itália, em abril de 1945:

Recebi com extrema satisfação os primeiros números de *O Momento*, semanário que continua e honra as brilhantes tradições da imprensa progressista do Brasil. Essas tradições não serão mantidas, nem acrescentadas, sem uma extrema abnegação pela causa popular. Modesto combatente embora, sinto-me porém, no dever de expressar-lhe a minha profunda confiança na sua capacidade e de seus companheiros em transformar um órgão de imprensa em trincheira de luta, em centro de reagrupamento, orientação e combate das grandes massas do povo.¹⁵¹

Veículo ligado (não explicitamente) ao então Partido Comunista do Brasil (PCB), *O Momento* surgiu em 1945 como uma iniciativa do Comitê Regional do PCB na Bahia, em um contexto de ascensão do “movimento patriótico e antifascista”, animado pelo desfecho da Segunda Guerra, com a URSS prestigiada enquanto vencedora nos embates contra o exército de Hitler. Nas palavras de João Falcão, militante que foi diretor e responsável pelo empreendimento:

Uma comissão nomeada pelo CR [Comitê Regional] ficou responsável pela sua organização e dela faziam parte Alberto Passos Guimarães, Aristeu Nogueira, João Batista de Lima e Silva e eu. O jornal deveria circular no mês de abril e seria orientado dentro dos princípios que norteavam a nossa luta de unidade das forças antifascistas e democráticas. Seria um órgão representativo dessas correntes e se proporia a lutar por anistia imediata, eleições livres e democráticas, legalização dos partidos, inclusive do Partido Comunista, e pela convocação de uma Assembleia Constituinte.¹⁵²

¹⁴⁹ MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 205.

¹⁵⁰ Em todos nós há um ódio sem limites aos sicários de camisas verdes. *Folha Capixaba*. Vitória: 22/09/1945. N. 118. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 1.

¹⁵¹ GORENDER, Jacob apud FALCÃO, João. Op. Cit., 1988. pp. 269.

¹⁵² FALCÃO, João. Op. cit., 1988. pp. 266-267.

Não era uma novidade na trajetória do movimento comunista no Brasil – como o próprio Gorender escreveu em sua citada carta, “*continua e honra as brilhantes tradições da imprensa progressista no Brasil*”. A imprensa comunista tem origem lado a lado com o seu Partido – a revista *Movimento Comunista* era um órgão doutrinário cuja criação se deu já no início da década de 1920. O jornal *A Classe Operária*, que possuía tiragem média de 8200 exemplares, datava de 1925¹⁵³. As iniciativas editoriais possuíam importância marcada para a estratégia dos marxistas no Brasil.

Nas páginas de *O Momento*, Jacob Gorender figura como um importante soldado a retornar da Europa. Esta valorização de que é imbuído atende aos propósitos políticos do Partido Comunista, prestigiado com a vitória aliada e, como já apresentado, esperançoso de possibilidades democráticas em solo brasileiro. Se de início aparece como um pracinha da Força Expedicionária Brasileira com o seu relato de combatente nas trincheiras, logo de seu retorno a Salvador passa a contribuir com artigos variados: de análises da política contemporânea a considerações gerais sobre o marxismo.

Cabe antes, porém, deter a análise nos “signos de distinção” que passam a ser atribuídos ao jovem Jacob Gorender. Sua volta ao lar é celebrada, por exemplo, pela União dos Estudantes da Bahia, organização na qual atuou quando estudante e que provavelmente tinha comunistas entre os seus dirigentes de então. A UEB promoveu uma “festa dançante” em homenagem “*ao estudante pracinha, um dos muitos universitários que hoje constituem motivo de orgulho para a juventude brasileira*”. Estas manifestações de júbilo se inseriam na “Primavera da Vitória”, festividade que contou com passeatas, carros alegóricos, blocos, batucadas e o “Sarau da Cobra Fumando”, nome da já referida “festa dançante”¹⁵⁴.

Logo depois da festa seguia celebrado ao ser entrevistado pela equipe do veículo, a qual demonstrava aos seus leitores o compromisso de Gorender com o esforço de guerra desde a sua atuação como estudante comunista na sua cidade:

Foi nos dias mais agitados da grande campanha patriótica contra os agressores nazi-fascistas, nos dias em que o povo brasileiro, unanimemente, saiu às ruas de todo o país para protestar contra a agressão dos bandidos fascistas, exigindo do nosso governo a declaração de guerra contra o Eixo – foi nesses dias que o povo bahiano conheceu o jovem Jacob Gorender. Estudante de Direito e destacado líder estudantil, colocou-se Gorender desde os primeiros instantes à vanguarda

¹⁵³ SECCO, Lincoln. Leituras comunistas no Brasil (1919-1943). IN: DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves. *Edição e revolução*. Leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 32-38.

¹⁵⁴ *O momento*. Salvador, Bahia: 10/09/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 4.

do movimento patriótico e então podemos ver a sua intensa atividade diária. Raro era o comício onde não falava ao povo, mostrando que o seu caminho era pedir e fazer a guerra aos inimigos da liberdade e da independência da pátria, que contavam com a sua ponta de lança instalada em nosso país no serviço de espionagem e na traição integralista. Além disso, na sua e nas demais Escola [sic] e também no jornalismo, mostrava-se um autêntico lutador anti-fascista, não recuando diante das ameaças da polícia política ou dos sabotadores verdes. Secretário de “Seiva”, a grande revista popular e democrática, foi preso em julho de 1943, com outros companheiros, exatamente porque, através de uma reportagem de repercussão nacional, mostrava compreender com exatidão o sentido da luta em que teríamos de nos empenhar para a defesa de nossa soberania. Atendido pelo governo o pedido de guerra, que partiu de todos os patriotas, de todos os democratas, de todo o povo brasileiro, foi Jacob Gorender dos primeiros a apresentar-se como voluntário, logo procurando vestir a farda que mais tarde iria cobrir de glória nos campos da luta pela democracia. No dia 24 de julho de 1944 deixava a Bahia, com destino ao Rio de Janeiro, recebendo ali as instruções militares, integrando o Regimento Sampaio, em cujas fileiras participou da guerra de morte ao prusiano-fascismo. Dois meses depois, 20 de setembro, seguia para a Itália, juntamente com os milhares de jovens brasileiros que tão heroicamente souberam lutar pela independência da pátria.¹⁵⁵

A citação é longa, mas necessária para evidenciar o caráter “monumentalizante” assumido pelo perfil de Gorender que o repórter responsável pela entrevista apresentou. O próprio Gorender, em artigo seu datado de setembro de 1945, já de volta a Salvador e afastado das armas, é apresentado como “*Ex-voluntário da FEB e dirigente estadual do PCB*”. Não é pequeno o seu prestígio frente aos camaradas de outrora: recém de volta do *front*, já é integrado como secretário de *O Momento*, abaixo na hierarquia da publicação apenas de João Falcão. Era o primeiro cargo de destaque que Jacob Gorender ocupa nas instâncias comunistas, ascensão que não parou por aí, pois no próprio *O Momento*, após algumas contribuições escritas, se tornou o seu redator-chefe.

Com uma marca social positiva por sua participação no esforço militar e patriota na Europa, Jacob Gorender escreveu também sobre o que lá presenciou, publicando textos sobre a situação da recém-liberta Itália, onde, como já escrito, pôde assistir a falas de Togliatti. Graças à esta experiência pôde discutir o ainda não tão conhecido Antonio Gramsci.

Lincoln Secco, em seu estudo “*Gramsci e o Brasil. Recepção e difusão de suas ideias*”, afirma que Gorender foi pioneiro no PCB ao apresentar “[...] *conteúdos, ainda que dispersos, da política de Gramsci como dirigente do PCP*”¹⁵⁶. É nas páginas de *O momento* que este conteúdo vem a lume, antes de ganharem maior visibilidade no jornal *Tribuna*

¹⁵⁵ Os pracinhas continuarão lutando contra o nazi-fascismo. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 01/10/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. pp. 1-6.

¹⁵⁶ SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil. Recepção e difusão de suas idéias*. São Paulo: Cortez editora, 2002. p. 17.

Popular. Foi uma trilogia de nome “A nova democracia italiana”¹⁵⁷, a qual cobria das relações materiais às insurreições no Norte, sem esquecer-se de examinar o Partido Comunista local, então comandado por Palmiro Togliatti e marcado pela memória de Antonio Gramsci. De acordo com Secco, ali se encontravam elementos característicos da chamada “apropriação ‘comunista’” do dirigente italiano: “*contrário ao trotskismo, homem de partido, propugnador de alianças com forças sociais e políticas não-proletárias, inspirador máximo de Palmiro Togliatti, inimigo do sectarismo de Bordiga*”¹⁵⁸. Esta imagem de Gramsci, na conclusão do autor, se perpetuará nas instâncias do PCB por um bom período, modificada apenas a partir do início da década de 60, quando este partido ensaia uma tímida abertura intelectual ao mesmo tempo em que perde o monopólio do pensamento marxista no Brasil.

A conexão que este escrito de Gorender possui com os desenvolvimentos do movimento comunista internacional, expressos no Brasil pela política do PCB, chama a atenção. Se atentarmos a outros militantes escrevendo no mesmo veículo, é possível perceber mais outras características daquele período, como o apelo à unidade. Pedro Pomar, por exemplo, que era então membro da Comissão Executiva do partido, escreveu “*O Partido Comunista e a união nacional*”¹⁵⁹.

Jacob Gorender, no início do ano de 1946, está entre os artífices da transformação do então semanário em um jornal diário. É ele quem torna a decisão pública, em artigo onde demarca qual a posição política de *O Momento* perante seus leitores e a sociedade em que se encontram:

Não nos alimentamos do dinheiro de camarilhas reacionárias ou do capital financeiro colonizador, aliás sempre tão interessado em ter à sua mão a imprensa nacional. O momento é um órgão independente que não vendem as suas colunas, um órgão ao serviço da classe operária e de todas as camadas progressistas, inclusive da burguesia interessada na defesa da democracia e da emancipação política do país. As causas que defendemos, os problemas que levantamos desagradam profundamente aos remanescentes do fascismo, aos agentes dos grandes monopólios imperialistas, aos especuladores que enriqueceram com a

¹⁵⁷ GORENDER, Jacob. A Nova Democracia Italiana I – A situação material e as relações sociais. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 22/10/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2; GORENDER, Jacob. A Nova Democracia Italiana II – (O Partido Comunista de Gramsci e Togliatti). IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 29/10/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2; GORENDER, Jacob. A Nova Democracia Italiana III – A insurreição popular no Norte e suas consequências. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 05/11/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2.

¹⁵⁸ SECCO, Lincoln. Op. Cit., 2002. p. 17.

¹⁵⁹ POMAR, Pedro. O Partido Comunista e a união nacional. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 31/12/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2.

miséria do nosso povo, a todos, enfim, que representam o atraso, o desejo de conservar um sistema de exploração, que os novos tempos, as novas forças econômicas e políticas estão arrebatando, impetuosamente. Em compensação, porém, as causas que defendemos, os problemas que levantamos ferem de cheio a raiz dos grandes sofrimentos das massas trabalhadoras, desmascaram a demagogia dos inimigos do povo, recebem a calorosa solidariedade da classe média e provocam, ao mesmo tempo, um vivo interesse na burguesia esclarecida e progressista.¹⁶⁰

Tal trecho não deixa de reverberar novamente a ideia de unidade, termo padrão entre os comunistas, sendo a tônica de seu discurso e prática. Ao escrever sobre a vitória chinesa em sua guerra de libertação (*“A China quebra os elos do imperialismo”*), Gorender dá acento à direção marxista-leninista do Partido Comunista Chinês, a qual soube fugir de “cambalachos oportunistas” e lidar com as massas, operárias e camponesas¹⁶¹.

A situação dos “países coloniais” é uma preocupação presente para os marxistas brasileiros, como fica claro com o texto há pouco citado. Em novo artigo (*“A defesa da paz exige uma luta sem recuos”*), o autor retoma o tema, esboçado em sua primeira contribuição a *O Momento*, da conjuntura internacional favorável ao estabelecimento da paz com o fim da Guerra. Se o imperialismo, em sua leitura, procura avançar ferozmente, o socialismo em construção “na sexta parte do globo” é um fator novo, uma “*antítese plenamente desenvolvida*”. Fator novo este que ganha força, no estabelecimento da era de desenvolvimento pacífico, com “[...] *o proletariado, cada vez melhor organizado e mais unido, fazendo uma política de classe nas próprias nações imperialistas, e o movimento de libertação nacional dos povos coloniais e dependentes, atingindo o máximo de sua força*”¹⁶².

Contra as forças imperialistas, cabia fortalecer a indústria em uma luta nacional, sentido de reivindicações animadas nas páginas do periódico baiano. “Esta luta é de todo o povo!”, exclama Gorender, autor de mais um texto pautado na lógica de união nacional, tão característica do Partido Comunista no período de brevíssima legalidade que viveu antes de sua cassação. Se *O momento* é um jornal pautado na linha do PCB, a campanha pela sua manutenção busca envolver camadas amplas da população. Nas palavras do então “*secretário da comissão nacional pró-imprensa popular*”:

¹⁶⁰ GORENDER, Jacob. Um jornal em contacto com as massas. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 11/02/1946. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2.

¹⁶¹ GORENDER, Jacob. A China quebra os elos do imperialismo. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 11/03/1946. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2.

¹⁶² GORENDER, Jacob. A defesa da paz exige uma luta sem recuos. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 12/06/1946. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 3.

A fase final da campanha depende, entretanto, da nossa coragem de nos dirigirmos à grande massa, às milhares de pessoas que não conhecemos pessoalmente. Devemos sentir que é uma honra pedir dinheiro para “O Momento” e perder toda a timidez diante das pessoas desconhecidas. Isso porque sabemos que “O Momento” pertence a todo o povo, aos trabalhadores sem partido, às donas de casa, aos funcionários públicos, aos pequenos comerciantes e à burguesia progressista. Temos exemplos de centenas de pessoas de várias classes sociais, que longe estão de ser comunistas e que, entretanto, contribuíram com a maior satisfação, assinando cheques ou comprando bônus, a partir de um cruzeiro, porque sabiam que estavam ajudando o jornal que combate a carestia da vida. Não são os comunistas somente, que sofrem com a carestia da vida. Ela atinge também, seriamente, dezenas de milhares de não comunistas, que possuem, por isso, o interesse de ver assegurada a existência de “O Momento”.¹⁶³

Em junho de 1946, quando do Pleno Ampliado realizado pelo Comitê Estadual da Bahia, atividade de balanço da atuação local e preparatória para a vindoura III Conferência Nacional do PCB, Gorender foi eleito suplente da direção estadual do órgão partidário. Chama a atenção o fato desta nova direção ser composta por numerosos jovens militantes baianos – João Falcão, Aristeu Nogueira e Mário Alves também haviam sido eleitos, este ocupou o cargo de “secretário de divulgação”. De acordo com Sena Júnior, a nova direção baiana empreendeu tal recomposição com o objetivo de defender o Partido de ataques anticomunistas, bem como lutar pela democracia e União Nacional, concepções que estavam no primeiro plano das formulações do PCB naquela conjuntura¹⁶⁴.

União Nacional contra o imperialismo e remanescentes do nazi fascismo derrotado na Europa, eis a tônica dos escritos políticos de Jacob Gorender em *O momento*. Refletiam as posições de seu Partido e os rumos assumidos pelo movimento comunista internacional em tal tempo. Eram textos que conviviam lado a lado com caricaturas de integralistas, propagandas de outros periódicos comunistas contemporâneos (como *Tribuna Popular* e *A classe operária*), e notícias referentes aos times de futebol locais e chamados para as festividades populares. O veículo (e os sucessos locais que alcança) era fruto da reorganização do PCB, um período em que há um impulso para novas publicações e diferentes oportunidades de formação política, consoantes às novas possibilidades abertas à sua atuação, em especial a bem-vinda legalidade¹⁶⁵.

Jovem militante, Jacob Gorender retornou aos bancos da Faculdade de Direito que interrompeu para servir ao exército – como é atestado em uma carta de seu punho enviada

¹⁶³ GORENDER, Jacob. Levar a campanha a todas as casas. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 28/09/1946. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 3.

¹⁶⁴ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Op. cit., pp. 333-334.

¹⁶⁵ SECCO, Lincoln. Op. Cit., 2013. p. 64.

ao diretor da referida instituição¹⁶⁶. Sua participação em *O momento* lhe conferiu destaque pessoal, é a hipótese aqui presente. O suficiente para explicar, é possível supor, o convite que este recebe para integrar a redação de importantes publicações comunistas no Rio de Janeiro e o secretariado metropolitano do PCB, onde se gestava uma iniciativa editorial concernente aos novos tempos que pareciam se avizinhar – o Partido, enfim gozava de legalidade, compondo considerável bancada eleitoral. Este convite criava um problema para Gorender: aprofundar a sua militância, dedicando-se integralmente a esta, ou concluir os seus estudos (os quais, de acordo com a documentação citada, pretendia levar a cabo), diplomar-se advogado e quem sabe ascender econômica e socialmente. Jacob estava aderindo à vida de revolucionário profissional, atuando no centro político, tanto de seu Partido quanto de seu país. Esta nova fase de sua trajetória será objeto do próximo capítulo desta dissertação.

¹⁶⁶ Neste manuscrito, datado de março de 1946, Gorender pede matrícula na disciplina de “Direito Civil, 3º ano”, da qual era dependente, tendo em vista concluir o 4º ano de Direito, ao qual foi promovido, por lei, dada a sua participação na Guerra. A promoção a um nível superior na Faculdade pode ter sido um complicador nos seus estudos. A dedicação à militância, *idem*. Na mesma Documentação Acadêmica é encontrada outra petição ao Diretor, em que o objeto é o “Exame de Segunda Época” na mesma disciplina de “Direito Civil, 3º ano”. Reprovado no exame de “Direito Civil, 2º ano”, estava em litígio a sua situação como aluno, pois, como o próprio Gorender argumenta em seu pedido, era seu direito as “[...] vantagens asseguradas por lei aos estudantes que integraram a Força Expedicionária Brasileira.” Cf: PETIÇÃO DE MATRÍCULA AO DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO. Manuscrito. Bahia: 14/03/1946. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

Capítulo II – Revolucionário profissional: jornalista, aluno e professor no centro do Partido Comunista do Brasil

Na conjuntura que se abriu no ano de 1945 tudo parecia indicar para os comunistas brasileiros que mudanças positivas se encontravam no horizonte. Não só as tropas do Eixo foram derrotadas em todos os *fronts*, como o golpe final em Berlim ocorreu através de sua ocupação pelas tropas do Exército Vermelho. No Brasil, a democracia parecia dar alguns passos à sua concretização, especialmente com o Partido Comunista, após longos anos, enfim podendo agir sob a legalidade, uma condição que era praticamente desconhecida pelos militantes brasileiros, acostumados com a repressão policial e a clandestinidade daí decorrente¹⁶⁷. Símbolo deste quadro positivo é a anistia concedida aos presos políticos do Estado Novo.

Entre os anistiados destacava-se Luiz Carlos Prestes, líder militar gaúcho que era célebre pela mobilização de enorme contingente de militares revoltosos em 1924 através de grande porção do território brasileiro no movimento que ficou conhecido como *Coluna Prestes*. Anos depois radicalizou seu ideário, aderindo ao comunismo e ajudando a concretizar a insurreição de 1935, derrotada rapidamente¹⁶⁸. Seu prestígio entre os colegas de partido era grande, sendo eleito secretário-geral *in absentia* na Conferência da Mantiqueira, em 1943¹⁶⁹. Preso incomunicável por quase uma década, recebeu a anistia e foi largamente esperado: às 10 horas da manhã do dia 18 de abril, na Casa de Correção, recebeu do ministro Orlando Leite Ribeiro a notícia de que o presidente Getúlio Vargas o anistiara. Comemorou rapidamente com Agildo Barata, Antonio Tourinho e Pedro Mota

¹⁶⁷ “De 1945 até maio de 1947, o Partido Comunista teve, no Brasil, como todos sabem, condições de atuar na legalidade. Antes disso, ele já tinha podido atuar legalmente nos três meses e meio que se seguiram à sua fundação e durante todo o primeiro semestre de 1927. Mas o período do imediato pós-guerra foi aquele que permitiu, pela primeira vez, à agremiação vir completamente à superfície, mostrar-se por inteiro aos olhos da opinião pública ao longo de dois anos; e isso no único momento de sua história em que o PC foi, entre nós, um partido de massas.” Cf. KONDER, Leandro. O PCB no imediato pós-guerra (1945-1946). IN: *Temas de Ciências Humanas*. Nº 8. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980. p. 103.

¹⁶⁸ AARÃO REIS, Daniel. *Op. Cit.*, 2014.

¹⁶⁹ “[...] resultado básico e que vai ajudar a marcar a hegemonia da futura CNOP, é a nomeação, durante a Conferência da Mantiqueira, de um novo Comitê Central provisório: desde as prisões de 1939 e 1940, que o partido se encontra descentralizado, sem uma direção que possa dizer-se representativa. A partir de agosto de 1943, o novo C.C. vai-se tornar uma realidade, mesmo que não seja aceita por alguns grupos regionais: é em agosto de 1945, na reunião do legal do Comitê Nacional do P.C.B., denominado “Pleno da Vitória”, que os recalcitrantes irão aceitar a situação hegemônica do CNOP. O novo C.C. reconhece a liderança de Luís Carlos Prestes, que se encontra preso, e o nomeia Secretário-geral *in absentia*, sendo seu cargo ocupado por um operário, José Medina, que novamente é preenchido por Álvaro Ventura; e como membros são eleitos Mário Alves, Arruda Câmara, Maurício Graboys, Amarílio Vasconcelos, João Amazonas, Pedro Pomar, Ivan Ramos, Álvaro Ventura e mais dois outros.” Cf. CARONE, Edgard. *Op. cit.*, 1982, pp. 3-4.

Lima, os camaradas que então estavam presentes. Para além destes, ansiosos estavam os jornalistas por encontrarem o agora dirigente recém-apto a dar declarações¹⁷⁰.

Os comunistas estavam em êxtase. Ainda que esperançosos com as novas possibilidades democráticas, eles atentavam aos possíveis riscos que Prestes corria agora “ao ar livre”. Retirado incógnito da cadeia no início da noite do mesmo dia 18 de abril, passou algum tempo de repouso na casa de Trifino Correia¹⁷¹. O novo endereço que ocupou com maior duração foi a casa do militante pernambucano Leôncio Basbaum, o qual estava instalado com a sua família já havia alguns anos no Rio de Janeiro. A decisão pela sua residência foi das lideranças partidárias, as quais mobilizaram um considerável aparato de segurança para o transporte e instalação do secretário-geral. Relatou Basbaum sobre o seu hóspede:

[...] esse simples fato de receber Prestes em minha casa, se tornara em uma tarefa complexa: a de garantir um mínimo, ou melhor o máximo de segurança: corriam boatos de que um grupo de militares anticomunistas pretendia assassiná-lo quando saísse da prisão. [...] No dia aprazado, ainda em abril, não recorro o dia exato, não fui trabalhar: fiquei esperando “o homem que vinha para jantar”. Pela manhã apresentaram-se quatro homens, dos quais eu conhecia um, tenente do exército, afastado desde 1935, a paisana. Estavam todos armados. Vinham examinar o local, o quarto em que Prestes dormiria, a casa em que os guardas se alojariam. Na esquina, ficaram mais duas pessoas, que eu igualmente não conhecia e, do mesmo modo, armados. O esquema de segurança armado, pelo visto, era dos mais rigorosos. Deve acrescentar-se ainda que, da Rua Frei Caneca, onde ficava a Detenção, até em casa, na Lagoa, a turma que estava comboiando Prestes, mudara de carro duas vezes. Havia além disso um carro à frente e outro fechando a retaguarda.¹⁷²

Jacob Gorender vivenciou esta importante conjuntura. No capítulo anterior foi apresentada a forma com que ele expressou a percepção presente entre os seus camaradas da realidade com que eles se deparavam e de como deveriam agir taticamente perante esta. Em geral a avaliação era otimista, pautada na inauguração de “novos tempos de paz”, no Brasil e no mundo, com a participação comunista¹⁷³. O jovem militante, que tomou parte

¹⁷⁰ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Op. cit., pp. 20-21.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² BASBAUM, Leôncio. Op. cit., pp. 184-185.

¹⁷³ Sobre as perspectivas positivas abertas para os PCs nacionalmente e na Europa a partir de 1945, cabe citar Fernando Teixeira da Silva e Marco Aurélio Santana: “O marco de abertura do período foi o processo de redemocratização da sociedade brasileira no contexto do final da Segunda Guerra. Esse foi um momento fecundo não só para o PCB, mas também para os partidos comunistas na maioria dos países europeus, como a Itália, França e Iugoslávia, onde formaram a força majoritária da esquerda, liderando movimentos de massas. Os mais diversos PCs se notabilizaram pela destreza organizativa, definição ideológica e apoio popular. Abria-se um horizonte que, na visão da esquerda, propiciaria coalizões de forças heterogêneas, mas todas comprometidas com reformas sociais e democracia.” Cf. SILVA, Fernando Teixeira; SANTANA, Marco Aurélio. O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária”

nas batalhas travadas em solo europeu, retornou ao Brasil e pouco descansou. Para além dos estudos a retomar na Faculdade de Direito, cabia participar das tarefas que eram postas ao seu Partido. Foi então que, após secretariar e assumir o cargo de redator-chefe de *O momento*, em Salvador, onde também foi eleito para o cargo suplente da Direção Estadual do Partido Comunista do Brasil, Gorender recebeu o convite, no final do ano de 1946, para integrar a redação de *A Classe Operária*¹⁷⁴, órgão central do PCB.

Neste capítulo o objetivo é acompanhar os primeiros anos de participação política e intelectual do militante Jacob Gorender em órgãos de imprensa e organização *oficiais* do Partido Comunista do Brasil, participação esta que é oriunda do convite acima citado. A exposição inicia com o momento de sua mudança para o Rio de Janeiro. A partir de sua chegada, é possível acompanhar a importância conferida pelo PCB aos seus aparatos de agitação e propaganda, em um esforço no qual tomaram parte tanto jovens militantes quanto quadros já mais experimentados na luta social. O desenvolvimento tortuoso da imprensa e das iniciativas editoriais comunistas se opera a partir do próprio itinerário do Partido naquela conjuntura. Dentro da orientação de militância revolucionária é que Gorender é deslocado para atuar “na base”, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o que também é objeto de atenção, revelando momentos importantes da trajetória da militância comunista brasileira naquela conjuntura, especialmente o episódio da Greve dos Trezentos Mil. O esforço de formação político-pedagógica dos comunistas possui destaque nos

(PCB) na democratização (1945-1964). IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical: 1945-1964*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 104.

¹⁷⁴ Ao discutir a inserção social dos militantes que atuavam na redação de *O Momento*, Mário Magalhães relembra acerca da ascensão de quadros baianos nas instâncias do PCB: “O redator-chefe no lançamento do jornal foi Mário Alves, em breve sucedido por Jacob Gorender. Quadros baianos galgariam postos na hierarquia central do PCB, como os dois jovens jornalistas. O partido também se fortalecera com camaradas de fora. Tantos se refugiaram na Bahia após o movimento de 1935 que um dos fugitivos, Carlos Lacerda, chamaria o estado de ‘valhacouto de comunistas’.” Cf. MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 161. O trecho citado é bastante esclarecedor acerca do processo enfocado neste momento da exposição. Permite circunstanciar Jacob Gorender em um amplo movimento que se operava durante a reestruturação do Partido Comunista, no qual jovens militantes, já testados em atividades práticas, são convocados a tomar parte em tal esforço. Também se percebe, a partir do texto de Magalhães, que não foi mero acaso que influiu na inclusão de Gorender, Mário Alves, entre outros, nas instâncias centrais do PCB, mas que a própria inserção destes em um cenário específico, a Bahia (espaço onde, como foi analisado no primeiro capítulo deste estudo, o PCB passou a reorganizar-se após a perseguição do Estado Novo), influiu para que tivessem oportunidade de participarem na imprensa comunista e órgãos correlatos. Indício da importância que este grupo de militantes assumiu no PCB encontra-se nas palavras duríssimas que o ressentido Leôncio Basbaum dedicou aos baianos que cresciam no Partido na década de 1940 para adquirirem maior destaque dez anos depois: “Na ocasião eu não podia prever o futuro, mas sabia apenas que *eles*, os “salvadores do Partido”, o bando de pulgas que o havia invadido, vindo da Bahia, Arruda, Graboís, Marighela [sic], Amazonas, Mário Alves, Giocondo, Corender [sic] e tantos outros, somente o haviam levado à falência, acoitados à sombra protetora de Prestes. Havia transformado o PC em um meio de vida.” Cf. BASBAUM, Leôncio. Op. cit., p. 208.

últimos itens deste capítulo. Os *Cursos Stálin*, um dos níveis de graduação nas Escolas de Partido (espaço de estudos dos militantes brasileiros), foi ocupado por Jacob Gorender enquanto professor. Também foi aluno, mas não no Brasil, e sim na Escola Superior do Partido Comunista da União Soviética. As experiências vivenciadas em ambos os processos educacionais são enfocadas. Por fim, tem também tratamento, no âmbito dos ocorridos em solo soviético, as mudanças de ordem pessoal na vida de Gorender, que se une afetivamente com Idealina Fernandes, companheira colega de aulas e de Partido, bem como a repercussão inicial do XX Congresso do PCUS.

2.1 Experiências na Capital brasileira: jornalista na *Interpress*

O Partido Comunista, agora atuando legalmente, tomava parte nas tratativas referentes aos novos rumos políticos do Brasil. A sua visibilidade social era notável, crescendo amplamente o número de filiações na agremiação, bem como a sua própria presença na vida social brasileira:

O prestígio dos comunistas se explicava pelo fato de que o segundo pós-guerra trouxe consigo os ventos democráticos da vitória antifascista e, principalmente, a repercussão positiva dos heroicos feitos dos Exércitos Soviéticos diante do aparentemente irresistível avanço nazista. [...] O prestígio comunista podia ser medido pelo número de militantes, que subiu de pouco mais de 2 mil para 50 mil filiados em 1947. O apoio também se registrou nas eleições parlamentares de dezembro de 1945 e na atração que o PCB exerceu sobre a intelectualidade: Carlos Drummond de Andrade não só publicava a *Rosa do povo*, em que sua arte se exibia ao lado do russo em Berlim ou dava dignidade estética à batalha de Stalingrado, como também participava das publicações pró-comunistas, como a *Tribuna Popular do Rio de Janeiro*¹⁷⁵.

Novas sedes para o aparelho burocrático eram uma necessidade, trabalho viabilizado pela Comissão de Finanças. As contribuições de militantes se faziam presentes na manutenção deste aparato, sendo que até mesmo burgueses doavam então ao PCB:

O PCB espalhou publicações diárias pelas capitais. Para abastecê-las, criou uma agência de notícias, a *Interpress*. Só no Rio, 140 jornalistas trabalhavam na imprensa comunista. A *Editorial Vitória* e as *Edições Horizonte* imprimiam clássicos do marxismo e textos e discursos de dirigentes, muitos de Marighella. Para manter a máquina com centenas de funcionários, o partido apelava – com sucesso – aos militantes pela doação mensal de um dia de salário. Leôncio Basbaum, readmitido no PCB e agora na Comissão de Finanças, confirmaria que banqueiros e industriais regaram o caixa partidário. [...] Nas praças esportivas abarrotadas com os comícios, eram raros os que não doavam ao partido.¹⁷⁶

¹⁷⁵ SECCO, Lincoln. Op. Cit., 2008. p. 64.

¹⁷⁶ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., p. 159.

De acordo com as informações fornecidas, percebe-se que a verba necessária aos empreendimentos do Partido Comunista, em fase de visibilidade pública, era, em parte, empregada em um investimento de caráter não apenas financeiro, mas também político: a imprensa partidária. De acordo com Leôncio Basbaum, militante que em fase avançada de sua vida decidiu escrever as suas memórias acerca de sua prática dentro do PCB, uma vultuosa campanha foi empreendida tendo em vista tanto a compra de maquinário para a imprensa quanto o financiamento das próprias ações de propaganda:

A Comissão de Finanças realizou então uma espetacular campanha que durou pouco mais de um mês, durante novembro, campanha que se estendeu a quase todos os Estados e que mobilizou dezenas de milhares de pessoas. Vendíamos quadros, brindes diversos (contribuições de militantes e simpatizantes), faziam-se rifas, coletas nos comícios [...]. Para alcançar cotas prefixadas, muitas pessoas venderam jóias, até mesmo alianças, e houve um companheiro em Minas que vendeu até uma casa que possuía. Além disso vinha dinheiro pelo correio, cheques de pessoas anônimas (desconhecidas, que nem sequer eram membros do Partido), num entusiasmo revolucionário surpreendente. Atingimos os 10 mil contos pretendidos, dez mil cruzeiros novos, que naquela época representavam uma boa fortuna, pois o dólar custava 18 mil réis, quantia que hoje nem sequer se pode expressar numericamente.¹⁷⁷

As iniciativas de edição e difusão do pensamento marxista e da política comunista, nas quais se inscreviam os órgãos constantes da imprensa do PCB (e que também incluía a circulação de livros marxistas), remontam ao período de formação do próprio Partido¹⁷⁸. O jornal *A Classe Operária* foi o principal organismo a tornar públicas as orientações políticas dos comunistas desde os seus anos iniciais. A sua criação data do II Congresso do Partido Comunista do Brasil, em 1925, por iniciativa especialmente de Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e Laura Brandão. Com trajetória acidentada entre a sua fundação e a democratização de 1945, retornou então com linha editorial marcada pelo antifascismo, bandeira política central naquela conjuntura para a organização¹⁷⁹.

Além de *A Classe Operária*, entre os principais periódicos que integravam a *Interpress* (agência de notícias do PCB), na segunda metade dos anos 1940, período em que Gorender é chamado a contribuir nos esforços jornalísticos comunistas, cabem ser citados *Tribuna Popular*, *Problemas*, *Fundamentos*. Estes são órgãos, com distintos formatos e objetivos, que se inserem na chamada “concepção leninista de imprensa”, a

¹⁷⁷ BASBAUM, Leôncio. Op. Cit., p. 195.

¹⁷⁸ Sobre a difusão editorial dos comunistas brasileiros nos primeiros anos da trajetória de seu Partido cabe conferir: SECCO, Lincoln. Op. Cit., 2013, pp. 29-64.

¹⁷⁹ FERREIRA, Jorge. Os comunistas e os Novos Rumos. IN: XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2011, São Paulo, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH*, São Paulo: USP, 2011, p. 1.

qual consiste, de acordo com Antônio Rubim, em: “[...] a existência de um órgão central e uma revista teórica, centros ideológicos do partido, diretamente vinculados ao Comitê Central; um ou vários jornais ‘populares’/‘de massas’, buscando atingir trabalhadores com certo nível de consciência e atuação, e, por fim, folhetos, agitação verbal e jornais legais de ‘massas’”¹⁸⁰.

O esforço de comunicação empreendido pelo PCB teve enorme vulto, como atesta o mesmo autor:

Com a democratização, em 1945, os comunistas iniciam a montagem de uma fantástica rede de comunicação, configurando, sem dúvida, a fase áurea de sua imprensa no Brasil. [...] o Partido Comunista desenvolve uma rede que abarca oito diários e inúmeros semanários distribuídos de modo deliberado nas principais cidades brasileiras. Essa cadeia jornalística articula-se através não só da *Tribuna Popular*, depois *Imprensa Popular* do Rio de Janeiro, então distrito federal, mas também de uma agência de notícias, a Interpress, a qual realiza a distribuição de material jornalístico para as publicações do partido e, gratuitamente, para a imprensa de pequenas cidades localizadas no interior do país não vinculada ao partido.¹⁸¹

Mário Magalhães, há pouco citado, mencionou mais de uma centena de jornalistas envolvidos apenas na imprensa comunista do Rio. Não apenas jornais e revistas faziam parte deste rol: desenvolvia-se um trabalho de edição de literatura de amplo escopo naquele momento. Jacob Gorender, cumprindo a tarefa de trabalhador intelectual, se inseria neste esforço.

Dênis de Moraes, em biografia que escreveu de Graciliano Ramos, narrou um encontro casual entre o escritor e Luiz Carlos Prestes, no qual o secretário-geral do PCB, após assuntos vários questiona a razão de Graciliano ainda não ter ingressado no Partido. O homem de letras respondeu que só o que sabia era escrever, “sua arma era a pena”. A resposta de Prestes: “Você acha pouco? Pessoas como você, Portinari e Oscar Niemeyer são indispensáveis ao partido”¹⁸². O diálogo travado entre os dois notáveis é revelador da relevância conferida pelos comunistas às tarefas a serem cumpridas pelos intelectuais no momento da reorganização de seu Partido. Jacob Gorender era apenas um jovem militante, com razoáveis provas de esforço pelo sucesso partidário, como o seu engajamento na guerra, mas incomparável com a visibilidade que Graciliano Ramos possuía. A “pena como arma”, porém, os aproxima.

¹⁸⁰ RUBIM, Antônio. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. IN: MORAES, João Quartim. (org.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 3: Teorias. Interpretações. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 382.

¹⁸¹ Ibidem, p. 388.

¹⁸² MORAES, Dênis de. Op. Cit., 2012, p. 204.

O curto período de atuação dos comunistas “à luz do dia”, quando experimentaram uma curtíssima situação de legalidade, foi vivido por Gorender em Salvador, sua terra natal, um polo importante no que se refere à militância do Partido Comunista. Já foi mencionado nesta dissertação tal processo. Cabe agora discutir: com qual PCB o jornalista Jacob Gorender se deparou ao chegar no Rio de Janeiro?

A sua memória, trabalhada em diferentes momentos, quase sempre na forma de entrevistas, fornece indícios acerca de tal processo. De acordo com uma entrevista sua, em idade já avançada, o jovem quadro comunista tinha acesso, ainda que bastante restrito, a uma certa convivência com lideranças do Partido:

Viajei ao Rio de Janeiro e, como redator da *Classe Operária*, assistia às reuniões do Comitê Central. O responsável do Comitê Central pela imprensa, Pedro Pomar, era quem mais vinha à redação. Mas eu tinha contato também com outros dirigentes, na sede do Comitê Nacional. O secretariado era constituído por Prestes – secretário-geral – e pelas principais figuras da antiga CNOP: Arruda, Pomar, Amazonas e Grabois.¹⁸³

Não aparenta ser o caso de ter maior intimidade com os quadros citados. Como visto, havia um grande número de militantes envolvidos nos esforços jornalísticos do PCB, permitindo interpretar que Gorender não era o único a gozar da oportunidade de, com provável frequência, assistir os dirigentes levarem a cabo as orientações partidárias. Ainda assim, não cabe menosprezar esta experiência, afinal, se um razoável número de pessoas também puderam aproveitá-la, um contingente maior de simpatizantes dos comunistas brasileiros (e, especialmente, de seu líder, Luiz Carlos Prestes), quando não militantes de fato, não se integraram aos contingentes que atuavam no coração político do país.

O espaço em que trabalhava era a redação de *A Classe Operária*, a qual ficava em espaço distinto ao das reuniões partidárias, especialmente dos dirigentes, o que não impedia a presença frequente de Pedro Pomar, como foi revelado pelo biografado.

Não apenas com os mais importantes dirigentes de então Jacob Gorender teve contato. Em texto escrito para uma mesa em homenagem a Graciliano Ramos, já na década de 1990, Gorender recorreu à sua memória, como o único dos comentadores a ter contato direto com o autor de *São Bernardo*, para explicar como ele, um redator sem muita importância pôde conhecer o escritor:

¹⁸³ GORENDER, Jacob. Op. cit., 1990, p. 25.

Jovem provinciano, sentia o fascínio da cidade então realmente maravilhosa, conforme canção hoje esquecida. Vez por outra, à tardinha, ia à redação da *Tribuna Popular*, jornal diário do PCB, que ocupava um andar de edifício situado na Esplanada do Castelo. Ali, deslumbrava-me ao topar com Álvaro Moreyra, cronista do jornal, afável e loquaz; com sua mulher Eugênia Álvaro Moreyra, de vestido até os joelhos (a moda da época baixava-os até o meio da canela das pernas), cabelo *à la garçon* e fumando charutinhos (espantoso!); e ainda Cândido Portinari, Graciliano, Jorge Amado e, mais raramente, Carlos Drummond de Andrade. Em torno das celebridades, formavam-se rodinhas de redatores e freqüentadores da redação. Metia-me no meio delas, escutava o que se conversava, limitando-me somente a ouvir. Eram agradáveis bate-papos informais, mas, passados tantos anos, não me recorro de nada do que se disse naquelas ocasiões.¹⁸⁴

Para os propósitos deste estudo, esta citação é mais reveladora das percepções e vivência de Jacob Gorender, jovem militante recém-chegado no Rio de Janeiro, do que de sua aproximação com o já célebre Graciliano Ramos. Sugere o estranhamento oriundo da mudança de alguém vindo de uma cidade que, ainda que uma importante capital estadual, não se comparava em dimensões à capital nacional. Os nomes que menciona enquanto freqüentadores da redação de *Tribuna Popular* certamente impressionavam a quem recém iniciava no mundo das letras pela escrita em publicações periódicas. Variados assuntos relativos à conjuntura nacional e internacional, formação política etc. devem ali ter sido matéria de debate. Possivelmente tenham alguma influência nos textos que Gorender, entre os outros redatores que participavam das “rodinhas de ouvintes”, então estava incumbido de escrever.

O deslumbre com o alto nível intelectual presente nas redações partidárias foi apenas uma das experiências a fascinarem o “jovem provinciano” Jacob Gorender. A própria necessidade de instalação se colocava para o rapaz que agora não tinha qualquer parente ou pessoa próxima na cidade. O Comitê Metropolitano do Rio, o qual Gorender integrava, se situava na rua Conde de Lages, onde era o escritório de arquitetura de Oscar Niemeyer. Já o Comitê Nacional, novo nome do Comitê Central, localizava-se em uma edificação de quatro andares na rua da Glória. Não eram distantes¹⁸⁵. Possivelmente o seu cotidiano era marcado pela circulação entre ambos os espaços, onde, como mencionado, presenciava as reuniões de dirigentes e recebia orientações para as suas tarefas jornalísticas.

Como citado anteriormente, nos breves momentos de campanha eleitoral do Partido Comunista, Gorender apenas pôde contribuir em solo soteropolitano. Os comunistas baianos conseguiram eleger, de seus conterrâneos, apenas Marighella como deputado

¹⁸⁴ GORENDER, Jacob. Graciliano Ramos: lembranças tangenciais. IN: *Estudos Avançados*. Vol. 9 N. 23. São Paulo: IEA-USP, 1995. p. 323.

¹⁸⁵ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., p. 159.

federal. O PCB, como um todo, teve bons resultados de sua campanha se for levado em conta que a agremiação teve pouquíssimo tempo de atuação pública livre. Para a Assembleia Constituinte de 1946, foram eleitos Prestes Senador, bem como catorze deputados. Merece destaque que Luiz Carlos Prestes, concorrendo pela capital, foi o candidato ao Senado com a maior votação no país. O PCB constituía, assim, a quarta força política na Câmara¹⁸⁶.

Com relação à disputa presidencial, o Partido lançou mão da candidatura de Yedo Fiúza, engenheiro que nem mesmo filiado à organização era. O sentido desta candidatura era o de demonstrar claramente a sincera opção comunista pela linha de União Nacional. Alcançou algo próximo dos 10% da votação no pleito, em que foi vencedor o general Eurico Gaspar Dutra, candidato pelo Partido Social Democrático (PSD). De acordo com Leandro Konder, a atuação do PCB na política institucional de então seguia pautada por ideais democráticos:

Em seu primeiro discurso na Assembleia Constituinte, em 5 de fevereiro de 1946, o senador Prestes fez, em nome da bancada do PCB, uma saudação especial ao Dr. Melo Viana, que tinha acabado de ser eleito presidente da Assembleia contra o voto dos comunistas. “O Partido Comunistas” – explicou Prestes – “é ainda partido minoritário e, como minoritário, não pretende, de forma alguma, dirigir todo o povo brasileiro”.¹⁸⁷

Se o PC não pretendia dirigir o povo brasileiro naquele contexto, outras propostas políticas colocavam-se na disputa. No ano de 1945 havia surgido o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o qual também dispunha da possibilidade de atuação livre, sem pendências legais, fosse no âmbito parlamentar, fosse diretamente na vida sindical. Naquele mesmo ano, frente à possibilidade de retrocesso político e social com a derrota de Vargas para aqueles que seriam elementos fascistas remanescentes no Brasil (muitos, provavelmente, quadros integrantes do próprio Estado Novo varguista), cabia a manutenção desta liderança. O “queremismo” simboliza este momento em que os comunistas cerraram forças com os trabalhistas, os quais já rivalizavam com eles pela direção das lutas e demandas da classe operária. A linha política que o PCB seguia, a qual se orientava à *união nacional* pela realização democrática, encontrava-se novamente em realização. A relação entre as duas forças políticas era nuançada, oscilando entre a concorrência pelo proletariado e uma necessária aliança tática:

¹⁸⁶ Ibidem, p. 168.

¹⁸⁷ KONDER, Leandro. Op. Cit., 1980. p. 107.

Trabalhistas e comunistas já disputavam o controle dos movimentos sindicais, mas tinham um acordo básico: a Assembleia Constituinte deveria eleger-se e promulgar uma nova Constituição com Getúlio no leme do governo. Propunham que só depois disso se fizesse a eleição para presidente da República, sob normas definidas pela nova Carta. As oposições a Vargas exasperavam-se. O brigadeiro Eduardo Gomes e o general Eurico Dutra giravam no vazio, candidatos a um cargo – a Presidência – que não estava oficialmente em disputa. Observavam com apreensão o crescimento político e organizativo de trabalhistas e comunistas. Inquietavam-se, ainda, as elites sociais e as alturas das burocracias civil e militar. O que estaria tramando aquela velha raposa: um novo golpe, com apoio nos trabalhadores urbanos, em aliança com os comunistas?¹⁸⁸

A conjuntura era de crise. Não bastasse a mobilização trabalhadora, Getúlio Vargas também era não apenas um incômodo, mas mesmo um risco. Situação resolvida no dia 29 de outubro de 1945, quando é apeado do poder. Iniciava-se a citada campanha em que o PCB granjeou bons resultados, mas Eurico Gaspar Dutra foi o grande vitorioso. O seu governo foi marcado por medidas discricionárias, as quais reacenderam na militância comunista memórias da repressão que tanto caracterizou a sua trajetória na década passada:

[...] o governo rompeu relações diplomáticas com a União Soviética e ordenou o fechamento da Associação Brasileira dos Amigos da URSS, da União da Juventude Comunista e da Federação das Uniões Femininas, todas ligadas ao PCB. No dia seguinte, a polícia empastelou as oficinas da Imprensa Popular, que funcionavam na rua do Lavradio, no Rio de Janeiro. Passada uma semana, o Senado aprovou o projeto do senador Ivo d'Aquino, declarando extintos em todo o país os mandatos dos parlamentares comunistas.¹⁸⁹

E com os ataques que sofriam, novamente os comunistas aderiam a uma retórica radical, abandonando as ideias de união nacional.

É o que se percebe na primeira contribuição de Jacob Gorender na imprensa “nacional” do Partido, encontrada no importante semanário *A Classe Operária*. A conjuntura já era menos amistosa do que quando ele escrevia textos para *O Momento*, o que se percebe pelo esforço da equipe jornalística em orientar, nas páginas centrais de seu veículo, o comportamento dos militantes e a melhor forma de organização das células e reuniões partidárias. As homenagens a grandes nomes do movimento operário internacional – como Lênin, Liebknecht e Rosa Luxemburgo, que aniversariavam de morte – também serviam a animar os espíritos dos novos membros do exército internacional da revolução. Eram tempos de disputar as consciências do proletariado, o trabalhismo se apresentava como uma alternativa aos comunistas enquanto posição política à esquerda no

¹⁸⁸ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014. pp. 230-231.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 250.

espectro brasileiro. Gorender é um dos militantes que assume posição na contenda, com seu artigo “*A contradição entre a massa trabalhista e seus falsos líderes*”. Eis como inicia a exposição:

Ao desmascarar, num editorial ou num discurso, a demagogia do Partido “Trabalhista”, precisamos sobretudo considerar a necessidade de ajudar a própria massa “trabalhista” a se libertar dos seus falsos líderes. Não podemos, por isso, “acusar” a massa de seguir um senhor latifundiário, um homem que em quinze anos de ditadura impediu ferozmente o progresso no Brasil. Os réus devem ser os falsos líderes, não as massas que ainda os seguem. A maior parte da massa “trabalhista” é constituída das massas mais atrasadas do proletariado, em geral, de recente procedência camponesa, e de certos setores do artesanato e da classe média. Não somente operários qualificados ou funcionários públicos se iludem com a demagogia getulista. Também numerosos trabalhadores não qualificados, recentemente saídos do campo, que entraram nas fábricas sem nenhuma experiência política e sem nenhuma consciência de classe, apesar de os mais duramente explorados, não encontram às vista outro caminho se não “crer” em Getúlio, que, durante tantos anos, foi apresentado pela propaganda de centenas de jornais, estações de rádio, manifestações etc., por toda uma máquina, enfim, como um “pai dos pobres”, um dedicado defensor dos trabalhadores... Enquanto isso sucedia, nenhuma oportunidade legal tinham os comunistas para desenvolver sua propaganda e educar politicamente as massas trabalhadoras e do povo em geral.¹⁹⁰

A cassação tanto do registro legal do Partido Comunista, quanto dos mandatos daqueles eleitos sob a sua legenda, em 1947 e 1948, simbolizavam o clima pouco amistoso da reação ao avanço que o PCB demonstrou com o fim da Guerra. A conjuntura internacional havia, novamente, sofrido modificações. A luta de classes expressava-se no que se convencionou chamar de *guerra fria*.

Pronunciamentos belicosos foram emitidos por lideranças inglesas, norte-americanas e soviéticas. “*Ruía o equilíbrio estratégico, e os dois blocos hegemônicos ingressavam numa era de atritos e retaliações*”.¹⁹¹ Da parte ocidental, era posto em operação o Plano Marshall, medida estratégica dos Estados Unidos para a recuperação das economias capitalistas europeias arrasadas pelas batalhas de poucos anos antes, bem como eram excluídos os comunistas que compunham governos em variadas nações. Da parte da União Soviética e seus aliados, por sua vez, formava-se já em 1947 o Escritório de Informações dos Partidos Comunistas (*Kominform*), órgão internacional para troca de informações entre os PCs¹⁹². Articulavam-se os campos em contenda.

¹⁹⁰ GORENDER, Jacob. A contradição entre a massa trabalhista e seus falsos líderes. IN: *A classe operária*. Rio de Janeiro: 25/01/1947. N. 48. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 7.

¹⁹¹ MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994. p. 120.

¹⁹² PONS, Silvío. *A revolução global*. História do comunismo internacional (1917-1991). Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014. pp. 298-317.

O Partido Comunista do Brasil também sofreu modificações com as novas condições conjunturais no que se refere ao seu programa político. Em janeiro de 1948 foi assinado por Luiz Carlos Prestes um manifesto que veio a ser publicado em abril do mesmo na revista *Problemas*. Da linha de *união nacional* com elementos progressistas da política nacional, partia-se à necessidade do enfrentamento contra os inimigos de classe do proletariado. Armado, se necessário¹⁹³.

Jacob Gorender, recém-chegado ao Rio de Janeiro, não apenas deteve-se em tarefas jornalísticas e nem só na conjuntura de agressiva radicalização da clandestinidade, envolvendo-se também com o problema, então em gestação, da situação dos soldados da FEB recém de volta da Europa: “No Rio ajudei a fundar a associação dos ex-combatentes, que se reunia em um edifício de uma entidade chamada Liga de Defesa Nacional”.¹⁹⁴ Estava engajado na procura, da parte dos comunistas, pela inserção em espaços variados da sociedade.

Não era algo de menor importância a experiência que Gorender possuía enquanto alguém que foi um combatente da Força Expedicionária Brasileira. Cabe aventar as possibilidades de contínuo prestígio atribuído a ele, ainda dois anos depois do final da Guerra, e a outros sujeitos que tomaram parte nos conflitos contra o nazi-fascismo. Há indicativos que auxiliam a sustentar não apenas esta hipótese, mas mesmo que o Partido Comunista, provavelmente, possa ter ajudado a fomentar a Liga de Defesa Nacional com interesse na simpatia da população pelos pracinhas. Um indício é que, já em 1945, Jorge Veiga gravou o samba de título “Cabo Laurindo”, composto por Haroldo Lobo e Wilson Batista. O já relativamente prestigiado militante Carlos Marighella, por exemplo, cantarolava a música que tratava de um moço que lutou na FEB e que “voltou, coberto de glória”, e, carregando a possibilidade de transformações para o seu morro, havia se tornado o “Camarada Laurindo”, referência à sua opção política pelo PCB¹⁹⁵. A trajetória de Laurindo – personagem recorrente no samba carioca dos anos 1940 – é distinta da vivida pelo jovem baiano Gorender (cantava-se que Laurindo, antes do front, foi diretor de bateria da Mangueira); a distinção e o engajamento político, porém, era marca que então atribuíam a todos que retornaram das batalhas na Europa:

¹⁹³ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014. p. 252.

¹⁹⁴ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 18.

¹⁹⁵ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., pp. 158-159.

Laurindo voltou
 Coberto de glória,
 Trazendo garboso no peito
 A Cruz da Vitória.
 Oi! Salgueiro, Mangueira,
 Estácio, Matriz estão agindo
 Para homenagear
 O bravo cabo Laurindo!

As duas divisas que ele ganhou, mereceu.
 Conheço os princípios
 Que Laurindo sempre defendeu.
 Amigo da verdade,
 Defensor da igualdade.
 Dizem que lá no morro
 Vai haver transformação.
 Camarada Laurindo,
 Estamos à sua disposição!

Outro indício do apreço público que o PCB nutria pelos brasileiros que combateram as tropas do nazi-fascismo é o pronunciamento efetuado pelo deputado Claudino José da Silva, no palácio Tiradentes, em homenagem à FEB e denunciando o abandono aos pracinhas. Este arrazoado que homenageou os jovens combatentes foi arquitetado por Carlos Marighella e Jorge Amado, também deputados na recém- instalada Assembleia Constituinte, e já dois quadros importantes no Partido Comunista¹⁹⁶.

Além de seu contato com ex-combatentes, outras tarefas, porém, eram mais decisivas na nova residência de Gorender. Colaborar como um jornalista nos veículos da *Interpress*, espaço partidário em que exercia uma das funções primordiais então atribuídas aos “engenheiros de almas” vinculados ao PCB, especialmente.

Alguns meses depois de sua já citada intervenção inaugural, novo texto assinado por Jacob Gorender figura nas páginas de *A Classe Operária*. O tema em debate é diverso: o regime de propriedade da terra. São dois artigos em que compara regiões de latifúndio com a situação do sul do país, onde, de acordo com o autor, “a pequena propriedade já exerce notável influência”¹⁹⁷. Expressava uma preocupação política bastante presente nas formulações do PCB, qual seja, o latifúndio e as suas responsabilidades nas agruras brasileiras.

¹⁹⁶ Ibidem, pp. 166-167.

¹⁹⁷ GORENDER, Jacob. A fome do povo brasileiro torna inadiável a reforma agrária. IN: *A classe operária*. Rio de Janeiro: 19/07/1947. N. 82. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 2.

O historiador e memorialista Leôncio Basbaum escreveu, não sem certo desdém, que Jacob Gorender teria cumprido brevemente a função de secretário de Luiz Carlos Prestes, líder máximo do Partido Comunista do Brasil, assim que a organização precisou submergir novamente à clandestinidade¹⁹⁸. Não há outras referências ao fato. Daniel Aarão Reis, biógrafo de Prestes, não faz menção a este ocorrido. Gorender tampouco sublinha isto em suas memórias. Caso tenha sido real, certamente não foi o fato mais celebrado pelo maduro Jacob Gorender, um crítico de boa parte de seu passado sob a égide do stalinismo e, especialmente, de Prestes. Porém, em seu tempo e se ocorrida, pode ter constituído uma das mais importantes experiências postas até então àquele jovem comunista de apenas 24 anos.

Seus deveres principais, porém, ao que indicam as fontes consultadas, eram mesmo de ordem jornalística. De *A Classe Operária* passou a colaborar, também, em *Fundamentos - Revista de Cultura Moderna*, a partir de 1948, no segundo número do veículo. A insígnia com que é apresentado se assemelha ao signo distintivo utilizado poucos anos antes em *O Momento*: “jornalista e ex-combatente da FEB”. O nome de Astrojildo Pereira, um dos fundadores do PCB, também figurou naquele índice. Monteiro Lobato, falecido em 1948, quando o referido número encontrava-se na tipografia, era o fundador da revista. Surgida entre os comunistas de São Paulo, *Fundamentos* foi marcada por: “[...] pronunciada flexão nessa postura [de abertura intelectual] e, em um estilo quase panfletário, passa a travar violenta ‘luta ideológica’ contra a ‘decadente cultura burguesa cosmopolita’, em suas manifestações formalistas e ‘psicologistas’.”¹⁹⁹.

Gorender, um jovem militante que recém passou a trabalhar na imprensa central do Partido, toma parte na sessão de “Crítica” em *Fundamentos*, com o artigo “Uma filosofia para degenerados”²⁰⁰. Este texto é a sua primeira contribuição enquanto crítico cultural no PCB, uma seara que adquiria maior centralidade nas preocupações dos comunistas, como atesta o próprio título de seu novo órgão. O realismo socialista de Zhdanov também pontificava em território brasileiro. Nas palavras de Dênis de Moraes:

A expressividade do realismo socialista ligava-se ao gênero figurativo. Não se toleravam o abstracionismo e o subjetivismo. A herança do realismo crítico seria interpretada conforme os princípios do partidarismo. Os artistas tinham que buscar uma “representação nítida dos sentimentos e das emoções dos homens”.

¹⁹⁸ BASBAUM, Leôncio. Op. Cit., p. 238.

¹⁹⁹ RUBIM, Antônio. Op. Cit., p. 391.

²⁰⁰ GORENDER, Jacob. Uma filosofia para degenerados. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 07/1948. N.º. 2, Vol. 1. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 128-134.

Mas nada que lembrasse o expressionismo burguês, que transmitia “o desespero, o pessimismo, descrédito nas pessoas e no futuro e, por conseguinte, acaba por deturpar a vida”. [...] Jdanov e seus discípulos alegavam invariavelmente que “a amoralidade e a decomposição do conteúdo” da cultura burguesa levavam “à decadência e à degeneração da forma artística”. As inovações passaram a ser condenadas como ‘antipopulares’. A arte abstrata ou expressionista, a música clássica, a filosofia ocidental, as correntes literárias formalistas ou realistas, o teatro dramático, a ópera e até as comédias de costumes caíram em completa desgraça.²⁰¹

Em “*Uma filosofia para degenerados*”, Jacob Gorender ataca ao existencialismo enquanto uma “[...] *arma ideológica fabricada pela reação europeia*”, avessa à realidade material e, por consequência, aos “*sentimentos e interesses das massas*”, a qual se espraiava para além dos tratados filosóficos, assumindo feição em “[...] *romances, peças de teatro e magazines obscenos*”²⁰². É adotada por Gorender a postura de *Fundamentos*, a do combate às “manifestações culturais burguesas”.

A discussão central que o autor levanta em seu artigo é a do papel de intelectual e as disputas pelo mesmo, afinal, um modelo é fomentado pela reação e o outro deve ser o do intelectual do proletariado. O problema não é de somenos importância, afinal, esclarece tanto a auto percepção de Gorender naquele momento quanto o que era demandado pelo Partido Comunista de um núcleo destacado de seus militantes, algo que provavelmente orientava a própria posição de Jacob Gorender acerca do que estava em debate.

De início é necessário atentar àquilo que os marxistas nacionais estavam negando, através da denúncia:

A última conclusão é que atingir o existencialismo só é dado a uma ínfima minoria, à elite que sobrepõem o ser a tudo que o encobre e a falsifica. A massa não é capaz desse “heroísmo”, ela prefere a tranquilidade da rotina, os compromissos com o bem estar da família, com a luta de classe, com a defesa da pátria. Se a massa se entrega à disciplina dos compromissos, a elite dos “heróis” existencialistas verdadeiros sucessores pessimistas dos super-homens de Nietzsche, pode fazer o que bem entender, inclusive chafurdar nas mais abjetas degenerescências e... viver à custa da exploração das massas.²⁰³

“Compromisso”, esta é a condicionante que opõe o comportamento do existencialista, um intelectual que “*vive à custa da exploração das massas*”, dos comunistas. O “*pessimismo*” e o “*cinismo*” são as duas chaves explicativas para o posicionamento individualista dos existencialistas denunciados. E a difusão desta corrente é amparada no próprio interesse de classe da burguesia:

²⁰¹ MORAES, Dênis de. Op. Cit., 1994. pp. 124-125.

²⁰² GORENDER, Jacob. Op. cit., 1948, p. 128.

²⁰³ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1948, p. 131.

Não foi por acaso que Heidegger se entendeu maravilhosamente com o nazismo, nem é por acaso que Sartre recebe hoje os aplausos frenéticos dos granfinos e “snobs” da França e de muitos outros países. A grande burguesia desmoralizada sente necessidade de uma justificação para os seus vícios e para as desesperadas tentativas de conservação do seu domínio de classe, em que não tem hesitado, inclusive, em ir até a mais descarada traição nacional. Os senhores do capital financeiro sentem que as leis da vida social lhes são adversas e, porisso, criam a ilusão de que a vida social não pode ter leis, de que ela é absurda, caótica e inexplicável e que, porisso, a vontade individual (ou a vontade de classe) é, a seu modo, onipotente. Num mundo impossível de modificar sómente é livre a vontade individual e nenhuma das suas iniciativas pode ser moralmente condenável. Tudo que decorra dessa vontade é justificável, inclusive o fascismo, os fornos crematórios de Belsen, o saque dos povos mais fracos, etc...²⁰⁴

O compromisso com a causa revolucionária se acentua em contextos de radicalização partidária. Caso do momento em que este texto vem a lume, em um ano marcado, justamente, pelas agressões sofridas pelos comunistas e por um consequente sectarismo em suas ações, devidamente orientadas pelo *Manifesto de Janeiro*. Na prática partidária se impunham novamente as regras mais estritas de clandestinidade. Gorender, que naquela altura estava envolvido com a *agitprop* do PCB, relatou anos depois sobre os cuidados que devia ter ao se reunir com os seus camaradas de Comissão, os quais marcavam encontros secretamente na residência do escritor Graciliano Ramos, onde deviam atentar a uma série de medidas de segurança:

Seguindo as regras das medidas de segurança, os participantes da reunião não chegavam ao local ao mesmo tempo. Cada um tinha a sua hora de bater à porta, o que devia cumprir com o mais absoluto rigor. Enquanto chegávamos e esperávamos o último compromissado a entrar, Graciliano se entretinha conosco. Muito à vontade, sem o mínimo de pose, em momento algum preocupado com sentenças magistrais. Não me lembro de nada que tenha então ouvido dele, mas me ficou a memória de um homem aberto, acessível, sem ser o que se chama um falador. Nunca ria às gargalhadas, mas não era sombrio. Se a conversa entrava numa piada obscena, sua contribuição se inseria com a maior naturalidade. As reuniões no apartamento das Laranjeiras deram oportunidade a que viesse conhecer também a sua mulher, Heloísa Ramos, e seu filho Ricardo.²⁰⁵

Talvez por influência de seu trabalho dentro da Agitação e Propaganda, talvez mesmo por alguma predileção pessoal, a questão da intelectualidade, as suas tendências e o papel político que deveriam assumir teve alguma importância para a produção escrita de Jacob Gorender naquele momento. Especialmente nos textos que publicava em *Fundamentos*, órgão destinado a reflexões aproximadas a tal problema. A prisão de

²⁰⁴ Ibidem, p. 132.

²⁰⁵ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1995. pp. 323-324.

Aydano Couto Ferraz constituiu uma oportunidade para seguir desenvolvendo a questão, agora atento à “liberdade de criação”:

Para os verdadeiros intelectuais, todavia, a liberdade de criação é uma faculdade concreta, que a experiência tem demonstrado só poder ser exercida dentro de determinadas condições políticas sociais e, em última instância, econômicas. Isso porque o intelectual criador é aquele que está identificado, embora nem sempre de maneira nem sempre de todo consciente, com a realidade das coisas, única matéria prima de todas as criações, no campo da ciência ou da arte. Ora, a realidade mais importante para os homens é a realidade social, fonte da própria existência dessa categoria que se classifica de “humana”. Como, então, tratar tal realidade de maneira **realista**, isto é, **criadora**, como colocar-se dentro dela numa posição fecunda para a arte ou a ciência, quando existem grupos ou classes sociais que o impedem pela força, porque é do seu interesse que sobre as questões reais apenas ilusões sejam disseminadas? Está claro que, em circunstâncias dessa natureza, a liberdade de criação desaparece como uma faculdade concreta para o verdadeiro criador e o campo fica disponível apenas para os mercenários declarados da reação ou os impenitentes hipócritas, que se encerram em torres de marfim e se dão ao luxo de cantos adocicados, quando a realidade quotidiana para milhões de seres humanos é uma opressão muitíssimo amarga.²⁰⁶

Além da crítica cultural, Gorender dedicou-se no mesmo período, enquanto jornalista, a exercícios biográficos. Joseph Stalin foi o primeiro sujeito cuja vida foi narrada pelas suas letras, em um escrito publicado no número 23 de *Problemas*, revista de tiragem razoável (8 mil exemplares), cuja importância na vida partidária de então era destacável, sendo classificada como: “*órgão teórico de responsabilidade do Comitê Central*”²⁰⁷. A seção em que figura este texto de Gorender, intitulada *Figuras do Movimento Operário*, era dedicada a retratar dirigentes históricos do proletariado mundial, de Lênin a Dolores Ibarruri e Antônio Gramsci. O itinerário de Stálin é retratado de forma a legitimar a sua posição como liderança internacional dos trabalhadores. Nas origens familiares já conheceu as agruras com que vivia a classe operária. Como estudante seminarista dava provas tanto de “*curiosidade intelectual insaciável*” quanto da têmpera necessária ao revolucionário, organizando círculos de leitura e difusão do marxismo, o que lhe custara a expulsão do “*ambiente obscurantista do seminário*”.

Desde jovem um combatente contra o “oportunismo” nas fileiras militantes, perseguido pelas suas ações, “*Stálin começava a se temperar na luta de classes*”. Suas principais qualidades, também apresentadas como característica manifesta desde a sua iniciação na mobilização política, são sintetizadas no seguinte trecho:

²⁰⁶ GORENDER, Jacob. Aydano do Couto Ferraz e a liberdade de criação. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 08/1948. Nº. 3, Vol. 1. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 196.

²⁰⁷ RUBIM, Antônio. Op. Cit., p. 391.

Stálin passa a dirigir vários círculos marxistas entre os operários. Desde logo se destaca pela precisão com que organiza as reuniões e pela simplicidade com que expõe os temas mais profundos. Ao mesmo tempo Stálin procurava se informar ao máximo da vida dos operários, aprendendo com eles. [...] Stálin foi, desde o primeiro momento um bolchevique intransigente, um fiel discípulo de Lênin. Popularizava, ao máximo, como grande organizador e propagandista que era, as obras de Marx, Engels e Lênin, mas, ao mesmo tempo, já começava a fazer as suas contribuições teóricas próprias. São dessa época diversos folhetos e artigos de Stálin contra os mencheviques e os anarquistas.²⁰⁸

Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista do Brasil, também foi biografado por Gorender, cerca de um ano depois, agora nas páginas de *Fundamentos*. O líder gaúcho tem a sua trajetória apresentada pelo autor como um ensinamento da história brasileira dos últimos decênios, “*expressão de fatores fundamentais*”, necessários à compreensão dos fatos políticos correntes, dada a relevância assumida por Prestes no cenário nacional. Eis a forma como esta “*vida exemplar*” é retratada:

A vida de Prestes é um exemplo muito raro e muito precioso de fidelidade e de enriquecimento interior. O nosso povo o vê e acompanha, desde quando surgiu no cenário da atuação política, todo êle sempre audácia revolucionária, inteligência poderosa, modéstia, honradez sem limites, firmeza estoica. Mas o Prestes de hoje, fiel como é ao de sempre, tem uma riqueza adquirida através dos tempos e das lutas, através do estudo mais paciente, da análise e da transformação das próprias concepções, num processo que o modelou e temperou como o dirigente comunista tão caro ao coração de milhões e milhões de brasileiros, tão caro também ao coração das massas da América Latina e dos homens novos que, pelo mundo a fora, escrevem os feitos maravilhosos do nosso tempo.²⁰⁹

Eram tempos marcados por distintas demandas à produção dos intelectuais vinculados ao aparelho partidário, afinal, novos fatores conjunturais se punham em cena, o que influenciava mesmo na atenção dada a distintas temáticas. O ano de 1949 é central neste sentido, afinal, foi então que os comunistas brasileiros sofreram o impacto da Revolução levada a cabo do outro lado do globo pelos combatentes dirigidos por Mao Tsé-Tung. Os comunistas chineses, após uma longa marcha, conquistaram o poder, aumentando consideravelmente a visibilidade do campo que fazia oposição ao bloco capitalista. Segundo Daniel Aarão Reis:

²⁰⁸ GORENDER, Jacob. Figuras do Movimento Operário: Stálin. IN: *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: 12/1949. Acesso em: <https://www.marxists.org/portugues/gorender/1949/12/figuras.htm>, às 14:40 de 24/05/2015.

²⁰⁹ GORENDER, Jacob. A vida heróica de Luís Carlos Prestes. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 01/1951. N.º. 17. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 9.

A vitória da Revolução Chinesa foi recebida com surpresa e euforia pelos comunistas brasileiros, na época agrupados em torno do Partido Comunista do Brasil. A euforia tinha fundamento. Em plena Guerra Fria, o capitalismo internacional sofria uma grande derrota. O mundo socialista, no mesmo movimento, saía engrandecido em territórios e população. Mais um irmão – e que grande irmão! – para a família socialista em expansão. Mais uma vitória do processo revolucionário mundial sob a firme direção do camarada Stálin.²¹⁰

A surpresa e euforia com os ocorridos na China se expressou na imprensa do PCB. Em *Imprensa Popular* os feitos do Partido Comunista Chinês são saudados enquanto “*uma vitória staliniana*”, possível graças aos sábios ensinamentos do dirigente soviético²¹¹. Dentro da nova linha de radicalização que se anuncia ao Partido Comunista do Brasil desde pouco depois de tornado ilegal novamente é possível encontrar as afinidades suas com o processo ocorrido no Oriente.

A atenção dada pelo PCB aos camponeses, naquela altura, tem alguma relação com as lições chinesas. Envolveram-se em dois conflitos armados, incentivando a ocupação de território com base no recurso às armas. Em Porecatu (PR), Trombas e Formosa (GO), localidades interioranas, houve conflito entre posseiros contra os latifundiários e os seus jagunços²¹². Evidentemente a questão da terra era o ponto de contenda. Um problema que, como posto, mobilizava lutas sociais no Brasil e também comparecia nas discussões dos comunistas em sua imprensa.

Gorender menciona uma “*ordem semi-feudal*” ao discutir o problema da terra em *A classe operária*. Seu texto, com o título “*A solução revolucionária para o problema da terra*”, insere-se nas homenagens prestadas naquele número do jornal ao líder Luiz Carlos Prestes, a quem foram dedicados variados artigos, escritos por importantes jornalistas do Partido (Diógenes Arruda, Maurício Grabois, Aydano do Couto Ferraz, Cândido Portinari, Zuleika Alambert etc.). Assim Jacob Gorender homenageou o secretário-geral:

Logo em seguida ao término das lutas da Coluna, Prestes acrescentou ao seu contacto com a realidade viva a compreensão teórica do caráter do problema da terra, através da leitura exaustiva dos clássicos do marxismo-leninismo. Isso deu à sua análise uma exatidão científica, que a coloca muito acima das apreciações sobre a questão que, antes dele, chegaram a fazer alguns patriotas.²¹³

²¹⁰ AARÃO REIS, Daniel. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. IN: MORAES, João Quartim; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 1: o impacto das revoluções. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 177.

²¹¹ A Revolução Chinesa. Uma vitória staliniana. IN: *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro: 02/12/1951. N. 931. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

²¹² AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014. p. 256.

²¹³ GORENDER, Jacob. A solução revolucionária para o problema da terra. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 01/01/1949. N. 157. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 7.

Com a ajuda da inspiração oriunda da Revolução Chinesa, das há pouco citadas ações armadas no interior brasileiro, com a participação dos comunistas, o problema agrário passou a ser mais discutido pelo PCB. O próprio Jacob Gorender discutiu a questão da terra a partir de diferentes abordagens para além do seu texto recém citado.

O escritor Lima Barreto, por exemplo, é tomado como eixo pelo jornalista para posicionar-se no debate partidário sobre o problema agrário. A imagem veiculada de Barreto não difere da interpretação que Gorender propôs em seu texto crítico ao existencialismo, menos de um ano antes: *“Na obra artística de Lima Barreto é que está a sua política. O homem que via tantos problemas angustiantes ao seu redor não podia se perder na arte pela arte, nas filigranas abstracionistas e introspectivismo em que se enredam os incapazes e os covardes”*.²¹⁴ Um autor que tem atuação política, engajamento, em sua obra. Valores citados por Gorender para marcarem contraponto com o que ele percebe enquanto as atuais tendências da Associação Brasileira De Escritores (ABDE), onde “literatos”, próximos de Afonso Arinos, procuravam: *“[...] colocar a arte e toda a atividade cultural num impossível campo neutro e ‘apolítico’*.”²¹⁵. A sua crítica aos literatos contemporâneos, presente no elogio a Lima Barreto, vincula-se ao modelo de intelectual desejado pelo Partido, não ligado a tendências parnasianas, mas sim atuante, ativo, com convicções que não se separam de sua obra, penetrando nas contradições de sua sociedade.

Lima Barreto, ao iluminar o drama agrário brasileiro, é comparado por Jacob Gorender com a coragem demonstrada por seu contemporâneo Euclides da Cunha, autor também envolvido com problemática social. Para além de um *“falso lirismo bucólico”*, característico daquilo que o jornalista chama de *“romantização do camponês”*, Barreto se destaca pela denúncia da miséria daqueles que trabalham no campo. Abriria caminhos para o papel que o PCB assumiu perante este problema:

Lima Barreto foi dos poucos que, no passado observaram, com honestidade e agudeza, um dos problemas essenciais da nossa Pátria. Fê-lo como romancista em páginas satíricas de imortal envergadura. Com o Partido Comunista, que nasceria no mesmo ano em que morreu o autor de *“Clara dos Anjos”*, o problema já aparece como reivindicação política. Caberia, porém, a Luiz Carlos Prestes, a partir de 1930 e sobretudo depois de sua libertação, em 1945, a análise rigorosa da questão à luz da ciência marxista-leninista. Foi Prestes, de fato, quem, através de uma argumentação científica irrefutável, mostrou no latifúndio semi-feudal a

²¹⁴ GORENDER, Jacob. O problema agrário na obra de Lima Barreto. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/05/1949. N. 174. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

²¹⁵ Idem.

causa básica do atraso nacional, relacionando-o à opressão imperialista e uma série de outros aspectos do desenvolvimento econômico e social do povo brasileiro. Foi, além disso, Prestes quem, elevando a questão no seu devido nível, apontou o caminho para resolvê-la, o caminho precisamente da revolução agrária e anti-imperialista sob a direção do proletariado.²¹⁶

Mudanças conjunturais implicavam em mudanças na leitura comunista de sua realidade e, por consequência, em distintas formas com que os mesmos interviam nesta, seja através de suas iniciativas de difusão do seu pensamento e posição política, seja em sua prática concreta nas mobilizações da classe trabalhadora. Em poucos anos, a sua retórica deixou de emular a União Nacional como meio de resolução das contradições sociais brasileiras para tomar um caminho diverso, que implicava em uma “*revolução agrária e anti-imperialista*”, como explicitado no texto de Gorender citado acima. Era necessário, para a concretização deste programa, a forja de novos instrumentos de luta, novas ações, processo que será acompanhado no próximo item.

2.2 Militância de base em tempos de *Libertação Nacional*: do Rio de Janeiro a São Paulo

Jacob Gorender, que realizava contribuições textuais para os periódicos ligados ao Partido Comunista desde quando morava em Salvador, também assumiu cargos organizativos, visando agir na militância de base. No Rio de Janeiro fez parte do Comitê Metropolitano, mais especificamente da sua Secretaria de Agitação e Propaganda.

Engajou-se, como era usual ocorrer com os militantes comunistas naquela conjuntura, nas campanhas e causas assumidas publicamente pelo PCB. Entre estas, merecem destaque as Campanhas pela Paz, dado que mobilizaram comunistas no mundo inteiro nos primeiros anos da década de 1950, não sendo diferente a situação brasileira²¹⁷.

Uma contradição se apresentava entre os esforços que a militância do PCB apresentava para cumprir com as tarefas exigidas para a questão internacional da paz e a linha política belicosa que era oficialmente assumida pelo Partido. Uma orientação que correspondia com a violência sofrida pela agremiação desde o momento em que foi posta na ilegalidade novamente, em 1947, e com o próprio contexto mundial de mútuas ameaças e tensionamentos entre os então chamados campos capitalista e socialista. Já em 1948, nas formulações dos dirigentes partidários, passa a comparecer a necessidade de enfrentamento

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Para uma rápida contextualização das dimensões internacionais desta mobilização, cabe conferir: RIBEIRO, Jayme. *Combatentes da Paz*. Os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1950. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. pp. 19-25.

com as forças opostas. A partir deste contexto, também na esteira internacional da constituição da *Kominform* e da Revolução Chinesa, processou-se em solo brasileiro a elaboração do *Manifesto de Agosto*, no ano de 1950. Confirmava o conteúdo do documento emitido dois anos antes, sendo formulado pela Direção Nacional e assinado por Luiz Carlos Prestes. De acordo com Aarão Reis:

No Brasil desaparecera a confiança nas liberdades democráticas. Em seu lugar, o retorno a polarizações rigorosas: de um lado, elites corrompidas e traiçoeiras, “fascistas”. De outro, “o povo explorado, oprimido, depauperado, desempregado, faminto”, sobrevivendo em padrões de “miséria crescente e fome crônica”. Em tais circunstâncias, “a democracia atual é uma simples ditadura das classes dominantes”, na qual se infiltraram “elementos nazistas”, tornando-se “particularmente agudo o perigo fascista”. Os governantes não passavam de “um bando de assassinos, negociastas e traidores”. Uma atmosfera de beco sem saída. O país, ameaçado de “aniquilamento físico pela fome”, não tinha outra saída senão a “solução revolucionária”. Qualquer outra opção não passaria de “ilusão reformista”. Os comunistas autocriticavam-se: “Não estudamos a realidade, insistimos na política de mão estendida”, “não criticamos a Constituição nem falamos dos objetivos estratégicos”, nem sequer “assinalamos as grandes mudanças no plano internacional”.²¹⁸

Qual o resultado prático deste importante documento?

A orientação daí [Manifesto de Agosto] resultante é a da criação da Frente Democrática de Libertação Nacional, liderada pelos comunistas, com vistas a conquista do poder e a instauração de um governo popular democrático, anti-imperialista, cujos principais pontos programáticos são: nacionalização das empresas, reforma agrária, desenvolvimento da economia nacional, liberdades democráticas para o povo, melhoria das condições de vida, educação obrigatória e a formação de um exército popular de libertação nacional.²¹⁹

O “pacifismo” característico do Partido e seus militantes a partir da vitória aliada em 1945 já parecia realidade distante, foi abandonado. O ataque ao governo de então era a pedra de toque, para, a partir daí, através da luta do exército popular concretizar os pontos programáticos e conquistar o poder. As propostas eram radicais no que se refere à forma de luta e mesmo nos seus objetivos. Preconizava-se a formação da Frente Democrática de Libertação Nacional e do Exército Popular de Libertação Nacional enquanto instrumento para o “*armamento geral do povo*”, medidas que promoveriam a libertação do país do jugo imperialista tendo em vista o objetivo estratégico de formação de um “*governo democrático popular*”²²⁰.

²¹⁸ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014. pp. 252-253.

²¹⁹ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 137.

²²⁰ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014. p. 253.

Com estas distintas orientações, visando à promoção do enfrentamento armado, bem como indicando a necessidade da formulação de novas organizações para a atuação comunista, dado que as instituições então disponíveis impediam o programa revolucionário, o *Manifesto de Agosto* trouxe mudanças consideráveis na vida partidária. Elias Chaves Neto, militante paulista, exprimiu a completa surpresa que acometeu alguns militantes com a nova linha política então inaugurada:

Não me lembro como me veio parar às mãos o Manifesto de Agosto (estávamos em 1950) [...] Li e fiquei perplexo. Todo o fundamento teórico de nossa luta ruía por terra. Não se tratava mais de resistir; de defender a democracia; o que dava base jurídica a nossa luta de estarmos defendendo as tradições culturais de nosso povo. Tratava-se agora de derrubar o governo qualificado de ditadura e, este depósito de organizar as forças democráticas da nação em uma Frente de Libertação Nacional, para tanto formando-se um exército popular.²²¹

Percebe-se no relato de Chaves Neto que, de sua memória, o que veio a destacar foi a sua perplexidade com a profundidade em que era modificada a linha política com que estava habituado. Leôncio Basbaum, que também é conhecido pela escrita de suas memórias acerca da experiência militante no PCB, também expressou surpresa ao expor o momento em que travou contato com o documento em discussão:

Pouco tempo depois, recebi, por intermédio de um desses camaradas que vez por outra me visitavam para conseguir dinheiro, um novo documento do Partido e uma espécie de proclamação, que depois veio a ser conhecida como **O Manifesto de Agosto**. Nele se dizia que não havia mais no Brasil condições para uma evolução democrática e pacífica, e que estavam preparando a revolução, pela organização de uma **Frente Popular de Libertação Nacional**, e convidava o povo a se organizar em Comitês dessa Frente. Isso me veio explicar a origem das inscrições que estavam aparecendo nos muros dos bairros operários, que diziam: “Viva a FPLN!” e que eu ainda não sabia o que era. Agora sabia. O “documento interno” dava instruções sobre a melhor maneira de organizar esses Comitês. Isso me deu ensejo a escrever uma nova carta ao CN. Nessa carta eu aplaudia o PCB pelo fato de haver abandonado sua **linha de colaboração**, linha direitista, e ao mesmo tempo criticava a “nova linha” que representava uma curva de 180 graus em seu conceito de revolução. Passara da extrema direita para a extrema esquerda, o que dava a idéia de que se tratava de uma **linha de desespero**. Na realidade, não havia condições nem orgânicas nem psicológicas, e por culpa do próprio Partido, para essa nova posição, que não seria compreendida pelas massas, como de fato não foi.²²²

Processava-se já em 1950, portanto, certa tentativa de organização dos Comitês que redundariam nas Frentes revolucionárias. Nos bairros operários de São Paulo, cidade onde Basbaum residia àquela altura, as pichações já eram manifestas. De todo modo, o núcleo

²²¹ CHAVES NETO, Elias. *Minha vida e as lutas de meu tempo*. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1978. pp. 124-125.

²²² BASBAUM, Leôncio. Op. cit., p. 214.

de sua memória está articulado em torno da completa mudança de linha política em curso. O próprio líder Luís Carlos Prestes, entrevistado já em sua última década de vida, relembrou o radicalismo que marcou a vida partidária após o *Manifesto de Agosto*:

Foi a época em que o partido adotou a política mais stalinista e rígida de toda a sua existência: o Comitê Central deliberava com quem os militantes iriam casar; era proibido falar com trotsquistas e, se por acaso um militante tivesse um trotsquista na família, tinha que sair imediatamente de casa; na cadeia o comunista não podia sequer declinar o seu nome e profissão (muita gente era espancada só para preencher a ficha criminal) e, nas portas das fábricas, os comunistas muitas vezes apanhavam dos operários quando tentavam impor as idéias do voto em branco e fazer campanha contra Getúlio, que continuava tendo grande carisma popular e sendo o “Pai dos Pobres”, apesar de todas as atrocidades que cometera durante o Estado Novo.²²³

A questão da formação de novas organizações e, especialmente, a mobilização radical das trabalhadoras e trabalhadores, comparecem tanto no texto do *Manifesto* quanto nos relatos destes sujeitos envolvidos, em maior ou menor grau, com a sua formulação e consecução. É considerável a possibilidade que Jacob Gorender tenha sido deslocado, poucos anos depois de seu estabelecimento no Rio de Janeiro, para a cidade de São Paulo, centro nacional com a mais pujante classe operária do país, justamente tendo em vista estas mudanças de orientação partidária.

Não há informações sobre o local onde ele teria se instalado, mas existem indícios acerca dos tipos de espaços em que a militância na capital paulista residia. O imóvel típico que os comunistas ocupavam em São Paulo correspondia ao seguinte modelo: bairro operário, privacidade, sem exigência de fiador, local cuja fuga não apresentasse maiores dificuldades no caso da polícia o descobrir. Muitas vezes não apresentavam mobília, o mimeógrafo supria o necessário à militância. Provavelmente o endereço de Gorender, como o do casal Carlos Marighella e Clara Charf, era desconhecido de outros camaradas, cuidado necessário para o caso de prisões e interrogatórios daí decorrentes²²⁴. As regras de clandestinidade novamente se tornaram da mais estrita importância.

Mário Alves, camarada que recrutou Gorender para as fileiras do PCB nos tempos em que ambos eram estudantes, havia sido deslocado para São Paulo já em 1948, com o dever de assessorar a direção do Partido e secretariar um alto dirigente, de identidade desconhecida, missão que durou, de acordo com o seu biógrafo, até mais ou menos 1952. Apolônio de Carvalho, recém chegado da Europa, onde lutou na resistência espanhola e

²²³ MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: lutas e autocríticas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982. p. 121.

²²⁴ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., p. 200.

francesa, também foi designado a atuar no mesmo espaço com tarefa semelhante²²⁵. É possível que Jacob Gorender tenha travado contato com ambos os militantes em algum momento durante a sua experiência em São Paulo, onde se integrou ao secretariado do Comitê Estadual do Partido Comunista do Brasil, um órgão que era chefiado desde 1949 por Marighella, seu primeiro-secretário:

De 1951 a 1953, fiz parte do secretariado do Comitê Estadual do PCB em São Paulo, à cuja frente se encontrava o primeiro-secretário Carlos Marighella. Além de ser responsável pelo setor de propaganda e pela atuação nos meios intelectuais, eu *descia*, como se dizia no jargão partidário, às bases operárias da capital, de Santo André e outras cidades da região do ABC, de Sorocaba e Santos. Dessa maneira, acompanhei o trabalho de recuperação do partido e de ampliação de sua influência. Trabalho que colocou os comunistas na liderança de todo o processo da chamada Greve dos 300 Mil, de março-abril de 1953, greve que marcou o início do ascenso do movimento operário-sindical culminante em 1964. O jornal comunista *Notícias de Hoje*, com uma vendagem diária de quatro a cinco mil exemplares, tornou-se praticamente o órgão oficial dos grevistas e chegou à vendagem diária de 25 mil exemplares. Infelizmente, jornal também é mercadoria no regime capitalista. Passada a greve, *Notícias de Hoje* retornou à situação anterior, uma vez que sua pobreza editorial e gráfica não lhe permitia competir com a grande imprensa empresarial.²²⁶

As informações contidas neste relato, em que se articulam a memória do militante engajado na conjuntura e os compromissos científicos do historiador, merecem ser investigadas de forma detida, de acordo com a vagareza com que se processaram concretamente. Muitas são as tarefas cumpridas de acordo com o que o biografado citou. As suas habilidades com a propaganda, exercidas desde, praticamente, o momento em que ingressou no Partido Comunista, seguiam sendo exercidas.

É possível que lá tenha conhecido Caio Prado Jr., homem oriundo da elite local, que já atuava tinha mais de década no PCB. Havia pouco menos de uma década, ele tinha publicado *Formação do Brasil Contemporâneo*, livro em que dava continuidade às suas originais interpretações acerca do passado colonial brasileiro e a formação, neste, da estrutura econômica que ainda orientava o seu processo histórico, formulações suas que primeiro levou a lume em *Evolução Política do Brasil*²²⁷. Caio Prado cuidou de aproximar, nos anos 1950, muitos intelectuais das fileiras comunistas. Esta era em grande medida a mesma tarefa de que Jacob Gorender estava encarregado na capital paulista.

Cabe destacar que entre esta intelectualidade com quem Gorender travou contato não se encontravam apenas comunistas. A esquerda paulistana abarcava outras

²²⁵ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 140.

²²⁶ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987. pp. 23-24.

²²⁷ SECCO, Lincoln. Op. Cit., 2008. pp. 43-56.

formulações ideológicas que escapavam à seara do comunismo. Isto se refletia nos próprios meios com que esta esquerda procurava intervir socialmente. Relembrando estes processos meio século depois, Jacob Gorender faz menção à Bienal de 1952²²⁸.

No Comitê Piratininga, do qual também era Marighella o encarregado, correspondente à capital estadual, a tônica conjuntural, era marcada pelo engajamento em campanhas de grande vulto, com objetivos nacionais e internacionais. O petróleo foi um dos maiores temas de contenda então. A questão da paz não ficava por menos. Há registro de militantes atuando em São Paulo que tiveram problemas com a repressão por causa de suas ações vinculadas às Campanhas pela Paz, de casos de prisões a assassinatos²²⁹. A Campanha, de dimensões globais, foi encampada no exterior por grandes personalidades, entre elas os paulistanos Caio Prado Jr. e Mário Schenberg. Gorender já conhecia havia alguns anos este físico comunista, possivelmente auxiliando nos números positivos alcançados pelo Comitê Piratininga no que se refere à Campanha pela Paz, especialmente pelo fato da mesma ter mobilizado várias formas de atuação, inclusive a *agitprop* em que ele então se inseria²³⁰:

Foi o comitê liderado por ele [Marighella] que arrecadou mais assinaturas de adesão ao apelo [de Estocolmo], adotado pelo Movimento Nacional pela Proibição das Armas Nucleares, ligado ao PCB. Da meta de 4 milhões, São Paulo respondeu por 1,5 milhão. O resultado oficial foi de 4,2 milhões, entregues na sede da ONU com alegados 270 milhões de firmas de todo o planeta. Contribuiu para o êxito o programa da campanha, *Defendendo o Direito de Viver*, veiculado pela Rádio Difusora paulista.²³¹

No que tange à Campanha do Petróleo, a militância do Partido Comunista teve de unir-se com forças políticas distintas, marcadamente nacionalistas, “[...] *no ataque às companhias petrolíferas internacionais*”, através da pregação de medidas protecionistas no

²²⁸ GORENDER, Jacob. Op. cit., 1990, p. 26.

²²⁹ “Numa das ações de maior barulho, a costureira Elisa Branco Batista foi presa em 7 de setembro de 1950, ao abrir no vale do Anhangabaú a faixa que lhe custou treze meses de cadeia: ‘Os soldados, nossos filhos, não irão para a Coreia’. As autoridades não perdoaram o gesto de arrojo na cerimônia do Dia da Independência, e Marighella contra-atacou com protestos ruidosos do PCB pela libertação da camarada. A heroína que tomou as páginas do Hoje teve mais sorte do que o companheiro Vicente Maluoni, assassinado em julho de 1949 pela polícia paulista num comício pela paz.” Cf. MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 203.

²³⁰ “As denúncias contra o caráter ‘imperialista’ do conflito e a luta pela não intervenção do Brasil mobilizaram o Partido Comunista, que, articulando-se com amplo movimento internacional, desencadeou campanhas contra a guerra e pela paz. Abaixo-assinados, comícios, agitação, propaganda, múltiplas formas de atuação foram acionadas para manter o país fora daquele vespeiro [Guerra da Coreia].” Cf. AARÃO REIS, Daniel. Op. cit., 2014, p. 259

²³¹ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 204.

que se refere à exploração de recursos naturais²³². A retórica nacionalista envolvida era de enorme popularidade.

As atividades de Jacob Gorender não se reduziram, cabe destacar, à labuta intelectual, seja na escrita jornalística (ofício que praticava com esmero), seja através da relação com a intelectualidade paulistana de esquerda. Também teve Gorender, após a sua chegada em São Paulo, de participar na “descida às bases”, em movimento semelhante ao engajamento então corrente nas grandes campanhas aqui apresentadas. “Descida às bases” esta que não era outra coisa que não um processo de reorientação que o PCB tomava em relação à sua inserção nas atividades sindicais. Era um descompasso entre a atividade prática e a linha oficial do Partido, na qual era rechaçada toda e qualquer participação em entidades ligadas às estruturas governamentais, como orientava o *Manifesto de Agosto*. Descompasso que foi resolvido em 1952, ano em que a classe operária é conclamada a “*ampliar a organização e unidade*”. Estava lançado, pela direção nacional, o documento que inaugurou “*uma nova fase na política sindical do Partido Comunista do Brasil*”²³³. Segundo a interpretação de Daniel Aarão Reis, a recomendação de volta às lutas sindicais nas estruturas corporativas criadas pelo Estado Novo relacionava-se à conjuntura de grandes mobilizações, como as campanhas há pouco discutidas, bem como aos próprios desencontros entre a “linha geral” e a atividade prática da militância também já mencionados:

O ataque desabrido a Getúlio Vargas e a seu governo, sob ofensiva das direitas, despertaria várias resistências no interior do próprio Partido. Foi se criando com o tempo um abismo entre a ‘linha geral’ e o cotidiano dos militantes, empenhados em tarefas práticas. A teoria dos dirigentes e a prática dos militantes pareciam duas hastes de uma tesoura que se abria cada vez mais. Nos aparelhos, os dirigentes continuavam aferrados às fórmulas catastróficas: o governo de ‘traição nacional’ haveria de ser derrubado pela luta armada, em padrões que faziam lembrar a vitoriosa Revolução Chinesa, de 1949. A realidade, entretanto, era mais complexa. E foi para enfrentar essa complexidade que, em 1952, pouco mais de dois anos após a edição do ‘Manifesto de Agosto’, uma conferência operária recomendara a volta às lutas sindicais no interior das estruturas corporativas criadas pelo Estado Novo e mantidas pela Constituição de 46. Uma abertura de bom senso para o processo histórico, marcado pelas lutas nacionalistas, pelas campanhas pela paz, e pela retomada das lutas reivindicatórias, desembocando inclusive em greves salariais, como a de março de 53, que envolveu dezenas de milhares de trabalhadores em São Paulo.²³⁴

²³² CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro. Conflito e integração – 1922-1972*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1982. p. 109.

²³³ BUONICORE, Augusto. Sindicalismo vermelho: a política sindical do PCB entre 1948 e 1952. IN: *Cadernos AEL*. Vol. 7, N. 12/13, Campinas: UNICAMP, 2000. p. 37.

²³⁴ AARÃO REIS, Daniel. Op. cit., 2014. p. 261.

De acordo com o historiador Alexandre Hecker, Jacob Gorender foi membro da direção estadual do PCB paulista entre os anos de 1952 e 1954²³⁵, biênio, portanto, que compreende alguns importantes eventos na vida não só de seu Partido, mas da história da classe trabalhadora em São Paulo como um todo. De grande abrangência cabe mencionar a historicamente conhecida *Greve dos Trezentos Mil*. Para a sua emergência contribuiu, entre outros fatores, um enraizado trabalho de base, gestado com a nova orientação sindical do Partido Comunista. Antes desta já citada modificação prática na atuação partidária, porém, aqueles que atuavam em cargos de direção em São Paulo tiveram atitudes ousadas no que se refere à militância perante o proletariado local, classe que representavam. Por ousadia entenda-se o descumprimento das orientações dos dirigentes nacionais. Possível contradição de consciência para estes comunistas, que se viam entre as determinações daqueles que formulavam as diretrizes, e a disciplina partidária como um princípio comumente aceito, e as demandas objetivas que se colocavam em sua prática e escapavam dos limites da linha política definida para a militância:

A direção estadual se empenhava, naquele momento, na reestruturação do partido, sobretudo mediante drástica redução do seu quadro de quase quinhentos funcionários profissionais, a maioria dos quais vivia praticamente numa situação de lúmpen, porque não recebia quase nada para se manter. Mas o principal é que enraizamos o partido nas fábricas, através de uma política de procurar entender as reivindicações dos operários e ligar-se a eles. Assim, contrariamente ao que propunha a linha política, nossos militantes foram se alinhando aos militantes trabalhistas e católicos, nas próprias empresas, o que vai gerar efeitos muito importantes, sobretudo na eclosão da greve geral de março/abril de 53, com 300 mil operários parados na cidade de São Paulo, abrangendo cinco categorias: metalúrgicos, têxteis, vidreiros, gráficos e marceneiros. Essa greve, que durou um mês, acabou vitoriosa. A greve havia sido precedida de estrondosa passeata de 100 mil trabalhadores, a chamada “passeata das panelas vazias”, em que as mulheres ficaram batendo panelas. [...] contornando o sectarismo da linha política, os próprios militantes ampliavam as suas alianças. E a direção em São Paulo, com Marighella à frente, era bastante sensível a esta prática. Vez por outra defrontava-se com acusações de direito e oportunismo, que vinham da Comissão Executiva. Todavia, não percebíamos como os efeitos concretos da atuação dos militantes contradiziam a linha política por nós defendida. Deve ficar claro que assumo pessoalmente esta autocrítica.²³⁶

O economista Paul Singer, em exercício memorialístico acerca de sua participação no Partido Socialista Brasileiro (PSB), avaliou que os comunistas “[...] predominavam nas bases e usavam o sindicato para fazer a ‘Campanha da Paz’, um pretexto nada sutil para

²³⁵ HECKER, Alexandre. *Socialismo sociável: História da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 371.

²³⁶ GORENDER, Jacob. Op. cit., 1990, pp. 26-27.

mobilizar forças contra os Estados Unidos e a favor da URSS”²³⁷. O relato é evidentemente crítico à atuação do PCB, afinal, em São Paulo quem conferia a oposição de esquerda de maior força ao Partido Comunista era o próprio Partido Socialista. De acordo com o mesmo autor, havia uma confluência de forças políticas entre o operariado: católicos, anarquistas, socialistas, comunistas etc.²³⁸

De fato impunha-se a necessidade de alianças bem como de um maior entendimento das demandas da base. Envolvendo inúmeras categorias de trabalhadores, é atribuído que a sua eclosão se deu, de fato, a partir das bases de trabalhadores, cabendo aos sindicatos “correrem atrás” e convocar as assembleias nas quais era oficializado o movimento. Entre estes sindicatos merecem destaque aqueles em que o Partido Comunista atuava, afinal, foi esta mesma organização que acabou por dirigir a mobilização, “[...] *já que investira todas as suas forças, que não eram poucas, na penetração nos sindicatos e implementação de suas linhas*”²³⁹. É que o PCB era hegemônico entre as tendências de oposição ao sindicalismo oficial, “[...] *de interventores pelegos*”, nas palavras de Paul Singer, ao menos no que se refere ao Sindicato de Metalúrgicos, já uma estrutura de organização de importante categoria da classe trabalhadora. Os números da mobilização impressionam:

A greve difunde-se por São Paulo e paralisa a produção em 276 empresas só na capital paulista, por fim: ‘O movimento conquistou 32% de reajuste, a libertação dos grevistas presos e o compromisso de não descontar os dias parados’. O movimento ocupou as ruas da capital paulista com marchas, passeatas, manifestações e piquetes. Ainda: ‘A greve associou a luta pelos salários à luta contra a carestia (encarecimento dos preços), tocando no nervo de uma reivindicação geral’. Diversas direções disputam o movimento, que por fim é capitalizado pelo PCB.²⁴⁰

Com a duração de 29 dias, a greve envolveu variadas categorias, desenvolvendo-se entre as mobilizações de rua, descritas pelo próprio Gorender já anos à frente, e as assembleias na Mooca, estas presentes nas lembranças de Paul Singer, então um militante socialista e membro do Sindicato dos Metalúrgicos. Hecker ressalta a incidência da repressão em torno destas ações da classe trabalhadora, seja pelos braços da Força Pública,

²³⁷ SINGER, Paul. Apresentação. IN: HECKER, Alexandre. *Socialismo sociável: História da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998. pp. 12-13.

²³⁸ Ibidem. p. 13.

²³⁹ HECKER, Alexandre. Op. Cit., p. 295.

²⁴⁰ MOURA, Alessandro. *Movimento operário em Osasco, São Paulo e ABC Paulista: rupturas e continuidades*. Tese (Ciências Sociais). Marília: UNESP, 2015.

seja pela atuação da Polícia Política²⁴¹. Esta certamente foi uma experiência de enorme aprendizado político em que Jacob Gorender muito provavelmente se envolveu, dada a posição de quadro dirigente que então ocupava. Algo que demandava o enfrentamento tanto com as forças policiais, o descrédito midiático e a disputa, em assembleias e na prática cotidiana, contra as outras forças de esquerda em cena, como os trabalhistas e socialistas.

A greve foi vitoriosa, com a satisfação do que era requisitado, especialmente o aumento generalizado de salários²⁴². Além da rica experiência de luta política que adquiriu como dirigente em uma conjuntura de intensa atividade dos trabalhadores organizados, a vivência em São Paulo também permitiu a Gorender poder estreitar os laços com o seu conterrâneo Carlos Marighella, militante com uma década a mais de experiência nas fileiras comunistas, sendo participante de importantes experiências políticas, como o Levante de 1935 e a decorrente repressão:

Nesse período, consolidou-se minha relação com Marighella. Não só de companheirismo como de amizade, porque tínhamos reuniões freqüentes e conversávamos fora delas. Marighella era exigente no cumprimento das tarefas, porém se preocupava com os problemas pessoais dos companheiros: se estavam alojados em locais seguros e razoavelmente confortáveis, se tinham dinheiro para comer, enfim, era uma pessoa com quem a gente podia se abrir, algo quase impossível com Arruda e outros da alta direção.²⁴³

A participação de Jacob Gorender na militância de base paulista não encerrou a sua colaboração com a imprensa partidária, porém esta atividade sofreu uma diminuição. Se é em menor número que foram veiculados textos deste jornalista naquela conjuntura, não eram de menor importância os problemas com que ele lidava em sua escrita.

O número 1362 do jornal *Imprensa Popular*, do dia 05 de março de 1953 foi marcado por péssimos agouros para os comunistas de então. A manchete “Stálin Enfermo”, em letras garrafais, chamava a atenção e certamente preocupava os militantes que se detinham perante o veículo jornalístico. A equipe relatava consternação no povo carioca com as notícias relativas ao estado de saúde do líder soviético. “Pesar e apreensão nas fisionomias” é o subtítulo da matéria em que, valendo-se de pequenos ocorridos cotidianos, os comunistas expunham o que percebiam como a afetação da classe trabalhadora com a enfermidade do dirigente. Concluem:

²⁴¹ HECKER, Alexandre. Op. Cit., p. 295.

²⁴² Ibidem, p. 294.

²⁴³ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1990. p. 27.

Assim é o povo. Apesar do terror policial e da infame propaganda da imprensa dos trustes, compreende dia a dia melhor, o papel de Stálin e da URSS na defesa do que lhe é mais caro: a paz, a independência nacional e o direito à felicidade. Por isso, nesta hora, todos acompanham com um interesse filial aos boletins médicos do Kremlin, desejando ardentemente o reestabelecimento do grande comandante do Campo da Paz e do Socialismo.²⁴⁴

As notícias só não foram mais dolorosas do que as do dia posterior, que confirmavam o pior: “Lágrimas e luto em todos os países - Morreu Stálin”²⁴⁵. A “*perda inestimável para os povos soviéticos e do mundo inteiro*”, ocupou largas páginas de *Imprensa Popular* bem como de outros periódicos do PCB, e não repercutiu apenas em um dia, mas por várias semanas. Esta repercussão certamente representa um sentimento que afetou aos comunistas em geral, Jacob Gorender entre eles:

[...] o ídolo não era tão somente “o maior gênio da humanidade”, como o venerou o jornalista Mário Alves. Como se fosse Deus, ele a protegia. Na consagração de Jacob Gorender, também da direção nacional do PCB, era “o gigante toda bondade, todo paternal, todo sabedoria”. Para Prestes, o “irmão” que “amamos como a um pai providente, bom e justiceiro”. Ou – na reverência de Peralva – o “pai amado” cujo adeus foi, conforme Jorge Amado na *Gazeta Literária* de Moscou, um “instante de dor desesperada, de dor da criança que perdeu o pai amantíssimo e se sente órfã e abandonada”. Moacir Werneck de Castro assinou o epitáfio da comoção épica: “Na tua frente de gênio despejamos o beijo filial da despedida”.²⁴⁶

Variados quadros partidários expressaram a sua dor na imprensa do PCB. Provavelmente não gastaram tinta em vão, para cumprir protocolo frente à morte de uma autoridade, mas de fato sofreram com um ataque em uma de suas “razões de ser”. As memórias de Gorender, mobilizadas décadas à frente sob o estímulo de jornalistas e militantes interessados nas experiências do longo comunista, silenciam sobre este importante marco geracional. Outras fontes, porém, abrem caminho à formulação de hipóteses acerca deste evento impactante.

Aberto por versos do poeta chileno Pablo Neruda, o artigo “*Tu nos deste a honra, a bandeira, o Partido*”, assinado por Jacob Gorender, integra o número 416 de *A classe operária*. Mário Alves, seu companheiro de militância desde os tempos em que atuavam em Salvador, ali também presta honras à memória do falecido. Uma série de comunistas imprimiu neste veículo a sua homenagem ao seu dirigente internacional. O Comitê Central

²⁴⁴ Imprensa Popular. Consternado o Povo Carioca com a enfermidade de Stálin. Rio de Janeiro: 05/03/1953. N. 1362. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

²⁴⁵ Imprensa Popular. Lágrimas e luto em todos os países - Morreu Stálin. Perda inestimável para os povos soviéticos e do mundo inteiro. Rio de Janeiro: 06/03/1953. N. 1363. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

²⁴⁶ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., p. 215.

em peso figura ali – João Amazonas, Pedro Pomar, Diógenes Arruda Câmara e o próprio secretário-geral Luiz Carlos Prestes. Os discursos de Malenkov, Molotov e Beria pronunciados no funeral de Stálin também são reproduzidos para as leitoras e leitores do Brasil²⁴⁷. Dentre estes, escreveu Gorender:

Não posso mais do que recordar que Stálin pertence à minha vida, que a ele devo, tanto como a ninguém, a minha honra, a minha bandeira, o meu Partido. Já possuía o nome de Stálin a força da lenda, mais formosa ainda do que todas as da antiga mitologia, quando atingi a idade da consciência política. As trevas da incertidão e da amargura de jovem esmagado pela pobreza se desvaneceram quando sobre a trilha de minha vida jorrou a sua luz. Há um combate a travar, há uma bandeira a que só podem dignificar os novos cavaleiros “sem medo e sem mácula”²⁴⁸.

Fica explícito, em suas palavras, um sentimento de gratidão para com Stálin. A declaração de fidelidade aos princípios comunistas, enquanto um soldado em continência ao seu marechal, também é a tônica de seu texto. Os artigos que também figuraram em *Classe Operária* não deixam de ressaltar outras qualidades do líder do movimento comunista internacional. Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do PCB, afirma que Stálin representava:

esse futuro feliz e radioso, significava a certeza nesse mundo diferente por que lutamos, em que os homens se verão definitivamente livres da exploração pelo próprio homem. Sentíamos-nos fortes porque tínhamos Stálin [...] era a certeza na vitória em nossa luta pelo pão e pela liberdade, pela independência de nossa pátria do jugo opressor dos imperialistas americanos.²⁴⁹

Outra morte encheu de pesar os comunistas brasileiros no mês de março de 1953. No dia 21 do referido mês a *Imprensa Popular* noticia, em sua capa, o falecimento “do nosso querido camarada Graciliano Ramos”. O texto sobre o intelectual intitula-se “Homem de Partido e destacado combatente da causa da paz”²⁵⁰. Cabe discutir a forma com que a imprensa partidária apresentou a trajetória de Graciliano Ramos no seu obituário:

²⁴⁷ A Classe Operária. Nos funerais de J. V. Stálin. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

²⁴⁸ GORENDER, Jacob. Tu nos deste a honra, a bandeira, o Partido. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

²⁴⁹ PRESTES, Luiz Carlos. Ergamos bem alto a bandeira de Stálin. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 1-2.

²⁵⁰ Imprensa Popular. Homem de Partido e destacado combatente da causa da paz. Rio de Janeiro: 21/03/1953. N. 1376. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

Participou dos grandes acontecimentos de sua época na luta pela libertação nacional, na luta pela paz. Soube ver para onde marcha a cultura, mostrou de onde vem a grande época que transforma o mundo e nunca, em momento algum, escondeu a sua condição de membro do Partido Comunista do Brasil. Ao contrário, fazia questão de que todos o soubessem, fazia questão de tornar evidente o seu orgulho de pertencer ao partido do proletariado, de seguir o comando de Prestes.²⁵¹

No texto em questão, aquilo que é percebido como a sua postura militante e a sua clarividência frente o seu tempo são articuladas na matéria diretamente com a sua filiação ao Partido Comunista (sob o comando de Prestes). Destacam que o secretariado do PCB o saudou por, através das qualidades já citadas, honrar “*as melhores tradições democráticas de nossa intelectualidade*”. Está inscrito o nome de Graciliano Ramos “*Na história da luta dos nossos intelectuais em defesa da cultura, contra a exploração do homem pelo homem, pela paz e pelo progresso do Brasil*”. O escritor é elogiado por não se deixar fascinar pela glória literária nem assumir uma postura afastada das lutas sociais de sua época, sofrendo as agruras de ter se engajado na ANL. O ponto máximo de seu itinerário foi o ingresso, em 1945, no Partido Comunista do Brasil, “*tomando parte ativa em todos os movimentos patrióticos e populares dirigidos pelo partido da classe operária e do povo.*” O autor de *Vidas Secas* é, enfim, homenageado como um modelo de intelectual para os propósitos comunistas, assumindo posição de vanguarda quando necessário, integrando junto de “*escritores patriotas e progressistas*” a “*defesa da cultura e da paz*” contra os atentados da reação.

Graciliano estava integrado, especialmente no final de sua vida, com o modelo de intelectual esperado pelo PCB. Não é demasiado relembrar o já citado diálogo que o escritor teve com Prestes no momento que este indagou a razão para o já celebrado literato ainda não ter ingressado na agremiação dos comunistas brasileiros. Os intelectuais, “*os homens de pena*”, eram aliados extremamente necessários foi o que declarou o secretário-geral naquele encontro, ocorrido em 1945, conjuntura em que o Partido Comunista gozava de seu maior prestígio perante a sociedade brasileira. A disputa de “*corações e mentes*” não tinha pequena importância então. Jamais chegou a ser menosprezada desde então. Mas os esforços de formação dos quadros aptos a levar a cabo a emancipação da classe trabalhadora ganharia novo fôlego algum tempo depois do falecimento de Stálin e Graciliano Ramos, processo que será examinado no próximo subcapítulo.

²⁵¹ Imprensa Popular. Op. Cit., N. 1376. p. 3.

2.3 Professor nas *Escolas de Partido*: um esforço para educar a militância comunista no Brasil

Dentre as tantas homenagens legadas ao então querido “Guia genial dos povos”, merece destaque o nome de *Recrutamento Stálin*, organismo então destinado para o recrutamento de novos membros. Já existia então, com nome semelhante, o *Curso Stalin*, forma com que batizaram um dos níveis de graduação das escolas para formação de militantes qualificados para os deveres partidários e com as quais Jacob Gorender contribuiu com importante tarefa:

No Comitê Nacional do PCB, [Marighella] leu o relatório das medidas adotadas para as homenagens. E anunciou o Recrutamento Stálin para reforçar as fileiras do partido – o principal programa de formação de militantes do PCB já se chamava Curso Stálin. A lembrança do comandante soviético sobreviveria, prometeu Gorender: “O teu nome brilhará como radioso diamante enquanto memória tiver a espécie humana”. Perpétuos seriam o constrangimento e a vergonha de Marighella, Gorender e milhões de contemporâneos por tamanha bajulação. O arrependimento, contudo, demoraria. Até então, eles identificavam no falecido a grandeza do russo Lênin e dos alemães Marx e Engels, aos quais Stálin se unira no panteão comunista. Eram os padroeiros da existência com sacrifícios, suportados em nome da sociedade justa e fraterna.²⁵²

As Escolas de Partido configuravam um esforço educacional que data do início da década de 1950, mas os planos de formação de quadros partidários não constituíam completa novidade na história do PCB, tampouco na do movimento comunista internacional. As iniciativas de pedagogia revolucionária estão no âmago do pensamento de Lênin, pelo menos, líder que indicava em seus escritos a necessidade do partido político exercer um papel pedagógico, sendo formada, após a sua morte, uma tradição entre os Partidos Comunistas de dedicarem-se à educação política daqueles que os compunham. Esta tradição correspondeu, em cada espaço em que foi levada a cabo, às necessidades específicas conjunturais²⁵³. Na URSS, por exemplo, já no início dos anos 1920 entraram em cena a Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente e a Escola Internacional Leninista. Os militantes brasileiros trabalham com a formação de novos quadros desde a primeira década de existência de seu Partido, o que constituía um dos meios de participação possível a que recorriam na disputa política, porém com pouca regularidade e

²⁵² MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 215.

²⁵³ MOTTA, Manoel Francisco. *O projeto político-pedagógico dos stalinistas brasileiros* (Formação de Quadros e Educação Política no PCB: 1950/1958). Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: USP, 1995. pp. 15-27.

resultados efetivos.²⁵⁴ Visando aprimorar a formação dos seus militantes que o Partido Comunista do Brasil decide organizar a sua “Escola de Partido”, seguindo o citado exemplo soviético, agora com esforços mais centrados do que o feito até então, inseridos no projeto revolucionário contido no *Manifesto de Agosto*, vigente nos anos iniciais da década de 1950.

Luiz Carlos Prestes, em “*Guiados pelos ensinamentos do Camarada Stálin, nosso educador, estudemos e assimilamos a Doutrina Marxista-Leninista*”, texto de abertura do número 31 de *Problemas*, espaço onde eram divulgadas a linha política e as avaliações conjunturais formuladas pelos dirigentes soviéticos e brasileiros, lança mão, com base nas formulações levadas a público em agosto de 1950 e aproveitando a ocasião do aniversário de Stálin, de criticar os erros do Partido no que tange à formação de seus membros e a necessidade, para efetivar com sucesso a “*revolução nacional-libertadora*”, de se alcançar um novo nível de consciência entre aqueles que integram a organização:

Uma vez traçada uma linha acertada, depois de haver solucionado com acêrto uma questão, o êxito depende do trabalho de organização, depende da organização da luta pela aplicação na prática da linha do Partido, depende de uma acertada seleção dos homens, do contrôlo do cumprimento das decisões adotadas pelos órgãos dirigentes. Sem isto, a linha acertada do Partido e as decisões acertadas correm o risco de sofrer sério prejuízo. Mais ainda: após traçada linha política justa, é o trabalho de organização que decide tudo, inclusive da sorte da própria linha política, sua aplicação ou seu fracasso.²⁵⁵

As palavras do secretário-geral do PCUS, aqui apropriadas por Prestes, servem aos propósitos locais do Partido Comunista do Brasil. A “*linha acertada*” corresponde à do Manifesto publicado em 1º de agosto de 1950. Cabia então levar a cabo com êxito esta linha correta. Como fazê-lo? Através da organização partidária, a qual depende da organização dos “*elementos avançados da classe operária*”:

O Partido se distingue de outros destacamentos da classe operária, antes de tudo, por não ser um destacamento pura e simplesmente, mas um destacamento de *vanguarda*, um destacamento *consciente*, um destacamento *marxista*, da classe operária, armado com o conhecimento da vida social, com o conhecimento das leis da luta de classes, o que o capacita para conduzir a classe operária e a dirigir a sua luta. Por isso, não se deve confundir a parte com o todo, nem pretender que qualquer grevista possa considerar-se como membro do Partido, pois, confundir o Partido com a classe, equivale a rebaixar o nível de consciência do Partido ao nível de “qualquer grevista”, equivale a destruir o Partido, como destacamento

²⁵⁴ SECCO, Lincoln. Op. cit., 2013, p. 42.

²⁵⁵ STÁLIN, Josef apud PRESTES, Luiz Carlos. Guiados pelos ensinamentos do Camarada Stálin, nosso educador, estudemos e assimilamos a Doutrina Marxista-Leninista. IN: *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: Nov.- Dez. 1950. N. 31. p. 5.

consciente de vanguarda da classe operária. A missão do Partido não é *rebaixar* seu nível ao de “qualquer grevista”, mas sim *eleva*r as massas operárias, *eleva*r “qualquer grevista” ao nível do Partido.²⁵⁶

Estava posta uma das novas tarefas partidárias no Brasil: distinguir o Partido de outras organizações através da conscientização de seus militantes, os quais devem assumir posição de vanguarda perante os outros membros da classe operária. Para além da belicosidade dos jargões militares utilizados no pronunciamento de Stálin citado pelo líder brasileiro, também se faz presente no discurso, agora de Prestes, o heroísmo atribuído à militância comunista do Brasil. Heroísmo estéril, porém, se não baseado:

[...] na convicção científica da justeza da causa que defendemos e é preciso que cada uma veja claro e saiba efetivamente o que quer. É indispensável conhecer as leis que presidem ao nascimento, desenvolvimento e fim da formação social capitalista para que se possa mobilizar, organizar e dirigir com acerto a classe operária e demais trabalhadores em sua luta contra os exploradores nacionais e estrangeiros.²⁵⁷

Este caminho que necessitava ser trilhado pela militância comunista brasileira corresponde a aspirações já presentes na década de 1920, quando da fundação do PCB. Antônio Rubim, em referência ao famoso texto “Para ser comunista”, publicado no jornal *O País* originalmente, acentua a “*mística [...] que parece orientar e alimentar certa (auto) visão do PC e seus militantes*”. De acordo com este autor, pode-se interpretar que, mesmo que a “mística” não corresponda exatamente à realidade, ela indica a existência de “*um certo nível de exigência de formação cultural*”²⁵⁸. A partir desta exigência, que era posta tanto aos militantes individualmente quanto à sua organização como um todo, que a organização de cursos e mesmos escolas para os membros do Partido Comunista é animada durante toda a existência da agremiação, processo que se acentuou a partir de fevereiro de 1951, quando adquire qualidade nova, sob a orientação soviética e a animação do secretário-geral Luiz Carlos Prestes, como se percebe no texto citado. A Escola de Partido se constituía então com o objetivo de: “[...] *eleva*r o nível teórico e político de seus militantes, quadros e dirigentes, e transmitir a doutrina do partido, com o objetivo de prepará-los para o exercício do poder revolucionário que estava próximo”²⁵⁹.

Do planejamento, já presente no pronunciamento de Prestes em *Problemas*, à concretização das Escolas de Partido, o intervalo não parece ter sido muito longo. Nas

²⁵⁶ Ibidem, pp. 5-6.

²⁵⁷ PRESTES, Luiz Carlos, Op. Cit., 1950. p. 6.

²⁵⁸ RUBIM, Antônio. Op. Cit., p. 380.

²⁵⁹ MOTTA, Manoel Francisco. Op. Cit., p. 86.

condições de clandestinidade que já se tornavam habituais para os militantes brasileiros, a experiência no arranjo de residências que cumprissem os requisitos necessários às suas atividades suspeitas já deveria estar consolidada para os encarregados desta tarefa. Osvaldo Peralva, já um ex-comunista crítico da “cultura de aparelho” característica dos Partidos Comunistas no momento de escrita de suas memórias, fornece um relato panorâmico do espaço e do funcionamento cotidiano de um curso partidário oferecido no Brasil:

Recordo-me apenas que o lugar distava umas quatro horas do Rio, de onde eu partira em automóvel certa noite, fazendo todo o trajeto em alta velocidade, os olhos fechados, como de praxe. Agora achava-me em meio de vasta chácara, no quintal de uma casa que era uma peça integrante do aparelho clandestino do Partido. Por aquela época servia de sede a mais um curso de 15 dias, de marxismo-leninismo, do qual participavam umas trinta pessoas, em sistema de internato. Mesmo sem ser aluno, desempenhando então outra tarefa, eu me enquadrava no regime vigente, ajudando nos serviços domésticos, dormindo em esteiras no chão e entrando na escala de plantonistas que se revezavam durante a noite, armados ou desarmados, conforme o caso, atentos a quaisquer ruídos ou fenômenos estranhos que surgissem.²⁶⁰

As Escolas de Partido demandavam, de acordo com este registro, uma série de procedimentos. No cunho prático se impunha a própria segurança dos participantes bem como a manutenção do espaço, lembrada pela expressão “serviços domésticos”, que devia incluir limpeza, alimentação etc. É nas atividades de cunho teórico ali desenvolvidas, porém, que se encontra a finalidade da iniciativa.

A escola era organizada de acordo com três níveis de graduação, cada nível com uma variação temporal distinta, de uma semana a três meses. Dada a concisão, cita-se Manoel Motta:

O primeiro nível era constituído por um pequeno curso com duração prevista inicialmente para uma semana, mas que poderia ser dado em dois ou três dias. Esse curso era considerado como a primeira etapa do processo de formação dentro do partido. Nele estudava-se a sua *linha política* e aprendia-se alguns rudimentos de *marxismo-leninismo*. O estudo da linha política era feito utilizando-se o texto do *Manifesto de Agosto*. Este primeiro curso era denominado, na estrutura da escola, de “Curso Prestes”. O segundo nível era considerado como o *nível médio* dentro do processo de formação no partido. O curso desse estágio tinha uma duração que podia variar de 15 a 30 dias. Nele já se encontrava uma preocupação maior com a questão teórica. Em muitos casos esses cursos significou [sic] para alguns militantes uma primeira aproximação mais sistemática com a teoria. Esses cursos *médios* eram chamados de *Curso Stálin* e acabaram tornando-se a instância mais importante de formação dentro do partido. Pensado como um curso para aprofundar o *estudo* teórico ideológico e político, destinava-se, pelo menos nos termos da proposta, a formação de dirigentes partidários. [...] Finalmente, tinha-se o terceiro nível com o curso de

²⁶⁰ PERALVA, Osvaldo. *O retrato*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962. p. 6.

maior duração, que era dado em aproximadamente 90 ou 100 dias. Esse curso mais longo, que deveria ser o curso superior na hierarquia de formação partidária, era denominado de *Curso Lenin*. Oferecido, ao que parece, apenas duas vezes, se realizou na cidade do Rio de Janeiro, em uma chácara onde teria sido instalada a Escola de Quadros do Comitê Central. Além dos membros do partido brasileiro esse curso contou também com a presença de alguns alunos vindos de outros partidos comunistas da América Latina.²⁶¹

Não é sabido como Jacob Gorender, especificamente, se tornou professor na Escola de Partido, mas, o que se registrou é: “[...] *que todos os professores que atuaram na escola do partido, bem como o pessoal de administração e serviços, eram formados por quadros permanentes do partido*”²⁶². Ele possuía vínculos com a Comissão de Educação do PCB, a qual era liderada provavelmente por Diógenes Arruda. Comissão esta que não era a única responsável pela escolha e definição daqueles quadros permanentes aptos a contribuir na importante tarefa de formação partidária, uma medida que cabia também ao próprio Comitê Central, órgão que centralizava as decisões da vida partidária. Outros quadros com o mesmo tempo de dedicação à militância e com semelhante peso na estrutura organizativa do Partido também serviam nos novos cursos, como Armênio Guedes e Mário Alves.

Sobre as tarefas como professor nos *Cursos Stálin*, bem como sobre a forma com que se processava o cotidiano em tais aulas, uma das poucas fontes disponíveis é constituída pela memória dos envolvidos, neste caso, do próprio professor Jacob Gorender:

Os militantes se fechavam dentro de uma casa, e ficavam ali durante todo o tempo, de uma semana a um mês, ouvindo, lendo, discutindo e sendo sabatinados. Basicamente, o curso Stalin, com duração de um mês, constava de comentários sobre a União Soviética, tomando como “gancho” a última obra de Stálin, *Problemas econômicos do socialismo na União Soviética*, repleta de erros teóricos e prognósticos não confirmados, como hoje se pode ver. Para nós, naquela época, era a última palavra do maior gênio da humanidade. Tratava-se de fortalecer nos militantes a fidelidade à mãe-pátria socialista, cuja defesa constituía princípio incondicional, incompatível com a mínima crítica. A par disso, havia uma parte do curso dedicada ao Brasil, a qual girava em torno de considerações sobre a sociedade brasileira, a sua estrutura de classes etc. Tudo na base de dados precários e raciocínios viciados. Eventualmente, textos dos autores clássicos do marxismo eram fornecidos para estudo e comentário.²⁶³

O rol de leituras do programa de curso não se distinguia dos clássicos com que o militante recém-ingresso travava contato dez anos antes, como foi possível acompanhar no capítulo anterior. De importância semelhante à formação teórica propriamente dita que, como confirmam os textos de Prestes, era o objetivo principal na operação das Escolas de

²⁶¹ MOTTA, Manoel Francisco. Op. Cit., pp. 87-88.

²⁶² Ibidem, p. 91.

²⁶³ GORENDER, Jacob. Op. cit., 1990, p. 28.

Partido, era a própria formação de militantes aptos à prática partidária, aos imperativos que esta impunha aos que a ela desejavam engajar-se, em uma conjuntura de radicalização, em que a formação de organizações para o enfrentamento entre a classe operária e os seus inimigos exigia absoluta dedicação:

Eu me apegava à máxima que Brecht incorporou em uma de suas obras: a de que “é melhor errar com o Partido do que acertar fora dele”. Para mim, uma norma definitiva. Os cursos do PCB não incluíam apenas conceitos doutrinários e orientações políticas, como também certas normas éticas e de comportamento partidário. Porque se procurava formar o militante dentro do padrão de abnegação total à causa do partido. “O partido é tudo”, dizia-se. Consequentemente, as massas vinham em segundo lugar. Nos cursos, sempre se ressaltavam as biografias daqueles que morreram lutando, suportando sacrifícios. O militante devia ser capaz de sofrer necessidades e resistir na situação extrema de tortura. Ao mesmo tempo, introjetava-se nele o comportamento do indivíduo servil, obediente, sem capacidade crítica diante de seus superiores partidários.²⁶⁴

Estas tarefas eram cumpridas por Jacob Gorender concomitantemente à sua militância de base em São Paulo, exigindo os seus esforços entre 1951 e 1954. Aquela foi uma conjuntura bastante movimentada. Ao mesmo tempo em que contribuía na formação política de seus colegas de partido, também atuava na mobilização de trabalhadores que chamou a atenção nacional, bem como seguia escrevendo para os jornais de sua organização. Eram tempos em que a revolução, ao menos no programa aprovado como diretriz para o Partido Comunista, aparentava estar próxima. Cabia a organização de sua militância. O ano de 1954 reservou abalos para este processo, sendo momento de eventos importantes não só para a vida organizativa do PCB, mas para a sociedade brasileira como um todo.

Na edição do dia 24 de agosto de 1954, estampava as páginas de *Imprensa Popular* uma entrevista com Luiz Carlos Prestes: “[...] *fazendo ataques contundentes ao presidente e a ‘seus policiais’, acusados de terem ‘instintos sanguinários’ e de haverem ‘torturado e assassinado’ trabalhadores. No final, conclamava a união e a organização de ‘nossas forças’ para ‘pôr abaixo o governo [...] e substituí-lo por um governo democrático de libertação nacional’*”.²⁶⁵

No mesmo dia em que foi às bancas a entrevista citada acima, o Brasil era abalado pela notícia do suicídio de Getúlio Vargas na madrugada. O presidente se encontrava envolvido em uma aguda crise política. Entre os seus detratores, tanto a direita informada pelo jornalista Carlos Lacerda quanto a esquerda comunista. O PCB caracterizava o atual

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014, p. 262.

governo como sendo de “*traição nacional*”, não hesitando em afirmar que “*durante o governo Vargas tudo piorou para o povo*”.

Até a fatídica data em agosto de 54 os comunistas pediam abertamente o fim da “*ditadura*” varguista, a qual deveria abrir espaço a “*um governo democrático de libertação nacional*”. Manifestações populares várias seguiram este fato, via de regra expressando a confusão sentimental entre a tristeza e a fúria. Bens dos setores da oposição foram atacados, como os caminhões de entrega do jornal *O Globo* e o edifício da Embaixada dos Estados Unidos, assim como o articulista contrário a Vargas escondeu-se dos olhos do público²⁶⁶. Os comunistas, surpresos, foram vítimas de suas afirmações contra o governante:

A notícia do suicídio se espalhou, e os comunistas que estavam com Marighella se dispersaram. Não se esqueceram de cortar a insígnia “Abaixo a ditadura de Getúlio” para “Abaixo a ditadura”. Em um vexame antológico, os camaradas varreram o Rio de Janeiro com um arrastão para recolher e queimar os exemplares da *Imprensa Popular* que naquele dia reeditava a entrevista de Prestes com o apelo para “pôr abaixo o governo Vargas”. Em Porto Alegre, tiveram menos sorte. A turba getulista não destruiu somente as instalações do *Diário de Notícias*, do conglomerado oposicionista dos Diários Associados, e apedrejou o consulado dos Estados Unidos. Encolerizada, empastelou a *Tribuna Gaúcha*, jornal do PCB, quebrando máquinas de escrever, mesas e cadeiras.²⁶⁷

Percebe-se, pelo exemplo de Marighella e daqueles próximos dele, que ou os comunistas atendiam à demanda posta por este novo evento e uniam-se à população revoltosa, ou sofriam com a sua cólera. Cabia, porém, elaborar uma reavaliação conjuntural, afinal, pouco tempo antes os órgãos do Partido caracterizavam “[...] *o governo Vargas como entreguista, a serviço do imperialismo norte-americano e que, portanto, precisava ser derrubado*”²⁶⁸.

Autores como José Antonio Segatto e Raimundo Santos argumentam que, com a morte de Vargas e as manifestações antigolpistas em decorrência, o Partido Comunista sofreu “*mutações importantíssimas*”, as quais não alteraram a sua estrutura de pensamento, contudo. Entre as mudanças, segundo Santos:

[...] pressionado pelos acontecimentos, os comunistas são forçados a reconhecerem diferenciações nas forças políticas presentes na conjuntura; b) começaram a ver à sua frente a possibilidade de participarem da formação de uma Coalizão, bem diversa da FDLN; c) passaram a valorizar as liberdades

²⁶⁶ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 180.

²⁶⁷ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., p. 231.

²⁶⁸ SEGATTO, José Antonio. *Reforma e revolução*. As vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 35.

democráticas cada vez mais como via privilegiada para obter conquistas às reivindicações populares.²⁶⁹

As liberdades democráticas já haviam sido privilegiadas pelos comunistas brasileiros no imediato pós-guerra. Era um posicionamento do movimento comunista internacional como um todo. O sectarismo assumido logo após foi um efeito aos ataques da direita brasileira, os quais se inscreviam no quadro de radicalismo da recém-inaugurada Guerra Fria. As diferenciações entre forças políticas e a possibilidade de formação de coalizão também formaram práticas passadas que a conjuntura de agressão não permitia aos clandestinos comunistas.

A reorientação que o PCB experimentava não se processava de forma tranquila, pelo contrário. As primeiras respostas à crise aguçada com a morte de Vargas ainda levaram alguns dias para emergirem. O momento essencial em que a possibilidade de redefinições deveria ser constituída avizinhava-se.

Em novembro de 1954 realizou-se o IV Congresso partidário, na cidade de São Paulo, vinte e cinco anos após o último encontro do tipo²⁷⁰. Em seu programa, aprovado por unanimidade, destaca-se a persistência da fórmula de “*derrubar o governo de traição nacional*”, ocupado por “*latifundiários, [...] instrumento servil dos imperialistas dos Estados Unidos*”, com a seguinte linha política como consequência:

Frente a tal quadro, seria necessário substituir o “governo de latifundiários e grandes capitalistas” por um “governo democrático de libertação nacional”, através da “luta irreconciliável e revolucionária de todos os patriotas brasileiros...” Isto seria possível constituindo-se uma “frente democrática de libertação nacional” ou uma “ampla e poderosa frente única de todas as forças antiimperialistas e antifeudais”, forjada “na luta libertadora”.²⁷¹

A ocasião não servia apenas para traçar diretrizes futuras, mas também como reavaliação das atividades partidárias até então correntes. Jacob Gorender, neste Congresso, pronunciou-se sobre a questão das Escolas do Partido, com as quais encontrava-se profundamente envolvido. Com o pseudônimo de Sabino Bahia, entrevistou:

Foi com as resoluções do pleno de fevereiro de 1951 do Comitê Central, que o Partido tomou medidas efetivas para levantar o trabalho de educação. Depois de aberta a escola do Comitê Central, no decurso destes últimos anos, já pudemos

²⁶⁹ SANTOS, Raimundo. Crise e pensamento moderno no PCB dos anos 50. IN: MORAES, João Quartim; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 1: o impacto das revoluções. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 203.

²⁷⁰ CHILCOTE, Ronald. Op. Cit., p. 166.

²⁷¹ SEGATTO, Op. Cit., p. 38.

organizar, por todo o país, uma rede de numerosas escolas. A partir de 1951, até agora, passaram pelos cursos elementares do Partido, de 4 e menos dias, 1.960 alunos; pelos cursos médios, de 6 a 15 dias, 1.492 alunos; e pelo curso superior do Comitê Central, 554 alunos. Neste mesmo período, multiplicaram-se as sabatinas, palestras e conferências educativas, bem como os círculos de estudo. É indiscutível que esta atividade, particularmente no que se refere às escolas, tem produzido efeitos altamente benéficos para a formação ideológica do Partido e representa uma soma de realizações concretas de que nos devemos orgulhar, nas presentes condições de clandestinidade. Mas as necessidades do Partido, como instrumento fundamental de aplicação das tarefas do Programa, exigem muito mais do trabalho de educação.²⁷²

Declarados os vultosos números do esforço pedagógico comunista (dentro das dadas condições conjunturais), o professor Jacob Gorender não se furtou a criticar os pontos falhos no projeto em curso. A desigualdade regional na consecução dos cursos constituiu um ponto que atrapalhou o êxito das Escolas. Para o avalista, este problema se devia, em boa parte, ao próprio desaparelhamento ou mesmo má vontade de alguns dos membros das direções estaduais. Condena com mais veemência as debilidades na composição dos frequentadores dos cursos:

Os dados revelam, porém, algo de mais grave, se considerarmos a questão, realmente vital, da formação de quadros oriundos das grandes empresas, de mais de 500 operários, de quadros “proletários de puro sangue”, de que fala Stálin, que devem prevalecer nas direções do Partido a fim de assegurar a sua pureza ideológica. Entre os alunos da escola do Comitê do Estado do Rio, houve apenas um de Volta Redonda e nenhum da Leopoldina. E estas são duas entre as maiores empresas de todo o país. Em Minas, a percentagem de alunos, nos cursos de mais de 10 dias, provindos das grandes empresas, atingiu somente 13%. Percentagem igualmente baixa assinala São Paulo, devendo-se levar em conta que, exclusivamente na capital paulista, existem, segundo estatística de 1951, nada menos de 140 empresas de mais de 500 operários. As melhores percentagens, nesse particular, são as de Pernambuco, 25%, e Rio Grande do Sul, 20%. Não resta dúvida que aí está uma das falhas mais sérias de todo o nosso trabalho de educação. As dificuldades, tantas vezes alegadas, não podem justificar uma situação de tal ordem. É preciso zelar pela formação de quadros operários, em especial os oriundos das grandes empresas, trazendo-os não só para os pequenos cursos, como principalmente para os cursos médios e superiores. Outra debilidade a sanar se refere à percentagem muito baixa de mulheres e camponeses nos cursos das nossas escolas. É preciso levar em conta o grande papel dos camponeses e das mulheres nas lutas revolucionárias.²⁷³

O Congresso partidário, como de praxe, não se resumia à enunciação de teses, formulação de linha política e a apresentação de informes que dessem conta das múltiplas atividades de responsabilidade dos militantes. Era espaço, também, para as mudanças de ordem organizativa, onde muitos podiam ser alijados do poder enquanto outros também

²⁷² BAHIA, Sabino (pseudônimo de Jacob Gorender). Preparação, formação e educação de quadros do Partido. IN: *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: 12/1954 a 02/1955. N. 64. Acesso em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/prep.htm, às 16:14 de 26/07/2015.

²⁷³ BAHIA, Sabino. Op. Cit.

tinham a oportunidade de ascender na hierarquia do Partido, granjeando posições de mando e influenciando com maior eficácia nos rumos políticos que se desejava. Entre estas modificações há a eleição de Jacob Gorender enquanto membro suplente do Comitê Central²⁷⁴.

Integrante de um organismo dirigente do Partido Comunista, Gorender assumiu a sua posição mais destacada nesta agremiação até então. A sua eleição certamente indica que era prestigiado na organização. Militava no PCB tinha mais de dez anos, lutou nas trincheiras europeias, colaborava regularmente na *Interpress* e dedicava-se às importantes tarefas de formação dos quadros comunistas necessários à revolução nacional-libertadora. Agora, integrado ao Comitê Central, aumentavam os seus deveres e peso no Partido. Teve então de cumprir obrigações fora de solo brasileiro, sendo convidado a participar de uma das turmas de alunos enviadas à União Soviética para aprimorarem a sua formação política junto ao PCUS: iria se tornar um oficial no exército mundial da revolução.

2.4 Na pátria dos trabalhadores: aluno na Escola Superior do Partido Comunista da União Soviética

Para além da iniciativa local de formação de militantes através das Escolas de Partido, o PCB organizou a viagem de quadros brasileiros para estudarem na Escola Superior do Partido Comunista da União Soviética. De acordo com Gustavo Falcón, biógrafo de Mário Alves, ambos os PCs articularam um esforço conjunto de formação de quadros dirigentes para a atuação no Brasil, através de um empreendimento mais ambicioso do que o já efetuado nos trópicos:

Para formar seus altos dirigentes, o PCB começou a organizar, já em 1950, embaixadas especiais à URSS, escolhendo para isso os seus mais destacados militantes. Isso porque, os cursos dados pelo próprio partido formavam apenas, segundo Osvaldo Peralva, os cabos e sargentos do exército revolucionário. Os elementos mais categorizados, os quadros da oficialidade, deveriam sair da escola do PCUS. Os soviéticos tinham o PCB na conta do mais importante partido de esquerda da América Latina. Era o mais numeroso, havia passado pelo ensaio geral de 1935, tal como a Rússia passou pelo ensaio de 1905, possuía um dirigente de grande prestígio, dava mostras de combatividade e seguia fielmente a orientação de Moscou. Só lhe faltava quadros marxista-leninistas devidamente preparados. Isso a URSS estava disposta e tinha interesse em bancar. Queria formar esse pessoal capacitado para a tática e estratégia revolucionárias, gente

²⁷⁴ Para um levantamento detalhado da composição do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, comparando antes e depois do seu IV Congresso, conferir: LONER, Beatriz. *O PCB e a linha do Manifesto de Agosto: um estudo*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: UNICAMP, 1985. pp. 40-45.

capaz de abalar, fazer ruir, através da agitação e propaganda, o regime capitalista e edificar uma nova ordem social. Entre 1951 e 1955, o PCB enviou umas três turmas consecutivas para essa preparação de três anos em Moscou.²⁷⁵

A expectativa perante a oportunidade de estudar na URSS era provavelmente bastante alta. Osvaldo Peralva, por exemplo, fornece impressionante testemunho acerca de seus sentimentos quando comunicado que foi escolhido para estudo com os soviéticos:

Tentei dissimular a felicidade que me banhava a alma. [...] Levantou-se, estava feita a comunicação, saiu. Eu fiquei desarvorado e só. Era de tarde e fazia sol, mas nesse momento tudo me pareceu escuro e confuso. Conhecer Moscou, a Meca do comunismo internacional, era a grande aspiração acariciada por todos nós. E esta possibilidade agora me inundava de alegria.²⁷⁶

A sensação de júbilo rememorada por Peralva é compreensível ao se atentar à citação anterior. Como ali mencionado, a escola do PCUS representava oportunidade privilegiada para os militantes brasileiros: do Partido Comunista mais importante da América Latina, eram escolhidos aqueles que constituiriam os quadros oficiais de melhor qualificação, destinados à tática e estratégia revolucionárias. Jacob Gorender foi um destes.

Uma viagem longa de navio à Europa, bem como trechos de trem e avião, separavam os alunos de seu lar nos trópicos. Mudanças de hábitos eram uma constante com esta nova vivência. Um exemplo é o das restrições disciplinares a que eram submetidos:

Os quase cinquenta alunos brasileiros que tomaram lições de economia, política, filosofia e história, de 1953 a 1955, foram tratados como seminaristas e noviças – três deles para cada uma delas. O chefe do grupo, João Amazonas, proibiu álcool e sexo. Não admitiu que homens e mulheres dividissem quartos nem se fossem casados. Interditou a vitrola. A direção da escola autorizou, mas ele não quis a dança.²⁷⁷

Jacob Gorender participou da turma enviada a URSS no ano de 1955, agora sob a coordenação de Maurício Grabois. É possível que Grabois também se pautasse por métodos disciplinares, assim como Amazonas, o que levava os alunos militantes a trabalharem algumas brechas na conduta que, de acordo com os seus líderes, deveriam seguir. As restrições que provavelmente mais incidiram sobre o biografado são referentes ao relacionamento amoroso que recém iniciava com Idealina Fernandes, uma das dez mulheres a participarem da delegação brasileira:

²⁷⁵ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 143.

²⁷⁶ PERALVA, Osvaldo. Op. cit., p. 7.

²⁷⁷ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 218.

Já haviam enviado a Moscou uma primeira turma de estudantes, com o Apolônio de Carvalho e outros. Fui na segunda turma, em meados de 1955, verão lá. Em vez de vivermos em Moscou, nos colocaram a 39 quilômetros, em uma mansão gigantesca, que deveria ter pertencido a alguma família da nobreza do tempo do czarismo. Em um pavilhão ficaram uns quarenta homens e em outro cerca de uma dezena de mulheres, entre elas a minha futura companheira, Idealina. Nos enamoramos, mas só nos unimos no Brasil, pois ali não era possível. Ficávamos isolados e só tínhamos contatos com professores, seguranças, uma enfermeira e cozinheiros. Apenas quando tínhamos problemas médicos nos levavam a Moscou, e raras vezes para assistir peças de teatro ou concertos no Teatro Bolshoi. Em seis ou sete meses, eu já podia falar russo. Ali as aulas eram em russo, com tradução para o espanhol, pois não havia tradutor para o português. Mas poucos tinham familiaridade com o espanhol, estes contavam com a ajuda dos colegas. Nos domingos havia uns bailecos, com vitrola de discos de acetato em 48 rotações. Tocavam-se valsas, sambas, algumas músicas russas que serviam para dançar. Mas tinha umas dez mulheres para quarenta homens, então as coitadas tinham que dançar sempre, revezando os parceiros. Havia uma vigilância moralista, mas ali nasceram namoros, acho que não apenas o meu.²⁷⁸

Idealina Fernandes - filha de Hermogêneo Silva Fernandes, fundador da União Operária Primeiro de Maio, em Cruzeiro, município paulista, em 1917, organização que futuramente se tornaria um dos núcleos fundadores do PCB²⁷⁹ - foi aluna do professor Jacob Gorender nos *Cursos Stálin*. Se “*enamoraram*” na URSS, mas a união, de acordo com Jacob, “*ali não era possível*”. Idealina, por sua vez, entre a memória de inúmeras atividades a ocuparem o tempo da delegação brasileira, também recorre a lembranças de dividir com o agora colega: “*Uma neve danada, a gente passeando, "amassando neve"... era terrível.*”²⁸⁰.

Para além desta vivência afetiva, Gorender estudou “*Materialismo Dialético, Teoria do Estado, Economia Política, História do Movimento Operário Mundial, História da União Soviética, História do Partido Comunista da União Soviética, além de noções de Geografia e Literatura Russa.*”²⁸¹ Teve oportunidade também de aprender o idioma de Vladimir Lênin. Era um cotidiano de estudos intenso, afinal, as expectativas políticas envolvidas no empreendimento eram enormes, de acordo com as memórias de Osvaldo Peralva:

²⁷⁸ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 18.

²⁷⁹ CHILCOTE, Ronald. Op. cit., p. 48.

²⁸⁰ GORENDER, Idealina. Entrevista realizada por Alípio Freire, Carlos Eduardo Carvalho e Rose Nogueira. *Teoria e Debate*. n. 22, setembro de 1993. Acesso em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/idealina-fernandes-gorender?page=full>, às 21:34 de 01/03/2015.

²⁸¹ GORENDER, Jacob. Op. cit., 1990. p. 29.

Recebíamos 6 horas de aula por dia, com intervalo de 10 minutos de uma para outra. Iam de 9 às 12 horas, quando se interrompiam para o almoço, prosseguindo às 13 e terminando às 16 horas. Depois disso, havia a *consultácia* – períodos de meia hora ou uma hora em que os alunos pediam esclarecimentos aos professores sobre questões obscuras. Após as *consultácias*, atirávamos-nos aos dominós (quando em estação fria: inverno, outono) e jogávamos até que a campainha tocava para o jantar. Em seguida ao jantar, dávamos a volta em torno da casa e nos lançávamos ao estudo individual até 10, 11 ou 12 horas da noite. [...] Aos sábados à tarde e durante algumas horas de domingo, patinávamos e esquiávamos um pouco, e voltávamos para estudar. No verão, programa semelhante, só que os esportes eram diferentes – dentro do vasto quintal, jogávamos vôlei e futebol e andávamos de bicicleta. E de novo o estudo. Havia horário para todas as coisas, e tudo que não fôsse obrigatório, considerava-se proibido. Essa rigidez e essa pressa não eram casuais. Os ventos que anunciam tempestade já sopravam no Brasil. A revolução se aproximava: urgia formar seus dirigentes.²⁸²

O fato comum de maior importância para os jovens comunistas em solo russo não é referente à sua formação política e intelectual, mas sim o de ficar sabendo, quase que instantaneamente em comparação com os camaradas ao redor do globo, sobre o chamado *Relatório Krushev*, revelado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Dos brasileiros em solo russo, só tomaram parte no Congresso Diógenes Arruda Câmara, representante oficial do Partido Comunista do Brasil, Maurício Grabois e Jover Telles, os quais estavam participando da citada delegação de estudos.

A delegação brasileira, segundo as palavras de Daniel Aarão Reis, “[...] *permanecera ignorante de tudo, salvo murmúrios e boatos, que foram desprezados*”²⁸³. Arruda Câmara, especialmente focado neste momento da narrativa do historiador, viajou para a China e de volta a Moscou antes de retornar para o Brasil. O dirigente, em suas viagens, travou contato com o teor das denúncias emitidas no Congresso. Em solo brasileiro, já havia alguma repercussão do *informe* de Krushev, publicado na íntegra em *O Estado de São Paulo* e *Diário de Notícias*, assim como ocorria em outros jornais ocidentais de destaque²⁸⁴.

O aluno Gorender, porém, informou-se sobre as polêmicas revelações do novo dirigente soviético através do jornal *Pravda* e dos próprios professores que apresentavam o conteúdo das discussões aos seus alunos. As lideranças brasileiras presentes ao Congresso, que, como citado, estavam viajando, tentaram manter na confidencialidade o conteúdo das discussões²⁸⁵. Não era sem razão a sua tentativa, afinal, tamanhas denúncias poderiam

²⁸² PERALVA, Osvaldo. Op. Cit., p. 16.

²⁸³ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014, p. 268.

²⁸⁴ Ibidem, pp. 268-269.

²⁸⁵ GORENDER, Jacob. Op. cit., 1990. p. 29.

causar confusão entre a militância. Justamente o que aconteceu com a revelação do informe, como atesta o próprio Jacob Gorender:

Lá na União Soviética, o informe provocou na nossa turma de estudantes um rebuliço tremendo e eu, particularmente, entrei em grande agitação: para mim, aquilo era um problema de consciência, porque eu tinha sido um colaborador ativo do stalinismo. Comecei a falar abertamente a respeito desses problemas, o que me transformou em alvo dos intransigentes, dos inconformados com as denúncias do XX Congresso. A tal ponto, que se realizou uma assembléia geral na qual fui posto em julgamento. Precisei usar de habilidades de advogado para provar que estava apenas reproduzindo as revelações do informe confidencial de Kruchev.²⁸⁶

De acordo com esta memória, Gorender precisou lidar tanto com o seu problema de consciência oriundo de seu até então apoio irrestrito a Stálin – uma questão que não assolou apenas a ele, mas a uma infinidade de militantes, que responderam a esta intempérie das mais variadas formas –, quanto com as necessidades objetivas que este fato impunha à sua organização. Estas necessidades objetivas de âmbito organizativo eram oriundas, aliás, da própria “crise de consciência” que tomou conta dos comunistas brasileiros. A reação inicial, no Brasil, respalda a percepção de “inconformismo” e “intransigência” de parte da militância:

Por toda parte, os comunistas reagiam com raiva, denunciavam como apócrifo o texto divulgado, mais uma trama das agências de inteligência capitalistas, interessadas em difamar a União Soviética e Stálin. No Brasil não foi diferente. A direção do PCB negava de pé juntos a veracidade das “infames invencionices” do FBI e do Departamento de Estado, aquelas “máquinas de mentir”, como afirmara o habitualmente crítico Astrojildo Pereira.²⁸⁷

Atitudes compreensíveis. A grande imprensa, de fato, se orientava de forma anticomunista, o usual e sensato entre a militância brasileira era ter desconfiança redobrada com as informações que ali se veiculava. Nos jornais comunistas, o teor das notícias era distinto. Prestes saudava os avanços registrados no XX Congresso: “*o reconhecimento da pluralidade de caminhos para alcançar o socialismo; a ‘coexistência pacífica’ como imperativo dos novos tempos, e como crítica implícita ao ‘catastrofismo revolucionário’; e o caráter indispensável e ‘leninista’ da ‘direção coletiva’.*”²⁸⁸. Arruda Câmara estava sumido no exterior, entre os brasileiros “[...] *germinavam a apreensão e as dúvidas*”²⁸⁹.

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014, p. 269.

²⁸⁸ Ibidem, p. 269.

²⁸⁹ Ibidem, p. 270.

Em agosto, enfim, o histórico dirigente se reuniu e comunicou-se com outras lideranças do Partido:

O mistério terminou no último sábado de agosto. Desfalcado de quase metade dos seus 25 membros, em estudos na União Soviética, o Comitê Central fez uma reunião ampliada com meia centena de pessoas. Elas se espremeram numa casa em São Paulo onde funcionava uma escola de quadros. Por segurança, foram transportadas de olhos fechados. Talvez preferissem ter os ouvidos tapados, antes de o secretário de organização do PCB anunciar o inominável: sim, era tudo verdade.²⁹⁰

Dos quadros dirigentes do PCB estava ausente o secretário-geral Luiz Carlos Prestes, dadas as razões de segurança que costumeiramente se alegava para justificar a sua clandestinidade. A reunião durou vários dias, com críticas sobre o citado Prestes e a Comissão Executiva: Arruda, Amazonas, Grabois e Marighella. Segundo Falcón:

Marco Antônio Tavares Coelho, responsável pelo aparelho da reunião, lembra a perplexidade geral prevalecente. Mesmo entre experientes dirigentes, como Giocondo Dias, Astrojildo Pereira e Carlos Marighella. [...] Dessa reunião resultou pouca coisa. Críticas amargas, autocríticas dramáticas, como a de Marighella. Desconversas manhosas, resistências e até ofensas pessoais marcaram o encontro. Prevaleceu ali a tendência de culpabilizar Prestes, o que não deixava de ser uma forma de culto à personalidade às avessas.²⁹¹

Quadro desolador o apresentado nos textos dos autores citados. Militantes experimentados na luta política sofriam baque ainda maior do que àquele de três anos atrás, quando do falecimento de Stálin. Era a dupla morte do dirigente do PCUS: a física em 1953, e a moral em 1956. Alguma atitude tinha que ser tomada.

Marco Antônio Coelho, participante na fatídica reunião bem como nos ocorridos em consequência desta, teve a sua memória utilizada como fonte por Gustavo Falcón (biógrafo de Mário Alves), que escreveu:

[...] entre alguns velhos militantes a preocupação era o bom senso: o que fazer a partir daí? Entre eles estavam Dinarco Reis, Câmara Ferreira, Ramiro Luchesi e Antônio Chamorro. “Mas, dois deles, de forma especial, com segurança e clarividência, apontavam o caminho – Armênio Guedes e Mário Alves”. Eram, na visão de Marco Antônio Tavares Coelho, dois dirigentes diferenciados. Armênio, dotado de talento extraordinário e enorme sagacidade política. Mário, “uma das figuras” mais inteligentes e cultas entre os comunistas brasileiros, dotado de raciocínio ágil, sendo quase impossível vencê-lo num debate.”

²⁹⁰ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 233.

²⁹¹ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 150.

“*Que fazer?*”, o questionamento central proposto por Lênin nos primeiros anos do século, se impunha sob novas roupagens aos comunistas brasileiros. Jacob Gorender tomou parte entre os que souberam do *Relatório Krushev* no próprio território da URSS e, como o mesmo afirmou em entrevista já citada, passou por “crise de consciência”, a sua e a de seus colegas, todos confusos, exaltados e trocando acusações. Não presenciou, portanto, a forma com que as mesmas notícias chegaram, agora confirmadas por um alto dirigente, aos seus camaradas no Brasil. Provavelmente imaginava que em sua terra natal teve uma repercussão forte, dado que, como membro suplente do Comitê Central, Jacob Gorender precisou voltar mais cedo de Moscou do que o planejado. Chegou em abril de 1957 ao Brasil. Duas ações tomou: uma de ordem afetiva, a outra política.

Assim que Idealina Fernandes retornou à sua terra natal, foram morar juntos. Não foi sem percalços que prosperou a sua relação. De acordo com as memórias da própria Idealina:

Quando decidiram que devíamos voltar ao Brasil, ele veio antes. Daí, começaram intrigas por parte de alguns companheiros, tentando nos afastar. Nessa época, até mandei avisá-lo que ele era livre, que não tinha nenhum compromisso, que ficasse à vontade. Em alguns círculos restritos, chegaram mesmo a falar mal de mim, calúnias. O problema, soube ainda naquela época, é que estavam preparando, guardando o Jacob para casar com a filha do Prestes, a Anita Leocádia. E acho que era mesmo verdade, porque depois que passamos a morar juntos, em todas as ocasiões em que o Prestes nos encontrava, tratava-nos com uma certa frieza, uma certa distância... Um certo ar de superioridade.²⁹²

Não é absurdo supor que Jacob Gorender pudesse estar “prometido” para casar com Anita Prestes, filha do secretário-geral brasileiro. Se esta é a razão das supostas perturbações com o líder Luiz Carlos, talvez não seja este o espaço de aferir. De acordo com Mário Magalhães, o PCB de fato casava e “descasava” camaradas:

Como Stálin, que escolheu um marido da filha, o PCB casava e descasava os camaradas. Lélia Abramo e Noé Gertel tinham bodas marcadas. A futura atriz contaria que o futuro jornalista lhe dissera ter recebido um ultimato do partido: ou a noiva largava a organização trotskista na qual se inscrevera ou, se o noivo viesse a se casar, seria expulso. Lélia não se dobrou à chantagem, e Noé desistiu do matrimônio. Ele se despediu no pôr do sol de 4 de novembro de 1934, ela nunca o esqueceu. Marighella dirigia o PCB paulista no fim da década de 1940. Por isso, Zuleika Alambert, então secretária de Massas, e Armênio Guedes, o chefe da Propaganda, pediram sua autorização, concedida para viverem juntos. Em meio à Greve dos Trezentos Mil, o romance entre João Saldanha e Maria Sallas foi imposição do partido, empenhado em injetar cultura proletária no militante menosprezado como pequeno-burguês. Ele escondeu que tinha mulher

²⁹² GORENDER, Idealina Fernandes. Op. cit.

e filhas. Convocada para a Escola Superior do PCUS, a tecelã se livrou do arranjo e se apaixonou por um colega de curso²⁹³,

Primeiro hospedaram-se na casa de Socialina, irmã de Idealina, no bairro do Rocha. Depois, já com o salário de jornalista de Jacob e de trabalhadora no setor imobiliário de Idealina, conseguiram dividir um pequeno apartamento no Engenho Novo²⁹⁴. Cabia agora a Jacob Gorender a sua tarefa política de enfrentar o problema da crítica crescente (e a confusão geral que lhe acompanhava) aos velhos hábitos e preceitos stalinistas no seio do Partido em que integrava o Comitê Central.

²⁹³ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 218.

²⁹⁴ GORENDER, Idealina Fernandes. Op. cit.

Capítulo III – Disputas e rupturas: um dirigente comunista em tempos de crise

Jacob Gorender encontrava-se em um turbilhão quando retornou ao Brasil de sua temporada de estudos na União Soviética. Além das dificuldades ao estabelecer residência com a sua companheira, o militante, agora um membro do Comitê Central, precisava lidar com a discussão, de enormes proporções, que se abriu acerca do período stalinista e das práticas então recorrentes.

Chegado em abril de 1957 ao solo nacional, Gorender encontrou uma organização assolada há seis meses já pela discussão, até certo ponto aberta, referente às práticas partidárias neste país e a sua relação com tudo aquilo que foi denunciado no XX Congresso. Já foi discutido no capítulo anterior, em boa parte com base nas próprias experiências de Jacob Gorender, como uma “crise de consciência” assolou os comunistas não só no Brasil, mas em todo o mundo, após as revelações soviéticas. Havia um incômodo no ar a ser resolvido, indicava-se que era o início de uma conjuntura de disputas.

Neste capítulo são abordados os debates travados pelos militantes do PCB acerca do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e, principalmente, do informe lido pelo secretário-geral Nikita Krushev, os quais tiveram um efeito de enormes proporções em todo o movimento comunista internacional. Estes debates, que tiveram a sua repercussão em variados órgãos da imprensa partidária, envolveram muitos dos dirigentes bem como militantes comuns, de menor destaque, das mais variadas origens regionais. Ali estavam em disputa tanto os sentidos de um passado muito recente, como a linha política em aplicação e a própria orientação a ser assumida, cargos dirigentes etc. Enfim, era o espaço em que o Partido estava sendo disputado. No processo de luta interna pelos rumos do PCB é arquitetada uma reorientação desta organização, concernente à nova conjuntura e respondendo também à própria necessidade de alguma renovação, a qual se cristalizou em um novo programa político, o qual foi gestado por um seletivo grupo de comunistas, dentre eles Jacob Gorender, e levado a público em março de 1958. A *Declaração de Março*, para além de inaugurar uma nova linha política para os comunistas, foi ponto de oposição no seio do Partido. As divergências se aguçaram, especialmente, nos debates preparativos para o V Congresso do PCB, ocorrido em 1960. A imprensa partidária serviu como tribuna para as discordâncias acerca dos rumos tomados pelo Partido. Os debates que ali tomaram corpo também são abordados neste momento da dissertação. A conjuntura aberta pelo Golpe Militar de 1964 e da ditadura a partir de então em processo

marcou importantes mudanças na vida dos comunistas brasileiros. Jacob Gorender teve de se readaptar à vida clandestina e se incumbiu de novas tarefas. É exposta a sua experiência como dirigente no Rio Grande do Sul. O quadro de rupturas pelo qual passou o PCB após o Golpe de 64, agremiação disputada pela chamada *Corrente Revolucionária* e pelos partidários de Prestes também é abordado. O VI Congresso, marcado para 1967, assim como o anterior foi precedido de uma intensa disputa nas páginas dos periódicos do Partido e em outros espaços de militância deste. Entre o grande número de organizações oriunda da divisão nas fileiras do Partido marxista, Jacob Gorender ajudou a construir o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, o qual tem o seu programa, composição e breve trajetória estudados até o momento em que sofre um importante baque: a prisão dos dirigentes, dentre eles, o próprio biografado.

3.1 O Pântano: reorganização e reorientação do Partido Comunista do Brasil

O conteúdo do pronunciamento de Nikita Krushev no XX Congresso do PCUS constituía numa questão que pairava sobre os comunistas, envoltos sob a incerteza. O debate aberto deste problema, por razoável tempo ocultado, foi desencadeado à revelia da direção partidária no espaço de livre debate por excelência do PCB: a imprensa. A carta de um militante intrigado – uma “provocação combinada” por um grupo de militantes descontentes, segundo informação do memorialista Peralva²⁹⁵ – serviu como justificativa para a atitude heterodoxa:

Maurício Pinto Ferreira, em sua carta, reclama da demora da discussão sobre as questões suscitadas pelo XX Congresso do PCUS. E propor que o debate deveria estar vinculado aos problemas do PCB: “estão em jogo, em minha opinião, idéias programáticas, táticas e mesmo conceitos sobre formas de organização até agora consagrados.” João Batista de Lima e Silva diz “que já não se pode adiar a discussão, ampla e pública, dessas questões, sem graves prejuízos para a nossa política”. Pois, “contribuíram, e muito, para que nos afastássemos da realidade nacional, para uma compreensão mecânica do internacionalismo proletário, para a substituição, na prática, dos diversos fatores progressistas de nossa própria

²⁹⁵ “O núcleo inicial do Sinédrio se formou na redação da Voz Operária, na troca de idéias que se ia desenvolvendo. Depois, para que essas idéias pudessem ser mais franca e amplamente debatidas, convocou-se uma reunião para a casa de Ernesto Luiz Maia, surgindo assim o embrião do Sinédrio. Para reuniões posteriores, foram sendo convidados outros camaradas que vinham frequentando a redação da Voz Operária e ali participando de uma ou outra discussão sobre assuntos ventilados no XX Congresso do PCUS [...] Combinou-se então que Maurício Pinto Ferreira, de Emancipação, escrevesse à Voz Operária, estranhando a calma, reinante no PCB em relação com o XX Congresso do PCUS e que João Batista de Lima e Silva, redator da Voz, respondesse. Assim foi feito, assim se abriu o debate.” Cf: PERALVA, Osvaldo. Op. Cit., p. 185.

cultura, tanto em nossa atividade teórica como prática e organizativa”. Mas, indaga sobre a conveniência do PCB em “travar um debate assim, amplo e público”. Isto porque “o passado e a rotina são uma força poderosa de inércia.” E dessa força de inércia resulta a “teoria de que é prejudicial a exposição franca, às massas, das opiniões divergentes que surjam entre os comunistas.”²⁹⁶

Ambos os textos, de Maurício Pinto Ferreira e João Batista de Lima e Silva, vieram a lume em outubro de 1956 em *Voz Operária*, semanário que se encontrava em seu número 386. A resposta de João Batista de Lima e Silva, membro da redação do citado veículo, é tomada como um ponto inaugural, pela bibliografia especializada, na reflexão dos comunistas brasileiros acerca dos ocorridos oito meses antes em Moscou. Este momento de formação do debate é bastante revelador das posições que se colocavam à militância do Brasil. Escreveu Lima e Silva:

Diante de tudo isto, qual o patriota e, particularmente, o comunista ou militante operário e socialista que não tem problemas fundamentais a discutir? Ninguém pode negar que os erros decorrentes do culto à personalidade de Stálin refletiram-se também, em grande dose, a atividade dos comunistas brasileiros. Contribuíram, e muito, para que nos afastássemos da realidade nacional, para uma compreensão mecânica do internacionalismo proletário, para a subestimação, na prática, dos diversos fatores progressistas de nossa própria cultura, tanto em nossa atividade teórica, como prática e organizativa. Êstes erros, que nos impedem de avançar, precisam ser corrigidos com rapidez e para corrigi-los é necessária a mais ampla, profunda e séria discussão.²⁹⁷

Não apenas *Voz Operária* serviu como instrumento às intervenções dos militantes que se propunham a expor suas inquietações com as denúncias de Krushev. Os textos que se referiam ao problema candente daquela conjuntura compareciam em todos os principais órgãos comunistas. As equipes de redação não se esforçavam por censurar a mobilização escrita com toques de espontaneidade, antes pelo contrário. Talvez não haja precedentes, dentro do PCB, para o livre debate que então ocorreu, permitindo a Leôncio Basbaum, em suas memórias, referir-se ao episódio com grandiloquente expressão: “*Depois de um primeiro artigo, hoje histórico, do João Batista, um dos redatores, intitulado A Revolução que está em todas as cabeças, logo uma enxurrada de artigos de vários membros do Partido começou a chegar à redação do jornal.*”²⁹⁸ O velho militante testemunhou acerca do debate que se iniciava:

²⁹⁶ SEGATTO, José Antonio. Op. Cit., 1995, pp. 51-52.

²⁹⁷ LIMA E SILVA, João Batista. Não se poderia adiar uma discussão que já se iniciou em tôdas as cabeças. IN: *Voz Operária*. 06/10/1956. N. 386. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

²⁹⁸ BASBAUM, Leôncio. Op. Cit., p. 235.

Agora, com a porta aberta para as discussões pelos companheiros de **Voz Operária**, todos queriam aproveitar a oportunidade para descarregar a raiva, a indignação e sua discordância com os métodos de direção adotados pelo CN, pois o **centralismo democrático**, base da organização de todos os Partidos Comunistas de mundo, havia desaparecido. Muitas dessas cartas não passavam de simples depoimentos, mas esses depoimentos valiam mais do que dez estudos teóricos, pois lidavam com fatos. E eram seguidos de acusações contra os principais dirigentes, excluindo Prestes, que estava sendo poupado, pois todos admitiam, eu inclusive, que o mesmo, no seu esconderijo, ignorava a maior parte dos fatos citados. Um dos mais patéticos, podemos dizer assim, foi o depoimento de Otávio Brandão, que revelou como era sabotado no CN, quase nunca sendo convocado para as reuniões e muitas vezes ridicularizado pelos camaradas dos **Presidium** [sic], Arruda e companhia. Outros artigos, cada vez mais ousados, começaram até mesmo a criticar a URSS e a invasão da Hungria.²⁹⁹

O processo foi marcado pela eclosão de velhos ressentimentos pessoais contra os dirigentes a críticas à política soviética, algo impensável no Partido há longo tempo. O Comitê Central não tardou a intervir, através de uma carta de Prestes endereçada ao mesmo e publicada também em *Voz Operária*. Estavam limitadas as possibilidades do que se podia discutir e a partir de quais bases fazê-lo:

A igualdade entre todos os partidos comunistas implica na utilização da crítica mútua e fraternal, mas não pode degenerar, sem grave dano para o movimento operário mundial, em ameaça ao internacionalismo proletário, sem levar ao esquecimento de que o fato objetivo de que a União Soviética está à frente dos povos que lutam pela paz, a democracia e o socialismo. São inadmissíveis, portanto, em nossas fileiras e na imprensa feita com os recursos do povo quaisquer ataques à União Soviética e ao Partido Comunista da União Soviética, ao baluarte do socialismo no mundo e ao Partido que dirige a construção do comunismo. [...] Somos marxistas-leninistas. A discussão em nossas fileiras não pode deixar de relacionar-se estreitamente com nossa, doutrina, com aquilo que escreveram nossos clássicos, com tudo aquilo que nosso próprio Partido, por menos que seja, elaborou no curso de sua existência. [...] É, pois, inadmissível permitir que no seio de nosso Partido sejam desferidos ataques contra a teoria do proletariado e veiculados na imprensa do povo os contrabandos do inimigo de classe. Precisamos aprender a aplicar com acerto o marxismo-leninismo às condições históricas específicas de nosso país e zelar pela teoria do proletariado, convencidos de que a causa porque lutamos será invencível se formos fiéis à doutrina de Marx e Lênin. [...] Não podemos de forma alguma admitir que em nome da democratização – sem dúvida necessária – da vida do Partido, sejam violados os princípios organizativos. As normas estatutárias de nosso Partido continuam de pé e devem ser respeitadas, enquanto os atuais Estatutos não forem modificados. Ainda que num ou noutro aspecto os estatutos já não correspondam às necessidades atuais, são, no entanto, a lei interna do Partido. Na defesa do Partido cumpre também lembrar que somos um Partido na clandestinidade. Nestas condições, é necessário ter em conta uma acertada relação entre o centralismo e a democracia. Não esqueçamos ainda que nosso Partido vive e atua numa sociedade em que predominam ideologias estranhas ao proletariado e que precisa portanto defender-se, impedir que circulem em seu seio as idéias do inimigo. O Partido não pode deixar de ter a maior vigilância de classe.³⁰⁰

²⁹⁹ Ibidem, p. 236.

³⁰⁰ PRESTES, Luiz Carlos. Importante carta de Luiz Carlos Prestes ao C.C. do P.C.B. sobre o debate político. IN: *Voz Operária*. 24/11/1956. N. 393. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

Neste quadro de ampla profusão de textos expressando discordâncias abertas entre variados camaradas e com o próprio Comitê Central, o qual não deixou de intervir quando julgou necessário, processou-se a constituição de três correntes em luta interna pela orientação do Partido Comunista: os “abridistas” (renovadores), os “fechadistas” (conservadores) e o centro político, (o chamado *Pântano*, assim denominado, com inspiração em escritos de Lênin, por “não serem nem terra nem água”, intermediários que “trilharam o caminho do poder” atacando às outras correntes de acordo com as oportunidades postas)³⁰¹. Esta divisão foi consagrada por Osvaldo Peralva, militante que estava envolvido no processo e, poucos anos depois, lançou relato sobre a sua experiência no PCB. De acordo com ele, tal era a composição de cada grupo:

- a) **Abridistas:** Sinédrio (grupo jornalístico de destaque, entre os quais estava incluso o próprio Peralva, envolvidos especialmente com a redação de *Voz Operária*), Agildo Barata e próximos, Comissão Central de Finanças, Comissão Sindical, Comissão de Massas, Comissão de Agitação e Propaganda, partes dos Comitê Regionais de São Paulo e Bahia, militantes gaúchos e cearenses,
- b) **Fechadistas:** principais dirigentes desde a CNOP (João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Carlos Marighella, Diógenes Arruda Câmara) e outros dirigentes menos expressivos;
- c) **Pântano:** Jacob Gorender, Mário Alves e outros, depois de um certo tempo foi adotada por Prestes, consciente da iminente derrota da tendência conservadora pelos aderentes ao *Pântano*, bem como por outros membros de ambas as outras “correntes”;

É através do estudo do debate travado nas páginas da imprensa comunista que a luta interna aberta em 1956 torna-se mais clara e, principalmente, a forma com que processou o alinhamento das “três correntes” bem como os realinhamentos entre estas. Jacob Gorender foi um dos militantes que manteve importante participação nesta disputa. Em dezembro de 1957, na edição de número 445 de *Voz Operária* foi impresso o texto “*As direções da nossa luta ideológica*”, de sua autoria. O escrito sintetiza as posições da “corrente” em que o autor, então, se encontrava. Um fator que os definia era, precisamente, a denúncia das “duas direções” em que era travada a luta ideológica dentro do PCB: “*contra o*

³⁰¹ PERALVA, Osvaldo. Op. Cit., pp. 242-243.

dogmatismo e o revisionismo”. Definidas, de acordo com ele, como “*tendências antimarxistas*”, ambas eram manifestas no Brasil e correspondiam a um problema de âmbito geral que assolava Partidos Comunistas no mundo inteiro, correspondendo, assim, à uma tarefa internacional o seu combate. Sobre o dogmatismo no Partido Comunista do Brasil, escreveu Gorender:

O dogmatismo perdurou entre nós longamente e chegou a se cristalizar num sistema de concepções fossilizadas. Apontaria apenas um exemplo, porque este é talvez o mais significativo e porque é um dos pontos de partida objetivos de maior importância para uma nova tomada de posições: já há muitos anos estamos afirmando que o Brasil se encontra estagnado, em atraso progressivo e, entretanto, já há muitos anos, sob os nossos próprios olhos, cegados pelas concepções dogmáticas e sectárias, processa-se, independentemente de nossa vontade, um desenvolvimento capitalista que vai introduzindo modificações na infra-estrutura e na superestrutura do país. Qual o grau exato das modificações, este é certamente um problema para estudar. A sua existência é, porém, indiscutível, elas são visíveis mesmo sem instrumento científico, a olho nu.³⁰²

Crítico às “*concepções fossilizadas*”, o autor acena no texto à necessidade de “*uma nova tomada de posições*”, tomando como ponto de partida o que identifica como a disparidade entre a avaliação veiculada pelo PCB da situação estrutural brasileira e o próprio desenvolvimento capitalista. A sua crítica, porém, também possui limites, o que fica claro na leitura daquilo que Gorender escreveu no mesmo artigo acerca do revisionismo:

O revisionismo assumiu a sua forma clássica num grupo, capitaneado por Agildo Barata, que se separou do Partido para lutar contra êle. Diante dos erros cometidos na União Soviética, voluntariamente revelados pelo P.C.U.S., aquele grupo declarou fracassada a sua experiência de construção socialista e inutilmente especulou com a cisão no movimento comunista internacional (nesse particular, quantas decepções para os “missionários” revisionistas!). Diante dos erros cometidos pelo nosso Partido, ao invés de ajudar a corrigi-los, proclamou a falência do Partido, e exigiu a sua liquidação. Diante do desenvolvimento capitalista, não fez a sua crítica à luz do marxismo-leninismo, do ângulo dos interesses de classe do proletariado, mas a sua apologia puramente burguesa. Não combateu o dogmatismo para revitalizar a teoria marxista-leninista ao contacto com a realidade concreta do país, mas para desfigura-la e degenerá-la, derivando para o ecletismo à moda burguesa.³⁰³

A posição que o jornalista expressa corresponde ao que foi identificado por atores da época e é legitimado pela bibliografia especializada como a corrente do “Pântano”. Uma crítica a duas alas do Partido, mas detida especialmente, no que chama de dogmatismo,

³⁰² GORENDER, Jacob. As direções da nossa luta ideológica. IN: *Voz Operária*. 14/12/1957. N. 445. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

³⁰³ Idem

pois reconhece no revisionismo um movimento que “[...] *partiu de premissas reais para chegar a inaceitáveis conclusões viciadas*”. Cabia, de acordo com Gorender, não recusar tais premissa, com o risco de se cair no erro dogmático e, dialeticamente, alimentar com isso o fenômeno revisionista. Para ele a tarefa fundamental é a da eliminação do dogmatismo também pelo fato deste estar mais enraizado no pensamento e prática partidários, sendo a fonte de seus erros e impasses:

A nossa luta ideológica tem, pois, simultaneamente, duas direções contra o dogmatismo e o revisionismo. A direção fundamental, no momento, é a da luta contra o dogmatismo (entendido como conjunto de idéias em que estão incluídos as concepções e métodos sectários, ultracentralistas e mandonistas). [...] Lutamos hoje contra o revisionismo para defender a existência do Partido e o seu caráter proletário marxista-leninista. Mas existir é atuar. E para atuar com acerto é preciso combater fundamentalmente aquela tendência antimarxista mais antiga, mais profunda, que afetou não apenas a este ou aquele setor do Partido, mas a todo êle, principalmente à sua direção. Esta tendência é aquela que, de modo sintético, denominamos dogmatismo.³⁰⁴

A vitória na disputa em curso parecia se concretizar para o “Pântano”. As novas posições de Jacob Gorender e Mário Alves são um indício disso. Gustavo Falcón interpreta que ocorria uma “[...] *luta pelo controle da imprensa partidária, principal meio de expressão pública do PCB* [...]”³⁰⁵, luta esta responsável pelo fomento de rivalidades, inimizades e incidentes entre Alves e outros membros do Partido Comunista. É altamente provável que os mesmos dissabores tenham sido enfrentados também por Gorender. Ambos os militantes de origem baiana se envolveram abertamente nos debates e os dois, com as perdas de posições de seus opositos, ascenderam nos quadros da imprensa comunista. Mário Alves passou a dirigir o semanário *Voz Operária*, veículo que foi palco da discussão ainda em tela. Jacob Gorender, por sua vez, assumiu o diário *Imprensa Popular*, em junho de 1957. Estavam próximos os velhos amigos, seja na posição política, seja na geográfica, afinal, ambas as publicações localizavam-se na Cinelândia e ambas eram as mais importantes do PCB naquele momento³⁰⁶.

A imprensa era um instrumento estratégico para o Partido Comunista, era a sua “máquina de propaganda”³⁰⁷. Assumir uma posição de controle na mesma não significava pouco, especialmente na conjuntura em que a recomposição se impunha como uma

³⁰⁴ GORENDER, Jacob. Op. cit., 1957. p. 5.

³⁰⁵ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 151.

³⁰⁶ Ibidem, pp. 151-152.

³⁰⁷ Ibidem, p. 152.

necessidade à organização. Jacob Gorender novamente foi chamado a atuar em torno da orientação, organizativa e ideológica, a ser assumida por seu Partido:

Havia sido escolhida uma comissão para apresentar sugestões sobre a linha política. Não esperávamos que essa comissão apresentasse nada que permitisse um avanço. Então, o Dias, de acordo com Prestes, coordenou uma comissão secreta, desconhecida para o Comitê Central e para a própria Executiva. Somente o Prestes e o Dias teriam conhecimento do trabalho dessa comissão, encarregada de elaborar um documento que Prestes apresentaria ao Comitê Central como alternativa. Essa comissão, coordenada pelo Dias, tinha, além dele próprio, a presença de Mário Alves, Alberto Passos Guimarães, Armênio Guedes e eu. De dezembro de 57 a fevereiro de 58, trabalhamos na feitura do documento. Em março, o Comitê Central se reuniu e, com pequenas alterações e os votos contrários de Amazonas e de Grabois, o documento foi aprovado. Daí o seu nome de *Declaração de Março*.³⁰⁸

A memória muitas vezes pode ser enganosa. Uma fonte que, como todo e qualquer vestígio humano do passado, útil e necessária quando bem questionada na construção do conhecimento histórico. Mas, por vezes, expõe de forma muito rápida processos em realidade mais lentos. Os três meses a que Gorender faz menção em sua entrevista possivelmente, com a intensidade de atividades que ocorriam simultaneamente na sua vida de militante, processaram-se com muito mais pormenores e contratempos. Todo o ano de 1957, com as discussões, acusações, cisão e incertezas que se expressavam nas páginas da imprensa comunistas, e as correspondentes necessidades de articulação política tendo em vista responder à esta calamitosa situação, constituiu-se em uma larga prévia à iniciativa mencionada neste trecho há pouco citado.

Na alta cúpula partidária se articulava alguma saída para a crise vivida pelos comunistas no Brasil. Giocondo Dias, “*novo homem de confiança de Prestes*”, era o responsável pela iniciativa, sob a orientação do próprio secretário-geral. Esta nova função assumida por Dias, aliás, não deixa de ser mais um dos efeitos organizativos da crise inaugurada em 1956, afinal, a sua ascensão só se deu a partir da decadência do próprio Diógenes Arruda, outrora tido como o mais poderoso homem do Partido, e que então já era desprestigiado pelos companheiros como um importante símbolo do já então muito denunciado período stalinista.

Jacob Gorender, em *Combate nas Trevas*, obra escrita por ele no final dos anos 1980 com o objetivo de avaliar historicamente as organizações de esquerda entre os anos 1940 e as quatro décadas posteriores, aponta que Mário Alves e ele:

³⁰⁸ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1990. p. 31.

Em longas conversas, chegamos à conclusão sobre a necessidade de mudanças substanciais na direção do PCB como pré-condição para uma virada na orientação política. [...] Da nossa parte, Mário e eu estávamos convencidos de que já era inadmissível prosseguir com o Programa do Quarto Congresso. Ao invés de remendos e adaptações episódicos, fazia-se urgente a elaboração de uma linha política nova nos aspectos essenciais.³⁰⁹

No âmbito deste esforço por “uma saída da crise” que Jacob Gorender e Mário Alves foram procurados por Giocondo Dias, o qual pediu a ambos a redação de um “[...] *documento justificador das alterações na direção*”³¹⁰. É que Prestes “[...] *estava convencido de que era necessário realizar modificações na Comissão Executiva que abrissem caminho às inovações na linha política*”³¹¹. Pouco tempo depois da requisição elaborada por Giocondo Dias, ambos os baianos foram levados, em uma noite de julho de 1957 (portanto, apenas um mês depois de Gorender ser incumbido da direção de *Imprensa Popular*), a uma casa no subúrbio do Rio de Janeiro, local onde se depararam com o próprio Luiz Carlos Prestes, ainda um clandestino desde os arbítrios do governo Dutra. O diálogo provavelmente foi centrado no documento que o secretário-geral demandava para reforçar o seu posicionamento acerca do Partido. No outro dia Alves e Gorender escreviam o texto a ser observado pelo dirigente.

A corrente conhecida por “*abridista*”, constituída por aqueles que “[...] *propunham um debate amplo e irrestrito sobre os problemas suscitados pelo XX Congresso do PCUS* [...]”, foi já derrotada na luta interna, seus integrantes mais destacados, como Agildo Barata e Osvaldo Peralva, estavam fora da organização e com críticas abertas ao PCB. A “ortodoxia”, porém, não se encontrava em melhor posição. As alterações mencionadas no parágrafo anterior também eram direcionadas aos quadros apegados às velhas formas:

Em julho de 1957, imediatamente após a expulsão de Barata e Peralva, foi publicado no jornal *Voz Operária* um editorial intitulado “A lição dos acontecimentos do PCUS”, no qual o núcleo dirigente do PCB afirmava que, após a depuração do partido dos “direitistas”, chegara a hora de acertar as contas com aqueles setores que não aceitavam as mudanças que os novos tempos pediam.³¹²

Em agosto, depois de dez anos, reapareceu o secretário-geral Luiz Carlos Prestes em uma reunião plenária do Comitê Central. O controle do poder estava enfim para ser

³⁰⁹ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987. p. 26.

³¹⁰ FALCÓN, Gustavo. Op. Cit., p. 152.

³¹¹ Idem.

³¹² SALES, Jean Rodrigues. Partido Comunista do Brasil. Definições ideológicas e trajetória política. IN: RIDENTI, Marcelo; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 6: Partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 66.

decidido. Momento de baixa para uns, altura para outros. Na Comissão Executiva que tiveram lugar as mudanças: os velhos dirigentes Diógenes Arruda Câmara, Maurício Grabois e João Amazonas foram removidos, enquanto Giocondo Dias (“novo homem de confiança”) e Mário Alves (que tomou a “posição correta” na luta interna e atendeu à requisição de um documento necessário à saída da crise partidária) assumiram lugar ali. O melhor amigo de Jacob Gorender se encontrava próximo ao todo da hierarquia comunista brasileira. As suas posições, provavelmente, encontrariam alguma ressonância nesta importantíssima instância decisória do PCB.

A tarefa deste grupo que se constituía, porém, estava longe de seu término. Em dezembro foi momento da alta direção partidária, em boa parte renovada, iniciar a segunda parte de sua operação de mudanças nos rumos da organização. Cabiam então as mudanças no programa do Partido, última ruptura com o período anterior. Para contribuir na “desestalinização” foram convocados alguns dos membros do PCB que, na recente luta interna, se posicionaram no *Pântano*, a posição que, para lembrar Osvaldo Peralva, “*não era nem terra, nem água*”. Novamente, ao que indicam as memórias dos envolvidos, Prestes e Giocondo Dias eram os arquitetos e os únicos a saberem da existência de tal comissão.

Antes mesmo destes membros do Partido Comunista serem reunidos pelo secretário-geral e por seu “homem de confiança”, nos próprios veículos de informação confiados aos cuidados de Jacob Gorender e Mário Alves a orientação necessária aos tempos de crise era cuidadosamente articulada pelos dirigentes, os quais chegaram mesmo a trocar de posição (Gorender assumiu *Voz Operária* após alguns meses, com Mário se responsabilizando por *Imprensa Popular*), em continuidade provável ao documento que escreveram em julho, responsável em parte por justificar as mudanças posteriores na Comissão Executiva³¹³. Não deixa de chamar a atenção o fato que o texto “*As direções da nossa luta ideológica*”, contribuição de Gorender ao debate interno já analisada neste subcapítulo, tenha sido publicado nesta mesma época, com críticas contundentes tanto aos “dogmáticos” quanto aos “revisionistas”, ainda que centrando o fogo naqueles.

³¹³ “Em junho, assumi a direção da *Imprensa Popular*, diário comunista do Rio de Janeiro, cuja situação precária se agravou após a saída de seus jornalistas mais qualificados. A redação ficava num edifício da rua Álvaro Alvim. Do outro lado da Cinelândia, num edifício em frente ao Clube Militar, localizava-se a redação da *Voz Operária*, semanário então dirigido por Mário Alves. Uns cinco meses depois, trocamos de postos, permanecendo eu durante quase um ano responsável pela *Voz Operária*. A proximidade das redações facilitou os freqüentes contactos e o ajustamento da orientação das duas publicações.” Cf. GORENDER, Jacob. *Op. Cit.*, 1987, pp. 25-26.

E novamente os camaradas foram convidados a se reunirem com Giocondo Dias. Desta vez, porém, não foram os únicos a terem com ele. Os militantes Armênio Guedes e Alberto Passos Guimarães também passaram a se encontrar com Dias. Esta situação durou três meses, “[...] *sob as altas temperaturas do verão carioca*”³¹⁴, no apartamento de Alberto Passos Guimarães:

Eu participava de um grupo chamado “abridistas”, ou seja, os favoráveis à abertura da discussão. Tornei-me diretor da *Imprensa Popular*, jornal favorável à discussão. Quando voltei ao Brasil, formamos um grupo que se reunia no apartamento de um intelectual do partido, muito culto, chamado Alberto Passos Guimarães. Eu, Mário Alves, Armênio Guedes, Giocondo Dias – que fazia a ligação com Prestes, ainda sob clandestinidade moderada – e o Alberto. O Jorge Amado participou de uma ou duas reuniões, mas depois se afastou. O Apolônio se integrou depois, quando voltou ao Brasil. Nessas reuniões surgiu a ideia de elaborarmos um documento que viria a ser conhecido como *Declaração de março de 1958*. A declaração teria de romper com a linha do chamado *Manifesto de agosto* de 1950, que pregava a luta armada e ainda estava em vigor. Nós estávamos no governo de Juscelino, não havia um único preso político, a imprensa era livre, os jornais do partido circulavam abertamente, então a nossa linha estava fora de sintonia. Assim, redigi a declaração, que foi uma obra coletiva proposta por nós e aprovada pelo Prestes. Essa declaração passou a ser a linha do partido.³¹⁵

De acordo com este testemunho, a ideia de redigir um documento surgiu no próprio processo de reuniões. A origem baiana da grande maioria dos componentes já saltou aos olhos de muitos memorialistas e historiadores. O próprio Jacob Gorender, quase três décadas depois, procurou demonstrar que esta regularidade não passava de mera coincidência. O seu texto, que em muitos momentos tem posição entre a história e o autobiográfico, destaca-se especialmente ao chamar a atenção para as diferenças existentes entre os quadros que então se reuniam:

O “grupo baiano” só existiu como ficção ou anedota. A presença de tantos baianos na comissão da Declaração de Março resultou do relacionamento pessoal com o seu coordenador, Giocondo Dias. Devo esclarecer que o terreno de idéias comuns, que nos permitiu aquela colaboração, não excluía diferenças em seguida acentuadas. Armênio e Alberto extremavam o gradualismo do processo de aproximação ao poder revolucionário e viam no socialismo a evolução da democracia burguesa. Mário Alves e eu nos inclinamos por uma avaliação cética do potencial revolucionário da burguesia nacional. Giocondo Dias, pelo contrário, reforçou o apego à aliança com a burguesia nacional e praticamente subordinou a tática do partido a essa aliança.³¹⁶

³¹⁴ GORENDER, Jacob apud FALCÓN, Gustavo. Op. Cit., p. 171.

³¹⁵ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007, p. 20.

³¹⁶ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987, p. 31.

Após este longo verão, em que as divergências destes quadros políticos eram trabalhadas às escondidas não só da militância de base, como mesmo de boa parte do Comitê Central e da Comissão Executiva, no dia 22 de março de 1958 enfim era veiculado nas páginas de *Voz Operária* o texto contendo quatro longas páginas do periódico. Vinha a lume a *Declaração sobre a Política do Partido Comunista do Brasil*³¹⁷. O anúncio, na capa do semanário, não deixa dúvidas do caráter decisivo que se esperava fosse apreendido pela leitura do documento: “[...] nova orientação política para os comunistas brasileiros”. Outro anúncio, também na capa desta mesma edição, direcionava a leitura da militância para um texto que condensava, segundo propunham, ruptura e criação:

A “Declaração sobre a política do Partido Comunista do Brasil” representa o resultado de permanente esforço para traçar uma política diretamente emanada da realidade brasileira em desenvolvimento, criadoramente interpretando esta realidade à luz dos princípios universais do marxismo-leninismo. A declaração constitui, poristo, um rompimento com o estímulo dogmático de pensar, que dominou o Partido por longo tempo. E este rompimento – que deve se afirmar em tôdas as esferas do trabalho – não é mérito exclusivo de um pequeno grupo de dirigentes, mas mérito eminentemente coletivamente do Partido, que chegou até a Declaração através de intensa e fecunda luta de opiniões em suas fileiras. Comemorando mais um aniversário do seu Partido, os comunistas recebem a Declaração aprovada pelo Comitê Central decididos a estudá-la e levá-la à prática com o entusiasmo e a abnegação que sempre caracterizaram os militantes do Partido. Aplicar a linha política traçada na Declaração é agora o centro de toda a atividade do Partido. Na sua vida interna, como, principalmente, no seu trabalho entre a massa e os aliados, os erros e acertos do Partido devem ser vistos doravante à luz da aplicação desta linha política. Desta maneira se fará não somente a sua comprovação como também o seu enriquecimento, através da assimilação das experiências das lutas da classe operária e de tôdas as forças progressistas do povo brasileiro.³¹⁸

Comemoravam-se os trinta e seis anos do surgimento da agremiação no momento desta publicação. Era inserida nesta trajetória de décadas de privações e perseguições que a equipe jornalística envolvida no anúncio propunha a leitura e assimilação da *Declaração*. Na quinta página, antes do documento em si, uma breve contextualização estava presente:

Os documentos do XX Congresso do PCUS motivaram nas fileiras do nosso Partido intensa discussão, no curso da qual foram submetidos à crítica os graves erros de caráter dogmático e sectário da orientação política do Partido. O exame destes erros e a necessidade de superá-los levaram o Comitê Central do P.C.B. a traçar uma nova orientação política, que é exposta na presente declaração. Ao fazê-lo, o Comitê Central considerou a experiência passada do Partido e a as modificações essenciais ocorridas na situação do Brasil e do mundo. O Comitê Central espera que, no processo de sua aplicação prática, a política aqui traçada

³¹⁷ Declaração sobre a política do Partido Comunista do Brasil. IN: *Voz Operária*. 22/03/1958. N. 459. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 5-8.

³¹⁸ O Partido e a sua nova política. IN: *Voz Operária*. 22/03/1958. N. 459. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

seja submetida à comprovação e enriquecida pela experiência do Partido e do povo brasileiro.³¹⁹

Seguindo a hierarquia entre contradições proposta no pensamento do dirigente comunista chinês Mao Tsé-Tung, a *Declaração* era centrada na contradição entre a nação brasileira (em outras palavras, o desenvolvimento do capitalismo nesta) e o imperialismo que sobre esta incidia, bem como a permanência do monopólio da terra, o que implica ao PCB uma tarefa política bastante clara:

Na situação atual do Brasil, o desenvolvimento econômico capitalista entra em choque com a exploração imperialista norte-americana, aprofundando-se a contradição entre as forças nacionais e progressistas em crescimento e o imperialismo norte-americano, que obstaculiza a sua expansão. Nestas condições, a contradição entre a nação em desenvolvimento e o imperialismo norte-americano e seus agentes tornou-se a contradição principal na sociedade brasileira. O golpe principal das forças nacionais progressistas e democráticas se dirige, por isto, atualmente, contra o imperialismo norte-americano e os entreguistas que o apóiam. A derrota da política do imperialismo norte-americano e de seus agentes internos abrirá caminho para a solução de todos os demais problemas da revolução nacional e democrática no Brasil.³²⁰

O socialismo ainda não estava na ordem do dia, ao menos não neste país. A revolução no Brasil era, outrossim, “*antiimperialista e antifeudal, nacional e democrática*”. Pautava-se em uma avaliação conjuntural otimista, em que se percebia um “*novo curso no sentido da democratização*” da política nacional, dado o crescimento do proletariado e da burguesia como forças novas em tal cenário, bem como o processo internacional de transição do capitalismo ao socialismo, com ressonâncias nas lutas coloniais contra o imperialismo, em que “[...] *acelerou-se o processo de debilitamento e decomposição do imperialismo*”³²¹. Os processos se articulavam na nova linha a ser adotada:

O ascenso do socialismo, da causa da paz e do movimento de libertação nacional no mundo inteiro influi de modo positivo no crescimento das forças políticas antiimperialistas e democráticas no Brasil. A nova situação internacional cria condições favoráveis ao desenvolvimento econômico de nosso país, à libertação da dependência em relação ao imperialismo, à democratização da vida política nacional. Estas condições são especialmente favoráveis à aplicação de uma política externa independente e de paz, em benefício da emancipação econômica da nação. Uma política desta ordem, que muitos países do mundo capitalista já praticam, encontra o apoio de poderosas forças que atuam no cenário mundial. [...] A luta contra o imperialismo norte-americano, pela independência nacional do Brasil, é parte integrante da luta pela paz mundial. As vitórias da causa da paz no mundo inteiro contribuem para os êxitos da luta emancipadora de nosso povo. Existem condições para derrotar a política de dependência ao imperialismo

³¹⁹ Declaração sobre a política do Partido Comunista do Brasil. Op. Cit., p. 5.

³²⁰ Ibidem, p. 6.

³²¹ Idem.

norte-americano e anular suas ameaças. A situação internacional é favorável às forças que lutam pela paz, pela emancipação nacional e pela democracia no Brasil.³²²

As principais modificações então postas à militância comunista brasileira eram referentes à concepção de revolução brasileira veiculada e às forças que a comporiam, ou seja, tocavam na orientação política propriamente dita. O caminho revolucionário era pacífico, decorrência da “*democratização crescente da vida política*”, explicitada em itens anteriores da *Declaração*, uma resolução de problemas através de “[...] *reformas profundas e conseqüentes na estrutura econômica e nas instituições políticas, chegando-se até à realização completa das transformações radicais colocadas na ordem-do-dia pelo próprio desenvolvimento econômico e social da nação*”, com a atuação de “*todas as correntes antiimperialistas*”, o que implicava na participação da burguesia nacional no processo (ainda que sob a hegemonia do proletariado, dadas as contradições possíveis na *frente*), pois esta, assim como a classe trabalhadora, objetiva “[...] *lutar por um desenvolvimento independente e progressista contra o imperialismo norte-americano. Embora explorado pela burguesia, é do interesse do proletariado aliar-se a ela, uma vez que sofre mais do atraso do país e da exploração imperialista do que do desenvolvimento capitalista.*”³²³

A mudança de conteúdo presente neste documento político já se anunciava em alguns informes e projetos gestados no PCB após o forte impacto do XX Congresso. Algumas de suas linhas gerais, aliás, encontram semelhanças com a intervenção de Jacob Gorender em 1957 na luta interna de seu Partido. Impressas as posições dele e do grupo em que se inseria, cabia então afirmá-las na vida organizativa.

Uma semana depois da publicação do alentado documento, no mesmo *Voz Operária*, Luiz Carlos Prestes fez veicular um texto seu no qual, a partir de sua posição como secretário-geral e liderança prestigiada entre a militância comunista brasileira, procura legitimar a *Declaração*. O seu procedimento se pauta pela autocrítica, “[...] *elemento imprescindível e um ponto de partida para determinar com precisão as mudanças de nossa tática*”, focada na orientação política anterior:

Os erros fundamentais da linha geral que seguimos nos últimos anos têm como fonte comum o subjetivismo, que impregnou todo o nosso pensamento político. Este subjetivismo se manifestava em duas atitudes simultâneas e inseparáveis. Por um lado, transformamos os ensinamentos do marxismo-leninismo em dogmas abstratos, em fórmulas gerais, uniformemente aplicadas a todos os

³²² Idem.

³²³ Ibidem, p. 7.

países, sem exame das particularidades concretas do seu desenvolvimento histórico. Por outro lado, menosprezamos o estudo da realidade brasileira, perdemos de vista o movimento real, os processos que estavam em curso na vida econômica e política do país. A nossa política deixou de ser, assim, a decorrência direta das condições objetivas do Brasil e se tornou uma adaptação mecânica de fórmulas gerais ou de experiências acertadas em outras partes do mundo. Deixamos de ver os fenômenos políticos e sociais em movimento e custamos, por isto, a perceber as transformações que se operavam na vida real. Não soubemos, em suma, aplicar corretamente os princípios universais do marxismo-leninismo às particularidades específicas do desenvolvimento histórico brasileiro.³²⁴

Partindo do “subjetivismo” como fonte dos erros políticos até então correntes, Prestes passa a apreciar em minúcia os erros de avaliação cometidos pelo seu Partido e as devidas correções que a nova orientação traz para tanto. Uma de suas críticas mais duras é reservada à “[...] *concepção falsa, de caráter esquerdista, sobre a revolução brasileira*” decorrente do subjetivismo e da, por consequência deste, ignorância acerca do “movimento real” no Brasil:

Acreditávamos que era possível ganhar as massas para a revolução colocando como tarefas imediatas as transformações radicais, ao invés de nos integrarmos na vida política corrente e lutarmos pelos objetivos revolucionários partindo das condições reais e da correlação de forças existente. A tática, para nós, se reduzia assim à pura agitação e ao desencadeamento de lutas que procurávamos radicalizar artificialmente, visando ganhar as massas para o programa revolucionário enquanto esperávamos a chegada do momento propício em que, por meio da insurreição, substituiríamos as classes no Poder. Só víamos, deste modo, a meta a atingir, que colocávamos arbitrariamente como objetivo imediato, e não o movimento real no qual devíamos nos integrar, procurando conduzi-lo no sentido da meta revolucionária.

O problema se manifestava em uma compreensão que não distinguia tática de estratégia revolucionária. De acordo com o secretário-geral, a autocrítica é o dever dos comunistas, “[...] *único caminho para superar as deficiências a fim de avançar em direção aos nossos objetivos*”, mas não faz tábula rasa do passado de sua organização. Os comunistas, a despeito dos erros de orientação até então vigentes:

[...] obtiveram determinados êxitos que exerceram influência positiva no curso dos acontecimentos. Os comunistas constituíram sempre, em todos estes anos, uma força de grande combatividade na luta contra a exploração imperialista, em defesa da paz, pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores e pelas liberdades democráticas. A atuação dos comunistas muito contribuiu para a elevação da consciência antiimperialista do nosso povo, para o fortalecimento da unidade e da organização da classe operária. Pela sua abnegação e desprendimento, os militantes comunistas se afirmaram perante as massas como verdadeiros patriotas e defensores dos seus interesses. É necessário reconhecer,

³²⁴ PRESTES, Luiz Carlos. É indispensável a crítica e autocrítica de nossa atividade para compreender e aplicar uma nova política. IN: *Voz Operária*. 29/03/1958. N. 460. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

por outro lado, que em muitos casos os êxitos obtidos nas lutas de massas se deviam principalmente à existência de fatores objetivos favoráveis à ação das forças antiimperialistas e democráticas. Em certas ocasiões, as justas posições táticas adotadas pelos comunistas foram resultado de uma imposição da própria vida e entravam em evidente conflito com a linha geral esquerdista e sectária que seguíamos. Exemplo disto foi a justa posição que adotamos ao apoiar a candidatura do sr. Juscelino Kubitschek e ao retirar a palavra-de-ordem de derrubada do governo, depois de sua posse, posição esta que se chocava diretamente com uma tese do programa do Partido.

Percebe-se neste trecho um duplo movimento, entre a legitimidade política da militância comunista, a despeito da linha política errônea que seguiam, e o admitir que, quando a mesma linha era desrespeitada, isto se dava por “imperativo tático”. Os casos de desrespeito que o dirigente exemplifica, não por acaso, via de regra seriam legítimos de acordo com a *Declaração* vinda a lume no dia 22 de março. Não cabia, na autocrítica, uma crítica que deslegitimasse o próprio Partido como instrumento revolucionário, afinal, poderia se incorrer no desvio do revisionismo, o qual já se encontrava em processo de eliminação pelo chamado “Pântano”.

Não apenas Prestes se pronunciou sobre o assunto. Jacob Gorender, um dos formuladores da nova linha política, também foi ao espaço por excelência de discussão e afirmação das orientações do Partido Comunista participar na consolidação do documento há uma semana publicado:

A “Declaração sobre a política do Partido Comunista do Brasil”, lançada há uma semana, é a afirmação da atitude positiva dos comunistas brasileiros diante do desenvolvimento progressista, que se verifica no Brasil. Não vemos o caminho para o socialismo, que é o nosso objetivo final, na negação deste desenvolvimento, na ruptura com ele, e na sua substituição, agora utópica, por um outro tipo de desenvolvimento. Ao contrário: a sociedade brasileira ascenderá a uma etapa mais alta como resultado deste mesmo desenvolvimento progressista, que hoje objetivamente existe, à medida em que ele ganhar aceleração, profundidade e consequência. A reviravolta política consiste aí no abandono de uma atitude fundamentalmente negativista diante dos processos existentes, visando, de modo imediato, sem qualquer transição, à sua total eliminação e por outros processos socialmente muito mais elevados. O revolucionarismo destas atitudes ficou nas intenções e nas palavras. Assumindo uma nova posição, continuamos críticos, e fortemente críticos, diante de aspectos e processos fundamentais da realidade nacional. Mas reconhecemos que existe também um determinado processo objetivo de desenvolvimento que, apesar de suas enormes falhas, é preciso apoiar, diante do qual é necessário tomar uma atitude construtiva, precisamente para levá-lo, no interesse geral do povo brasileiro, àquelas consequências que ele pode e deve atingir, eliminando os aspectos e processos negativos que o obstaculizam e determinam o atraso do país.³²⁵

³²⁵ GORENDER, Jacob. A função positiva do proletariado. IN: *Voz Operária*. 29/03/1958. N. 460. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

O mote de seu texto é a discussão do papel positivo a ser assumido pelo proletariado no processo de desenvolvimento capitalista verificado no Brasil e que, de acordo com a *Declaração Política*, é progressista (mas não isento de críticas) dado carregar em si os elementos que, quando enfim maduro, permitirão a sua superação por uma forma social superior. A orientação dialética veiculada pelo autor neste escrito não deixa de chamar a atenção, especialmente ao analisar a relação entre o sistema capitalista mundial, então “em crise geral”, e o capitalismo no Brasil “subdesenvolvido” espaço onde cumpre uma função distinta àquela verificada no todo:

O capitalismo, como sistema mundial, se encontra na época de sua crise geral, é um sistema em decadência e que se decompõe. Mas ainda aqui devemos recorrer à dialética entre o geral e o particular, admitindo – uma vez que diante da realidade não nos resta senão admitir – que o particular pode ser contido pelo geral e estar em contradição com ele, nestas ou naquelas condições de tempo e lugar. O Brasil integra o sistema capitalista mundial e, sob este aspecto, não deixa de sofrer as consequências da decomposição daquele sistema. Mas o Brasil é, ao mesmo tempo, um país subdesenvolvido, em que o capitalismo só recentemente ganhou impulso e ainda tem uma função progressiva e nacional. Esta função se consubstancia no incremento das forças produtivas, na expansão das novas e mais avançadas relações de produção, que se chocam com as relações pré-capitalistas anacrônicas sobreviventes, e no fortalecimento nacional do Brasil para o cumprimento da mais importante tarefa, que hoje se coloca diante do seu povo: a definitiva libertação do jugo explorador do imperialismo, particularmente o norte-americano.³²⁶

E, ao diagnosticar condutas criticáveis no passado do Partido, aponta também uma diretriz de ação à sua base. Perante o “*processo objetivo de desenvolvimento*” – o qual “[...] *não é imaginário, não é subjetivamente desejável* [...]” –, cabia justamente a atuação da classe trabalhadora e seu Partido tendo em vista o amadurecimento do capitalismo e, a contradição principal, eliminação dos obstáculos a este, o que no limite, eram também impeditivos ao seu “*objetivo final*”, o socialismo. Eis a forma como se processa a “*função positiva do proletariado*”, de acordo com Gorenader:

Uma atitude positiva é, aqui, precisamente o contrário do espontaneísmo, da confiança passiva no jogo dos fatores objetivos ou na direção exclusiva do processo em curso por outras forças sociais, como, por exemplo, a burguesia. Uma atitude positiva significa deixar de abster-se, por passividade ou por motivos de concepções utópicas pseudo-revolucionárias, e capacitar-se para um papel *ativo*, para um posto de direção *política* do processo de desenvolvimento, ao lado de todas as demais forças nele interessadas, inclusive a burguesia. Uma atitude positiva significa tomar consciência de que o proletariado brasileiro tem, já no presente, um papel que é simultaneamente *de oposição* e *de construção*. De oposição a mais consequente ao imperialismo norte-americano e aos seus

³²⁶ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1958, p. 4.

agentes internos. De construção do progresso nacional, de incremento da potência econômica e política da nação.³²⁷

O autor não nega que, apesar de pontuar a “*contradição principal*” entre a “nação brasileira” e o “imperialismo norte-americano e seus agentes internos”, persistam “*contradições implícitas inevitavelmente ao desenvolvimento capitalista*”, opondo assim burguesia e proletariado em determinados interesses de classe. A conjuntura distinta em que o capitalismo se desenvolve no Brasil, quando o socialismo já se torna uma força política internacional de enorme vulto, conforme a própria leitura veiculada no item “*Crescem no mundo inteiro as forças da paz, da democracia e do socialismo*” da *Declaração*, explica a possibilidade de obtenção de vitórias para a classe trabalhadora brasileira perante tais contradições. A tarefa política que compete à tal classe é, porém, a de sua independência para cumprir não apenas a sua missão histórica, mas levar a cabo o próprio processo geral de luta anti-imperialista e libertação nacional, o qual configura a sua unidade de interesses com a burguesia nacional:

[...] a salvaguarda de sua independência é necessária não só aos seus interesses específicos de classe, como também – e de modo mais imperioso – à defesa dos interesses gerais da nação, que o proletariado pode realizar com uma firmeza de que nenhuma outra força seria capaz. Aqui surgem outras divergências entre o proletariado e a burguesia, que dizem respeito ao próprio curso do desenvolvimento. Por sua natureza de classe exploradora, a burguesia procura recolher para si todos os frutos do desenvolvimento econômico do país e daí a sua tendência inerente a intensificar a exploração do proletariado e das vastas massas trabalhadoras. Por sua natureza de força revolucionária, inconsequente, é também inerente à burguesia a tendência a imprimir ao desenvolvimento um curso que implica em capitulações e concessões ao imperialismo e às forças entreguistas. É compreensível que tal curso pode trazer resultados comprometedores para os próprios destinos do desenvolvimento. Tomando atitude positiva diante do desenvolvimento, o proletariado não o faz, todavia, para aceitar passivamente qualquer dos seus resultados, qualquer de suas orientações, mas para lutar por um curso antiimperialista e democrático conseqüente, que beneficie à nação em conjunto e às massas trabalhadoras em particular. Êste curso do desenvolvimento é aquele que tem condições para contar com o apoio mais enérgico de todo o povo e conduzi-lo à vitória final na luta contra o imperialismo norte-americano e os seus agentes internos.³²⁸

Os esforços de formulação desta nova linha política e da própria afirmação desta perante o resto do Partido legaram destaque a Jacob Gorender no processo de luta interna. As considerações de Gustavo Falcón, na biografia que escreveu de Mário Alves, ajudam a dimensionar os imperativos que se impunham às ações de Gorender, que possuía uma

³²⁷ Idem.

³²⁸ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1958, p. 4.

trajetória partidária bastante semelhante à de seu amigo, e a formular hipóteses acerca dos rumos que se punham para ele:

Mário Alves emergiu da luta interna travada a partir do XX Congresso do PCUS como um dos mais importantes quadros do PCB. Aos 35 anos, manobrou com habilidade por entre o furor que se apossou da militância e, ora contra os conservadores, representados pela facção stalinista, ora contra os “liquidacionistas” – cuja decepção com os soviéticos levou à renegação do próprio marxismo –, contribuiu decisivamente para encontrar o ponto de equilíbrio necessário para vencer a crise, curar a ferida causada pelo grande número de deserções e formular uma linha política adequada à situação do país no final da década de 1950. Prestes foi salvo graças a suas profundas ligações com Moscou e ao grande prestígio de seu nome entre os comunistas. Mas, principalmente, pelo fato de ter aceito de imediato a renovação política e se aliado ao grupo que buscava salvar o partido da dissolução completa.³²⁹

Percebe-se, pelo trecho citado, que estes quadros tinham de lidar com uma situação de crise organizativa e ideológica intensa e que lograram sucesso na sua empreitada. A renovação política a qual Prestes “aceitou de imediato” estava cristalizada na *Declaração de Março*, instrumento que permitiu a continuidade do Partido Comunista perante à turbulência entre os seus militantes.

A nova linha política foi estabelecida, para além dos mecanismos aqui já citados, através de uma nova publicação teórica, a revista *Estudos Sociais*. Este veículo constituiu uma grande novidade no que compete à imprensa comunista no Brasil, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Surgiu, de acordo com Santiane Arias, da “[...] perspectiva de redefinir o marxismo e de aproximá-lo da realidade brasileira.”³³⁰ A revista inseria-se neste processo em que não só o marxismo necessitava de redefinição, mas o próprio organismo político animado por este, o que a levava a cumprir uma nova função que se configurava para a imprensa do Partido Comunista do Brasil:

[...] se antes a função da imprensa restringia-se a ensinar aos militantes e demais interessados o corpo doutrinário do partido, agora a revista cumpria papel não menos importante. Mas ao contrário da postura sectária e pedagógica, partia-se da “convicção de que era possível e necessário persuadir uma grande variedade de pessoas com pontos de vista distintos dos seus, neutralizando algumas objeções à política partidária e mobilizando-as em torno de determinadas lutas democráticas”.³³¹

³²⁹ FALCÓN, Gustavo. Op. Cit., p. 165.

³³⁰ ARIAS, Santiane. A Revista *Estudos Sociais* e a experiência de um “marxismo criador”. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas: UNICAMP, 2003. p. 10.

³³¹ Ibidem, p. 52.

Era proposto em *Estudos Sociais* aquilo que Astrojildo Pereira chamou de “*um marxismo criador*”, em oposição à linha teórica e política que prevaleceu nas publicações anteriores do Partido, as quais também se propunham à elaboração teórica e ao realismo na cultura, como *Literatura e Problemas*, por exemplo:

Em seu número inicial, ela se apresenta como “[...] uma revista de tendências marxistas, e como tal pretende intervir, democraticamente, ao lado de outras correntes do pensamento, no debate das questões relacionadas com nossa realidade econômica, social e política”. O reconhecimento da “extraordinária vitalidade teórica e prática” do marxismo não a impede de afirmar “[...] a ausência de uma tradição de estudos marxistas em nosso país” e que aqui ele tem sido “[...] algo em si mesmo, fechado e dogmático”, que “[...] não chegou a ser, ou foi apenas em mínima proporção, um instrumento de investigação”. Dois anos depois, a revista afirma sua certeza de estar contribuindo para “[...] estimular a pesquisa dos problemas brasileiros à luz do marxismo” e enfatiza a necessidade de o marxismo “[...] se integrar cada vez mais na cultura brasileira como sua componente mais avançada”.³³²

Em *Estudos Sociais* há a resposta à demanda por renovação partidária bem como por uma intervenção mais efetiva dos comunistas na realidade nacional, através de seu estudo concreto, especialmente no problema do desenvolvimento, uma questão na ordem do dia, que então encontrava expressão institucional no Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Com um corpo crítico às práticas e pensamento anteriores no seu Partido e que eram tomados como “dogmatismo”, na revista coexistia a preocupação de que, no processo de repensar tais condutas, não se abrisse espaço ao “revisionismo”. Nada muito distinto do expediente denunciado por Jacob Gorender meses antes nas páginas de *Voz Operária*. Dois eram os procedimentos necessários para evitar estes arriscados desvios:

[...] a ‘nova política’ deveria aliar os princípios universais do marxismo-leninismo às particularidades concretas do desenvolvimento histórico nacional. Ignorar o processo singular do caso brasileiro condenaria o Partido Comunista ao dogmatismo, enquanto o abandono da teoria conduziria à ‘degenerescência revisionista’.³³³

Entre os autores presentes em seu volume inaugural encontravam-se o próprio Jacob Gorender, Rui Facó e Carlos Marighella. Coube a Gorender, na seção *Crítica de Revistas*, uma breve resenha das contribuições do número 15 da *Revista Brasiliense*. A sua avaliação geral é positiva, ressaltando no referido veículo as qualidades que aproximam-se do projeto político então adotado pelo PCB:

³³² RUBIM, Antônio. Op. Cit., p. 393.

³³³ ARIAS, Santiane. Op. Cit., p. 13.

O que apreciamos, porém, nestas rápidas linhas, já é suficiente para dar idéia da riqueza e do nível do seu conteúdo. É evidente para o leitor que se trata de uma revista valiosa que, apesar de naturais altos e baixos, desempenha papel útil para a formação de um pensamento progressista avançado no cenário cultural brasileiro.³³⁴

Com a tiragem média de 2 mil a 3 mil exemplares³³⁵, *Estudos Sociais* alcançou relevância social o suficiente a ponto do lançamento de seu segundo número ser noticiado na página de espetáculos do *Diário Carioca*³³⁶. Gorender era um dos autores mencionados, com seu texto “*Política exterior em crise*”, no qual discute a Operação Pan-Americana, posicionando-se em consonância às preocupações nacionalistas daquele contexto:

Os homens da Operação Pan-Americana, aos quais se filia o novo chanceler, sr. Negrão de Lima, são pessoas mais sensíveis a certas novas realidades, por isto mais realistas, mais flexíveis, capazes de perceber a possibilidade de alcançar maiores vantagens na barganha com o imperialismo norte-americano. Daí porque, à diferença das barganhas anteriores, tenham desta vez se destacado da parte brasileira, os elementos de resistência, as reivindicações de alguma liberdade de movimentos em política exterior, as exigências de que Washington se mostre mais generoso no preço que deve pagar pela “lealdade” do Brasil ao Ocidente. A Operação não se restringe, porém, aos limites de uma simples barganha, mas se apresentou, ambiciosamente, como nova filosofia do pan-americanismo e caminho para ser seguido pelo movimento nacionalista em nosso país. É esta pretensão a objetivos transcendentais (não estivesse em tudo isso o petista Schmidt), que torna o assunto mais digno de atenção e vigilância.³³⁷

As posições de Gorender sobre diferentes assuntos seguiram comparecendo nas páginas de *Estudos Sociais* nos próximos números. Destacavam-se as suas reflexões de teor filosófico e sociológico, ainda que o autor não deixasse de se posicionar sobre questões do âmbito político e econômico³³⁸.

A disputa pelos rumos a serem seguidos na prática do Partido Comunista do Brasil não cessaram com a *Declaração de Março*. Pelo contrário, uma oposição ferrenha, constituída por aqueles que gradualmente perdiam o poder de mando que exerciam na

³³⁴ GORENDER, Jacob. Revista Brasiliense. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Maio a junho de 1958. Nº. 01. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 127.

³³⁵ RUBIM, Antônio. Op. Cit., p. 393.

³³⁶ Livros da Semana – Revista de Espetáculos. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 14/12/1958. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 3.

³³⁷ GORENDER, Jacob. Política Exterior em Crise. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: 1958. Nº. 02. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 130.

³³⁸ GORENDER, Jacob. Correntes sociológicas no Brasil. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Setembro a dezembro de 1958. Nº. 03 e 04. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 335-352; _____. A espoliação do povo brasileiro pela finança internacional. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Maio a setembro de 1959. Nº. 06. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 131-148; _____. A questão Hegel. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Julho de 1960. Nº. 08. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 436-458.

organização, acumulou forças para disputar a orientação da maior agremiação marxista brasileira na sua instância decisiva: o Congresso do Partido.

3.2 Uma organização em disputa: Jacob Gorender, polemista às vésperas do V Congresso

O ápice da atuação sindical do PCB localiza-se no início dos anos 1960, enquanto um processo desenvolvido ao longo da década anterior, uma possibilidade política aberta com a conjuntura do pós-Segunda Guerra. Não era majoritário entre os operários, ainda assim, posição ocupada pelo Partido Trabalhista Brasileiro e o seu getulismo – o Partido Comunista, ainda assim, possuía grande influência social (desproporcional ao seu tamanho organizativo, pode ser dito), dados os aparatos culturais e políticos que criava. Sua presença nas organizações dos trabalhadores, como mencionado, também não pode ser ignorada.

Novamente a perspectiva de novos e positivos caminhos se abria perante o PCB. A nova linha política, oficializada em 1958, parecia redundar em resultados concretos. Em setembro deste mesmo ano, por exemplo, foi noticiado que Carlos Marighella e Jacob Gorender, quadros que já haviam trabalhados juntos com a militância comunista em São Paulo, encontravam-se na Bahia, terra natal de ambos, onde estariam dirigindo a campanha de Pedreira de Freitas (PSD) ao governo do estado. O apoio político do Partido Comunista a esta candidatura pode ser interpretado como um efeito da orientação que passou a vigorar a partir de março de 1958, a partir da qual era posta a necessidade de alianças com representantes da “burguesia nacional”³³⁹.

Em âmbito internacional, novos fatos surgiam e também aparentavam confirmar a correção da nova linha política que Jacob Gorender e outros seletos quadros partidários formularam. Em janeiro de 1959 receberam notícias de uma importante vitória na ilha caribenha de Cuba, onde nacionalistas armados derrotaram um governo atrelado à dominação imperialista dos EUA. Aquele não foi apenas o mês em que os comunistas brasileiros comemoraram a deposição do ditador Fulgencio Batista pelos guerrilheiros cubanos, mas também quando tomaram uma importante atitude orientada pelos princípios expostos na *Declaração de Março*. Fundaram um novo órgão de comunicação, de caráter “semi-oficial”, com o sugestivo título de *Novos Rumos*, o qual substituiu *Voz Operária*,

³³⁹ Prevê-se unificação na Bahia. IN: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 23/09/1958. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 4.

que possuía a função de “porta-voz oficial” da linha do Partido e sofreu declínio devido às tensões entre os jornalistas que compunham o seu corpo editorial e os desígnios do Comitê Central³⁴⁰.

Não apenas um novo jornal, carregando a mensagem de sua reorientação, mobilizou o Partido Comunista do Brasil em busca da articulação de uma linha política distinta. Para referendar oficialmente o programa presente na *Declaração de Março* coube convocar um Congresso partidário, como exigiam seus estatutos. Era o V Congresso do PCB, cujo último encontro de tal magnitude teve ocorrência em 1954. Já em agosto de 1960 a situação do Partido, ainda que juridicamente ilegal, era de menor clandestinidade, contudo. A reunião se deu em um espaço com visibilidade, no centro do Rio de Janeiro, sendo encerrado no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)³⁴¹. De acordo com Ronald Chilcote, este evento foi gestado tendo em vista, além da afirmação de novas táticas e estratégia, justificar as posições eleitorais do Partido, bem como consolidar o controle de um grupo sobre a instituição³⁴².

Luiz Carlos Prestes, responsável (com a importante contribuição de Giocondo Dias) por arquitetar o grupo responsável pela redação do que viria a ser a *Declaração de Março*, tinha interesse nos resultados do encontro partidário a ocorrer em agosto. Em sua casa no bairro do Botafogo, o dirigente recebia variadas visitas de outros comunistas, em que constavam: “Na pauta dos debates e dos conchavos, o V Congresso do PCB, que se realizaria em agosto-setembro, seguido logo depois, em outubro, pelas eleições presidenciais.”³⁴³ Há razoável probabilidade de que Jacob Gorender integrasse os frequentadores deste espaço. Ainda que existisse uma “frieza” com que Prestes tratava o casal Gorender, segundo as declarações de Idealina citadas no capítulo anterior, é necessário lembrar que Jacob foi chamado, junto de Mário Alves, para dar forma às

³⁴⁰ FERREIRA, Jorge. Op. Cit., 2011. pp. 3-4.

³⁴¹ “Um momento de afirmação das novas orientações políticas. E de celebração da reconquista de uma espécie de semilegalidade, ou de uma legalidade de fato. Isso se refletiria na realização do próprio Congresso, que aconteceu à luz do dia, num prédio da rua Álvaro Alvim, no centro do Rio de Janeiro, embora mediado por concessões formais para não provocar a polícia política. No ato de encerramento, por exemplo, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o Congresso foi pudicamente chamado de Convenção dos Comunistas.” Cf: AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014, p. 287.

³⁴² “Quando os dissidentes no Comitê Central se opuseram a esta tendência “direitista” na política, Prestes e a liderança majoritária do PCB convocaram o V Congresso para agosto de 1960. Esse Congresso justificaria também o apoio dado pelo partido ao marechal (então general) Henrique Lott, nas eleições presidenciais de outubro de 1960. Este apoio, acreditava o PCB, garantiria a legalidade e alguns cargos no novo governo. Embora, explicitamente, o V Congresso fosse convocado para resolver divergências sobre as eleições, na verdade proporcionou a Prestes e outros “reformistas” a oportunidade de consolidar seu controle e trazer estabilidade ao partido.” Cf: CHILCOTE, Ronald. Op. Cit., p. 124.

³⁴³ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014, pp. 286-287.

“inquietações” do secretário-geral acerca da crise vivida no Partido Comunista e a necessária nova linha política a ser assumida, o que não constituía, cabe destacar, uma “via de mão única”, afinal, ambos os militantes também tinham genuíno interesse em uma viragem organizativa, para além das demandas da liderança. Levando em conta que, de acordo com o historiador Daniel Aarão Reis, Prestes estava interessado em discutir o Congresso, o qual “[...] imaginava [...] como destinado a consagrar a viragem efetuada pela Declaração política de 1958”³⁴⁴, é seguro supor que Gorender, entre outros envolvidos no esforço de “viragem” já posto em curso dois anos antes, fosse ter com o líder do PCB com o objetivo de consolidar as mudanças em sua orientação.

De fato, segundo a documentação e bibliografia, para além da reorientação política presente já no conteúdo programático da *Declaração de Março*, o V Congresso também acarretou mudanças sérias na composição organizativa do Partido Comunista do Brasil. Doze dos vinte e cinco membros do Comitê Central foram substituídos, relegados a cargos secundários. Aqueles que eram tidos por “*revisionistas*” pelas lideranças até então hegemônicas no Partido “*assumiram o controle da máquina partidária*”. Na sua liderança, encontravam-se os camaradas Jacob Gorender e Mário Alves³⁴⁵.

Esta modificação só pôde concretizar-se através de uma ferrenha luta interna, como é registrado em órgãos da imprensa partidária. As páginas do jornal *Novos Rumos*, cuja importância assumida naquela conjuntura para o PCB já foi aqui mencionada, constituíram uma arena pública onde os quadros comunistas disputaram os caminhos a serem trilhados. Entre abril e agosto de 1960, data de ocorrência do Congresso partidário, a polêmica foi a tônica entres os escritos de militantes, os quais possuíam destaque em um seção especial do veículo intitulada *Tribuna de Debates*.

A nova sessão foi antecedida pela publicação, em um suplemento especial, das *Teses para Discussão*, de uma reivindicação de Prestes pela legalidade partidária e um *Projeto de Estatutos do Partido Comunista do Brasil*. Esta documentação, que veio à lume em 15 de abril de 1960, correspondia a um duplo comunicado: a forma organizativa a ser assumida pelo PCB e qual a “teoria da revolução brasileira” deveria embasá-lo a partir de então³⁴⁶. Como o próprio nome de um dos escritos indica, estava conclamada a militância a discutir.

³⁴⁴ Ibidem, p. 287.

³⁴⁵ CHILCOTE, Ronald. Op. Cit., p. 126.

³⁴⁶ Teses para a discussão. IN: *Novos Rumos*. Suplemento Especial. N. 59. Rio de Janeiro: 15 a 21/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 1-19.

Muitos foram os quadros comunistas que procuraram intervir. Possivelmente já experimentados a partir dos debates que foram abertos, à revelia de quadros dirigentes, entre 1956 e 1957. Cabia disputar a orientação partidária. A primeira contribuição de Jacob Gorender na recém-aberta *Tribuna de Debates* é aparentemente menos direcionada ao problema concreto do V Congresso a se avizinhar do que as de seus colegas de Partido. Homenageava Lênin, que completaria 90 anos de vida na data, com um texto que procurava destacar a atualidade do líder russo:

Transcorrida uma geração após o desaparecimento de Vladimir Ilitch Lenin e os grandes temas de sua obra são os mesmos do nosso tempo: a luta contra o imperialismo, como sistema mundial de exploração dos povos, a luta do proletariado e de todos os trabalhadores pelo socialismo, os problemas da coexistência e da competição entre os sistemas mundiais do socialismo e do capitalismo, a luta pela paz como tarefa generalizada da humanidade, a luta de libertação nacional dos povos oprimidos. Mas a atualidade da obra de Lenin não decorre apenas da palpitante permanência dos seus temas, como, não menos, do fato de que o desenvolvimento essencial desses temas se encontra já previsto naquela obra, com insuperável rigor científico, de tal maneira que hoje, em condições tão profundamente modificadas, centenas de milhões de seres humanos encontram no pensamento leninista a orientação concreta do seu destino e a perspectiva da História. Seria, porém, unilateral falar do pensamento de Lenin, do seu grandioso trabalho intelectual, sem vinculá-lo intimamente à ação do chefe revolucionário, à ação do partido dos bolcheviques, que ele dirigiu, e das massas que o seguiram e o inspiraram. Esta ação, de massas, de um partido e de seu chefe, produziu acontecimentos e conseqüências, que marcaram indelevelmente os rumos do nosso século. Lenin prolonga assim a sua presença na presença da União Soviética, do campo socialista, do movimento comunista internacional.³⁴⁷

A permanência contemporânea dos “grandes temas” abordados por Lênin é a chave para a compreensão do texto de Gorender na conjuntura em que se insere. O autor deu destaque a pontos contidos na essência da *Declaração de Março* que ajudou a redigir e da qual era um dos grandes entusiastas.

Mais do que problemas históricos ainda atuais, Jacob Gorender está reivindicando a figura de um líder, um dirigente histórico do proletariado. Uma *presença*, como é evocado no próprio título de seu artigo, necessária em tempos que a organização está em disputa por variadas facções. Necessária e absolutamente legítima, dado que, como escreveu o jornalista:

Lenin não foi um teórico qualquer, mas um teórico marxista, o maior de sua época, [...] não foi um político qualquer, mas o dirigente do proletariado russo, ao qual devia caber a missão, gloriosamente desempenhada, de abrir a primeira e

³⁴⁷ GORENDER, Jacob. A presença de Lenin. IN: *Novos Rumos*. N. 60. Rio de Janeiro: 22 a 29/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

definitiva brecha no sistema mundial do capitalismo. A perenidade de Lenin, como a dos seus predecessores e mestres, Marx e Engels, se identifica, por conseguinte, com a perenidade da causa a que se dedicaram, causa que não é vaga utopia, mas inevitável produto do movimento histórico, e que se encarna, como verdadeira força material, no pensar, no sentir e no agir das massas trabalhadoras.³⁴⁸

Não apenas Jacob Gorender escreveu sobre o aniversariante Vladimir Lênin. Giocondo Dias, naquele mesmo número, também rendeu homenagens ao líder da Revolução de Outubro. Dedicou-se à questão do “Esquerdismo”, um problema que recebeu célebre teorização da parte do celebrado. Dias, cabe lembrar, estava envolvido nos esforços de reorientação do Partido Comunista do Brasil, sendo ele quem recrutou, articulado com Prestes, Gorender e outros militantes para a formulação de nova linha política bem como para a luta interna contra outros dirigentes partidários ao qual então já se opunha. Sua conclusão não fugiu do esperado de um marxista-leninista no que se referia ao pensamento de Lênin: cabia assimilar os seus ensinamentos e aplicá-los corretamente de forma prática³⁴⁹.

A postura correta perante Lênin implicava, percebe-se no texto de Giocondo Dias, de forma contrária à prática levada a cabo pelo Partido até 1958, especialmente a partir de 1948. Algumas relações foram estabelecidas pelo autor entre as orientações partidárias anteriores e as condutas que foram criticadas pelo dirigente russo em seu escrito que datava de 1920. A questão da participação dos comunistas nos sindicatos, por exemplo, assim foi tratada por Dias:

No VI capítulo, Lenin desenvolve detalhadamente o problema do papel dos sindicatos na luta revolucionária e indica que os sindicatos são um poderoso instrumento da luta de classes, uma correia de transmissão entre o Partido e as massas e uma escola de educação comunista das amplas massas de trabalhadores. Lenin ridiculariza as palavras-de-calor antimarxistas dos “esquerdistas” sobre a saída dos sindicatos e a criação dos sindicatos “puros”. E ensina que, ao trabalhar nos sindicatos, os comunistas devem lutar pelas reivindicações essenciais das grandes massas e conduzi-las à compreensão da necessidade do combate revolucionário pelo Poder, mediante a ampliação gradual da luta pelas reivindicações parciais de determinados setores profissionais até a luta geral da classe operária pelos seus objetivos políticos. Qualquer enfraquecimento do trabalho dos comunistas nos sindicatos reformistas prejudica a classe operária, e quanto mais os reformistas tentarem livrar-se dos comunistas nos sindicatos tanto mais intensamente os comunistas devem trabalhar nessas organizações. Por não observarmos êsses ensinamentos de Lenin, numerosos erros foram cometidos em nosso trabalho nos sindicatos, sendo que em 1948 chegamos ao

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ “A melhor homenagem que nós, comunistas brasileiros, podemos prestar à memória do grande Lenin, no transcurso de seu nonagésimo aniversário, está em redobramos os nossos esforços no sentido de assimilar os seus inesgotáveis ensinamentos e levá-los à prática com firmeza e audácia.” Cf: DIAS, Giocondo. Lenin e o “Esquerdismo”. IN: *Novos Rumos*. N. 60. Rio de Janeiro: 22/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5

ponto de pretender criar sindicatos paralelos, em lugar de nos voltarmos para os sindicatos existentes. Hoje, quando a classe operária desempenha cada vez mais o papel dirigente no plano mundial, as indicações de Lenin sobre a atuação dos comunistas no movimento sindical, se aplicadas com acerto, nos possibilitarão ampliar a ligação com as massas e conquistar a unidade dos trabalhadores.³⁵⁰

A sua crítica não se limitou à questão sindical. A experiência com a *Frente Democrática de Libertação Nacional* também é exposta de forma negativa, em contraponto com o que escreveu Lênin acerca dos compromissos de classe e o movimento de frente única para a revolução:

A verdade é que, contrariando as indicações leninistas de que as formas de luta e organização política surgem da própria realidade e correspondem às condições concretas do processo revolucionário, criamos artificialmente modelos de frente única que só existiam em nossas cabeças, como a Frente Democrática de Libertação Nacional. E dêsse modo causamos prejuízo à classe operária e ao Partido, não contribuindo como devíamos para unir as forças que se opõem ao atraso e ao imperialismo norte-americano.³⁵¹

A autocrítica era a tônica dos quadros envolvidos com a reorientação partidária em processo desde 1957. Não cabia a repetição dos erros do passado. Pode-se interpretar que a exposição destes equívocos servia tanto para a legitimação do caminho *correto* que propunham como, especialmente, ataque aos dirigentes responsáveis pela linha política que havia pontificado no Partido até pouquíssimo tempo atrás. Homenagear Lênin era, em sua posição, esforçar-se na distância daquelas táticas errôneas e o esforço no aprofundamento do que propuseram em março de 1958 (e procurava se ratificar então em 1960). A *Tribuna de Debates* já se tornava espaço de disputa pelo PCB.

A polêmica nas páginas de *Novos Rumos* referente às tratativas do V Congresso tem início com texto de Maurício Grabois, membro do Comitê Central desde a CNOP, com posição de dirigente em momentos da mais estrita clandestinidade e sectarismo no movimento comunista. Este quadro, a despeito de reconhecer, em larga parte de seu texto, os erros de orientação e de prática desde o programa aprovado no IV Congresso, destacando méritos na *Declaração de Março*, classifica a linha política da mesma como “*orientação tática oportunista de direita*”, a qual conteria críticas errôneas com relação à atividade partidária³⁵². Pedro Pomar acompanhou-o na crítica uma semana depois, também

³⁵⁰ Idem.

³⁵¹ Idem.

³⁵² GRABOIS, Maurício. Duas concepções, duas orientações políticas. IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 60. Rio de Janeiro: 22 a 28/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

reconhecendo elementos positivos na orientação inaugurada em 1958, mas atacando-a em seu sentido geral:

Não nego o que há de positivo na Declaração. Esta, no entanto, de um modo geral, é falsa, nacional-reformista. E agora, as Teses, procuram, prolixa e exaustivamente, justifica-la, “corrigindo” algumas formulações direitistas mais aberrantes. Também não defende a volta ao passado se por essa volta se entende os erros “esquerdistas” de 1948 a 1956, ou as posições de direita de 1945. Não devemos confundir o combate aos erros com a negação, quase sistemática, do passado glorioso do Partido, de suas tradições revolucionárias, como vem sendo feito pela direção nos últimos três anos. Sómente na base de uma justa crítica do passado, como, me parece, está formulada no trabalho apresentado pelo camarada Graboïs aos debates, é que teremos um dos melhores antídotos contra os erros sectários. Ao passo que as críticas deformadas, negativistas, verdadeiras caricaturas, tão à moda dos revisionistas, novamente expostas nas Teses, nos levam, com razão, a tomá-las como liquidacionistas, uma vez que as melhores tradições do Partido são menosprezadas ou renegadas. Lenin, no seu artigo “Questões em litígio”, para nós de grande atualidade, mostrava que o liquidacionismo é uma tentativa de “certa parte da intelectualidade do Partido de liquidar... a organização existente do Partido e substituí-la por uma associação informe, mantida à tóda custa dentro de marco da legalidade (isto é, dentro da existência “pública”, legal), ainda que para isto tenha de **renunciar, de um modo claro e franco, ao programa, à tática** e às tradições (isto é, à experiência do passado) do Partido”.³⁵³

Lênin foi novamente mobilizado, enquanto uma citação de autoridade, agora por um contendor defendendo posição diversa. Neste caso, reconhecida a justeza das críticas, a proposta de Pomar é a defesa do PCB do liquidacionismo contido na corrente “negação do passado glorioso do Partido”. Mais importante em seu texto, porém, é o ataque à “*essência de direita*” da linha política em debate, de “*louvores ao desenvolvimento*”³⁵⁴.

Jacob Gorender respondeu diretamente a Maurício Graboïs na semana dos dias 13 a 19 de maio de 1960. Defende que no país encontra-se em processo um importante desenvolvimento econômico, o qual foi omitido pela linha política anterior à da Declaração, fazendo autocrítica: “*Pensamos ser impossível negar que, nesta obstinação em ignorar um processo real de tão sérias consequências, residiu um dos elementos principais do subjetivismo antimarxista da linha política anterior à Declaração*”³⁵⁵.

A crítica de Graboïs e Pomar era detida no caráter “*oportunista de direita*” da nova linha política, voltada a um “reboquismo” perante o capitalismo. Gorender procura enfatizar as críticas, contidas no documento em discussão, às vacilações da burguesia como

³⁵³ POMAR, Pedro. Análise marxista ou apologia do capitalismo? IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 62. Rio de Janeiro: 06 a 12/05/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

³⁵⁴ Ibidem.

³⁵⁵ GORENDER, Jacob. Crítica ou falsificação? IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 63. Rio de Janeiro: 13 a 19/05/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

força revolucionária bem como, a despeito do caráter progressista do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, a permanência de fenômenos como a espoliação imperialista e o latifúndio. Estas críticas invalidariam a acusação de que os proponentes da nova linha política “embelezassem o capitalismo”, como escrito pelos velhos dirigentes.

Argumenta Gorender que a formulação presente na *Declaração de Março*, e desenvolvida nas *Teses* então em discussão na *Tribuna de Debates*, diferenciam-se da apologia ao capitalismo encontrada no pensamento desenvolvimentista então em voga pois as posições do PCB “[...] adotam o ponto-de-vista de classe do proletariado”, em que a sua crítica do capitalismo, “*rigorosa e circunstanciada*”, não se pauta por abstrações gerais (o que seria o procedimento adotado por Pedro Pomar), mas sim através de uma análise concreta de situação concreta, método legítimo de acordo com um dos clássicos do marxismo-leninismo:

Partimos dos ensinamentos fundamentais da teoria marxista-leninista sobre o capitalismo, mas o que temos aqui não é a crítica ao capitalismo em geral – à qual se limita o camarada Pomar – e sim a crítica do capitalismo como concretamente existe em nosso país. Aqui levamos em conta o que disse Lenin de um programa elaborado por Plekhanov ao mostrar que este último acusava um capitalismo abstrato e não especificamente o capitalismo russo.³⁵⁶

Partindo desta situação concreta, portanto, o que propunha Gorender, e aqui cabe relembrar que não era uma posição apenas dele, mas dos membros do CC e da CE que exerciam função hegemônica no Partido desde a atualização pela qual o mesmo estava passando desde 1957, era que “[...] as forças sociais mais avançadas, em particular o proletariado”, fortaleciam-se com os efeitos de desenvolvimento econômico nacional em uma formação social ainda marcada pela “dependência e atraso estrutural”. Seu argumento propriamente político pauta-se, porém, pelo fato de que as propostas contidas nas *Teses* não se resumem a reconhecer o caráter progressista da emergência de novas relações de produção e expansão de forças produtivas, mas sim pela atenção que davam à necessária “*conquista da hegemonia do proletariado, preparando, assim a imediata transição ulterior ao socialismo*”.

Uma segunda acusação com que lidou, para além de incorrer em “apologia do capitalismo”, foi a de que a *Declaração* teria sido obra conspiratória imposta ao Comitê Central, alegação que, no limite, ataca a própria legitimidade de sua formulação e o seu conteúdo, já adotado como orientação pela militância:

³⁵⁶ Idem.

A Declaração encerra para nós a importância de ter marcado o momento de reviravolta na orientação do Partido. Foi seu papel sistematizar uma série de opiniões extremamente valiosas, que vieram à luz no debate posterior ao XX Congresso do PCUS. A Declaração não constitui, assim, o resultado de misterioso conluio, imposto de surpresa ao CC, como dizem alguns camaradas, mas a síntese do processo de elaboração coletiva e pública de que participaram centenas de companheiros, em todo o país. Mas a Declaração foi e não podia deixar de ser apenas o ponto-de-partida, a primeira aproximação para a formulação de uma linha política correspondente à realidade concreta da sociedade brasileira e da situação internacional em presença. Seria absurdo que fizéssemos da Declaração tabu semelhante ao Programa do IV Congresso e com ele paralisássemos a elaboração da nossa linha política. Da prática da nova orientação, da continuação dos estudos e pesquisas e do desenvolvimento dos processos objetivos, em particular das lutas de massas deviam ser extraídos novos elementos essenciais, que, incorporados à linha política, tornam-na mais profunda e multilateral, mais concreta e precisa.³⁵⁷

A defesa de Gorender orienta-se a atacar o caráter abstrato das críticas formuladas por Grabois e Pomar, não sem deixar de sugerir que há “tergiversações” nos argumentos dos antigos dirigentes, os quais ignorariam as críticas que tais documentos conteriam acerca dos elementos negativos do capitalismo brasileiro, bem como as propostas políticas então em curso. A polêmica não parou por aí. Novos textos e novos atores entraram em cena.

Maurício Grabois seguiu discutindo com Gorender no espaço midiático. As suas considerações tornam-se paulatinamente mais ácidas. Acusa o camarada de valer-se da ironia “[...] *para a defesa do oportunismo*”. Configura-se, claramente, que a questão das contradições implícitas no desenvolvimento do capitalismo estava em processo de tonar-se o ponto principal de discórdia entre os debatedores³⁵⁸.

As palavras de Jacob Gorender tampouco se tornaram mais brandas com os seus opositores. Pelo contrário, afinal, as suas discordâncias se aguçaram. A começar pela forma com que se refere a eles: “*oposição ‘esquerdista’*”, a qual possuía objetivos “demagógicos”, pautados pela linha geral “[...] *de impressionar e assustar o Partido com o perigo de suposta apologia do capitalismo e de suposta subordinação da política do proletariado aos interesses da burguesia*.”³⁵⁹

A acusação principal que Jacob Gorender mobiliza contra os seus opositores na *Tribuna de Debates*, é a de *falsificação*. Queixou-se, em texto publicado na edição de

³⁵⁷ Idem.

³⁵⁸ GRABOIS, Maurício. Quem falsifica? Quem deturpa?. IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 60. Rio de Janeiro: 27/05 a 02/06/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

³⁵⁹ GORENDER, Jacob. A oposição “esquerdista” e a contradição principal. IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 65. Rio de Janeiro: 27/05 a 02/06/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 6.

Novos Rumos correspondente à semana de 10 a 16 de junho, de não poder seguir argumentando acerca de problemas específicos da linha política do Partido, pois, em suas palavras:

Infelizmente, não é possível evitar, neste debate, o desperdício de energias e de espaço impresso com a polêmica em torno de falsificações. Seria perigoso consentir, sem resposta, que tivessem curso livre as mistificações deliberadas do camarada Maurício Grabois. No seu artigo “Quem falsifica? Quem deturpa?” (como se alguém ainda tivesse dúvidas a respeito), teceu considerações inspiradas pela má fé, em torno de minhas posições pessoais. Sou forçado a deter-me no assunto, postergando o propósito de abordar questões da linha política, importantes para todos nós. Essas questões não deixarão de estar presentes, porém de modo fragmentário.³⁶⁰

Este trecho, mais do que revelar as posições em contenda, interessa na medida em que indica o clima de animosidades presente entre importantes figuras dentro da organização comunista.

Após meses de debates registrados nas páginas de *Novos Rumos*, era enfim hora de ratificar, de fato, as decisões que eram formuladas nos últimos tempos e que foram levadas à discussão perante a militância. Na interpretação de Chilcote, estudioso da história do PCB, o Congresso foi convocado, em grande medida, para barrar a oposição dos “*dissidentes no Comitê Central*” ao que identificavam como “[...] *tendência direitista na política*” do Partido, bem como para justificar o apoio comunista às candidaturas do militar Henrique Lott à presidência e João Goulart à cadeira de vice:

Este apoio, acreditava o PCB, garantiria a legalidade e alguns cargos no novo governo. Embora, explicitamente, o V Congresso fosse convocado para resolver divergências sobre as eleições, na verdade proporcionou a Prestes e outros “reformistas” a oportunidade de consolidar seu controle e trazer estabilidade ao partido.³⁶¹

Ao fim e ao cabo, foram aprovadas oito teses, o pedido de legalização partidária, novos estatutos e o programa partidário com a sua correspondente “teoria da revolução brasileira”, tudo em grande medida seguindo a linha que se delineava de forma mais explícita a partir de março de 1958. Como já se anunciava, antigos dirigentes acabaram sendo substituídos e relegados a funções de menor visibilidade, em um processo de reorientação organizativa já abordado neste subcapítulo³⁶².

³⁶⁰ GORENDER, Jacob. Reincidência na falsificação. IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 67. Rio de Janeiro: 10 a 16/06/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

³⁶¹ CHILCOTE, Ronald. Op. cit., p. 124.

³⁶² Ibidem, pp. 124-126.

Os quadros comunistas que ascenderam a postos e instâncias de liderança no PCB podem ser encontrados legitimando as táticas e estratégias que propunham como mais adequadas ao seu Partido na atual conjuntura na já citada *Estudos Sociais*, revista que, com a sua proposta “teórica”, congregava aqueles empenhados no processo de renovação partidária posterior a 1956 e servia, em boa parte, como instrumento para legitimar a nova linha política. Pouco depois do V Congresso, é o próprio Jacob Gorender quem fornece o relato neste órgão acerca dos ocorridos no encontro, atitude interpretada aqui como a tentativa de reafirmação da orientação há poucos anos formulada a partir de um membro do novo “núcleo dirigente”. As caracterizações que Gorender apresenta das tendências então derrotadas são bastante reveladoras do papel político que o PCB procura assumir a partir de então:

Ao aprovar o conteúdo fundamental das *Teses* e uma *Resolução Política*, que as sintetiza, levando em conta críticas apresentadas durante a discussão, o V Congresso tornou vitoriosa determinada linha geral. Esta constitui hoje o fio condutor para a atividade de todos os comunistas, acima das divergências que manifestaram no período do debate. O processo de elaboração desta linha geral se deu através de longa prática vivida intensamente e da luta interna, do confronto de opiniões, que, desde 1956, após o XX Congresso do P.C.U.S., estimulou de modo imperativo o pensamento marxista brasileiro. A elaboração da nova linha política representou, em seus aspectos essenciais, a superação tanto de um estilo dogmático de raciocínio como das tendências à revisão dos princípios marxistas, sob a pressão ideológica da pequena burguesia e da burguesia.³⁶³

Tanto os “*revisionistas*” quanto os “*dogmáticos*” foram superados pela linha geral aprovada e vitoriosa no V Congresso. Linha esta que, a partir daí, tornou-se “*fio condutor da atividade de todos os comunistas*”. A sua declaração crítica é detida especialmente no que chama de “*maneira dogmática de raciocinar*”. Presente na vida partidária por largo tempo, a conduta acusada foi deletéria nas orientações anteriormente assumidas pelo Partido:

O seu erro consistia em partir abstratamente de teses universalmente conhecidas (como as teses sobre a revolução nos países dependentes, sobre a frente única e a aliança operário-camponesa, sobre a hegemonia do proletariado, etc.), delas pretendendo deduzir, por via lógico-formal, as idéias particulares da revolução brasileira, sem submeter tais idéias à mediação indispensável da realidade concreta do país. Formaram-se, assim, as idéias da revolução a curto prazo, da impossibilidade de uma política de soluções positivas no atual regime do país, da absolutização do caminho da luta armada, do golpe principal dirigido contra a burguesia nacional-reformista, da conquista de um poder revolucionário sob a

³⁶³ GORENDER, Jacob. O V Congresso dos comunistas brasileiros. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Outubro de 1960. N°. 09. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

direção do proletariado sem a necessidade da luta por formas políticas de aproximação.³⁶⁴

A linha anterior, portanto, orientada pela dita *maneira dogmática de pensar*, na qual a realidade nacional (e o caminho revolucionário adequado à esta) era deduzida antes de uma abstração das teses clássicas da *Comintern* (sob hegemonia staliniana) do que do efetivo conhecimento da “*realidade concreta do país*” teria sido refutada na prática e na teoria.

Pela via da prática se viram os comunistas obrigados a abandonar o sectarismo de sua orientação na campanha pelo petróleo, bem como encontraram-se isolados politicamente, desgastados, devido à sua “*política sectária*”, desnudada nas crises nacionais de agosto de 1954 e novembro de 1955.

É no terreno da crítica teórica, porém, que Gorender se vale de suas críticas mais contundentes. Agora, para além do sectarismo e sua forma própria “de pensar”, também ataca a outro desvio ideológico que grassava nas fileiras comunistas: o “*revisionismo*”. Nada muito distinto, portanto, do que ele já argumentava pelo menos desde 1957, momento em que a polêmica acerca das práticas stalinistas tanto na vida interna do Partido quanto nas ações políticas deste estava em evidência. É possível interpretar que há uma continuidade desde então, com os movimentos de disputa pelos rumos partidários chegando ao seu ponto máximo no próprio V Congresso, evento onde, novamente, foi reafirmada a vitória do “*Pântano*”, como se percebe na escrita de Gorender:

O mérito principal da linha geral aprovada no V Congresso consiste em que supera ambas as limitações – a dogmatização dos princípios e o oportunismo afastados dos princípios –, as quais na sua dialética de opostos, alimentam-se mutuamente. E, por isso mesmo, a linha geral do V Congresso permite combater essas limitações, não a partir de uma contra a outra, mas contrapondo-se simultaneamente a uma e outra, a partir de uma posição marxista correta.³⁶⁵

A vitória da linha política que foi levada a público em março de 1958, e da “corrente interna” do PCB que melhor era representada por esta, já então vitoriosa nas instâncias partidárias, acaba por ser legitimada tanto na trajetória de lutas da organização quanto nos princípios universais (mas enraizados na realidade brasileira) do marxismo-leninismo que os seus apoiadores procuram encarnar:

³⁶⁴ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1960, p. 4.

³⁶⁵ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1960, p. 7.

Ao demonstrar que podem e sabem praticar a democracia em nível superior ao de qualquer outra agremiação política, os comunistas brasileiros patentearam, também, que elaboram sua linha de ação com inteira responsabilidade e independência. Vinculados pelos princípios marxistas e pelos interesses gerais da classe operária ao movimento comunista mundial, os comunistas brasileiros afirmam sua constante fidelidade ao internacionalismo proletário e, ao mesmo tempo, cumprem o inalienável dever de enraizar o marxismo na realidade do próprio país, de encarná-lo em teses e em ações que reflitam a riqueza peculiar da vida nacional, que expressem, com autenticidade, suas tendências mais avançadas. [...] O V Congresso, culminância de intensa luta ideológica interna, teve para os comunistas brasileiros significação excepcional. À sua conclusão, sentiram os comunistas mais acentuada a sua responsabilidade de combatentes de vanguarda pela independência e pelo progresso da nação. Souberam-se fazer intérpretes dos interesses genuínos de milhões de patriotas e das aspirações mais avançadas da classe operária. Orientados e unidos pelas decisões democraticamente ratificadas no seu supremo conclave, os comunistas levarão tais decisões à prática, inspirando-se em longa tradição de luta abnegada e rica de sacrifícios, certos de servir, com honradez e fidelidade, à sua classe, ao seu povo e à sua Pátria.³⁶⁶

Entre outras mudanças levadas a cabo na conjuntura aberta com a Declaração de Março, e consolidada com o V Congresso do PCB, merece destaque a mudança de nome do organismo. Em setembro de 1961 foram aprovados, em Conferência Nacional, novos estatutos e um programa partidário. Ambos os documentos já foram publicados com alguma antecedência em *Novos Rumos*, orientando para o novo título: Partido Comunista Brasileiro³⁶⁷. Esta modificação se inseria no processo levado a cabo pelos comunistas de requerimento de registro na Justiça Eleitoral. Entregaram aos órgãos oficiais os mencionados Manifesto, Programa e Estatutos³⁶⁸. Esperavam, com esta iniciativa, dar conta da acusação imposta ao Partido em 1947, responsável por sua última clandestinidade, de que o PCB seria uma seção internacional de um organismo estrangeiro. A forma com que Gorender organiza sua memória deste processo, décadas depois, é reveladora acerca da relação imbricada entre as mudanças na linha política e a nova composição organizativa: “Em 1960 se reuniu o V Congresso do Partido que corroborou a linha da Declaração de março e ampliou o contexto e abordou outros assuntos, resultando em um livreto. Houve mudanças na direção. Saíram o Amazonas, o Graboís e o Pomar, que foram fundar o PCdoB”³⁶⁹.

A saída de Amazonas, Graboís e Pomar, com a adição posterior de Arruda Câmara ao grupo, não se operou sem oposição. A expulsão da facção de dissidentes no V

³⁶⁶ Ibidem, pp. 4;11.

³⁶⁷ CHILCOTE, Ronald. Op. Cit., pp. 126-127.

³⁶⁸ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. Os comunistas no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p. 26.

³⁶⁹ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 2007. p. 20.

Congresso teve por marca, para além da importante participação de alguns destes nos debates prévios ao grande encontro partidário, o seu protesto quando da mudança do nome e estatuto partidário, empreendendo um abaixo-assinado com a participação de mais de cem militantes comunistas.

Do isolamento dos velhos dirigentes emerge uma nova organização que se pretende representativa do proletariado brasileiro e do ideário marxista-leninista. Em fevereiro de 1962 era “refundado” – segundo os militantes envolvidos na iniciativa – o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), em oposição ao Partido que, também de acordo com estes, já se tornara “*outra agremiação, que nada teria de revolucionária*”³⁷⁰. Aqueles que ocuparam as principais posições no PCB até poucos anos atrás decidiram por reivindicar o seu velho modelo organizativo, conclamando uma Conferência Nacional extraordinária e elegendo um novo Comitê Central³⁷¹. Não fugiam da argumentação que defenderam na imprensa comunista contra as novas tendências que se avizinhavam já antes de 1958 e que foram ratificadas oficialmente em 1960.

Esta cisão não deixava de ser a cristalização do processo de reorientação sofrido pelo PCB desde, pelo menos, os impactos do XX Congresso do PCUS. Dois novos caminhos eram postos como necessidades para os comunistas brasileiros: a formulação de uma nova linha política, que ajudasse a inserir o PCB novamente na luta institucional e o deslocamento dos “velhos mandonistas” da cúpula partidária, abrindo caminho aos sujeitos que se alinhavam com o novo projeto que se gestava. Estava completo o processo, cabia então a batalha por tornar o Partido Comunista Brasileiro presente nas disputas pela sociedade brasileira, tarefa que Jacob Gorender, entre outros, tentou cumprir.

3.3 Um dirigente comunista em trânsito: deveres e itinerário militante

Aparece no Brasil, pelo catálogo da Editorial Vitória, o *Manual de Economia Política*, livro elaborado no Instituto de Economia da Academia de Ciências da URSS. Jacob Gorender foi um de seus tradutores, junto de Josué de Almeida. Este foi provavelmente o primeiro trabalho de tradução executado por Gorender junto ao PCB. Além de verterem o escrito do russo para o português, Gorender e Almeida também acrescentaram notas explicativas ao texto, tendo em vista a adaptação melhor do conteúdo

³⁷⁰ SALES, Jean Rodrigues. Partido Comunista do Brasil. Definições ideológicas e trajetória política. IN: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960*, vol. 6. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 68.

³⁷¹ CHILCOTE, Ronald. Op. Cit., p. 127.

às leitoras e leitores brasileiros. Correspondia à terceira edição do original soviético, que veio a lume em 1959, sendo composto e impresso no Brasil entre maio e novembro de 1961.

O *Manual*, nesta terceira edição, é marcado pelos fatos ocorridos no âmbito do PCUS após 1956³⁷². Seu texto já se abre com caracterizações acerca das realizações econômicas nos países socialistas e nos países capitalistas. Naqueles, “*marcha ascensional*”, com a “*iniciativa criadora das massas*” desenvolvida graças à direção planejada. Já no mundo capitalista, uma crise geral em operação, com a “*desagregação do sistema colonial*”, parte das contradições estruturais agravadas. O seguinte trecho é revelador do interesse dos comunistas brasileiros na publicação soviética:

Diante dos economistas, como também diante de todos os trabalhadores da frente ideológica, colocam-se as tarefas de uma completa superação das conseqüências do culto à personalidade, da audaciosa elaboração criadora de toda uma série de novos problemas da economia socialista, levantados pela vida, a tarefa da intensificação da luta contra a ideologia burguesa, contra quaisquer tentativas de revisão do marxismo-leninismo, como perigo principal na atual etapa, contra o dogmatismo e o escolasticismo.³⁷³

Da pátria do socialismo ao país que comportava o mais importante Partido Comunista na América Latina, batalhas internas em comum se colocavam às suas organizações, contra o dogmatismo e contra o revisionismo.

Neste mesmo ano de 1961, importante acontecimento na vida familiar de Jacob e Idealina Gorender. Nasce de sua união uma menina, batizada de Ethel. O nome foi uma homenagem à Ethel Rosenberg, militante estadunidense executada sob a acusação de revelar o segredo da bomba atômica à União Soviética³⁷⁴.

A década que se inaugurava estava se tornando momento, portanto, de mudanças tanto na vida familiar quanto no que se refere às tarefas militantes para Jacob Gorender. Há poucos anos casado, agora já era um pai de família. Responsabilidade redobrada, portanto. Não obstante, em consonância com as novas orientações assumidas com maior vigor pelo Partido Comunista desde a *Declaração de Março*, cabia à sua organização uma

³⁷² “As resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e dos últimos plenos do CC do PCUS colocaram diante das ciências sociais, particularmente diante da ciência econômica, novas e importantes tarefas. No informe político do CC do PCUS ao XX Congresso do Partido, foi destacado que, na atual etapa da edificação do comunismo, emerge para o primeiro plano o aspecto econômico da teoria marxista.” Cf. ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS. *Manual de Economia Política*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1960. p. 7.

³⁷³ Idem.

³⁷⁴ GORENDER, Idealina. Op. Cit.

intervenção ainda mais ativa na vida nacional. O trabalho intelectual de um formador de quadros era ressignificado. Já não ficava mais confinado em espaços clandestinos para o estudo intenso que caracterizava as Escolas de Partido. Gorender então passou a viajar o Brasil inteiro para ministrar pequenos cursos e palestras em espaços de visibilidade, noticiados na grande imprensa muitas vezes, tendo em vista o agregar de simpatizantes à sua causa. Um movimento emblemático no que se refere às novas condições de atuação postas ao PCB, bem como à forma com que este então movimentava-se perante estas.

A despeito das aparências positivas que estavam postas pela reorientação em processo no Partido Comunista, a conjuntura nacional era bastante conturbada. A candidatura que apoiavam para a presidência da República foi derrotada. Tratava-se do Marechal Lott, militar nacionalista, o qual foi preterido pela população votante por Jânio Quadros, na eleição de 1960. De origem mato-grossense, radicado em São Paulo, Quadros não desfrutou muito tempo de governo, renunciando ao cargo em agosto de 1961 após uma série de políticas controversas, dentre elas condecorar Ernesto Che Guevara, guerrilheiro argentino e ministro de Cuba, com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, altíssima honraria nacional.

Com a vacância da cadeira presidencial, cabe ao vice-presidente eleito ocupar o cargo, no caso o gaúcho João Goulart, ex-ministro do Trabalho durante o governo de Getúlio Vargas. A sua posse não foi bem vista pelas forças conservadoras brasileiras, que se articularam para tentar impedi-lo de assumir a sua função. A conjuntura era de golpismo, um risco estrutural na política nacional desde, ao menos, 1954. A situação foi contornada pelas ações de Leonel Brizola, cunhado de “Jango” e governador do Rio Grande do Sul, político trabalhista que dirigiu, em articulação com militares nacionalistas do mesmo estado, a *Campanha da Legalidade*, mobilização de resistência à tentativa de golpe em curso.

Pouco mais de um mês após a conturbada luta pela posse de João Goulart a oposição midiática procurou relacionar seu aliado Leonel Brizola à uma “*rebelião comunista*” em processo. As denúncias partiam de Carlos Lacerda, governador carioca, e Silvio Heck, almirante. Segundo os citados, Brizola distribuiu armas para os comunistas deflagrarem a luta armada no Brasil. Um texto de Gorender, “*líder comunista*”, é mencionado como uma das “provas” da conspiração em curso³⁷⁵. Tratava-se de um artigo

³⁷⁵ CL e HECK denunciam revolução. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro: 02/10/1961. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 2.

seu para *O Metropolitano*, no qual discutia o papel dos estudantes comunistas no país em crise.

Jacob Gorender, como fica claro na observação das articulações políticas do PCB entre o período de 1956 e 1960, ascendeu na estrutura partidária. As acusações dos detratores dos comunistas também fornecem indícios suficientes para esta interpretação, como pode ser percebido nas menções feitas a Gorender em textos da grande imprensa, em boa parte dos casos visivelmente eivados de anticomunismo, como no caso acima citado.

Em outubro de 1962, por exemplo, foi noticiado no jornal *A Noite*, tradicional veículo da grande imprensa carioca, que Jacob Gorender estava “[...] *sendo apontado como provável substituto de Luís Carlos Prestes à frente dos comunistas brasileiros*”. A notícia dava conta da presença de Gorender em Fortaleza, capital que visitava “[...] *com recomendações especiais para os vermelhos cearenses, sobretudo no que diz respeito à escolha de deputados federais.*”³⁷⁶ Não é mencionada a fonte utilizada por quem escreveu esta pequena nota, mas é razoável supor que provavelmente a informação era oriunda das forças policiais atentas à movimentação comunista. A sua atenção com os passos dados pelo militante não necessariamente significam conclusões corretas, afinal, havia poucos (para não dizer nulos) indícios de que o intacto secretário-geral Luís Carlos Prestes fosse ser substituído (por qualquer membro que fosse do então Comitê Central). Ainda assim, ser vigiado e tomado pelos investigadores como alguém ocupando tamanha posição dentro dos arranjos organizativos do PCB indica que Gorender havia se tornado um dos principais membros do Partido Comunista Brasileiro.

Outro fator importante que é indicado na notícia de *A Noite*, o qual também pode ser revelador do peso assumido por Gorender no seu Partido, é o de suas viagens a variados centros nacionais tendo em vista deveres militantes. Já foi mencionado que ele e Carlos Marighella foram identificados como “dirigentes de campanha” de Pedreira de Freitas ao Estado da Bahia alguns anos antes. Outros destinos de Jacob Gorender são revelados em noticiários de diferentes veículos, assim como a sua memória, importante fonte para a sua trajetória, também fornece elementos para a reconstituição de seu itinerário.

No jornal *Novos Rumos*, de importância já citada nesta dissertação, encontram-se variadas notícias das conferências, palestras e cursos proferidos por Jacob Gorender. Entre

³⁷⁶ Política nos Estados (Condensado da Transpress e Asapress). *A Noite*. Rio de Janeiro: 06/10/1962. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 2.

estas chama a atenção uma pequena matéria em que são expostos os pontos percorridos pelo militante em importantes capitais do Nordeste brasileiro. A apresentação da parte do jornal, como é de se esperar de um veículo de sua organização, foi não só positiva, como mesmo laudatória:

Percorrendo as capitais dos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia, o professor Jacob Gorender realizou uma série de conferências e palestras em que tratou de temas da realidade brasileira e da filosofia contemporânea. Em todos os atos a que compareceu, foi recebido com acolhedor interesse, tendo a sua presença despertado a atenção, principalmente, dos círculos intelectuais e estudantis, ansiosos por ouvir a palavra do professor Jacob Gorender, e ao mesmo tempo, debater, de forma ampla em torno dos problemas e das idéias levantadas pelo conferencista.³⁷⁷

Seguiu escrevendo, aliás, para as páginas do então mais importante periódico do PCB. Entre os seus textos de então, chama a atenção uma resenha escrita pelo articulista em que Gorender comentava o recentemente lançado “*Cuba: a Revolução na América*”, livro de autoria de Almir Matos e pertencente ao catálogo da Editorial Vitória. A sua leitura foi bastante elogiosa, e permitiu que tecesse, em seus comentários finais, apreciações sobre os caminhos necessários à revolução brasileira que procurava concretizar:

A mais recente experiência latino-americana vem demonstrando, de modo insofismável, o quanto se enganam aqueles que consideram seja a burguesia nacional capaz de dirigir, à vitória dos seus objetivos, o movimento revolucionário democrático e antiimperialista. Por toda a parte, em Cuba com Urrutia e Miró Cardona, na Venezuela com Romulo Bettancourt, na Bolívia, com Paz Estensoro, a burguesia nacional, levada ao poder por um movimento popular, tem usado este poder para frear e frustrar a revolução, substituindo as transformações revolucionárias de estruturas por pequenas reformas, capitulando diante do imperialismo e dos setores reacionários internos, sem deixar de empregar, como na Venezuela e na Bolívia, o terrorismo policial contra os trabalhadores, estudantes e forças de esquerda em geral. Quais quer que sejam as formas em que se processe, a revolução só tem a possibilidade de triunfar, se se encarnar num vasto movimento popular, dirigido pelas forças sociais mais consequentes, principalmente pelo proletariado. A aliança com a burguesia nacional, que é justa em determinadas condições, não deve ser confundida com a aceitação da burguesia nacional, que tem sido funesta para os movimentos revolucionários da América Latina. Atentos, como precisamos estar sempre, às numerosas e tão variadas peculiaridades da vida social brasileira, é indiscutível que a revolução cubana – a mais profunda já havida em nosso continente – nos oferece riquíssima messe de ensinamentos. Saibamos estudá-la e, mais do que isto, defendê-la como nossa própria causa, com uma solidariedade ativa e intransigente. O livro de Almir Matos representa, neste particular, inestimável contribuição.³⁷⁸

³⁷⁷ Realidade brasileira e marxismo: Jacob Gorender falou no Nordeste. IN: *Novos Rumos*. N. 165. Rio de Janeiro: 13/04/1962. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

³⁷⁸ GORENDER, Jacob. Ensinamentos de uma grande revolução. IN: *Novos Rumos*. N. 122. Rio de Janeiro: 07 a 13/07/1961. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

Jacob Gorender, em seu vasto itinerário como conferencista em tal momento, chegou mesmo a debater publicamente com um membro da Igreja Católica. O seu interlocutor era o monsenhor Enzo Guzo, professor de ensino superior, em debate organizado pelo Centro Acadêmico XI de Agosto. Tinham “*Marxismo e Cristianismo*” como questão a ser discutida³⁷⁹.

No mesmo ano de 1962, nova tradução efetuada por Gorender vem a público através da Editorial Vitória. Desta vez o trabalho foi dividido com o seu companheiro Mário Alves. Tratava-se de “*Fundamentos do marxismo-leninismo*”, obra coletiva de autores soviéticos que dava conta, segundo as informações veiculadas na própria orelha do livro, da difusão das “*teses básicas do marxismo-leninismo*” em sua totalidade, o que permite interpretar a obra como um instrumento pedagógico necessário àqueles e àquelas que tivessem interesse no estudo e, principalmente, na prática desta orientação. Cabe citar a apresentação do livro:

A peculiaridade do presente manual consiste, precisamente, em que, de maneira sistematizada e didática, visando a grande massa de leitores, soube condensar e explicar as teses básicas do marxismo-leninismo, não apenas num campo essencial, mas em todos os seus campos essenciais: o materialismo dialético, o materialismo histórico, a economia política do capitalismo, a teoria e a tática do movimento comunista internacional, a doutrina do socialismo e do comunismo. Filosofia, sociologia, história, economia política, luta de classes do proletariado e sua posição diante de problemas como o da paz e da guerra e o da conquista do poder, leis gerais e particularidades da construção do socialismo na União Soviética e nas democracias populares, perspectivas das linhas principais do futuro da humanidade – tudo isto é aqui focalizado do ponto de vista do marxismo-leninismo, com notável simplicidade e sem sacrificar a riqueza e a profundidade características da obra de Marx, Engels e Lênin. Outro mérito de **Fundamentos do Marxismo-Leninismo**, e não dos menores, consiste em sua atualidade, isto é, no fato de que incorpora recentes aquisições teóricas, nas quais se refletem as modificações da situação internacional e as novas condições da luta pela democracia e o socialismo. Assim, pois, este manual, agora lançado pela Editorial Vitória para os leitores de língua portuguesa, constitui excelente instrumento de iniciação no marxismo-leninismo destinado a todos aqueles que, qualquer que seja a sua orientação filosófica e política, desejam conhecê-lo de modo correto e começar a estudá-lo num compêndio didático autorizado.³⁸⁰

Nas notas bibliográficas, predominam referências a Marx, Engels e, especialmente, Lênin. Algo completamente usual nos manuais e compêndios destinados à formação comunista. Uma mudança, porém, era pronunciada. Stálin, que outrora era frequente com as suas obras nas propagandas veiculadas pelo PCB em seus veículos, estava praticamente

³⁷⁹ “Marxismo e Cristianismo” em debate na Faculdade de Direito. *Nossa voz*. 24/05/1962. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 11.

³⁸⁰ VV. AA. *Fundamentos do marxismo-leninismo*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1962.

ausente entre os autores citados. Nikita Krushev compareceu mais do que o secretário-geral anterior entre as referências.

De acordo com levantamento formulado por Flamarion Maués, *Fundamentos do marxismo-leninismo* se inscrevia na linha seguida pela Editorial Vitória, a qual se caracterizava pela publicação de “[...] temas políticos gerais e de teoria [...], livros de ideologia”³⁸¹, entre outros estilos. Considerada a mais importante das editoras então na órbita do PCB, a Vitória pautava-se, dentre outros objetivos, pela divulgação da doutrina do materialismo histórico e o socialismo científico e a formação política de seus leitores. Daí ela ter empreendido um amplo projeto de “[...] tradução e edição de manuais didáticos provenientes da URSS e preparados, na origem, ‘especialmente para os estudantes soviéticos’”³⁸². Projeto este em que Gorender contribuiu com duas traduções. Se ele foi remunerado para além dos vencimentos que o Partido legava para os seus militantes profissionais, não há informações.

Em *A Última Hora* é encontrada menção a uma participação de Gorender no I Encontro Nacional de Estudantes de Economia. O professor Jacob Gorender integrou mesa em que se discutiu o tema “*Relação entre o capital estrangeiro e o desenvolvimento nacional*”. Seus acompanhantes eram o também professor Francisco de Oliveira e o deputado Barbosa Lima Sobrinho. Receberam destaque os pronunciamentos do deputado nacionalista e o de Gorender. Sobre ele foi escrito:

O prof. Jacob Gorender fez uma síntese da história econômica brasileira, analisando os processos utilizados pelos colonialismos português e inglês, para sangrar a economia nacional, concluindo que “se o capital estrangeiro concorresse para o desenvolvimento de nossa economia, já seríamos um país altamente industrializado”. Criticou a política “desenvolvimentista” de J.K., afirmando que o plano de metas do ex-presidente deu inteira cobertura ao capital estrangeiro em detrimento do capital nacional, sendo responsável pela desnacionalização da indústria brasileira. “Se houve um relativo desenvolvimento nacional, não o devemos ao capital estrangeiro, mas a ascensão do capitalismo brasileiro” – concluiu.³⁸³

O texto é concluído com um aviso da conferência a ser pronunciada por Jacob Gorender, em outro espaço, com o título “*Problemas da luta ideológica*”, às 20 horas do dia 25 de setembro de 1962. Em uma das ocasiões, já era legitimado como um professor a

³⁸¹ MAUÉS, Flamarion. A Editorial Vitória e a divulgação das ideias comunistas no Brasil (1944-1964). IN: DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves. *Edição e revolução*. Leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 124.

³⁸² Ibidem, p. 129.

³⁸³ Capital estrangeiro foi tema de debate no I Encontro de Economia. *A Última Hora*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 25/09/1962. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 2.

emitir considerações para os estudantes brasileiros de Economia. Na outra, era tomado como um quadro a orientar o comportamento eleitoral dos “*vermelhos cearenses*”.

Como já exposto em capítulo anterior, Gorender já havia sido professor dos *Cursos Stálin* dentro do âmbito interno da formação de quadros comunistas. Ser reconhecido por um veículo da imprensa externa ao seu Partido como alguém legítimo para lecionar e pronunciar conferências era outra coisa, um “salto de qualidade”. O Partido Comunista o investia de novo valor ao destiná-lo a tarefas tais como, provavelmente, representar a palavra da organização no Encontro de Estudantes. Esta hipótese se sustenta a partir dos trechos mencionados pelo *Última Hora* e aqui citados, nos quais se encontram a leitura histórica e as análises de conjuntura oficiais publicadas pelo PCB em sua documentação desde março de 1958, pelo menos, quando passou a pontuar o caráter progressista do desenvolvimento do capitalismo no Brasil e a contradição deste com o imperialismo estrangeiro.

Em matéria referente às comemorações dos 90 anos de Lênin, no veículo oficial *Novos Rumos*, por exemplo, entre as iniciativas programadas encontra-se o anúncio de “*Conferência do dirigente comunista Jacob Gorender sobre ‘A contribuição de Lenin ao marxismo’ dia 22, às 20 horas, no 2º andar da ABI*”³⁸⁴. De acordo com o noticiário veiculado pouco menos de um mês depois, no mesmo periódico, o evento foi um sucesso, contando com centenas de pessoas no auditório, teve Astrojildo Pereira presidindo e a exibição de um documentário referente aos 10 anos da Revolução Chinesa:

Ressaltou o conferencista alguns dos aspectos mais salientes da fecunda obra de Lenin, particularmente a sua extraordinária capacidade de aplicar o marxismo, de modo criador, às condições peculiares da Rússia, afirmando por fim que as idéias leninistas, já triunfantes em mais de uma terça parte do globo, inspiram e orientam as lutas dos povos dos países capitalistas e dependentes em sua luta pela paz, a independência, a democracia e o socialismo.³⁸⁵

Esta não foi a única intervenção do dirigente comunista Jacob Gorender nas dependências da Associação Brasileira de Imprensa. Em 1963, três anos depois da efeméride que gerou a conferência citada, é registrado em *A Luta Democrática* que Gorender ministrava um curso de Filosofia no mesmo espaço. O autor do texto, escrito

³⁸⁴ Aniversário de V. I. Lenin: Comemorações Programadas. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: 8 a 14 de abril de 1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

³⁸⁵ Idem.

para a coluna estudantil do veículo, é elogio o bastante com o professor a ponto de classificá-lo como “[...] *o maior filósofo atual que o Brasil possui*.”³⁸⁶.

O *tour* que Jacob Gorender empreendia como um “intelectual público” do PCB, bem como a própria veiculação de notícias dos ocorridos na grande mídia nacional expressam uma importante contradição do PCB naquele contexto. De acordo com Aarão Reis:

O PCB e outras organizações clandestinas de esquerda haviam conquistado, desde o governo JK, uma legalidade “de fato”. Como já se disse, seus dirigentes, inclusive Prestes, circulavam abertamente pelo país, conferenciavam, participavam de comícios, faziam reuniões, tomavam parte em seminários e congressos. Porém, formalmente, o Partido continuava ilegal.³⁸⁷

A clandestinidade do final dos anos 1940 e da quase totalidade da década de 50 já não mais existia. A ilegalidade, porém, ainda era uma realidade nas letras da Lei. Esta visibilidade pública talvez acarretasse problemas para os militantes que em tal atividade se engajaram. Órgãos policiais poderiam estar acompanhando o seu itinerário, hipótese aqui já enunciada ao se atentar às notícias jornalísticas que o tomavam como possível substituto de Prestes na liderança do Partido. A Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo já possuía notícias reunidas acerca das atividades de Jacob Gorender desde 1947³⁸⁸. Os comunistas eram objeto de vigilância mesmo na ordem democrática que aparentava um quadro positivo à sua atuação.

Morador em um apartamento na rua Carlos Góis, no bairro do Leblon, onde dispunha “de livros e da praia”, Jacob Gorender teve a oportunidade de presenciar um comício presidencial na cidade onde residia. O presidente João Goulart, que enfrentava uma época de atribulada crise política, discursou na Praça da República no dia 13 de março de 1964, “*a mais famosa sexta-feira 13 da história nacional*”. Entre os presentes no evento político, encontrava-se Astrojildo Pereira, um dos nove fundadores do PCB. Nas memórias de Gorender acerca do ocorrido, ele chama a atenção para o sorridente aceno do experimentado militante. A cena se deu com Pereira na rua e Gorender detrás da janela de um ônibus. Estava atarefado, mais uma sessão de conferências ocorreria sob a sua responsabilidade. Rumaria logo para Goiânia.

³⁸⁶ SILVA JARDIM. Curso de Gorender, na quarta aula. *A Luta Democrática*. Rio de Janeiro: 30/01/1963. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 6.

³⁸⁷ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014, p. 325.

³⁸⁸ SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA – SERVIÇO DE INFORMAÇÕES DOPS. Dossiê Jacob Gorender. APESP. Fundo DEOPS.

No dia 17 do mesmo mês reiniciava as atividades docentes. Era iniciado um curso de marxismo (semelhante aos tantos a que estava habituado a lecionar, citados neste capítulo) em que o Professor Jacob Gorender, bem como os seus alunos, eram vigiados pelo coronel Clementino Gomes, militar que se inscreveu na atividade de formação tendo em vista investigar possível “pregação” durante as aulas. O ciclo era patrocinado pelo Diretório Central de Estudantes, com o apoio da Reitoria. Expediente bastante semelhante a outros ocorridos nos anos imediatamente anteriores e já mencionados nesta dissertação.

Chegou a ser convidado a visitar o governador goiano, Mauro Borges, no Palácio das Esmeraldas, conduzido pelo coronel Clementino. Poucos dias depois com o encontro com a autoridade de Goiás, preocupado com o atraso dos aviões de entrega dos jornais oriundos do Rio de Janeiro e São Paulo, Gorender recebeu um telefonema de um camarada do Comitê Estadual local informando-o do levante que se iniciava em Minas Gerais. Jacob Gorender retornava à experiência clandestina³⁸⁹.

3.4 Retorno à clandestinidade: da *Corrente Revolucionária* ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário

Foi publicado, no número 11.210 do tradicional jornal *Diário Carioca*, que o major Cléber Bobeckor convocava uma série de pessoas “[...] a fim de prestarem depoimento sobre atividades subversivas e órgãos da imprensa comunista”³⁹⁰. Atuante no 3º Batalhão da Polícia Militar, o major Bobeckor estava lidando com o Inquérito Policial Militar referente às “*Cadernetas de Prestes*”, as quais totalizavam duas dezenas, com anotações do próprio punho do secretário-geral comunista, “[...] em que se registravam reuniões partidárias, o conteúdo de intervenções, nomes de dirigentes, impressões, avaliações, reflexões, diretivas, orientações, relações políticas nacionais e internacionais”³⁹¹, apreendidas quando da invasão da casa do líder partidário, em abril de 64. Aqueles que exerceram atividades no âmbito do PCB na última década constavam em sua quase totalidade na lista de convocados do IPM.

³⁸⁹ As informações acerca das experiências de Gorender a partir do “Comício na Central do Brasil” até o momento em que foi noticiado do Golpe já em vias de concretização foram retiradas de seu relato autobiográfico contido em “*Prelúdio goiano*”, primeiro capítulo de seu livro *Combate nas Trevas*, de 1987. Cf: GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987. pp. 11-14.

³⁹⁰ Marinheiros vão a sumário e Prestes é chamado a depor. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro: 06/10/1964. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 1.

³⁹¹ AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014, p. 324.

A intimação datava de outubro de 1964 e, neste momento, Jacob Gorender, como exigiam as regras de clandestinidade recomendadas pelo seu Partido, encontrava-se oculto dos braços da lei. Assim como outros quadros comunistas, ele havia se antecipado à repressão que seguiu ao Golpe de Estado, escondendo-se por cerca de 40 dias ainda em Goiás, de início em uma residência de companheiros, depois em um sítio nas proximidades de Goiânia. A sua retirada foi obra de Walter Ribeiro, um ex-tenente que integrava o Comitê Central do PCB: “*Saímos de madrugada, eu e um companheiro arquiteto ao volante do carro. Depois de atravessar Goiás, o Sul de Minas e o Oeste de São Paulo, chegamos à capital paulista trinta horas depois.*”³⁹²

O que é especialmente interessante nos trechos já citados de *Combate nas Trevas* é o “clima” de tensão que emerge no relato. A memória do biografado, novamente, é reveladora de nuances factuais de sua experiência, e deve ser destacada a presença nas menções à sua estadia em Goiânia da constante pressa, dos riscos corridos e das incertezas que acometiam os comunistas perante a notícia de uma movimentação militar em curso.

Chegado a São Paulo, Jacob Gorender precisou arranjar-se com uma nova rotina, afinal, estava em uma cidade diferente com a qual tinha se habituado anos atrás e, principalmente, cercado pelo risco da perseguição policial. O dirigente Moisés Vinhas é lembrado por ter preservado um aparelho dos tempos de ilegalidade ainda dos anos 1950. Foi ali que Gorender primeiro instalou-se, por pouco tempo, antes de ir se “*arrumando de casa em casa*”³⁹³.

Durante este período, ele não apenas escondia-se do arbítrio militar, mas cumpria os desígnios que lhe eram atribuídos enquanto um membro do Partido Comunista que cumpria funções de dirigente e formador político. No final de 1964, alguns meses após a sua chegada em São Paulo, recebeu a tarefa da direção nacional para atuar em Porto Alegre, capital gaúcha, tornando-se por alguns meses, um dos dirigentes do Comitê Estadual do Rio Grande do Sul.

De acordo com Wladimir Ungaretti, membro do Comitê Secundarista do Partido Comunista Brasileiro na cidade de Porto Alegre durante os anos sessenta, o convívio entre a militância em tal localidade era estritamente o necessário. Jacob Gorender teria cumprido a função de assistente do Comitê Central no estado sulista. Mantinha-se informados dos ocorridos no centro do país através da leitura de jornais da imprensa nacional que

³⁹² GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987, p. 13.

³⁹³ Ibidem, p. 85.

comprava aos finais de semana na Praça da Alfândega, na região central de Porto Alegre³⁹⁴. Provavelmente, devido às estritas condições de clandestinidade, não trocava muitas correspondências com os seus colegas de Partido situados em outros locais do Brasil.

Gorender relatou, duas décadas *a posteriori*, ter se deparado com “[...] *um ambiente de forte insatisfação com o Comitê Central*”³⁹⁵. A impressão geral, entre os militantes gaúchos, era de que havia parcelas da população local dispostas ao enfrentamento, mas que não o fizeram devido à falta de lideranças nas ruas e praças. Esta talvez seja uma memória da bem sucedida *Campanha da Legalidade*. Ainda que talvez não existisse uma disposição popular à resistência, de fato o Comitê Regional do Rio Grande do Sul estava em intensa atividade, tanto para manter a sua atuação política quanto para marcar oposição às linhas do Comitê Central bem como das tendências que então cogitavam a hipótese de luta armada. Eloy Martins, operário metalúrgico que era membro efetivo do Comitê Central bem como Primeiro Secretário do Partido no Rio Grande do Sul, travou contato com Jacob Gorender quando este se deslocou para Porto Alegre por ordem do PCB, legando um relato em suas memórias sobre as atividades do Partido Comunista em sua terra, o que engloba as condições com que Gorender se deparou no espaço em que foi designado a atuar:

Dez dias após, reunimos o Comitê Estadual, se nada fizemos contra o golpe, pelo menos tínhamos bons aparelhos e boas ligações entre os membros da direção. Nessa primeira reunião fizemos um balanço dos acontecimentos. A maioria chegou a conclusão de que tínhamos caído numa posição reboquista, corolário da tendência de direita da linha política. Aprovamos uma resolução no sentido da rearticulação do partido dentro das novas condições, bastante difíceis, não só por termos que enfrentar o terror policial, mas para refrear as tendências esquerdistas, que começava a desenvolver-se dentro do partido. Era uma espécie de desespero infantil, envolvendo particularmente a juventude. Gramei as maiores dificuldades de toda a minha vida partidária até aquele momento, resistir a esquerda, combater o Comitê Central e defender o ponto-de-vista da maioria do Comitê Estadual, que mantinha a opinião, também a minha, de termos tomado uma posição de direita, ao ficarmos a reboque de Jango. Com essa orientação não deixamos o partido parar. Conseguimos realizar alguns trabalhos de agitação, com pichamentos, panfletos e organização de uma rádio clandestina que funcionou durante duas semanas. Criamos aparelhos de saída do Brasil, por onde passaram muitos companheiros. Por nossa conta fomos ao Uruguai, o que nos possibilitou conversarmos com vários camaradas que lá se encontravam, assim como estivemos com Dr. João Goulart e Dr. Leonel Brizola. Trabalhávamos em função de recuperar o partido quando, depois de alguns meses aqui chegou um camarada do Comitê Central. O Comitê Regional do Rio Grande do Sul foi, talvez, o primeiro no país a reunir-se a tirar um documento político, na base do

³⁹⁴ UNGARETTI, Wladimir. Correio eletrônico com o autor. Junho de 2015.

³⁹⁵ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987. p. 87.

qual continuou atuando. O golpe militar de 1964 não impôs nenhum interregno na atividade do PCB no Estado.³⁹⁶

A fuga de Gorender com o seu estabelecimento, sob as ordens do Partido, no Sul do país teve efetividade. A sua companheira Idealina, por exemplo, imaginava que Jacob havia sido assassinado pelos militares. Foram nove meses que o casal não trocou qualquer forma de contato³⁹⁷. O episódio é revelador tanto do impacto do arbítrio golpista sob os corações e mentes de pessoas com envolvimento político na oposição quanto dos esforços muitas vezes hercúleos que boa parte da militância necessitou travar para garantir a sua segurança básica.

Jacob Gorender representou o Comitê Estadual dos comunistas gaúchos na primeira reunião do Comitê Central do PCB após o golpe, mais de um ano depois, em 15 de maio de 1965. O encontro entre os dirigentes foi marcado pela disputa nos rumos da linha política a ser seguida pelo Partido. As discordâncias já existiam desde, pelo menos, o momento imediatamente posterior ao Primeiro de Abril de 1964. Carlos Marighella, Mário Alves e Jover Telles, membros da Comissão Executiva, elaboraram um documento de nome “*Esquema para discussão*”, o qual foi levado às bases. De acordo com a memória de Apolônio de Carvalho, militante que estava em contato com Marighella tendo em vista alguma ação de resistência ainda antes de Castelo Branco assumir a Presidência da República, no referido texto:

[...] se considerava que a orientação política anterior desarmara a organização, deixando de preparar o movimento popular para responder ao golpe, e permitindo ainda que a direção política do movimento permanecesse nas mãos dos demais setores nacionalistas e democráticos. Para esses e outros dirigentes, a derrota fora consequência direta, portanto, da orientação política traçada em 1958-1960, à luz das indicações do XX Congresso do PC da URSS. Sugeria-se, por conseguinte, não apenas o abandono de tal orientação como um amplo debate por uma nova linha política, que levasse em conta a experiência recente e fosse adaptada à nova e dura realidade.³⁹⁸

Estes militantes históricos, naquele momento reunidos em São Paulo, estavam espalhados de acordo com as divisões regionais definidas pelo seu Partido. Separados geograficamente, mas unidos pela avaliação que tinham acerca do Golpe em 1964 e da nova linha política a ser assumida para enfrentar a conjuntura histórica então inaugurada. Apolônio de Carvalho foi bastante sintético em seu texto há pouco citado acerca do

³⁹⁶ MARTINS, Eloy. *Um depoimento político. 55 anos de PCB. Memórias de um metalúrgico*. Porto Alegre: Gráfica Palotti, 1989. p. 142.

³⁹⁷ GORENDER, Idealina Fernandes. Op. cit.

³⁹⁸ CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 195.

incômodo que acometia aqueles importantes quadros comunistas. A sua posição não era unânime, encontrando resistência em outros componentes da direção partidária, a começar por Luiz Carlos Prestes e Giocondo Dias, bastante próximo daquele.

O processo era de constituição de uma nova rachadura no edifício comunista brasileiro. Indícios de cisão nas fileiras do Partido Comunista não era nenhuma novidade na história do PCB. Neste capítulo mesmo foram acompanhados ao menos dois momentos de um mesmo processo em que a divisão organizativa estava explícita, resolvida pela defecção daqueles derrotados na luta interna.

Muitos já se referiam, então, à existência de uma *Corrente Revolucionária* no seio do Partido, a qual era composta por representantes de importantes regiões brasileiras, entre elas São Paulo, Pernambuco, Guanabara e Rio Grande do Sul, enfim, aqueles que elaboraram o *Esquema para discussão* e os que demonstraram concordância com este na reunião do Comitê Central de maio de 1965, entre os quais Jacob Gorender. Foram derrotados por não serem majoritários. A posição da maioria, ligada ao secretário-geral Prestes, era de “[...] *que o PCB se unisse a uma frente antigovernamental*”³⁹⁹, algo que se alinhava em larga medida ao que vinham defendendo enquanto organização desde a *Declaração de Março*. A oposição entre uma concepção “pacifista” da ação política e àqueles que demandavam uma tomada de ações mais enérgicas de enfrentamento contra a ditadura, com a derrota dos defensores desta última posição, acarretou em deslocamentos de ordem organizativa: “*A facção de Prestes saiu vitoriosa contra o voto negativo de Gorender e cinco abstenções: Mário Alves de Sousa Vieira e Jover Telles foram imediatamente excluídos da Comissão Executiva, embora ainda conservassem seus postos no Comitê Central*”⁴⁰⁰.

O *Esquema* respaldava posições críticas no seio do Partido. No período em que esteve em São Paulo, entre a fuga de Goiás e a militância no Rio Grande do Sul, Jacob Gorender, em colaboração com Joaquim Câmara Ferreira, escreveu um texto com autocríticas “[...] *acerca do pacifismo e do reboquismo pró-burguesia*”⁴⁰¹. O escrito, em suporte mimeografado, não circulou por muito tempo, pois a sua distribuição foi proibida pelo secretariado estadual de São Paulo assim que tomaram ciência do que ocorria. Os órgãos de direção passavam a agir contra os que mostrassem discordância da linha política oficial, o que, ademais, não era uma novidade na história do PCB. Gorender, ligado à

³⁹⁹ CHILCOTE, Ronald. Op. Cit., p. 144.

⁴⁰⁰ Idem.

⁴⁰¹ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987, p. 87.

Comissão de Educação, foi responsabilizado com outros militantes pelo “*esquerdismo do partido*”, o qual, de acordo com o setor majoritário capitaneado por Luiz Carlos Prestes e Giocondo Dias, redundava em “*desvio pequeno-burguês*”, em um “golpismo de esquerda”. Com este procedimento reafirmavam as posições referendadas no V Congresso, do início da década, as quais legitimavam uma postura pacifista, em busca de aliança com a burguesia nacional. Era a permanência da estratégia que alguns dos agora perseguidos ajudaram a formular: “*teses antiimperialistas; antifeudais, nacionais e democráticas*”. Havia, portanto, “duas autocríticas” circulando acerca da derrota sofrida um ano antes, sendo vitoriosa aquela que poupou a linha política, fustigando apenas a aplicação da mesma, eivada de radicalismo⁴⁰².

O enfrentamento com a ditadura, em negação da defendida coexistência pacífica, estava na ordem do dia. No mesmo ano de 1965, Carlos Marighella levou a público o livro *Por que resisti à prisão*, título que faz alusão direta ao episódio em que o conhecido quadro foi interpelado por policiais e, em resistência à prisão arbitrária, foi alvejado por tiros em uma sala de cinema no mês de maio de 1964. Este escrito foi viabilizado sem a autorização do PCB, vindo a lume com o financiamento de comunistas também em desacordo com os dirigentes de então. O texto tem por marca o chamado à resistência contra o que o autor classificava como uma “*ditadura militar fascista*”. A convocação ao ato de resistir àquele estado de coisas era pautada pela discordância com as orientações vigentes em seu Partido:

Pela primeira vez, ele se pronunciou a uma audiência irrestrita ao polemizar com a cúpula do PCB, sem se deter nos círculos partidários. Malhou a “conciliação com a burguesia”, escreveu a palavra mágica *guerrilhas* e vaticinou: “A ditadura surgiu da violência empregada pelos golpistas contra a nação, e não pode esperar menos que a violência por parte do povo”.⁴⁰³

Para além dos desacordos internos, estava em curso a perseguição a todos os comunistas brasileiros. As intimações aos militantes que tomaram posições em órgãos dirigentes e na imprensa do Partido seguiam o seu ciclo, revogadas após alguns meses, dentro de período semelhante eram reativadas, como é registrado em jornais da época⁴⁰⁴. A criminalização midiática desta atividade política também ocorria. Gorender foi citado,

⁴⁰² DELLA VECHIA, Renato. *Origem e evolução do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário* (1967-1973). Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Porto Alegre: UFRGS, 2005. pp. 79-80.

⁴⁰³ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., pp. 332-333.

⁴⁰⁴ IPM intima do PCB mais 179 a depor. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 28/09/1965. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 2.

entre muitos outros cujos nomes já constavam no IPM oriundo das “*Cadernetas de Prestes*”, em um grande “fluxograma” demonstrando “*a situação atual do comunismo e sua infiltração particularmente na América Latina e no Brasil*”⁴⁰⁵. O tom da matéria é inegavelmente de denúncia. Estavam condenados a cinco anos de prisão pela sua participação em uma organização ilegal⁴⁰⁶.

Avizinhava-se o VI Congresso do Partido Comunista Brasileiro, evento em que as contradições internas da agremiação são postas em explícito tendo em vista a sua resolução. No jargão partidário, era o momento privilegiado para se processar a luta interna. Jacob Gorender, que já possuía uma posição bastante definida, foi eleito delegado ao encontro durante uma Conferência Estadual no Rio Grande do Sul tendo em vista representar os camaradas gaúchos. Logo após já deixava de residir no Sul, retornando enfim a instalar-se em São Paulo. A visibilidade pública que angariou como um destacado quadro comunista no início da década de 1960 atrapalhava a sua atuação naquela conjuntura:

No pré-64, minhas numerosas conferências em Porto Alegre me tornaram conhecido de muita gente. Na clandestinidade, vez por outra me abordavam na rua e indagavam se não era o próprio. Por sorte, tratava-se de gente amiga, mas eu sempre respondia que havia engano de pessoa. Os órgãos policiais terminaram informados da minha presença em Porto Alegre e a imprudência de um companheiro lhes abriu uma pista para minha localização. Com aprovação dos companheiros da direção estadual, retirei-me do Rio Grande do Sul. Antes disso, através do *Jornal do Brasil* de 21 de maio de 1966, tomei conhecimento de que o Governo Castello Branco, por intermédio do Ministro da Justiça Mem de Sá, cassou os meus direitos políticos por dez anos.⁴⁰⁷

Consciente de sua perigosa situação legal, a qual não deve ter constituído nenhum grande susto, afinal, desde o momento em que o Golpe foi efetuado os arbítrios da reação já se apresentavam como ameaça concreta, Jacob Gorender não se furtou a disputar, mais uma vez, os rumos de sua organização. Delegado eleito, novamente tomou parte na imprensa do Partido. Mudava o nome do veículo. *Novos Rumos* estava extinto, naquele momento o órgão de imprensa principal da militância comunista brasileira retomava o

⁴⁰⁵ Situação atual do comunismo e sua infiltração particularmente na América Latina e no Brasil. *A Cruz*. Rio de Janeiro: 27/03/1966. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. pp. 4-5.

⁴⁰⁶ “*Prestes estava particularmente vulnerável à crítica porque em 9 de abril de 1964 a polícia descobrira vinte cadernos de notas entre seus papéis, numa busca em sua casa em São Paulo. Estes cadernos, que descreviam em detalhes reuniões do partido desde 1961, tornaram-se a base de uma prolongada investigação policial que durou seis meses e que levou ao indiciamento de 74 membros do partido (dos quais aproximadamente 60 foram julgados em meados de 1966 por um tribunal militar, em São Paulo) e à suspensão dos direitos políticos por 10 anos de 59 comunistas.*” Cf: CHILCOTE, Ronald. Op. Cit., p. 143.

⁴⁰⁷ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987. p. 91.

antigo nome *Voz Operária*. Neste espaço, na já tradicional *Tribuna de Debates*, entre setembro de 1966 e março de 1967, defrontaram-se as duas correntes em oposição.

Sabino Gonçalves, novo pseudônimo adotado por Gorender, inicia as suas intervenções com o texto “*Sobre a atuação política das forças armadas*”. Discorda de Antônio Almeida – nome adotado pelo secretário-geral Luiz Carlos Prestes – que defendeu, em informe de maio de 1965, a tese do “caráter democrático” das Forças Armadas, especialmente o exército. A base de tal posição se encontraria, especialmente, no livro *História Militar do Brasil*, do historiador Nelson Werneck Sodré, publicado no mesmo ano de 1965, sendo objeto central de atenção de Gorender neste momento do debate. A crítica é contundente: “*Encontramos nele o mesmo processo de raciocínio antidualético que inflaciona um aspecto parcial ao ponto de confundi-lo com a essência da realidade total. Sómente assim é possível concluir que o Exército brasileiro possui formação democrática e está a serviço do povo brasileiro.*”⁴⁰⁸ O autor procura, basicamente, diferenciar entre o comportamento de dados indivíduos e as posições tomadas pela instituição que integram.

A oposição propriamente de Gorender às *Teses* apresentadas pela corrente majoritária do Partido é expressa dois meses depois, no texto com um título bastante direto: “*Porque votei contra as Teses e contra as Resoluções Políticas do CC*”. A documentação em discussão é classificada pelo militante como “[...] *uma sucessão de documentos que espelham a orientação francamente oportunista de direita dos órgãos dirigentes superiores do nosso Partido.*”⁴⁰⁹ A corrente de seus formuladores:

A tendência que originou os gravíssimos erros da Direção e influiu no conjunto do Partido foi, na realidade, uma tendência oportunista de direita, com as seguintes características: *reboquismo com relação à burguesia nacional, superestimação das possibilidades da correlação de forças em consequência de uma concepção antimarxista do Estado brasileiro, concepção esquemática, imobilista, da situação internacional e, finalmente, acentuação unilateral do chamado caminho pacífico.*⁴¹⁰

As tendências conflitantes no Partido Comunista chegaram ao seu ápice no ano de 1967. Eram tempos conturbados tanto no plano nacional quanto no estrangeiro. O movimento comunista internacional, com a exceção dos albaneses e de alguns agrupamentos que recém emergiam, se debatia em críticas ao PC da China, mais

⁴⁰⁸ GORENDER, Jacob. Sobre a atuação política das forças armadas. IN: *Voz Operária*. Tribuna de Debates. 15/09/1966. N. 02. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

⁴⁰⁹ GORENDER, Jacob. Porque votei contra as Teses e contra as Resoluções Políticas do CC - I. IN: *Voz Operária*. Tribuna de Debates. 15/11/1966. N. 06. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

⁴¹⁰ Idem.

especificamente ao seu líder, Mao Tsé Tung, que procurava empreender uma “*revolução cultural proletária*” em seu país. Segundo o noticiário no órgão oficial do PCB, *Voz Operária*, tal operação implicava em uma postura “*sectária e niilista*”, em ruptura com o marxismo-leninismo. Era a continuidade do conflito sino-soviético, no qual a URSS seguia como esteio daqueles organizados sob a forma que era vigente nos tempos do *Komintern*. A principal acusação aos chineses, da parte do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, era de intervirem na vida interna de outros partidos, visando impor a sua “*linha geral*”, a qual: “[...] *choca-se, em questões importantes, com a orientação elaborada coletivamente e expressa nas Declarações de Moscou de 1957 e 1960*”⁴¹¹.

Do Oriente não era apenas a China objeto de atenção dos comunistas brasileiros. Boas páginas também foram dedicadas ao conflito que se desenvolvia em terras vietnamitas, por exemplo. Já em territórios mais próximos, a Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) foi um ponto que ajudou a cristalizar a cisão no PCB. O Partido expressou desagrado com algumas medidas do referido encontro:

Somos de opinião de que a OLAS poderia dar uma grande contribuição à solidariedade e à ajuda aos movimentos democráticos e revolucionários na América Latina. Discordamos, porém, de que se erija em centro para ditar orientação política ao movimento revolucionário de nossos países. Igualmente, não concordamos com os ataques feitos pelo Comitê Organizador da OLAS ao Partido Comunista irmão da Venezuela. A unidade da luta anti-imperialista e revolucionária na América Latina só terá êxito se apoiada na unidade do movimento comunista latino-americano. São assim condenáveis tôdas as tendências e manifestações de fracionismo e liquidacionismo.⁴¹²

Os dois problemas condenados ao final do trecho, “*fracionismo e liquidacionismo*”, tornaram-se palavras recorrentes nas páginas de *Voz Operária* naquele contexto. Disputavam-se os rumos e os modelos de ação revolucionária adequados. No cerne deste problema se colocava a discussão acerca dos atores revolucionários, a forma de luta e os instrumentos necessários à sua consecução, o que explica o uso de termos como *fracionismo* e *liquidacionismo*. A OLAS era peça fundamental nesta contenda. O PCB defendia a Revolução Cubana e as suas conquistas, mas demandava unidade no movimento comunista latino-americano. A grande questão posta era quem daria a direção desta unidade.

⁴¹¹ A situação internacional e as tarefas de nosso Partido. IN: *Voz Operária*. 01/06/1967. N. 28. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

⁴¹² COMISSÃO EXECUTIVA DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. Nosso Partido e a Conferência da OLAS. IN: *Voz Operária*. 09/1967. N. 31. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 2.

E ao encontro da OLAS um representante das tendência em conflito foi. Carlos Marighella, militante histórico, eleito deputado pela legenda e dirigente tanto no Comitê Central quanto nas instâncias partidárias do estado de São Paulo, “[...] *colocando-se fora e acima do Partido, abandonou seu posto e, sem sequer dar conhecimento à direção partidária, viajou para o estrangeiro, onde fez declarações públicas contra a direção do Partido e manifestou-se contra a orientação partidária*”. Este era o conteúdo do comunicado de suspensão dos direitos partidários de Marighella, que nem mesmo nomeado na nota é⁴¹³. Com muitos outros militantes, foi acusado de “*fracionismo e liquidacionismo*”.

A visita de Marighella a Cuba, à revelia de seu Partido (algo grave em uma organização orientada pelo princípio do centralismo democrático), teve por marca duas grandes faltas deste dirigente com relação às orientações vigentes em sua agremiação. Uma delas já foi exposta na acusação citada: declarações públicas emitidas contra a cúpula partidária e a orientação por esta veiculada. Sua segunda infração é relativa à própria motivação que levou este dirigente a viajar até a ilha revolucionária na América Central: combinar o treinamento de militantes brasileiros na arte da insurreição armada⁴¹⁴.

Este episódio condensa os dilemas que assolavam a esquerda naquela conjuntura. O exemplo revolucionário cubano incidia fortemente sobre a militância brasileira. Dava conta de dois problemas: a estrutura centralizada do partido de modelo bolchevique e a demanda por ações mais enérgicas em resposta aos militares no poder. Não é sem razão que o PCUS, bem como os Partidos submetidos (ainda que informalmente) aos seus desígnios, expressava desacordos com a forma de luta empregada em Cuba e pelos comunistas deste país propagandeada.

Cuba havia se tornado um polo aglutinador para agrupamentos de esquerda, de variadas nações, comprometidos com as ideias de libertação nacional e construção do socialismo. Em janeiro de 1966 delegados oriundos de países latino-americanos, africanos e asiáticos encontraram-se em Havana, mantendo acesa a centelha da revolução a partir do Terceiro Mundo. Salvador Allende, senador chileno, propôs ao final do encontro que se fundasse a Organização Latino-Americana de Solidariedade. Em 1967, nova reunião de expoentes revolucionários, de múltiplas origens, tomou corpo em Havana.

Solidificava-se a via cubana como uma possibilidade bastante concreta para a militância brasileira, ao mesmo tempo em que as orientações de coexistência pacífica iam

⁴¹³ COMISSÃO EXECUTIVA DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. Comunicado. IN: *Voz Operária*. 09/1967. N. 31. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

⁴¹⁴ MAGALHÃES, Mário. Op. Cit., pp. 349-350.

sendo desacreditadas perante as constantes agressões aos povos coloniais, em âmbito global, e a perseguição contra os comunistas, sentida na pele pelos brasileiros. Carlos Marighella, que foi convidado individualmente para tomar parte na OLAS, expressava esta latente contradição entre os posicionamentos vigentes da tradicional “pátria do socialismo” e das novas formas que emergiam de Cuba.

Apolônio de Carvalho, comunista experimentado, que atuou entre os brigadistas que combateram o avanço de Francisco Franco na década de 1930, fornece uma impressão do impacto considerável que as novas formas de luta exercidas durante a Revolução Cubana tiveram sobre a esquerda brasileira derrotada em 1964:

Contrárias às tradições dos militantes brasileiros, tais posições [de Régis Debray, em “*A revolução na revolução*”], particularmente enquanto foi forte o movimento de massas, teriam ficado isoladas, restritas a pequenos grupos. Pouco a pouco, no entanto, e em que pese seu simplismo e evidente inadequação, iriam difundir-se e conquistar adeptos. E isso porque pareciam trazer respostas aos sentimentos profundos da militância: a frustração pela derrota de 1964, sobretudo por seu caráter humilhante, sem luta; niilismo político, dadas as diversas orientações terem levado a sucessivas derrotas; o romantismo revolucionário; afora as dificuldades da ação política na clandestinidade, com os movimentos sociais todos paralisados. Num período em que a esquerda vive debates, e se vê fundamentalmente dividida, essas posições insuflam e valorizam os grupos que se autoproclamam vanguarda da revolução. Ao mesmo tempo consideram inócuos todos os esforços de coordenação, aglutinação e unificação políticas. Afinal, Fidel começara com menos de cem militantes.⁴¹⁵

A distância crítica que alguns membros do PCB procuravam deixar clara com relação à influência das ideias guerrilheiras oriundas especialmente do exemplo cubano tinham uma razão de ser. Carlos Alberto Barão analisou o impacto das obras de Régis Debray e Che Guevara pautado de acordo com João Quartim de Moraes, autor que dedicou boa parte de sua produção intelectual à história da esquerda marxista no Brasil e foi, ele mesmo, um militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) nos anos sessenta. Segundo este, o impacto de *A revolução na revolução* foi imenso no Brasil:

Acrescenta que o livro foi promovido pelos dirigentes cubanos, os quais lhe asseguraram uma enorme tiragem: 200 mil exemplares. Quartim critica também Debray por não dizer nada importante sobre a preparação do foco. Apesar desta e de outras falhas teóricas analisadas no texto, o autor afirma que a obra foi um marco na discussão sobre a estratégia revolucionária latino-americana, funcionando como uma linha divisória entre os PCs “ortodoxos” e a nova esquerda e, dentro da nova esquerda, entre aqueles que defendiam a constituição do foco de guerrilha e aqueles que se restringiram a “reagrupar os elementos mais ‘radicais’ dos velhos e decaídos Partidos Comunistas [...] em geral sob

⁴¹⁵ CARVALHO, Apolônio de. Op. Cit., p. 199.

pomposos nomes”. Um ano após a publicação de *Revolução na revolução*, a esquerda brasileira foi obrigada a se definir contra ou a favor de Debray.⁴¹⁶

Uma leitura obrigatória ou, melhor dizendo, uma questão inescapável. De acordo com o autor citado, “*ou contra ou a favor*”. Além do impulso editorial promovido pelos comunistas cubanos, as forças políticas na esquerda demandavam aquela discussão, a qual podia levar a conclusões opostas ao modo de funcionamento tradicional dos Partidos Comunistas⁴¹⁷. Havia uma confluência de fatores a fomentar uma recepção tão calorosa, especialmente o fato do movimento de massas estar em refluxo.

A tensão entre as diferentes “correntes” do Partido se acentuava. Em certos estados (Guanabara, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Nordeste) a oposição à linha defendida especialmente por Prestes e Giocondo Dias era a tendência dominante⁴¹⁸. O Comitê Central não cessou os ataques aos seus críticos. Ao menos desde abril de 1967 que “*a luta ideológica*” fazia parte das páginas de *Voz Operária*. Nos três últimos meses do ano esta situação de potencial fratura torna-se mais e mais explícita. Com a proximidade do Congresso aumenta o espaço para a intervenção jornalística, período em que muitos pseudônimos são mobilizados para expressar discordâncias.

Na mesma edição em que Marighella era publicamente advertido e tinha os seus direitos suspensos enquanto militante comunista era conclamada a “*unidade e o fortalecimento do Partido*” no editorial. A indisciplina do já histórico dirigente foi taxada como “*individualismo pequeno-burguês, que nada tem a ver com a ideologia do proletariado*.” Não apenas ele foi criticado, mas também foi chamada a atenção de outros desviantes da orientação partidária de então:

Uma delas [violações de princípios] consiste em afastar-se da orientação política traçada pelo Comitê Central e das diretrizes baixadas pela sua Comissão Executiva, procurando imprimir à atividade partidária outra orientação. Há casos em que documentos são elaborados e divulgados com orientação divergente e até

⁴¹⁶ BARÃO, Carlos Alberto. A influência da Revolução Cubana sobre a esquerda brasileira nos anos 60. IN: MORAES, João Quartim; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 1: o impacto das revoluções. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 240.

⁴¹⁷ “A Revolução Cubana subverteu claramente a problemática tradicional da corrente marxista até então hegemônica na América Latina. Por um lado, demonstrou que a luta armada podia ser uma maneira eficaz de destruir um poder ditatorial e pró-imperialista e abrir caminho para o socialismo. Por outro lado, demonstrou a possibilidade objetiva de uma revolução combinando tarefas democráticas e socialistas em um processo revolucionário ininterrupto. Essas lições, em nítida contradição com a orientação dos partidos comunistas, obviamente estimularam o surgimento de organizações marxistas inspiradas pelo exemplo cubano.” Cf: LÖWY, Michael. Op. Cit., 1999, p. 45.

⁴¹⁸ DELLA VECHIA, Renato. Op. Cit., p. 80.

conflitante com a do Comitê Central, alguns refletindo posições anti-soviéticas.⁴¹⁹

Jacob Gorender e Joaquim Câmara Ferreira deveriam figurar entre os casos expostos neste editorial. Ambos se envolveram na preparação de um folheto que foi apreendido pelo Partido em 1964, como exposto antes. Provavelmente não foram os únicos a tomarem tal atitude. O próprio Gorender relatou que, no Rio Grande do Sul, se deparou com uma base que demandava ações mais enérgicas contra as forças golpistas. Entre estas ações a serem efetuadas, residia para a direção partidária o problema dos desvios da orientação ratificada no V Congresso, o qual era central naquela conjuntura. A desagregação e o “*liquidacionismo*” eram as questões enfrentadas com maios vigor nos textos oficiais publicados até o momento do Congresso realizado ao final de 1967.

Luiz Carlos Prestes, sob o pseudônimo de Antônio Almeida, teve publicada a sua intervenção no Pleno do Comitê Central, a qual intitulava-se “*Defender a unidade do Partido contra o fracionismo e liquidacionismo*”⁴²⁰. Nesta, o secretário-geral expôs os casos de violações dos princípios do centralismo democrático, também valendo-se de pseudônimos nas acusações. Não foi o único texto naqueles meses a lançar luz sobre a questão do risco da divisão na atividade partidária e da indisciplina dos quadros. Um mês depois, em novembro de 1967, às vésperas, portanto, do VI Congresso do PCB, veio a lume o texto “*Reforçar ideologicamente o Partido para enfrentar a indisciplina e a divisão*”⁴²¹.

O VI Congresso ocorreu nos arredores de São Paulo, em um sítio devidamente preparado para os trabalhos (abertura de clareiras, serviço sanitário, pessoal de segurança e manutenção). Oitenta delegados participaram da reunião, a qual durou quinze dias e resultou, como esperado, na discussão de teses e aprovação de uma linha política. Segundo texto de Aarão Reis: “*Ela retomava e sistematizava as formulações já enunciadas desde 1965, reafirmando as concepções defendidas em 60 e não reconhecendo seu caráter ambivalente*”⁴²². Sem maiores modificações na orientação que então vicejava, portanto. No que tange a estratégia, estava posta a eliminação do latifúndio e do imperialismo ianque. Com relação a tática, o dever era de formulação de frente ampla por liberdades

⁴¹⁹ Pela unidade e o fortalecimento do Partido. IN: *Voz Operária*. 09/1967. N. 31. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

⁴²⁰ ALMEIDA, Antônio (pseudônimo de Luiz Carlos Prestes). Defender a unidade do Partido contra o fracionismo e o liquidacionismo. IN: *Voz Operária*. 10/1967. N. 32. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 1-2.

⁴²¹ Reforçar ideologicamente o Partido para enfrentar a indisciplina e a divisão. IN: *Voz Operária*. 11/1967. N. 33. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

⁴²² AARÃO REIS, Daniel. Op. Cit., 2014, p. 337.

democráticas. A *Declaração de Março* ressoava naquele Congresso, mas não os seus construtores. Estavam expulsos os “dirigentes rebeldes”. Enquanto o PCB ainda tinha por hipótese algumas posturas ambíguas com relação à luta armada⁴²³, os seus dissidentes enfim aderiam a este caminho.

Janeiro de 1968 enfim é noticiada na capa do trigésimo quinto número de *Voz Operária* a ocorrência do VI Congresso. Com relação às resoluções do encontro, é dado a saber que uma grande voga de militantes deixou a vida partidária: “*O Congresso aprovou a atividade do Comitê Central, ratificando a expulsão dos seus membros que participaram de atividade fracionista: Carlos Marighela, Jover Teles, Mário Alves, Jacob Gorender, Câmara Ferreira, Apolônio de Carvalho e Miguel Batista.*”⁴²⁴ Cabia a eles, então, construir outros instrumentos de luta. Cristalizava-se a fragmentação maior entre os marxistas brasileiros.

Carlos Barão, em seu texto citado anteriormente, dedica-se à divisão que se pontuava, a partir da ascensão das ideias guerrilheiras oriundas de Cuba, entre a “nova esquerda”. A presença de referenciais à revolução estrangeira, ainda que um fator importante, não foi o único a influenciar nas tensões entre a esquerda marxista brasileira. Cabe atentar, neste momento, à forma com que a dispersão processou-se.

Antes mesmo do expurgo levado a cabo na ocasião do VI Congresso, tiveram os integrantes da *Corrente Revolucionária* oportunidade para tentarem acertar novos passos políticos ante a previsível saída a que seriam obrigados pelo PCB. Encontraram-se, em Niterói, no Rio de Janeiro, no mês de outubro de 1967, época, portanto, em que as intervenções de Luiz Carlos Prestes clamando pela unidade partidária (e condenando o “fracionismo” e o “liquidacionismo”) circulavam para a leitura da militância. Esta reunião foi organizada por Apolônio de Carvalho e Miguel Batista, sujeitos que, como citado, foram expulsos acusados de “*atividade fracionista*”⁴²⁵. A união daquela “corrente” atacada estava distante, existia apenas no bloco de criticados eleito pelos dirigentes do Partido. Discordâncias importantes, já presentes, emergiram na reunião.

⁴²³ “A luta armada não era excluída como hipótese, mas o Partido só recorreria a ela se fosse ‘adequada ao nível de consciência, organização e combatividade das massas’. Conservava-se certa ambiguidade formal, quando se dizia que ‘a ditadura poderá impor ao povo o caminho da insurreição armada ou da guerra civil’. Contudo, estava escrito com todas as letras que ‘as forças democráticas poderão conquistar a legalidade de fato e obrigar a minoria reacionária a recuar e derrota-la’. Era isso que contava, com efeito: ‘unir todas as forças democráticas para derrotar o regime ditatorial’. Não se tratava de ‘derrubar a ditadura’, mas de ‘derrotá-la’: a nuance tinha importância”. Cf: Ibidem, p. 338.

⁴²⁴ Realizado o VI Congresso do Partido Comunista Brasileiro. IN: *Voz Operária*. 01/1968. N. 35. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

⁴²⁵ CARVALHO, Apolônio de. Op. Cit., p. 200.

Novas organizações começaram a surgir a partir do duplo movimento entre a expulsão do PCB e a falta de acordo entre aqueles que travaram a luta interna naquela agremiação e foram, enfim, oficialmente derrotados. A dinâmica da formação destes agrupamentos seguiu, de início, a própria dinâmica regional do Partido que até integravam. Ao acompanhar a trajetória dos membros expulsos, no geral quadros experimentados na vivência política, pessoas com respeitabilidade e liderança nos locais onde eram designados para atuar, esclarece-se a força de cada novo grupo de acordo com as bases que os dissidentes ajudaram a construir e que, em muitos casos, também comportavam uma miríade de militantes (menos conhecidos na posteridade) que estavam imbuídos de descontentamento com o Partido Comunista Brasileiro.

Em fevereiro de 1968, por exemplo, se constituía formalmente o Agrupamento Comunista de São Paulo, sob a direção de Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira. Estava presente ali um enorme contingente daqueles que integravam o PCB naquele estado. Jacob Gorender, que foi atuante especialmente em Porto Alegre logo após o golpe, também deixou um espaço em que a base partidária encontrava-se descontente com o “Partidão”. Os comunistas gaúchos que abandonaram o PCB, em sua maioria, não romperam com a forma partido, construindo então, em contraponto, o Partido Operário Comunista (POC), racha com o Partido Comunista Brasileiro em articulação com a Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM-POLOP), agremiação atuante no cenário nacional já desde o início da década. Distanciavam-se, portanto, da proposta que Marighella e Câmara Ferreira desenvolviam no sudeste brasileiro, os quais, impactados pela Revolução Cubana, já se encontravam em completo desacordo com a estrutura partidária tradicional em que, por décadas, foram atuantes. O seu projeto político, então, preconizava a ação direta, a vanguarda que se constituiria na própria luta contra a ditadura.

Jacob Gorender, por sua vez, não dispensava o Partido leninista como instrumento necessário para a prática revolucionária. É possível que a sua valorização do Partido enquanto forma organizativa tenha influenciado os militantes do Rio Grande do Sul, com quem conviveu enquanto um dirigente, a construírem o POC. Gorender, por sua vez, não aderiu à criação gaúcha, até mesmo por já estar distante fisicamente deles. Tinha companheiros, porém, com quem podia começar o lento trabalho de formar uma nova organização para militar, função esta que cumpriu durante toda a sua vida adulta.

Articulado com os também experimentados quadros de esquerda Mário Alves e Apolônio de Carvalho, Gorender empreende a formação de uma nova organização política.

Surge então um novo Partido Comunista no Brasil. Eram três os que reivindicavam o título. Ao contrário do PCB e do PCdoB, o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário não disputava, porém, a legitimidade da criação original de 1922.

Enquanto a Ação Libertadora Nacional (ALN), nome adotado pela organização que Marighella capitaneava, tinha a sua força concentrada em São Paulo, o recrutamento maior do PCBR se deu no Rio de Janeiro e no Nordeste⁴²⁶. As distâncias entre estes grupos de esquerda (e os outros que também se constituíam naquela conjuntura de resistência) não era apenas de ordem geográfica, mas também atendia a outras coordenadas, de acordo com Marco Antônio Garcia e desenvolvimento analítico de Marcelo Ridenti: “[...] *uma referente ao caráter da revolução brasileira; outra, às formas de luta para chegar ao poder; uma terceira, ao tipo de organização necessária à revolução*”⁴²⁷.

Jacob Gorender, em sua obra posterior em que articula memória e história, expressa que a trajetória inicial do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário foi mais acidentada do que a de outros agrupamentos, especialmente a citada ALN. Antes mesmo de constituírem o novo Partido, aliás, foram sondados pela direção do Partido Comunista do Brasil para um encontro em São Paulo. É atribuído que este encontro com os velhos dirigentes com quem até menos de uma década conviviam (Diógenes Arruda, Maurício Grabois e Pedro Pomar), o qual não se concretizou em acordo, foi decisivo para se decidir por, rapidamente, formar de fato o novo Partido⁴²⁸.

O PCdoB alinhava-se ao pensamento e prática maoísta e, por sua vez, com o então grande aliado internacional da China, o socialismo na Albânia de Enver Hoxha. O descontentamento geral com a subordinação à União Soviética que se vivenciou por longas décadas no velho PCB contribuiu a este afastamento. A tarefa era construir a revolução brasileira em seu próprio país a partir de seus próprios referenciais, a sua própria realidade. Uma posição que não difere da argumentação bradada por Gorender desde, pelo menos, os seus artigos de intervenção na luta interna pelo Partido Comunista de 1957.

Estavam atentos à necessidade do enraizamento de sua organização na prática concreta atenta à particularidade da realidade nacional, mas sem esquecer da universalidade do modelo partidário marxista-leninista. Segundo Falcón:

⁴²⁶ RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 30.

⁴²⁷ Ibidem, p. 32.

⁴²⁸ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987, p. 102.

[...] partido entendido como um destacamento avançado da revolução, formado por militantes profissionais e, totalmente, dedicados à causa. Voltava-se, portanto, a concepção bolchevique de partido, afastada a possibilidade de um partido de massas, com a implantação da ditadura. Esse era um instrumento indispensável ao processo revolucionário cuja tarefa imediata era a luta armada, muito embora ela não pudesse substituir o conjunto do processo que incluía, além de várias outras formas de luta, a ligação orgânica com o movimento de massas.⁴²⁹

Era necessário apresentar-se como uma alternativa ao proletariado, camponeses e camadas da classe média que indicassem disposição ao enfrentamento com o governo de então. Os caminhos a serem trilhados pelas tantas pessoas que, com distintas orientações, abandonaram ou foram abandonadas pelo PCB, pareciam processar-se. Jacob Gorender seguiu ao lado de seu camarada de mais de quatro décadas, Mário Alves. Os dois baianos, amigos desde os tempos da Faculdade em Salvador, tinham quase o mesmo tempo de militância nas fileiras comunistas. Comungaram em variados processos, muitos deles decisivos, nos tantos rumos que o marxismo tomou em sua existência concreta no Brasil. E em abril de 1968, novamente, estavam unidos 25 pessoas na I Conferência Nacional do novo Partido que vinham construindo. O espaço não deixava de carregar alta carga histórica: a Primeira Conferência Nacional se deu na Serra da Mantiqueira, mesma região onde, mais de duas décadas atrás, reuniram-se os quadros partidários que empreenderam a rearticulação do PCB em pleno Estado Novo e conjuntura de Guerra, quando Alves e Gorender recém eram militantes estudantis em Salvador.

Como era o usual nos agrupamentos políticos contemporâneos, formular um documento com a linha política do Partido foi a tarefa que se propuseram em sua Conferência. A partir desta, então, passava a orientar os militantes da nova organização a “*Resolução Política do 1º Congresso do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário – PCBR*”. De acordo com Falcón, o programa era baseado em texto redigido por Mário Alves. Guardava semelhanças de forma com os escritos políticos das agremiações revolucionárias próximas. A sua primeira seção é dedicada ao “*caráter da revolução brasileira*”, um dos problemas centrais a ser definido já havia, ao menos, algumas décadas. Quando o PCB ainda era o órgão hegemônico entre aqueles que reivindicavam o marxismo no Brasil esta questão já era fundamental. O início dos anos 1960, que já não se parecia algo de apenas sete anos atrás, mas tempo longínquo em que a modernização através do pacífico e progressista desenvolvimento do capitalismo se apresentava como realidade concreta, foi também tempo de definir o projeto de revolução necessário para este país.

⁴²⁹ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 226.

Não é demasiado relembrar o caso do ISEB, um espaço em que se gestaram projetos de reforma de envergadura, o qual foi extinto em abril de 1964. O intelectual comunista Caio Prado Jr., no ano de 1966, causou repercussão com seu “*A Revolução Brasileira*”⁴³⁰. Foi objeto de crítica no PCB e premiado pela União Brasileira dos Escritores com o prêmio Juca Pato de intelectual do ano⁴³¹. Era necessário definir, afinal: qual o caráter da revolução se levaria cabo? Segundo as proposições do PCBR, uma Revolução Popular que, tendo em vista os fatores presentes em seu devir (especialmente as limitações e obstáculos impostos pelos seus adversários), necessariamente deverá converter-se em Revolução Socialista:

O desenvolvimento econômico e social do Brasil só poderá ser impulsionado por uma revolução popular, capaz de derrubar o Poder da minoria latifundiária e burguesa, libertar completamente o país do domínio imperialista, eliminar o latifúndio e realizar uma reforma radical na estrutura agrária, abrindo deste modo o caminho para o Socialismo. De vez que o imperialismo e o latifúndio constituem do ponto de vista imediato, os principais obstáculos ao progresso do país, a revolução caracteriza-se, inicialmente, como uma revolução popular antiimperialista e antilatifundiária. Em virtude, porém, de fatores que lhe são inerentes, a Revolução Popular, para triunfar de um modo conseqüente e irreversível, deverá conduzir a transformações socialistas.⁴³²

A sua concepção de revolução é pautada por uma leitura da formação histórica da estrutura capitalista no Brasil. O “pensamento histórico” do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário dá luz à situação de dependência nacional que se expressa no desenvolvimento capitalista neste país, subordinado ao imperialismo e ao latifúndio e, por consequência, o comportamento de classe da burguesia:

Em virtude das características de sua formação histórica, a estrutura capitalista no Brasil mantém-se, portanto, estreitamente subordinada ao sistema imperialista e intimamente vinculada ao latifúndio. Nas condições brasileiras, o capitalismo foi incapaz de criar uma economia nacional independente e superar radicalmente o atraso latifundiário. Em tais circunstâncias, a burguesia brasileira não exerceu e nem pode exercer, a missão revolucionária desempenhada por essa classe em outros países, na época das revoluções burguesas. [...] A burguesia brasileira tornou-se classe dominante numa época em que o proletariado busca desempenhar um papel independente e o Socialismo torna-se fator decisivo no desenvolvimento social. Como classe exploradora, proprietária dos meios de produção, seus interesses se opõe frontalmente aos das grandes massas trabalhadoras. Isso faz com que tenda a solucionar suas contradições com o imperialismo e o latifúndio através de compromissos, e não por via

⁴³⁰ PRADO JR., Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.

⁴³¹ SECCO, Lincoln. Op. Cit., 2008, p. 113.

⁴³² PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO – PCBR. Linha Política (abril, 1968). IN: REIS FILHO, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira. *Imagens da revolução*. Documentos políticos das organizações de esquerda dos anos 1961-1971. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985. pp. 163-164.

revolucionária. A burguesia teme que a luta antiimperialista e antilatifundiária ultrapasse os limites de uma ação reformista e se converta numa revolução popular, na qual o proletariado e os camponeses tenderiam a desempenhar um papel autônomo e a pugnar por seus próprios interesses ameaçando os privilégios capitalistas. Os interesses de classe da burguesia levaram-na, assim, a estabelecer um compromisso com a velha classe dos latifundiários e a formarem ambas uma aliança que domina o poder do Estado, em estreita vinculação e dependência para com o imperialismo. Quer sob a máscara de regimes democrático-representativos, quer sob a forma de ditaduras militares como a atual, o poder no Brasil tem sido exercido, há dezenas de anos, por essa aliança das classes dominantes. O desenvolvimento capitalista não é capaz, portanto, de libertar o Brasil do imperialismo e do latifúndio, da opressão e do atraso; e a burguesia – portadora das relações de produção capitalistas – não é uma força revolucionária. Nestas condições, a revolução brasileira não pode ser uma revolução democrático-burguesa, que tenha por objetivo a formação de um Estado nacional burguês e a expansão do capitalismo.⁴³³

Estava defendido o oposto do que afirmaram na *Declaração Política* veiculada pelo PCB dez anos antes. A burguesia não pode cumprir missões históricas revolucionárias como alhures, portanto, os interesses do proletariado com ela são opostos. Não há o que se esperar do desenvolvimento do capitalismo, há que se tomar outro caminho para a revolução brasileira, construir novos instrumentos de luta.

O Partido de vanguarda, já foi afirmado, era defendido pelos quadros comunistas que se engajaram na construção do PCBR. Não eram os únicos: além do já citado POC, a militância da Ala Vermelha do Partido Comunista do Brasil (PCdoB – AV) e do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT)⁴³⁴. Ainda que se proponham distantes da concepção pejorativamente chamada de “voluntarista” de grupos como a ALN, a forma com que é proposta a construção do Partido pelo PCBR não deixa de lembrar algumas das formulações daquela organização:

A reconstrução do Partido não deve ser compreendida como um fim em si mesmo, nem como uma tarefa administrativa. Há de ser reconstruído no próprio fogo da prática revolucionária e sua organização deve ser posta em função da luta. Ao contrário do partido oportunista, que se caracteriza por uma estrutura desligada da ação revolucionária, o que deve caracterizar o Partido é o fato de que sua organização serve à revolução, sendo esta a finalidade primordial, a própria razão de ser do Partido.⁴³⁵

A sua distinção colocava-se, especialmente, ao reivindicar o “*princípio do centralismo democrático*” e, assumindo a luta armada como “*tarefa política principal*”, pontuar a necessidade do “*movimento de massas na cidade e no campo*”. O Partido é

⁴³³ Ibidem, pp. 162-163.

⁴³⁴ RIDENTI, Marcelo. Op. Cit., p. 39.

⁴³⁵ PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO – PCBR. Op. cit., p. 176.

necessário, portanto, à articulação das várias formas de luta necessárias para a consecução da luta armada, esta sim o real caminho de realização da revolução brasileira:

O caminho da Revolução Brasileira é, portanto, a luta armada. No curso do processo revolucionário, é preciso coordenar várias formas de luta de massas, pacíficas e não-pacíficas, legais e ilegais. As formas de ação legais ou pacíficas devem ser utilizadas para desenvolver o movimento popular, mas com o emprego exclusivo de tais meios a revolução não pode ser vitoriosa. A violência reacionária só pode ser vencida com a violência revolucionária. Todas as demais formas de luta devem servir ao desenvolvimento da luta armada e não lhe constituir obstáculo.⁴³⁶

Além da resolução política, foi necessária a constituição da hierarquia do novo Partido. O seu Comitê Central foi escolhido na mesma reunião de fundação, em abril de 1968. Jacob Gorender foi um dos vinte membros a comporem o novo órgão, também se responsabilizando pela Secretaria de Agitação e Propaganda da agremiação. Não deixava de exercer tarefa semelhante às que cumpria quando militante do PCB, onde foi membro de Secretaria com o mesmo nome e, por anos, dedicou-se à atividade jornalística em variados periódicos comunistas, uma das instâncias preferenciais da *agitprop*. Também compunham o órgão dirigente, dentre outros, Mário Alves e Apolônio de Carvalho, quadros experimentados que tinham trajetória semelhante à de Gorender e também se encarregaram de funções organizativas no PCBR.

A composição eleita na formação do Partido não durou muito. Com a saída de Jover Telles da organização, tendo por destino o PCdoB, é necessário recompor a direção do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Com exceção da Comissão Política, que ainda integrava, as atribuições de Gorender se modificam. Ele pediu para sair da Comissão Executiva pois necessitava de mais tempo para um projeto intelectual que iniciava: a escrita de um livro. De acordo com seus testemunhos anos à frente, ele se deparava com um problema que incidia sobre a vida da esquerda em geral naquela conjuntura, que era o da falência do projeto político defendido pelo PCB na última década. As citadas críticas que Caio Prado Jr. destinou ao seu Partido repercutiam. Eram um problema a ser enfrentado nas reuniões clandestinas. Sem respostas satisfatórias àquelas questões palpitantes, decidiu por se dedicar ao estudo do passado escravista brasileiro⁴³⁷.

Em sua prática política procuravam, especialmente, diferenciar-se do que viam como derrotado historicamente, o Partido Comunista Brasileiro. Nas palavras de Edgard

⁴³⁶ PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO – PCBR. Op. cit., p. 171.

⁴³⁷ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987, p. 78.

Carone: “*Eles dizem que o PCB sofrera uma influência muito grande da pequena burguesia, através de estudantes ou intelectuais, e sobretudo de militares, faltando um conteúdo proletário mais acentuado ao partido, o que mostra que ele estaria defasado*”⁴³⁸.

A despeito desta crítica ao PCB, no novo Partido ainda é grande a presença de militância oriunda do movimento estudantil. Não é sem razão, afinal as mobilizações de estudantes estavam em um contexto de visibilidade. Há registros de militantes do PCBR entre os dirigentes presos no Congresso da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna, ocorrido em outubro de 1968. Das três chapas que concorriam à presidência da UNE, uma era integrada pelo Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Chamava-se “Universidade Popular”, e foi formada no bojo de uma tentativa de criação de uma “*terceira alternativa entre a AP e a Dissidência Comunista*”⁴³⁹. Não foi vitoriosa, perdendo o pleito para a chapa “Universidade Crítica”, capitaneada pela Ação Popular.

No bojo desta presença considerável de estudantes na composição das bases do PCBR, é plausível supor que Jacob Gorender, um quadro com anos de experiência na lida com a educação comunista, seja enquanto professor nas Escolas de Partido, seja como conferencista designado à divulgação do marxismo em auditórios de variados centros brasileiros, tenha colaborado na formação dos militantes que passavam a integrar também o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Ainda que ele tenha pedido para ausentar-se da Secretaria de Agitação e Propaganda, ministrar cursos formativos não entraria em contradição com o tempo que havia pedido para dedicar-se ao estudo, antes pelo contrário, seria um espaço de divulgação de seu posicionamento político.

Jacob Gorender não pôde ter dedicação exclusiva ao livro que pretendia escrever. Era necessário, também, dar conta do seu sustento e de sua família. A estrutura partidária do PCBR, no que se refere à verba para as vivências de seus militantes, era ainda mais minguada que a do velho PCB. Coube retomar uma das atividades desenvolvida em sua antiga organização: a tradução. Em seus relatos memorialísticos, bem como quando interrogado pelo DOPS, o biografado indica que, sob encomenda e através do intermédio de amigos, era contratado para realizar traduções dos idiomas italiano e francês para a Editora Abril, então não assinadas por ele, dada a sua situação de clandestinidade. A sua companheira Idealina, valendo-se do nome de Odete de Almeida Ferreira, arranjado por Jacob, estava registrada na firma da Abril e era ela a responsável por buscar na mesma os

⁴³⁸ CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil* (1964-1984). Vol. 3. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 10.

⁴³⁹ DELLA VECHIA, Renato. Op. Cit., p. 101.

livros para a sua tradução. Esta atividade rendia, em média, de setecentos a oitocentos cruzeiros novos mensalmente⁴⁴⁰.

A disputa partidária no Partido Comunista Brasileiro Revolucionário deve ter tomado algo do seu tempo, porém, mesmo depois de seu pedido de afastamento de uma das secretarias. Ainda era um membro da Comissão Política, como já mencionado. É razoável supor também que dada a sua idade e larga experiência no PCB, onde exercia um cargo de dirigente antes de sua expulsão, seus posicionamentos eram não só respeitados entre parcelas da militância do PCBR como demandados perante as contradições que se punham no caminho da organização.

A atuação de Jacob Gorender sob as fileiras do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, nas condições de clandestinidade demandavam uma série de cuidados de segurança. Um deles é referente à identificação. O militante, já experimentado em outras conjunturas que também inspiravam estas medidas, possuía ao menos duas identidades falsas. Uma com o nome de Walter Arnold Weber, com a outra atendia por Geraldo Heller Fernandes. Não há informações acerca da existência de uma lógica por trás da escolha dos nomes, ou se simplesmente foram obra do acaso; algo distinto de Sabino Bahia, nomenclatura que indica evidente homenagem ao movimento insurrecional ocorrido em sua terra natal na década de 1830. A repressão, aliás, estava atenta a este velho codinome, identificando-o, para além dos já citados, como “*vulgo ‘Sabino’*”⁴⁴¹.

A atenção policial em torno de Gorender e outros militantes, mais ou menos destacados nas organizações marxistas, era constante desde antes do Golpe de 1964. Acentuou-se, porém, com o Ato Institucional 5 (AI-5), momento em que o arbítrio se agudizou, e com o ingresso do PCBR nas ações armadas. O início de tais atividades acabou constituindo uma ambivalência na trajetória do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário:

[...] a trajetória do partido será marcada pela tentativa de equacionar um problema que restou insolúvel em seu seio: a adaptação da estrutura partidária à luta armada, feita através da guerrilha, contra a ditadura militar. Ao mesmo tempo em que critica formalmente o foquismo, acaba por se deixar levar pelo seu

⁴⁴⁰ SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – DEPARTAMENTO DE ORDEM PÚBLICA E O SOCIAL. Autos de qualificação e interrogatório (Jacob Gorender). 04/02/1970. APESP. Fundo DEOPS. Prontuário: 91737 (Jacob Gorender e outros).

⁴⁴¹ SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÕES – DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL. Registro de identificação (Jacob Gorender). 21/01/1970. APESP. Fundo DEOPS. Prontuário: 91737 (Jacob Gorender e outros).

aspecto principal: a crença na possibilidade de se fazer a revolução a partir de um pequeno núcleo de combatentes⁴⁴².

E é entre o modelo partidário bolchevique e a luta armada que se encontrava o PCBR. Definições que ora os aproximavam e ora os afastavam dos outros agrupamentos que nasceram ao seu lado. Seria um tanto injusto afirmar que os quadros do PCBR acreditavam na possibilidade de concretizarem a revolução que propunham através de seu pequeno núcleo. Já foi analisada a linha política onde deixaram clara a necessidade de mobilização de massas como sustentação para a luta armada. De todo modo, na prática, realizaram ações iniciais que serviriam para iniciar o financiamento das ações de fato guerrilheiras, as quais demandam certo nível de acúmulo material, espaço para treinamento etc.

É a partir do ano de 1969 que, de fato, o PCBR ingressa na voga da esquerda em armas. O estado do Paraná foi alvo privilegiado de sua mobilização. Um bancário e estudante de direito, José dos Reis Garcia, foi preso em abril sob acusação de tentativa de organização de um assalto à uma agência bancária. Os dirigentes Apolônio de Carvalho e Salatiel Rolim, entre outros militantes, se deslocaram para aquele estado tendo em vista a construção de bases para uma guerrilha rural. Há registros também de treinamento de guerrilheiros vinculados ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário em Sergipe e em Goiás. Os assaltos a bancos de responsabilidade desta organização diminuíram a partir do financiamento que o bancário Jorge Medeiros do Valle, conhecido então como “bom burguês”, fazia para o Partido através de um desvio da agência do Banco do Brasil onde trabalhava. O esquema que o “bom burguês” organizava não durou, pois em julho de 1969 ele foi preso⁴⁴³.

Não só Jorge do Valle havia “caído”, como denominava o jargão da época àqueles e àqueles que fossem presos ou mortos por suas atividades revolucionárias, mas muitas das iniciativas armadas do PCBR redundaram em insucesso. De acordo com Renato Della Vecchia, estudioso da trajetória da organização, Jacob Gorender intervinha no debate interno argumentando contrariamente à luta armada. Baseava-se em estudos acerca do crescimento econômico, dos quais concluía que a classe média, beneficiaria de tal mudança conjuntural, não se engajaria no enfrentamento contra a ditadura. Dirigente principal do Partido em São Paulo, Gorender não se engajou em nenhuma ação militar e não há

⁴⁴² SALES, Jean Rodrigues. *O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras* (1959-1974). Tese (Doutorado em História). Campinas: UNICAMP, 2005. p. 220.

⁴⁴³ DELLA VECHIA, Renato. Op. Cit., pp. 108-123.

registros de ter autorizado qualquer uma, mesmo que sem a sua participação, naquele estado⁴⁴⁴. Dezembro de 1969 foi um mês de derrota para a esquerda, especialmente em São Paulo: era morto, em uma emboscada na Alameda Casa Branca, o revolucionário Carlos Marighella, histórico dirigente comunista que, em seus últimos anos, esteve engajado na guerrilha com a Ação Libertadora Nacional. Era um mal sinal politicamente.

Salatiel Rolim, dirigente há pouco citado, foi preso um mês depois, na Baixada Fluminense, já praticamente desligado das fileiras do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Torturado, revelou certos pontos e aparelhos de que tinha notícia quando ainda militante. A “abertura dos pontos” pela polícia levou a outras prisões que, por consequência, resultaram em novas informações para os quadros da repressão. Os novos fatos vindos a saber pelos agentes da ditadura eram referentes a variados aparelhos em distintas regiões do Brasil⁴⁴⁵.

Mário Alves, liderança que era favorável à intensificação da luta armada, com a transferência das ações para áreas rurais, enfim assumia uma posição distinta da de seu camarada de décadas, Jacob Gorender, que propunha um recuo organizativo (apoiado por Apolônio de Carvalho). Ambos marcharam juntos a sua vida política inteira. No dia 16 de janeiro de 1970 estava marcada uma reunião do Comitê Central para decidirem, enfim, quais seriam os próximos rumos do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Não era descartada a hipótese de, perante diferenças irreconciliáveis no que tange posições táticas, a organização rachar naquela noite. Mário não compareceu ao encontro, onde era responsável por um informe relativo à guerrilha rural. Foi preso no bairro carioca de Cascadura, onde deveria encontrar José Correia Filho, o Jurandir, motorista do Partido, também nas mãos da polícia pouco antes. A discussão sobre quem era o responsável pela queda de Mário Alves, se Salatiel Rolim ou Jurandir, jamais foi concluídas. É que, de todo modo, havia muitas fragilidades organizativas em concomitância à uma escalada repressiva. E, de todo modo, Alves jamais foi livre novamente⁴⁴⁶.

Jacob Gorender não teve notícias da queda de seu amigo e colega de função dirigente. Mário Alves, aliás, não havia sido o único capturado. Apolônio de Carvalho, entre outros, também havia caído. Provavelmente o isolamento clandestino, naquela conjuntura, atrapalhava nas comunicações. Seguiu com os seus deveres partidários imediatos, inclusive, mesmo receoso, de acordo com as suas memórias, da “sangria”

⁴⁴⁴ Ibidem, p. 125.

⁴⁴⁵ FALCÓN, Gustavo. Op. cit., p. 45.

⁴⁴⁶ Ibidem, p. 46.

sofrida pela esquerda, simbolizada na recente morte de Marighella. Entre as suas tarefas, participar de reuniões periódicas, caso da noite de 20 de janeiro de 1970, data em que completava os seus 47 anos. O ponto de encontro era a casa de um companheiro. Nas palavras do biografado:

Chovia e eu segurava o guarda-chuva aberto, quando a janela do apartamento térreo se escancarou e apareceram à minha frente uma carabina, uma metralhadora e um revólver 38. Primeira resposta de algum neurônio no meu cérebro: são marginais que assaltaram a casa. Claro, preferível que fossem marginais. Mas eram tiras da Polícia Política. Pior ainda: homens do Esquadrão da Morte. Um deles, o de carabina, João Carlos Tralli, o Trailer, tão perverso quanto o chefe Fleury. Numa fração de segundo, já as algemas atavam os meus pulsos.⁴⁴⁷

O último dos grandes dirigentes estava também preso. O PCBR estava em seu ocaso.

⁴⁴⁷ GORENDER, Jacob. Op. Cit., 1987, p. 216.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jacob Gorender foi um homem que participou de grandes questões que agitaram o século XX. Se a afirmação carrega um tanto de exagero, retifique-se que, certamente, teve parte ativa em todas as grandes questões da segunda metade do século no que compete o Brasil. As manifestações após a sua morte no dia 11 de junho de 2013 são testemunho disso.

Falecimento rapidamente divulgado em círculos acadêmicos e de esquerda, sendo lamentado no sítio virtual da Editora Boitempo, por exemplo. A própria Presidenta da República, Dilma Rousseff, emitiu uma nota de pesar pelo falecimento de Jacob Gorender no sítio oficial do Palácio do Planalto. Referindo-se a “*um grande brasileiro*”, a autoridade maior da República declara:

Foi com tristeza que recebi a notícia da morte do amigo e companheiro Jacob Gorender. Autor de duas obras clássicas da historiografia brasileira, *O Escravismo Colonial* e *Combate nas Trevas*, Gorender foi um pensador do Brasil. Não teve medo das polêmicas intelectuais, assim como não teve medo de defender suas ideias, mesmo pagando o pior dos preços. Nós nos conhecemos presos no Dops, em São Paulo. Ele estava convalescente de torturas e foi conselheiro importante em um momento crucial na minha vida. Aos familiares, amigos e admiradores, deixo as minhas condolências e homenagens a este grande brasileiro.⁴⁴⁸

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra lamentou, assim que noticiado, o falecimento de Gorender através de seu perfil oficial na rede social *Facebook*. Sinal das novas formas de articulação e difusão de ideias com a revolução das comunicações, a sua “*Nota de Pesar pela morte de Jacob Gorender (20/01/1923 – 11/06/2013)*” foi “curtida”, comentada e compartilhada em tempo quase instantâneo, sobrevivendo, ainda assim, à fugacidade característica deste tipo de suporte, podendo servir aos interessados em consultas futuras. Serviu de base mesmo a textos construídos e veiculados em outros sítios virtuais, via de regra à esquerda do que se tem veiculado na *internet* brasileira. De seu conteúdo, chama a atenção, como em todo necrológico, a caracterização do finado:

Um lutador destacado, incansável e profundamente comprometido com as causas do povo brasileiro que clama por transformações. Um intelectual irreverente e batalhador na luta das ideias em defesa da classe trabalhadora e em defesa de um Brasil soberano e independente. Portanto, perdemos um grande homem, um

⁴⁴⁸ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Nota de pesar da presidenta Dilma Rousseff pelo falecimento de Jacob Gorender*. Acesso em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/notas-oficiais/notas-oficiais/nota-de- pesar-da-presidenta-dilma-rousseff-pelo-falecimento-de-jacob-gorender>, às 00:57, de 21/05/2015.

lutador, um intelectual e um amigo. [...] O MST lamenta a perda de Gorender e rende homenagens à sua trajetória de luta e compromisso com as mudanças estruturais no Brasil, procurando seguir seu exemplo de firmeza ideológica, de estudioso, de simplicidade, de coerência, de compromisso com a classe, de solidariedade e internacionalismo como um verdadeiro revolucionário.⁴⁴⁹

O líder do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados, José Guimarães, emitiu uma nota oficial de lamento pela morte de Gorender: *“Jacob Gorender deixa um legado de lucidez e dedicação às causas populares. A Bancada do Partido dos Trabalhadores saúda sua trajetória e expressa a esperança de que seu exemplo ilumine os caminhos de todos os que lutam pelo socialismo, pela liberdade e pela democracia.”* O legado que Guimarães apresenta, em nome da Bancada do PT, muito pouco se diferencia da imagem construída pelo MST. Cita também as principais obras do historiador e a sua longa trajetória militante. O principal ponto em comum, em ambas as homenagens fúnebres, encontra-se na expressão *“exemplo”*. Para os Sem Terra, um modelo *de coerência e compromisso de classe*, do estudo ao internacionalismo revolucionário. O PT, por sua vez, expressa perceber em Gorender um representante de suas aspirações de mudanças sociais através de caminhos institucionais.

Passada pouco mais de uma semana do falecimento de Gorender, no dia 20 de junho de 2013, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, em reunião de sua Congregação, prestou a sua homenagem institucional. Solenidade aberta pelo sociólogo Sérgio Adorno Franca Abreu, então diretor da FFLCH, contou com dois participantes à mesa, os professores da casa Alfredo Bosi e Osvaldo Coggiola.

Estes são alguns indícios, oriundos de fontes diversas, do prestígio angariado pelo maduro Jacob Gorender. Algo há em comum entre o velho e prestigiado historiador marxista (momento de sua vida que não foi abordado nesta Dissertação), reconhecido da comunidade de esquerda e acadêmica, e o jovem militante do PCB, um *“revolucionário profissional”*. É que ele incorporou totalmente a sua condição de um comunista brasileiro durante o século XX. É a partir de tal condição que permite uma investigação histórica de um problema de âmbito geral, qual seja, o do processo de desenvolvimento do marxismo no Brasil. O recorte se deteve em três décadas decisivas desta centúria, as quais, analisadas

⁴⁴⁹ DIREÇÃO NACIONAL DO MST. *Nota de Pesar pela morte de Jacob Gorender* (20/01/1923 – 11/06/2013). Acesso em: <https://www.facebook.com/MovimentoSemTerra/posts/506383966100989>, às 17:55, de 27/05/2015.

através desta trajetória individual, permitem delinear momentos decisivos na história do marxismo brasileiro. Este é, espera-se, o resultado final desta leitura.

Ser um revolucionário profissional, um comunista brasileiro durante o século XX, não constituía uma condição ou processo unívoco. Ainda que o foco analítico esteja detido apenas em lideranças ou marxistas de destaque na memória e na história de seu movimento, já fica bastante claro que eram múltiplos os caminhos de sua constituição enquanto sujeitos atuantes no desenvolvimento do marxismo no Brasil.

Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista por décadas, trilhou a senda do radicalismo de classe média que encontrou a sua expressão política no movimento dos tenentes na década de 1920. Líder de um enorme destacamento militar que cruzou o país, ultrapassando as suas fronteiras, foi contatado por ordens da Internacional Comunista para aderir à construção da revolução em terras brasileiras. O militarismo também está nas origens do pensamento e prática marxistas de Nelson Werneck Sodré.

Caio Prado Junior, jovem oriundo da aristocracia paulistana, encontrou um instrumento político para os seus anseios, em grande medida oriundos de seu estudo que resultaram em trágico diagnóstico da realidade nacional, no Partido Comunista e no marxismo como baliza intelectual para o seu pensamento, o qual durante toda a sua vida se orientou em oposição às teses e linhas defendidas pela organização que integrou até a sua morte.

Jacob Gorender, objeto deste estudo biográfico, adere ao Partido Comunista muito cedo, em tempos de clandestinidade deste órgão e de guerra mundial. Um filho de imigrantes dos *pogroms* no Leste, Jacob Gorender teve a trajetória de infância e adolescência marcada pela pobreza material de sua família, a comunidade judaica de Salvador em que se inseriam e as leituras que lhe eram possíveis, seja sob a influência paterna, seja pelo que travava conhecimento na escola ou nos sebos da Praça da Sé.

Reconstituir os primeiros anos deste longo itinerário talvez tenha sido a tarefa mais difícil a ser realizada na Dissertação que se conclui. A bibliografia acerca dos processos ali tratados é mais escassa do que a referente a outros momentos que Gorender vivenciou. A sua memória foi o primeiro instrumento para situar os caminhos necessários a tal pesquisa. Dela, fonte caracterizada por esquecimentos e seletividade (como ademais qualquer fonte

histórica), as primeiras pistas: o processo revolucionário russo nos primeiros anos do século XX, a experiência migrante, as experiências nas comunidades judaica e escolar, a inserção no Partido Comunista do Brasil em tempos de clandestinidade. Da leitura de memórias de indivíduos com experiências semelhantes, na sua formação política e na vivência como militantes marxistas, bem como de biografias assemelhadas, procedeu-se à formulação de hipóteses explicativas acerca do seu próprio processo de construção de posições políticas e influências intelectuais. Travou contato com leituras científicas do materialismo, nas letras de Darwin e Haeckel, bem como leu Lênin e Stálin assim que ingressou no PCB, uma decisão tomada entre muitos dos jovens que decidiram por engajar-se no momento de radicalização dos conflitos contra Hitler na Europa. A sua posição levou-o a diferentes vivências, do cárcere na Bahia ao empunhar de armas nas trincheiras em que a Força Expedicionária Brasileira participou.

Gustavo Falcón, biógrafo de Mário Alves, reiteradamente utiliza o termo “geração de Mário Alves” para fazer referência àqueles militantes que ingressaram no Partido Comunista na conjuntura da Segunda Guerra e permaneceram nos tempos de clandestinidade, atuando seja na *Interpress*, seja nas Escolas de Partido, para com a crise que se abateu sobre a organização após o XX Congresso do PCUS emergirem à posição de dirigentes. É seguro estender a Gorender a mesma interpretação formulada por Falcón. Grande companheiro de Mário Alves, Jacob Gorender foi um dos sujeitos que viveu esta importante conjuntura da vida partidária, reconstituída nesta Dissertação de Mestrado. Militante engajado na aparente pujança do Partido com a sua legalidade, teve de colaborar no processo em que este disputou as consciências da classe trabalhadora a partir de condições desiguais, sendo já uma organização caçada e criminalizada. Como mencionado neste mesmo parágrafo, vivenciou a crise de uma agremiação, a qual expressava uma situação de tensão mundial entre o movimento comunista.

A década de 60 foi um momento de enorme significação na trajetória aqui estudada e na história do marxismo no Brasil. A crise aberta a partir da denúncia dos crimes de Joseph Stálin durante as décadas de sua direção à frente da União Soviética constituiu um momento de definição nas possibilidades de desenvolvimento do Partido Comunista do Brasil. A sua própria forma partidária estava posta em xeque. A luta interna decorrente da crise, que assumia face tanto ideológica quanto organizativa, teve por cenário a imprensa partidária, um espaço que Gorender frequentava há mais de década, onde entrevistou com outros camaradas também envolvidos na disputa pelos rumos revolucionários no país. Em

tal processo gestou-se a redefinição tanto da composição dos quadros dirigentes do Partido Comunista quanto da tática assumida por este para levar a cabo a sua estratégia reformista. Jacob Gorender, assim como Mário Alves e outros militantes, foi convidado pelo líder Prestes a aprofundar a sua intervenção na disputa redigindo um texto que deveria servir como nova orientação política para a militância comunista brasileira, corrigindo o que considerava erros de avaliação e de ação na linha até então seguida. Vinha a lume a *Declaração de Março de 1958*, documento que não fez cessar as contradições no âmbito do PCB, pelo contrário. Os dirigentes e membros apegados às práticas e linha política até então correntes fizeram oposição ferrenha, o que redundou em nova polêmica nas páginas jornalísticas da imprensa do Partido, uma disputa em que os engajados no processo de mudanças foram vitoriosos. Gorender era então um dirigente comunista, com destaque na organização, sendo destacado para ministrar cursos e palestras referentes ao marxismo ou a avaliações conjunturais em variados espaços brasileiros. A partir de 1964, porém, o biografado vivenciou a dura experiência que acometeu a todos os comunistas brasileiros de então: a derrota para as forças de direita que se apossaram do aparelho de estado e exerceram o arbítrio contra seus opositores. A repressão foi acentuada contra os comunistas especialmente. A *guerra fria* reverberava na América Latina.

As novas condições postas à sua atuação demandaram novas posições entre a militância do Partido Comunista Brasileiro. Não eram poucos os que, descontentes com a orientação até então assumida, propunham a necessidade de formação de uma luta armada contra o Estado em sua face arbitrária. Jacob Gorender, um dos formuladores e legitimadores da *Declaração de Março*, foi um destes. Cavia tencionar o PCB pelo engajamento em uma resistência de caráter mais ativo. Foram derrotados, resultando a fragmentação das discordâncias centrais que assolaram a organização. Junto de Apolônio de Carvalho, Mário Alves, entre outros, Gorender se fez presente na formação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, instrumento político em que se propunha, através da manutenção dos princípios partidários de Lênin, a formação de uma linha de maior combatividade. Não foram os únicos a se guiarem por tal senda, disputando espaço entre os dispostos à luta com outros agrupamentos nascidos da luta interna travada na segunda metade da década de 1960, dispersos devidos às diferenças no que se refere a tática, estratégia e forma política. Não lograram sucesso em sua iniciativa, sendo o PCBR duramente golpeado pelas forças da repressão no início do ano de 1970, momento em que Gorender, assim como Apolônio e Alves, foi preso, experiência a partir da qual ele

redefine, em certa medida, a sua atuação política e intelectual, um rico processo que por ora não foi analisado.

Acredita-se que o problema de pesquisa que orientou esta dissertação, qual seja, *“como se gestaram as principais modificações ocorridas no pensamento e prática marxistas no Brasil em sua relação com as mudanças políticas e sociais neste mesmo espaço, durante a vida de Jacob Gorender?”* tenha sido respondido, com os devidos recortes inerentes a um exercício desta dimensão, na própria narrativa. As escolhas analíticas e narrativas permitiram lidar com a tarefa proposta. Permitiram demonstrar, empiricamente, as formas com que os marxistas organizados no Brasil lidaram com os imperativos conjunturais que lhes eram postos, no âmbito nacional e no global e como, neste mesmo processo, desenvolveu-se a sua orientação ideológica e política. A intervenção na imprensa partidária, espaço privilegiado para os seus enfrentamentos internos, era uma constante. Não raro empreenderam de forma mais ousada, pelas iniciativas de formação de seus militantes, seja pela Escola de Partido, seja pelo envio de quadros escolhidos para o estudo na Escola Superior do PCUS. Estas iniciativas correspondiam a conjunturas que, então, indicavam possibilidades de sucesso revolucionário. Momentos singulares em que Gorender tomou parte.

Em articulação aos processos há pouco citados, não raro ocorreram crises de enormes dimensões, como as revelações de Krushev no XX Congresso do PCUS e a instauração de uma ditadura no Brasil. Momentos que demandavam redefinição prática, organizativa e ideológica da militância. Gorender participou ativamente destas iniciativas, foi um protagonista, legando um foco privilegiado, com a sua trajetória, para a análise dos dilemas, oposições, permanências e rupturas que se colocavam em cada embate, em cada tentativa de avanço político. A sua presença em conjunturas de tanta significação, das “lutas internas” aos “mergulhos na clandestinidade” permitiu delinear como se processou o atribulado desenvolvimento do marxismo no Brasil, através de uma abordagem que contemplou, na medida do possível, a sua vida cotidiana, suas múltiplas posições no campo em que se inseria e a sua constante intervenção na vida pública das organizações em que era integrante.

O emblemático da trajetória estudada nesta Dissertação encontra-se exatamente aí, no ponto em que Jacob Gorender expressa uma via possível à compreensão do processo em estudo. Uma via compreensível apenas por uma análise que o entenda enquanto um processo histórico, ou seja, um desenvolvimento cujos limites e possibilidades eram limitados de acordo com conjunturas específicas, nas lutas políticas que eram postas aos marxistas brasileiros. Neste recorte, Gorender é tomado como uma totalidade em processo, como já escrito na Introdução deste estudo, na medida em que se articulam múltiplas posições neste indivíduo: jornalista, professor, aluno, militante, dirigente. Estas características encontram a sua amálgama no caráter político de sua ação, quando toma o comportamento de alguém integrado ao “*exército mundial da revolução*”, como bem pontuava Eric Hobsbawm, um movimento de enorme significação histórica nos últimos cem anos.

FONTES

Instituições de pesquisa

Arquivo Histórico Judaico Brasileiro – AHJB

Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP

Biblioteca Pública do Estado da Bahia – BPEB

Biblioteca Nacional - BN

Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP

Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA

Fundos documentais

Seção Bahia

Setor de Periódicos Raros

Fundo Delegacia de Ordem Pública e Social

Hemeroteca Digital Brasileira

Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa – CEMAP

Partido Comunista Brasileiro - PCB

Documentos oficiais

REGISTRO CIVIL DO DISTRITO DA SÉ. Certidão de Nascimento de Jacob Gorender. Bahia: 21/01/1923. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

“A pedidos – Estatutos da Sociedade Beneficente da Bahia”. IN: *Diário Oficial*, terça-feira, 23 de agosto de 1923. AHJB, Seção Bahia.

Relatório das atividades da Sociedade Israelita da Bahia (Julho 1969 – Março 1970). AHJB, Seção Bahia.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE. Certificado de conclusão do Curso Complementar – 2º ano pré-jurídico, Jacob Gorender. Ginásio da Bahia. Bahia: 1940. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA. Guia Nº. 9408. Bahia, 26 de janeiro de 1942. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA. Prova de Matrícula e Frequência de Jacob Gorender no Primeiro Ano da Faculdade de Direito da Bahia. Bahia: 24 de novembro de 1942. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA. Prova de Matrícula e Frequência de Jacob Gorender no Segundo Ano da Faculdade de Direito da Bahia. Bahia: 23 de novembro de 1943. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – SERVIÇO DE INFORMAÇÕES DOPS. Dossiê Jacob Gorender. APESP. Fundo DEOPS.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – DEPARTAMENTO DE ORDEM PÚBLICA E O SOCIAL. Autos de qualificação e interrogatório (Jacob Gorender). 04/02/1970. APESP. Fundo DEOPS. Prontuário: 91737 (Jacob Gorender e outros).

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÕES – DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL. Registro de identificação (Jacob Gorender). 21/01/1970. APESP. Fundo DEOPS. Prontuário: 91737 (Jacob Gorender e outros).

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Nota de pesar da presidenta Dilma Rousseff pelo falecimento de Jacob Gorender*. Acesso em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/notas-oficiais/notas-oficiais/nota-de- pesar-da-presidenta-dilma-rousseff-pelo-falecimento-de-jacob-gorender>, às 00:57, de 21/05/2015.

Textos publicados na imprensa partidária

PRESTES, Luiz Carlos. Guiados pelos ensinamentos do Camarada Stálin, nosso educador, estudemos e assimilamos a Doutrina Marxista-Leninista. IN: *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: Nov.-Dez. 1950. N. 31. pp. 3-7.

A Revolução Chinesa. Uma vitória staliniana. IN: *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro: 02/12/1951. N. 931. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

LIMA E SILVA, João Batista. Não se poderia adiar uma discussão que já se iniciou em todas as cabeças. IN: *Voz Operária*. 06/10/1956. N. 386. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

PRESTES, Luiz Carlos. Importante carta de Luiz Carlos Prestes ao C.C. do P.C.B. sobre o debate político. IN: *Voz Operária*. 24/11/1956. N. 393. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

O Partido e a sua nova política. IN: *Voz Operária*. 22/03/1958. N. 459. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

Declaração sobre a política do Partido Comunista do Brasil. IN: *Voz Operária*. 22/03/1958. N. 459. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 5-8.

PRESTES, Luiz Carlos. É indispensável a crítica e autocrítica de nossa atividade para compreender e aplicar uma nova política. IN: *Voz Operária*. 29/03/1958. N. 460. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

Teses para a discussão. IN: *Novos Rumos*. Suplemento Especial. N. 59. Rio de Janeiro: 15 a 21/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 1-19.

Aniversário de V. I. Lenin: Comemorações Programadas. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: 8 a 14/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

DIAS, Giocondo. Lenin e o “Esquerdismo”. IN: *Novos Rumos*. N. 60. Rio de Janeiro: 22 a 28/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

GRABOIS, Maurício. Duas concepções, duas orientações políticas. IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 60. Rio de Janeiro: 22 a 28/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

POMAR, Pedro. Análise marxista ou apologia do capitalismo? IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 62. Rio de Janeiro: 06 a 12/05/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

GRABOIS, Maurício. Quem falsifica? Quem deturpa?. IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 60. Rio de Janeiro: 27/05 a 02/06/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

Realidade brasileira e marxismo: Jacob Gorender falou no Nordeste. IN: *Novos Rumos*. N. 165. Rio de Janeiro: 13/04/1962. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

A situação internacional e as tarefas de nosso Partido. IN: *Voz Operária*. 01/06/1967. N. 28. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 3-5.

Pela unidade e o fortalecimento do Partido. IN: *Voz Operária*. 09/1967. N. 31. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 1-2.

COMISSÃO EXECUTIVA DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. Comunicado. IN: *Voz Operária*. 09/1967. N. 31. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

COMISSÃO EXECUTIVA DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. Nosso Partido e a Conferência da OLAS. IN: *Voz Operária*. 09/1967. N. 31. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 2.

ALMEIDA, Antônio (pseudônimo de Luiz Carlos Prestes). Defender a unidade do Partido contra o fracionismo e o liquidacionismo. IN: *Voz Operária*. 10/1967. N. 32. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 1-2.

Reforçar ideologicamente o Partido para enfrentar a indisciplina e a divisão. IN: *Voz Operária*. 11/1967. N. 33. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

Realizado o VI Congresso do Partido Comunista Brasileiro. IN: *Voz Operária*. 01/1968. N. 35. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO – PCBR. Linha Política (abril, 1968). IN: REIS FILHO, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira. *Imagens da revolução*.

Documentos políticos das organizações de esquerda dos anos 1961-1971. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985. pp. 161-179.

DIREÇÃO NACIONAL DO MST. Nota de Pesar pela morte de Jacob Gorender (20/01/1923 – 11/06/2013). Acesso em: <https://www.facebook.com/MovimentoSemTerra/posts/506383966100989>, às 17:55, de 27/05/2015.

Textos da imprensa em geral

SIMONOV, Konstantin. Espere por mim. IN: MASCARENHAS DE MORAES, Roberto. (org.). *O Cruzeiro do Sul* (edição fac-similar). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011. N.2, 3ª página, 07/01/1945.

Em todos nós há um ódio sem limites aos sicários de camisas verdes. *Folha Capixaba*. Vitória: 22/09/1945. N. 118. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 1.

Prevê-se unificação na Bahia. IN: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 23/09/1958. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 4.

Livros da Semana – Revista de Espetáculos. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 14/12/1958. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 3.

CL e HECK denunciam revolução. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro: 02/10/1961. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 2.

“Marxismo e Cristianismo” em debate na Faculdade de Direito. *Nossa voz*. 24/05/1962. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 11.

Capital estrangeiro foi tema de debate no I Encontro de Economia. IN: *A Última Hora*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 25/09/1962. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 2.

Política nos Estados (Condensado da Transpress e Asapress). IN: *A Noite*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 06/10/1962. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 2.

SILVA JARDIM. Curso de Gorender, na quarta aula. *A Luta Democrática*. Rio de Janeiro: 30/01/1963. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 6.

Marinheiros vão a sumário e Prestes é chamado a depor. IN: *Diário da Noite*. Rio de Janeiro: 06/10/1964. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 1.

IPM intima do PCB mais 179 a depor. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro: 28/09/1965. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. p. 2.

Situação atual do comunismo e sua infiltração particularmente na América Latina e no Brasil. *A Cruz*. Rio de Janeiro: 27/03/1966. BN. Hemeroteca Digital Brasileira. pp. 4-5.

Correspondência eletrônica

UNGARETTI, Wladimir. Correio eletrônico com o autor. Junho de 2015.

Obras de Jacob Gorender

Manuscritos

PETIÇÃO DE MATRÍCULA AO DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO. Manuscrito. Bahia: 14/03/1946. Memorial da Faculdade de Direito – FD/UFBA. Documentação Acadêmica de Jacob Gorender.

Livros

Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Editora Ática, 1987.

Artigos e capítulos de livros

Castro Alves – Guia dos combatentes da liberdade. IN: *Revista Seiva*. Ano III, n. 14, Outubro de 1942, sessão “História, arte e literatura”. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. pp. 38-39.

Defendendo uma causa justa. IN: MASCARENHAS DE MORAES, Roberto. (org.). *O Cruzeiro do Sul* (edição fac-similar). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011. N. 7, 4ª página, 28/01/1945.

Os construtores de linhas. IN: MASCARENHAS DE MORAES, Roberto. (org.). *O Cruzeiro do Sul* (edição fac-similar). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011. N. 22, 3ª página, 18/03/1945.

Uma nova era de paz. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 09/07/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. pp. 2 e 7.

O marechal Mascarenhas. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 19/09/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 3.

A Nova Democracia Italiana I – A situação material e as relações sociais. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 22/10/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2.

A Nova Democracia Italiana II – (O Partido Comunista de Gramsci e Togliatti). IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 29/10/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2.

A Nova Democracia Italiana III – A insurreição popular no Norte e suas consequências. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 05/11/1945. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2.

Um jornal em contacto com as massas. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 11/02/1946. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2.

A China quebra os elos do imperialismo. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 11/03/1946. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 2

A defesa da paz exige uma luta sem recuos. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 12/06/1946. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 3.

Levar a campanha a todas as casas. IN: *O momento*. Salvador, Bahia: 28/09/1946. BPEB. Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais. p. 3.

A contradição entre a massa trabalhista e seus falsos líderes. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 25/01/1947. N. 48. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 7.

A fome do povo brasileiro torna inadiável a reforma agrária. IN: *A classe operária*. Rio de Janeiro: 19/07/1947. N. 82. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 2.

Uma filosofia para degenerados. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 07/1948. N. 2. Vol. 1. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 128-134.

Aydano do Couto Ferraz e a liberdade de criação intelectual. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 08/1948. N. 3. Vol. 2. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 195-200.

A solução revolucionária para o problema da terra. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 01/01/1949. N. 157. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 7.

O problema agrário na obra de Lima Barreto. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/05/1949. N. 174. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

Figuras do movimento operário: Stálin. IN: *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: 12/1949. N. 23. Acesso em: <https://www.marxists.org/portugues/gorender/1949/12/figuras.htm>, às 14:40 de 24/05/2015.

A vida heróica de Luís Carlos Prestes. IN: *Fundamentos – Revista de Cultura Moderna*. São Paulo: 01/1951. N. 17. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 9-14.

Tu nos deste a honra, a bandeira, o Partido. IN: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro: 15/03/1953. N. 416. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

Preparação, formação e educação de quadros do Partido. IN: *Problemas – Revista Mensal de Cultura Política*. Rio de Janeiro: 12/1954 a 02/1955. N. 64. Acesso em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/prep.htm, às 16:14 de 26/07/2015.

As direções da nossa luta ideológica. IN: *Voz Operária*. 14/12/1957. N. 445. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

A função positiva do proletariado. IN: *Voz Operária*. 29/03/1958. N. 460. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

Revista Brasiliense. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Maio a junho de 1958. Nº. 01. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 125-127.

Política Exterior em Crise. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: 1958. Nº. 02. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 129-136.

Correntes sociológicas no Brasil. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Setembro a dezembro de 1958. Nº. 03 e 04. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 335-352.

A espoliação do povo brasileiro pela finança internacional. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Maio a setembro de 1959. Nº. 06. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 131-148.

A questão Hegel. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Julho de 1960. Nº. 08. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 436-458.

A presença de Lenin. IN: *Novos Rumos*. N. 60. Rio de Janeiro: 22 a 28/04/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

Crítica ou falsificação? IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 63. Rio de Janeiro: 13 a 19/05/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 3.

A oposição “esquerdista” e a contradição principal. IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 65. Rio de Janeiro: 27/05 a 02/06/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 6.

Reincidência na falsificação. IN: *Novos Rumos*. Tribuna de Debates. N. 67. Rio de Janeiro: 10 a 16/06/1960. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

O V Congresso dos comunistas brasileiros. IN: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Outubro de 1960. N. 9. CEDEM. Setor: CEMAP. pp. 3-11.

Ensinaamentos de uma grande revolução. IN: *Novos Rumos*. N. 122. Rio de Janeiro: 07 a 13/07/1961. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 5.

Sobre a atuação política das forças armadas. IN: *Voz Operária*. Tribuna de Debates. 15/09/1966. N. 02. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 1.

Porque votei contra as Teses e contra as Resoluções Políticas do CC - I. IN: *Voz Operária*. Tribuna de Debates. 15/11/1966. N. 06. CEDEM. Setor: CEMAP. p. 4.

Graciliano Ramos: lembranças tangenciais. IN: *Estudos Avançados*. Vol. 9 N. 23. São Paulo: IEA-USP, 1995. pp. 323-331.

Entrevistas

Entrevista realizada por Alípio Freire e Paulo de Tarso Venceslau. *Teoria e Debate*, n. 11, agosto de 1990.

Entrevista realizada por Marcelo Ridenti e Rodrigo Nobile. *Margem Esquerda*, n. 9, junho de 2007. p. 14.

Memórias da FEB – Entrevista realizada por Gisela Lichand. *Shalom Documento – Suplemento Especial da Revista Shalom*, nº. 299. s/d. pp. 100-103.

‘Um companheiro me disse: ‘Não vou morrer mais’. Tínhamos sobrevivido’. Acesso em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,um-companheiro-me-disse-nao-vou-morrer-mais-tinhamos-sobrevivido,921958>, às 20:59 de 24/07/2014.

Entrevista realizada no Programa Televisivo “Roda Viva” (16/01/2006). Acesso em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/526/entrevistados/jacob_gorender_2006.htm, às 02:29 de 29/10/2014.

Traduções

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS. *Manual de Economia Política*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961.

VV. AA. *Fundamentos do marxismo-leninismo*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1962.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARÃO REIS, Daniel. *Luis Carlos Prestes. Um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. IN: MORAES, João Quartim; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 1: O impacto das revoluções. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp. 161-197.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. *A revolução faltou ao encontro*. Os comunistas no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

ALMEIDA, Ivan. O Soviete de 1905. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. IX, ano 6, nº 1, pp. 140-149, abril de 2012. Acesso em: <http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/ojs/index.php/cadernosdehistoria/article/view/236/183>, às 14:24, de 23/07/2014.

ARIAS, Santiane. A Revista *Estudos Sociais* e a experiência de um “marxismo criador”. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas: UNICAMP, 2003.

BARÃO, Carlos Alberto. A influência da Revolução Cubana sobre a esquerda brasileira nos anos 60. IN: MORAES, João Quartim; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 1: O impacto das revoluções. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp. 229-278.

BARTZ, Frederico. *O horizonte vermelho: o impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2008.

BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos* (memórias). São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1976.

BATALHA, Cláudio. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. IN: MORAES, João Quartim (org.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 2: Os influxos teóricos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp. 9-41.

BUONICORE, Augusto. Sindicalismo vermelho: a política sindical do PCB entre 1948 e 1952. IN: *Cadernos AEL*. Vol. 7, N. 12/13, Campinas: UNICAMP, 2000. pp. 15-44.

CARONE, Edgard. *O PCB*. Vol. II (1943-1964). São Paulo: Difel, 1982.

_____. *Movimento operário no Brasil*. (1964-1984). Vol. 3. São Paulo: Difel, 1984.

CARR, Edward. *A Revolução Russa de Lenin a Stalin* (1917-1929). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CASTELLUCCI, Aldrin. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise* (1914-1921). Salvador: FIEB, 2004.

CHAVES NETO, Elias. *Minha vida e as lutas de meu tempo*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1978.

CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro*. Conflito e integração – 1922-1972. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

CLEMESHA, Arlene. *Marxismo e judaísmo: História de uma relação difícil*. São Paulo: Boitempo Editorial; Xamã Editora, 1998.

COSENZA, Apoena. *Um partido, duas táticas: história política e organizativa do Partido Comunista Brasileiro (PCB), de 1922 a 1935*. Dissertação (Mestrado em História Econômica). São Paulo: USP, 2012.

COSTA, Emília Viotti. A nova face do movimento operário na Primeira República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: 2 (4), pp. 217-232, setembro de 1982.

DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e revolução*. Leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DELLA VECHIA, Renato. *Origem e evolução do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (1967-1973)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

DEUTSCHER, Isaac. *O judeu não-judeu e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

DEUTSCHER, Tamara. Introdução – A educação de uma criança judia. IN: DEUTSCHER, Isaac. *O judeu não-judeu e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. pp. 7-26.

FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

_____. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora UNB, 1999.

FALCÓN, Gustavo. *Do reformismo à luta armada*. A trajetória política de Mário Alves 1923-1970. Salvador: EDUFBA/Versal Editores, 2008.

FERRAZ, Francisco. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito*. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: EdUFF; MAUAD, 2002.

_____. Os comunistas e os Novos Rumos. IN: XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2011, São Paulo, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH*, São Paulo: USP, 2011, pp. 1-11.

FERREIRA, Laís. *Integralismo na Bahia*. Gênero, Educação e Assistência Social em *O Imparcial* 1933-1937. Salvador: EDUFBA, 2009.

FONTES, José Raimundo. Marighella e o movimento operário baiano no período da “redemocratização” (1945-1947). IN: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. pp. 289-319.

FONTES, Rafael. *A seiva de uma juventude*. Intelectualidade, juventude e militância política (Salvador, Bahia, 1932-43). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana: UFES, 2011.

HECKER, Alexandre. *Socialismo Sociável: História da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Tempos interessantes: Uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

IUMATTI, Paulo. *Caio Prado Jr. Uma trajetória intelectual*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

KLICH, Ignacio; TOLCACHIER, Fabiana. Panorama da imigração judia para a Argentina. IN: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000. pp. 153-176.

KONDER, Leandro. O PCB no imediato pós-guerra (1945-1946). IN: *Temas de Ciências Humanas*. Nº 8. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980. pp. 79-102.

_____. *Memórias de um intelectual comunista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 167-182.

LIMA, Déborah Kelman. “*O Banquete Espiritual da Instrução*”: O Ginásio da Bahia, Salvador: 1895-1942. Dissertação (Mestrado em História) Salvador: UFBA, 2003.

LONER, Beatriz. *O PCB e a linha do Manifesto de Agosto: um estudo*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: UNICAMP, 1985.

LÖWY, Michael. *Para uma sociologia de los intelectuales revolucionarios* (la evolución política de Lukács 1909-1929). Cidade do México: Siglo XXI Editores, 1978.

_____. *Redenção e utopia*. O judaísmo libertário na Europa Central (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. IN: LÖWY, Michael. (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. pp. 9-64.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella*. O guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARTINS, Eloy. *Um depoimento político*. 55 anos de PCB. Memórias de um metalúrgico. Porto Alegre: Gráfica Palotti, 1989.

MASCARENHAS DE MORAES, Roberto. (org.). *O Cruzeiro do Sul* (edição fac-similar). Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, Biblioteca do Exército, 2011.

MAUÉS, Flamarion. A Editorial Vitória e a divulgação das ideias comunistas no Brasil (1944-1964). IN: DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves. *Edição e revolução*. Leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 121-152.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado*. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.

_____. *O velho Graça*: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. ; VIANA, Francisco. *Prestes*: lutas e autocríticas. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

MORAES, João Quartim de. Octavio Brandão. IN: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln. (orgs.). *Intérpretes do Brasil*: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014. pp. 13-25.

MOTTA, Manoel Francisco de Vasconcelos. *O projeto político-pedagógico dos stalinistas brasileiros* (Formação de Quadros e Educação Política no PCB: 1950/1958). Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: USP, 1995.

MOURA, Alessandro. *Movimento operário em Osasco, São Paulo e ABC Paulista*: rupturas e continuidades. Tese (Ciências Sociais). Marília: UNESP, 2015.

PERALVA, Osvaldo. *O retrato*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln. (orgs.). *Intérpretes do Brasil*: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

PONS, Silvio. *A revolução global*. História do comunismo internacional (1917-1991). Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.

PRADO JR., Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.

PRESTES, Anita. *Luiz Carlos Prestes*. Um comunista brasileiro. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

RIBEIRO, Jayme. *Combatentes da Paz*. Os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1950. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

RICUPERO, Bernardo. Existe um pensamento marxista latino-americano? IN: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo (orgs.). *América Latina*: história, idéias e revolução. São Paulo: Xamã, 1998. pp. 55-76.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

RISÉRIO, Antonio. *Adorável comunista*. História política, charme e confidências de Fernando Sant'Anna. Rio de Janeiro, Versal Editores, 2002.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. IN: FAUSTO, Bóris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*: Tomo III, Vol. 10, *O Brasil Republicano*. São Paulo: Difel, 1981. pp. 361-443.

RUBIM, Antônio. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. IN: MORAES, João Quartim. (org.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 3: Teorias. Interpretações. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. pp. 373-469.

SALES, Jean Rodrigues. Partido Comunista do Brasil. Definições ideológicas e trajetória política. IN: RIDENTI, Marcelo; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 6: Partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. pp. 63-103.

_____. *O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: UNICAMP, 2005.

SANTOS, Raimundo. Crise e pensamento moderno no PCB dos anos 1950. IN: QUARTIM DE MORAES, João; AARÃO REIS, Daniel. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Vol. 1: O impacto das revoluções. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. pp. 199-228.

SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil*. Recepção e difusão de suas idéias. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

_____. Jacob Gorender. Acesso em: <http://blogdaboitempo.com.br/2011/10/21/jacob-gorender/>, às 19:04 de 24/12/2013.

_____. Leituras comunistas no Brasil (1919-1943). IN: DEAECTO, Marisa; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e revolução*. Leituras comunistas no Brasil e na França. Cotia: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 29-64.

_____. Origens intelectuais do marxismo no Brasil (1830-1919). *Mouro*, Revista Marxista – Núcleo de Estudos d'O Capital. Ano 4, nº. 6, pp. 9-24, janeiro de 2012.

SEGATTO, José Antonio. *Reforma e revolução*. As vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia*. Os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil. 1936-1948. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA, Fernando Teixeira; SANTANA, Marco Aurélio. O equilibrista e a política: o "Partido da Classe Operária" (PCB) na democratização (1945-1964). IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *As esquerdas no Brasil*. Nacionalismo e reformismo radical: 1945-1964. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 101-140.

SINGER, Paul. Apresentação. IN: HECKER, Alexandre. *Socialismo sociável: História da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998. pp. 9-15.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. IN: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

TABACOF, Boris. *Perdidos e achados*. São Paulo: Hucitec, 2005.

THOMPSON, Edward. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. 1 A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.